

ELAINE EVEREST

AS GAROTAS DA WOOLWORTHS 4



UM PRESENTE
DA
WOOLWORTHS

Em tempos difíceis, a verdadeira amizade pode ser o maior presente







ELAINE EVEREST

UM PRESENTE
DA
WOOLWORTHS

Em tempos difíceis, a verdadeira amizade pode ser o maior presente

◆ AS GAROTAS DA WOOLWORTHS 4 ◆

1ª Edição




teabhar
Ribeirão Preto/SP
2023



Título original: A gift from Woolworths
Woolworths book 4
Copyright © 2018 Elaine Everest
Copyright da tradução©2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Raquel Medeiros
Diagramação e Capa: Labellalluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
FICHA CATALOGRÁFICA

E93lbe

Everest, Elaine
Título: Um presente da Woolworths (recurso eletrônico) Leabhar Books
Editora Ltda. 2023 - Ribeirão Preto - SP
Tradução de: A Gift from Woolworths © 2018 Elaine Everest
Formato: e-Pub
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-5444-127-8

1. Romance de época. 2. Série I. Flôres, Rita. II. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books® Editora Ltda. 14025-200 — Rua Sete de Setembro, 1851 conj. 1 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

A decorative floral border with small flowers and leaves, framing the word "Dedicatoria" in a stylized, cursive font.

Dedicatoria

*Para os muitos leitores que tomaram
minhas meninas para seus corações, beijos x*



DEZEMBRO DE 1945

BETTY BILLINGTON olhou para as janelas altas e arqueadas da filial da Woolworths em Erith. Mesmo agora, com o fim da guerra, ela podia ver marcas onde o entrecruzamento da fita adesiva cobria o vidro para proteger as janelas das explosões de bombas. Ela precisava falar com a equipe de limpeza, pois os padrões pareciam ter caído.

Uma árvore de Natal exposta em uma das janelas, adornada com correntes de papel mais rosa desbotado do que vermelho, sem dúvida devido ao sol de inverno, brilhava intensamente, embora o ar estivesse fresco e frio. Betty resmungou ao inclinar a cabeça para o lado: não, aquela árvore não estava reta. O que aconteceu com sua querida loja?

Empurrando a pesada porta de madeira, Betty juntou-se à multidão ocupada de compradores que se empurravam e espremiavam até os balcões. A loja fecharia em breve e mesmo agora os clientes estavam ansiosos para fazer compras. Ainda faltavam duas semanas para o dia de Natal, o primeiro Natal em tempo de paz desde 1938, que agora parecia tão distante que era difícil lembrar. Betty sabia que deveria estar feliz, mas seu coração estava pesado e triste.

— Anime-se, amor, pode não acontecer — disse um homem atrevido ao passar por ela. *O problema é que já tinha*, Betty pensou consigo mesma enquanto se dirigia para a escada que a levaria até a área privada dos funcionários.

— Betty, estamos aqui! — gritou Freda, enfiando a cabeça pela porta da cantina. — Venha e dê uma olhada no que Sarah fez.

Betty acenou com a cabeça para a jovem e a seguiu até a grande sala. Ao chegar à porta, parou e arfou.

— Muito bem, Sarah! Você certamente transformou a sala — ela, olhando para as toalhas de mesa de cores vivas e bandeiras enroladas nas paredes. — De onde veio tudo isso?

— Era um caso de mendigar, roubar ou pedir emprestado. Estes vieram do sótão da Nan. Foram feitos para as comemorações do VE. Eu queria animar a cantina para a festa dos velhos soldados, mas eles não parecem muito festivos — acrescentou ela melancolicamente.

Betty olhou para as bandeiras vermelhas, brancas e azuis, tremulando na leve brisa da janela aberta na área da cozinha.

— Você fez um bom trabalho, Sarah. Muito bem — ela deu um sorriso fraco para a amiga, mas Sarah simplesmente assentiu com a cabeça e foi dirigir a equipe que estava movendo um piano para o canto da sala.

— Xícara de chá, sra. Billington? — Maureen Gilbert chamou do balcão, onde dispunha fileiras e mais fileiras de xícaras e pires verdes.

— Aqui, deixe-me ajudá-la — Betty disse enquanto se apressava.

— Deus a abençoe, não há necessidade. Temos tudo em mãos. Por que não pega uma xícara e um dos meus pãezinhos gelados e descansa os pés? Deve estar em péssimo estado no momento.

Betty assentiu e pegou o prato que Maureen estava segurando.

— Devo admitir que tenho estado bastante ocupada ultimamente.

— Esse é o bilhete — disse Maureen distraidamente, enquanto se virava para dar instruções a uma mulher que estava lavando a louça em uma pia de pedra. — É hora de trocar a água, Mavis. Os copos vão sair mais sujos do que entraram.

Betty olhou ao redor da sala enquanto mordiscava o bolo. Talvez ela pudesse ajudar outra pessoa. Maisie estava cambaleando em uma cadeira de

madeira, prendendo a última bandeirola na moldura de uma janela. Quando Betty se moveu para ajudar a segurar a cadeira, ela foi parada por um jovem almoxarife em um macacão marrom da Woolworths.

— Está tudo bem, amor, eu vou cuidar disso — disse ele enquanto se empurrava na frente de Betty para chegar à cadeira. Ela podia ver que ele estava mais interessado nas longas pernas cobertas de meias de Maisie do que em ajudar na tarefa de prender bandeirolas, e estava prestes a repreendê-lo por falar com ela daquela maneira, quando percebeu que o rapaz não tinha ideia de quem ela era.

Sentindo-se excedente às necessidades, Betty dirigiu-se à porta. Daria uma volta pelo andar da loja. Os sinos haviam acabado de tocar para alertar os funcionários e clientes de que a loja estava prestes a fechar. Essa era sempre a hora que ela mais gostava, quando a movimentada loja Woolworths caía silenciosamente, enquanto os funcionários cobriam os balcões e se dirigiam às escadas para a área privada e recolhiam seus casacos antes de ir para casa. Sendo hoje a festa anual dos velhos soldados, algumas das meninas ficariam para ajudar. Era sempre um evento alegre, e Betty nunca perdera um em todos os anos em que trabalhara para a Woolworths.

— Com licença, senhora, não deveria estar na loja agora, estamos fechando para a noite — gritou uma balconista para ela. — É melhor a senhora se apressar ou irá ficar trancada e terá que se juntar a nós para a festa — ela riu enquanto enlaçava o braço no de uma colega de trabalho e se dirigia para a porta marcada — Somente para funcionários.

Betty franziu a testa.

— Você não entende... eu sou a Sra. Betty Billington...

Uma das garotas cutucou a outra e riu.

— A senhora poderia ser a tia de Charlie por tudo que me importa, mas a loja está fechada e não deveria estar aqui.

Betty assentiu, sentindo-se velha e cansada, observando enquanto as jovens desapareciam pela porta. As luzes estavam apagadas e, além de um almoxarife balançando um molho de chaves enquanto conversava com um jovem balconista parado ao lado de uma porta lateral, Betty estava sozinha.

Ela caminhou lentamente ao longo da loja. Parando para olhar um ladrilho de vidro rachado que decorava um dos pilares entre os balcões, sorriu para si mesma, lembrando-se do primeiro ataque aéreo. Eles apressaram os clientes e a equipe até os porões, apenas chegando a tempo antes de todo o prédio tremer quando uma bomba explodiu perto das docas do rio. Algumas janelas quebradas e pedaços de gesso caindo do teto em um depósito no andar de cima foram os únicos danos, além dessa rachadura. Ela passou o dedo pela cicatriz. *Temos todas as nossas cicatrizes desta guerra*, pensou enquanto caminhava, imersa em recordações, antes de parar no final de um balcão no meio da loja. Ela lutou com suas memórias e sorriu ao se lembrar do dia em que sua amiga, Sarah recebeu uma proposta de casamento naquele mesmo local. Tinha sido um dia tão alegre, e há tanto tempo...

— Betty...? Obrigada, Senhor. Achamos que tinha ido para casa — disse Freda enquanto corria pela loja, seguida por Sarah e Maisie.

— Revivendo memórias de bons e maus momentos — ela disse enquanto as meninas a abraçavam.

— Caramba, nós nos divertimos muito aqui, não é? — disse Maisie enquanto olhava ao seu redor. — Veja bem, é um pouco assustador com apenas algumas luzes acesas — acrescentou ela. — Alguns funcionários dizem que Woolies é assombrado.

Freda estremeceu.

— Por favor, não fale sobre fantasmas. Isso me dá arrepios. O que você acha, Sarah?

Sarah Gilbert pôs o braço em volta da mais nova de suas amigas.

— É apenas um prédio antigo, e os prédios antigos guardam muitas memórias. Bem, é o que minha avó sempre diz. Não há nada a temer. Devemos estar felizes porque a guerra acabou e estamos todos ansiosos pelo nosso primeiro Natal em tempos de paz.

— Você também deveria se lembrar disso — disse Maisie. — Tem estado tão miserável como o pecado nas últimas semanas. Está na hora de colocar um sorriso no rosto e olhar para o futuro, Sarah.

Sarah ignorou o comentário.

— Vamos, é melhor nos apressarmos ou nossos convidados chegarão antes de terminarmos de preparar as boas-vindas. Você vai subir, Betty? — ela perguntou enquanto se dirigiam para a porta dos funcionários.

— Estarei com vocês em breve — disse Betty, enquanto pensava nas palavras das meninas. O que tinha para esperar? Sua vida mudou imensamente no último ano, e de maneiras que ela não estava gostando como deveria. Ela olhou ao redor da loja mal iluminada, observando os balcões de madeira polida cobertos durante a noite, e respirou o leve aroma de polidor de piso de lavanda. Além das feridas da guerra, Woolies estava agindo como sempre. Ela gostaria de poder dizer o mesmo de si mesma. Sim, ela era uma mulher de sorte em muitos aspectos, mas sentia muita falta de sua antiga vida e de seus amigos. Seu futuro parecia sombrio e ela não podia deixar de sentir que, de alguma forma, havia tomado o caminho errado na vida.

— Você é uma tola, Betty Billington, uma maldita idiota — murmurou para si mesma. — E não há como voltar à vida que amava.



FEVEREIRO DE 1945

— **VAMOS, QUERIDA**, não pode desistir agora — Maisie insistiu com sua amiga Sarah.

Sarah se recostou no travesseiro e respirou estremecendo.

— Por que demora tanto tempo? Georgina estava conosco em algumas horas. Você... você acha que há algo errado? — ela perguntou, quando outra dor tomou conta e agarrou a mão de Maisie com tanta força que os dedos das duas mulheres ficaram brancos.

Houve uma leve batida na porta do quarto e Ruby entrou.

— Como vai minha neta favorita? — ela perguntou com um olhar preocupado para Maisie, que esfregava a mão para trazê-la de volta à vida.

— Acho que há algo errado — sussurrou Sarah. — Nan, eu vou perder o bebê — ela acrescentou enquanto grandes lágrimas pingavam em seu rosto. — Por favor me ajude.

— E agora, do que se trata? — Ruby se agitou, enquanto mergulhava uma flanela em uma tigela de água fria e a torcia antes de enxugar o rosto de Sarah e se inclinar para dar um beijo em sua bochecha. — O que você poderia fazer é se levantar e dar uma volta. Deitar-se de costas nunca fez bem a ninguém. Ora, seu pai saltou como uma bala de uma arma depois que saí para uma caminhada rápida pela cidade. Seu avô ficou assustado quando seu pai apareceu antes da parteira, posso garantir. Acho que vou trocar seus lençóis também. Eles são todos um emaranhado onde está se jogando e girando. Maisie, ajude-a a se levantar enquanto vou buscar alguns lençóis limpos com Maureen lá embaixo e ponho a chaleira no fogo. Não sei

quanto a você, mas eu gostaria de uma xícara de chá forte e quente com alguns açúcares. Toda essa espera pelo nascimento de um bebê apenas me deixa maluca — acrescentou ela, abrindo um sorriso para Sarah enquanto afastava uma mecha de cabelo da testa e dava um empurrãozinho discreto em Maisie para que ela a seguisse porta afora.

— Vou recolher os lençóis para você — disse Maisie como desculpa para sair do quarto. — Eu estarei de volta antes que perceba — acrescentou ao notar o olhar preocupado de Sarah. — É uma pena que não tenhamos um ataque aéreo, porque todos nós poderíamos entrar no abrigo de sua avó e repetir o que aconteceu quando Georgina veio ao mundo.

— Sem Chance — Sarah tentou rir, lembrando-se da aparência de seu primeiro filho durante um ataque aéreo. — Eu não gostaria que Hitler mandasse seus bombardeiros nem por todo o chá da China — disse enquanto lutava para se sentar.

— Fique aí até eu voltar, depois eu lhe dou uma mãozinha — disse Maisie, tentando manter um sorriso alegre no rosto. — Vou ver se tem uma fatia do bolo de sementes da Maureen para acompanhar aquela xícara. Não sei quanto a você, mas estou morrendo de fome.

Maisie desceu correndo as escadas estreitas e íngremes da casa de Maureen Gilbert até a sala da frente, onde Ruby fechou a porta com cuidado.

— Verdade seja dita, estou começando a ficar preocupada — ela disse para as duas mulheres na sala.

— Oh, querida, eu gostaria de poder fazer mais — disse a sogra de Sarah de onde estava sentada em uma poltrona aconchegante. — Ficarei feliz quando estiver bem o suficiente para me levantar e andar direito. É tão frustrante.

— Você não tem que se preocupar, Maureen — disse Maisie. — Faz mais do que o suficiente. Não se passaram dez semanas desde o acidente. Se for imprudente agora, vai acabar de volta ao hospital, e então onde estaríamos?

As três mulheres ficaram em silêncio enquanto pensavam no foguete V2 que pousou na loja Woolworths em New Cross e matou tantos adultos e crianças. Entre eles estava a mãe de Sarah, Irene.

Maisie olhou para o teto acima, onde Sarah tentava trazer seu segundo filho ao mundo; uma criança que nunca conheceria uma de suas avós.

— Onde diabos essa parteira foi parar? Ela se foi há horas.

Maureen inclinou-se e desligou o rádio, estremecendo ao fazê-lo.

— Estamos aqui querendo trazer uma criança ao mundo enquanto nossa própria força aérea está assassinando crianças em Dresden. Faz você pensar, não é?

— É guerra, Maureen, e precisamos acabar com ela antes que muitas pessoas sejam mortas. O que a RAF está fazendo pode parecer errado, mas o barco pode facilmente estar no outro pé.

Ruby parecia triste.

— Eu gostaria de ir até lá e matar aquele maldito Hitler.

— Pelo menos meu Alan não está voando para a Alemanha com aquelas bombas em um avião — acrescentou Maureen.

Maisie ergueu as sobrancelhas desenhadas a lápis. Ela sabia que Alan Gilbert estava treinando os pilotos que, sem dúvida, desempenhariam um papel importante no que estava sendo transmitido pelo locutor de notícias no rádio.

Todas pularam com uma batida forte na porta da frente atrás delas. A casa de Maureen era aconchegante, de dois andares, e a sala da frente dava

direto para a Crayford Road, com apenas um pequeno pedaço de jardim, entre a casa e a calçada.

— Talvez seja a parteira — disse Maisie enquanto puxava rapidamente a cortina que cobria a porta e a abria para uma manhã fria e cortante. Ela ficou consternada ao ver um jovem tremendo na soleira da porta e batendo no nariz com as costas da mão.

— A enfermeira Rose me pediu para trazer isso para a senhora — disse ele, enfiando um pedaço de papel na mão dela e se afastando para onde um grupo de amigos esperava.

— Espere um minuto — disse Maisie enquanto lia as poucas palavras antes de pegar sua bolsa que estava no braço de uma poltrona vazia. — Aqui! Tome isto por ser um bom garoto. Mas quero que volte para a enfermeira e diga a ela que a Sra. Gilbert não está passando bem e que vamos chamar o médico. Você me entende?

O menino acenou com a cabeça solenemente enquanto seus olhos cresciam novamente.

— Ela vai morrer, senhora?

— Não se pudermos evitar. Agora, apresse-se e entregue a mensagem. E não pare para brincar no caminho — acrescentou severamente, fechando a porta naquele dia frio.

— Acha que ela está presa em algum lugar? — Ruby perguntou enquanto descia para ver o que estava acontecendo.

— Sim, ela está do outro lado da cidade e vai demorar pelo menos mais uma hora. Vou correr até a casa do médico e pedir ajuda. A pobrezinha está exausta e não gosto nem um pouco da aparência dela.

— Não, eu vou — disse Ruby, afastando Maisie da porta. — Você vai ajudar mais lá em cima até o médico chegar, já que não vai ter filhos por muito tempo. Eu sei que vou ser mole com ela e não serei útil para nada.

Acho que ela está desistindo depois do que aconteceu com sua mãe. Eu quero que diga a ela o que você me disse...

— Mas eu não contei a mais ninguém, nem mesmo a meu velho.

— Isso pode ajudar Sarah a recuperar seu espírito de luta — disse Ruby, enquanto as duas mulheres olhavam uma para a outra.

— Gostaria de saber o que vocês duas estão falando — disse Maureen.

— Mas enquanto fazem tudo isso, posso pelo menos colocar a chaleira no fogo e fazer um chá quente — continuou ela, levantando-se lentamente e apoiando-se pesadamente em uma bengala. — Eu ouvi que você queria alguns lençóis limpos?

Maisie deu um abraço rápido em Maureen.

— Vou pegar os lençóis e, quanto à outra coisa, depois lhe conto.

Subindo correndo as escadas, Maisie entrou no quarto que Sarah dividia com o marido, Alan, quando ele estava em casa e de folga. Ela abriu a cortina e piscou.

— Vai ser um dia lindo, e ainda mais lindo porque no final teremos outro bebê na família — ela sorriu para Sarah.

— Há algo errado, não é? — Sarah meio que sussurrou enquanto respirava fundo e estremecia. — Não era nada disso quando eu tive Georgina. Quer fazer algo por mim, Maisie?

— O que você quiser que eu faça, é só gritar — disse Maisie, sentando-se ao lado da amiga. — Se é chá, está atrás de Maureen, que está pondo a chaleira no fogo agora mesmo. Ela gritará ‘chá’ antes que percebamos.

— Não... quero que você chame Alan antes que seja tarde demais. Acho que não vou ficar aqui por muito mais tempo.

— Não fale bobagens — disse Maisie enquanto apertava o braço de Sarah. — Senti o mesmo que você quando tive os gêmeos. Imagina isso? Eu tinha o dobro de trabalho para fazer.

— Sentiu como se estivesse morrendo? — perguntou Sarah, olhando a amiga diretamente nos olhos. — Sentiu?

Maisie suspirou. Chegara a hora de contar à amiga algo que ela não planejava compartilhar com ninguém; isto é, até que Ruby a persuadiu.

— Para ser honesta, eu pensei que nunca iria acabar. Perdi a noção do tempo e só queria dormir e nunca mais acordar.

Sarah estremeceu antes de acenar com a cabeça.

— Então você sabe...

Maisie assentiu com a cabeça.

— Sim, mas há algo mais. Sarah, algo aconteceu no dia em que eu estava em trabalho de parto de gêmeos. Você pode me achar idiota, mas eu juro que sua mãe estava sentada no hospital me pedindo para não desistir. Ela era realmente irritante. Lembro-me de lhe dar algumas palavras bem escolhidas e dizer-lhe que se mandasse, mas ela simplesmente não queria ir embora.

Sarah esfregou os olhos e encarou a amiga.

— Mas... mas mamãe morreu no dia em que você teve os gêmeos. Se está tentando me fazer rir, não está funcionando. Isso não é engraçado, Maisie. Não é nada engraçado.

Maisie pegou a mão da amiga e apertou com força.

— Juro que não estou brincando. Eu estava cansada até os ossos. Tão cansada que só queria desistir e não me importava com as consequências. Eu não estava preocupada com Ruby, Bessie ou Claudette. Depois disso, também não me importava se veria David de novo. Eu só queria que tudo parasse para poder dormir e nunca mais acordar. Foi então que Irene veio e sentou-se ao meu lado. Você sabe como nunca nos vimos olho no olho, e nunca me importei muito com seus modos elegantes. Bem, nós tivemos uma conversa, e ela ficava me dizendo para continuar com aquilo e dar à

luz, já que eu precisava cuidar de você. Eu disse a ela que você tinha Alan e sua família ao seu lado, e não estava com falta de apoiadores, então ela poderia dar o fora por tudo que me importava. Ela me disse que faria, assim que eu visse o bom senso. Eu estava tão chateada com ela, eu dei tudo que eu tinha para entregar aqueles pequeninos. Que diabos eu mostraria a ela, pensei comigo mesmo. Foi no dia seguinte que David me contou sobre o foguete V2 e que sua mãe não sobreviveu. Não sabia o que pensar — acrescentou Maisie, pegando os cigarros com as mãos trêmulas, mas pensou melhor em acender.

Sarah fechou os olhos e respirou fundo. Ela se sentia tão distante do mundo ao seu redor; um mundo que não incluía mais sua mãe. Nas semanas desde que ouviu a notícia de tantas pobres almas perdendo suas vidas quando um foguete V2 caiu em uma loja Woolworths no sudeste de Londres, ela fez o possível para apagar qualquer coisa que não fosse remotamente próxima de sua família. Em vez disso, manteve a filha perto dela e insistiu que Alan ficasse ao seu lado, embora ele tivesse voltado ao trabalho com a RAF apesar da insistência dela. Se algo acontecesse, eles sobreviveriam juntos ou pereceriam juntos. Não sobraria ninguém para sentir esse incômodo vazio que consumia sua alma desde aquele dia fatídico em novembro de 1944. Os seus pensamentos foram apagados durante algum tempo até que uma dor tão intensa que pensou que lhe arrancaria as entranhas e o suor encharcou o seu corpo e ardeu em seus olhos através de suas pálpebras fechadas, foi enxuto por alguém próximo. Ela sentiu a paz fluir através dela, mas sabia que, de algum lugar lá no fundo, a dor e a devastação do que havia acontecido juntariam forças com a criança esperando para nascer, e ela seria arrastada de volta para enfrentar o passado e seu futuro - um futuro. sem a mãe.

— Por aqui — disse Ruby enquanto conduzia o velho médico escada acima à sua frente, tentando ao mesmo tempo lutar contra a vontade de ofegar. Algumas coisas eram importantes demais para parar e pensar em respirar. — Ela está assim a maior parte da noite, e como seu primeiro filho nasceu tão rápido, achamos melhor ligar para o senhor. Lamento ter interrompido seu desjejum — acrescentou, notando as migalhas de torrada na barba espessa do médico.

— Não estou nem um pouco surpreso, considerando a angústia da Sra. Gilbert depois de perder a mãe. Algumas mulheres são propensas à melancolia, e isso terá um efeito sobre o parto dela — disse ele por cima do ombro quando alcançou o topo da escada e entrou no quarto.

Ruby franziu a testa. Ela tinha ouvido algumas coisas em seu tempo, mas isso era ridículo. Geralmente um bebê vinha ao mundo independentemente do que estava acontecendo do lado de fora. Não tinha tempo para palavras fantasiosas. Ficaria de olho nesse homem e em sua atitude vitoriana.

— Ela está fora de combate quase desde que você saiu — sussurrou Maisie para Ruby enquanto a mulher mais velha permanecia ao seu lado logo após a porta do quarto. — Não tenho certeza se ela entendeu o que eu lhe disse sobre Irene, então não acho que isso vai lhe dar grande conforto. Quem é esse homem? — Ela acenou com a cabeça para onde o médico tinha puxado os lençóis para trás e começava a tocar a barriga de Sarah e a murmurar para si próprio.

— É o pai do Dr. Gregg. Ele saiu da aposentadoria quando seu filho se juntou ao exército. Ouvi dizer que ele pode ser rude e um pouco antiquado em sua atitude — Ruby sussurrou.

— Vocês duas, mulheres, podem parar com essa tagarelice infernal? — rosnou o médico, sem se virar. — Agora, uma de vocês vá e ponha a

chaleira no fogo.

— O que vai fazer? — perguntou Maisie, um tanto temerosa. Ela sabia um pouco do que acontecia nos hospitais e não queria ver nada acontecendo no quarto de sua melhor amiga.

— Eu gostaria de uma xícara de chá, se não for muito incômodo — ele olhou para Maisie através de sobrancelhas espessas que pareciam ter vida própria. — Esta mulher perturbou minha refeição com seu pânico.

— E quanto a Sarah... quero dizer, Sra. Gilbert?

O médico encolheu os ombros enquanto fechava a maleta de couro marrom que havia deixado aos pés da cama.

— Histeria. A mulher entrou em estado histérico por nada. Sugiro que um banho frio no leito a recobrará o juízo e acelerará o nascimento da criança. Agora, leve-me até esta xícara de chá, por favor.

Enquanto o médico seguia uma extremamente preocupada Ruby de volta para baixo, Maisie foi até Sarah e ajeitou sua camisola antes de puxar as roupas de cama.

— Não dê ouvidos ao idiota, Sarah. Prometi a sua mãe que cuidaria de você, e vou cuidar.

As pálpebras de Sarah estremeceram por um momento antes de ela murmurar o nome de sua mãe e cair em um sono agitado.

Maisie enxugou uma nova camada de suor do rosto quente de sua amiga quando Ruby reapareceu.

— Aquilo foi rápido.

Ruby estava com o rosto vermelho, e não era por subir a escada.

— Dei-lhe o dinheiro e mostrei-lhe a porta. Deus ajude qualquer mulher que vá até ele com um problema. O homem é um idiota — disse ela, inclinando-se para observar a neta de perto.

— Vou dar um pulo e fazer uma ligação para a maternidade de Hainault. Espero que o médico que me acompanhou durante o nascimento dos gêmeos esteja lá e possa nos dar alguns conselhos. Prefiro fazer isso antes de chamar uma ambulância que a leve direto para o hospital do chalé. Conhecendo nossa sorte, o velho Dr. Gregg estará de plantão lá também, e não serei responsável por minhas ações. Sarah pode estar chateada com a morte de sua mãe, mas ela não é uma histérica. Há algo errado, e não vou ficar parada vendo minha amiga e seu bebê morrerem.



Gwyneth Jackson bateu na porta do escritório da gerente da Woolworths e entrou quando ouviu a chefe responder.

Betty Billington olhou para cima e sorriu para a bonita galesa de cabelos escuros e indicou para que se sentasse.

— Bom dia, Gwyneth. Espero que traga boas notícias sobre Sarah.

— Infelizmente, não. Entrei na casa de Maureen a caminho do trabalho e ela estava muito chateada. Sarah está passando por um momento difícil e foi levada para o Hainaut em uma ambulância. Ruby e Maisie foram até lá e prometeram nos avisar o mais rápido possível. Rezo para que ela fique bem.

— Meu Deus! — Betty exclamou. — Quem diria que isso aconteceria? Ora, ela deu à luz sua Georgina com tanta facilidade, mesmo que as circunstâncias fossem um pouco incomuns.

Gwyneth sorriu. Ela não morava em Erith quando Sarah teve seu primeiro filho em 1940, mas, segundo todos os relatos, era bastante incomum, para dizer o mínimo.

— Quem sabe como essas coisas acabam. Eu apenas rezo para que Sarah logo tenha seu novo bebê em seus braços e possa esperar um futuro mais feliz.

— Concorde. Foi um choque perder Irene assim. Nós nos dávamos muito bem. Eu, pelo menos, sentirei falta dela.

Gwyneth acenou com a cabeça, mas ficou quieta. Achava Irene Caselton uma mulher assustadora, que a desprezava por ser uma simples vendedora que havia sido inquilina de Ruby Caselton, antes de se casar com o sargento da polícia local. Por outro lado, o marido de Irene, George, era um homem encantador, sem ares ou graça alguma. Graças a Deus, Sarah acabou se tornando mais parecida com o pai.

— Ela era uma mulher admirável — foi tudo o que ela conseguiu pensar em dizer em voz alta.

Betty permitiu que um pequeno sorriso cruzasse seu rosto. Ela podia ver que Gwyneth lutou com suas palavras.

— Agora, diga-me quem está cuidando de todos os pequenos enquanto Sarah e Maisie estão ocupadas em outro lugar?

Gwyneth riu.

— Georgina está com seu avô George, que vai ajudar a manter sua mente longe das coisas. Bob se ofereceu, ou devo dizer, Ruby o enviou para ajudar David com sua ninhada. Ele está na casa de Maisie, pois eles têm telefone. Espero que não se importe, mas pedi a eles que nos mantivessem informadas se algo acontecesse.

— Meu Deus, é claro que não me importo. Os Caselton e Gilbert, e agora os Jackson — acrescentou Betty, reconhecendo o status de casada de Gwyneth, — fazem parte de minha extensa família. Não faço ideia do que faria sem vocês, principalmente agora — sorriu ela, colocando a mão na barriga, que estava coberta por um avental floral que ela usava com seu elegante terninho de tweed. — Sarah e Alan são nossa principal prioridade agora. Falando nele...

— David notificou o comandante de Alan sobre a situação. Graças a Deus Alan não está em ação no momento, e eles farão tudo o que puderem para mantê-lo informado sobre qualquer novidade.

Betty assentiu com a cabeça. Ela sabia que Sarah disse a todos que Alan ensinava novos alunos a voar, mas secretamente ela se perguntava se isso era uma cortina de fumaça para evitar que sua esposa grávida se preocupasse.

— Bom, acho que isso representa toda a família e amigos.

Gwyneth franziu a testa; com certeza Betty não tinha esquecido...

— E Freda?

Betty levou a mão à boca horrorizada.

— Como eu poderia ter esquecido, Freda? Ora, essas garotas são como os três mosqueteiros — ela olhou para a escala pregada na parede. — Ela não deve trabalhar até o final da tarde. Tem um turno com o Corpo de Bombeiros. Eles estão em seis e sete desde que o foram bombardeados, e mudaram de local. Talvez eu deva ligar para lá e pedir que informem Freda sobre os acontecimentos.

— Se quiser, posso ir até lá agora, antes de começar minhas obrigações aqui.

— Isso faria sentido. Obrigada, Gwyneth — disse Betty, e de repente a discussão passou a ser de patrões e empregados, e não de mulheres que compartilhavam a companhia dos mesmos amigos. — Por favor, diga a Freda para não correr para o trabalho até que ela esteja pronta. Podemos reorganizar facilmente a escala para que ela cumpra as horas desta semana.

Gwyneth concordou. Muitas vezes a surpreendia como Betty podia ser uma amiga em um momento, rindo e brincando em uma festa de família, e no próximo, era a gerente sensata da filial de Erith da F. W. Woolworths,

escondendo suas emoções por trás de um exterior severo. As coisas logo mudariam quando o próprio filho de Betty viesse ao mundo.



Freda esfregou o rosto e imediatamente soube que tinha óleo do motor de sua moto manchado em sua bochecha. Isso daria aos homens do corpo de bombeiros de Erith algo para brincar. Ela costumava ser o alvo de suas brincadeiras amigáveis, mas ultimamente estava cansada de tudo e foi a primeira a concordar que isso tinha algo a ver com Sandy McGregor, que recentemente se juntou ao corpo de bombeiros voluntários. Ela se sentia como uma colegial sempre que ele olhava para ela, e queria morrer de vergonha quando suas bochechas ficavam escarlates. Não era como se ela não tivesse namorado antes, pensou consigo mesma enquanto esfregava o rosto com um lenço. Não que algum de seus romances tivesse significado muito.

— Você perdeu alguns — disse uma voz familiar. — Aqui, deixe-me ajudá-la.

Freda virou o rosto para o lado enquanto Sandy pegava o lenço e enxugava delicadamente sua bochecha.

— Obrigada — ela gaguejou, enquanto ele devolvia o quadrado de algodão agora sujo. — Já vi você por aí. É um novo bombeiro? — ela perguntou, fingindo não o ter notado no quartel e ouvido os funcionários mais velhos falando sobre o ferimento que ele sofreu na perna enquanto estava nas praias de Dunquerque, embora nada parecesse impedi-lo, metendo-se em tarefas ao redor da estação.

Ele deu a ela um sorriso gentil antes de estender a mão e falar com um suave sotaque escocês.

— Sou Sandy McGregor, um novo voluntário.

Ela pegou a mão dele e a apertou, surpresa com sua firmeza.

— Como vai? Eu sou Freda Smith. Trabalho na Woolworths e no resto do tempo sou uma despachante baseada neste corpo de bombeiros — ela não iria dizer que já sabia o nome dele por ouvir conversas ociosas na estação — e que ele havia retornado da guerra com uma lesão na perna.

— E você também encontra tempo para ajudar no *Brownies and Girls Guides* — acrescentou.

Freda ficou intrigada.

— Como sabe disso?

Sandy riu.

— Não fique tão preocupada. Sempre fui membro da Boys' Brigade e decidi oferecer meu apoio à trupe da Igreja Batista de Queen Street, enquanto estou neste lado do país. Eles mencionaram que você é uma grande ajuda para a Sra. Missons. Talvez eu a veja no desfile da igreja no domingo?

Freda sorriu para ele.

— Sim, estarei lá. Imagino que você não venha dessas partes?

— Meu sotaque é tão óbvio? — ele riu. — Minha casa é em Edimburgo.

— Ouvi dizer que é uma bela parte do país — disse Freda, notando como as linhas de expressão apareciam ao redor de seus olhos quando ele sorria. — Deve sentir falta da sua cidade natal.

— Faz um tempo que não volto — acrescentou melancolicamente, parecendo perdido em pensamentos por alguns segundos antes de se lembrar de suas boas maneiras. — Seu sotaque também não é local.

— Eu sou de Birmingham, mas Erith é minha casa agora. Não há mais nada para mim em Midlands — Freda respondeu, lembrando-se do fato de que ela não tinha mais família onde nasceu.

— Nenhum rapaz, então?

Freda sentiu-se começar a corar. Ele estava verificando se ela tinha namorado?

— Sou livre e desimpedida, como diz o ditado — ela sorriu enquanto se voltava para sua motocicleta para pegar sua jaqueta, que estava sobre o assento. — E você?

Sandy ficou em silêncio por um ou dois segundos.

— Eu também, então por que não damos uma volta depois da igreja e talvez encontremos algum lugar para comer alguma coisa?

— Eu gostaria disso — disse Freda, dando a Sandy um sorriso tímido. — Isso se você não se importar de dar uma volta com alguém que está usando um uniforme Tawny Owl?

— Eu consideraria uma honra. No entanto, como é fevereiro e o sol não deve brilhar, teremos nossos sobretudos para cobrir qualquer constrangimento — acrescentou com um sorriso.

Freda já estava pensando no futuro e agradecendo a Deus por Maisie ter passado um casaco de lã verde floresta decente para ela, afirmando que não caberia mais em sua cintura desde que deu à luz aos gêmeos. Ela usava um chapéu de feltro preto aceitável e luvas de tricô, então não ficaria mal vestida.

— Então será uma caminhada. Mas não tenho certeza se encontraremos algum lugar aberto para comer, por que não vamos para a casa da minha senhoria para jantar? Ela está sempre me dizendo que eu deveria convidar meus amigos para casa. Isso se você não se importar com uma casa barulhenta e cheia de gente — ela convidou, imaginando se havia ultrapassado os limites de sua nova amizade.

— Uma casa cheia de gente, soa muito bem — disse Sandy. — Isso se estiver tudo bem com sua senhoria. Não quero me impor.

— Não seja bobo... — ela começou a dizer.

— Ei, McGregor, Smith, parem de arrulhar e ponham suas bundas aqui. Há trabalho a ser feito — veio a voz de um homem de uma janela aberta do andar superior do corpo de bombeiros.

Freda ficou envergonhada ao pensar que os homens de plantão a estavam observando conversando com Sandy e pensaram que eles estavam...

— Sinto muito se você se sentiu ofendida — disse Sandy, notando o olhar consternado de Freda. — Eu odiaria pensar que esteja envergonhada.

Freda se forçou a rir.

— Está tudo bem, honestamente. Eu criei uma pele grossa trabalhando aqui. Você ficaria surpreso com as coisas que eles dizem às vezes.

Ele apertou o braço dela para tranquilizá-la.

— Desde que você esteja bem. Terei uma palavrinha com o chefe se eles passarem dos limites. Nem sempre é bom para uma jovem ser o alvo de suas piadas.

— Honestamente, Sandy, estou bem. Mas é legal da sua parte me defender — disse ela, virando-se para ele, caso ele pudesse ver seu largo sorriso. Ela poderia dizer que ele realmente gostava dela, e se estivessem “arrulhando”, ela não teria se importado nem um pouco.

Sandy piscou para ela e voltou para o prédio, enquanto Freda pegava as ferramentas e panos de limpeza de onde estava trabalhando em sua motocicleta e levava a máquina para o galpão ao lado do prédio.

— Freda!

Freda quase pulou de susto ao ouvir uma voz familiar chamar da frente do prédio.

— Gwyneth, o que há de errado? — perguntou quando a linda galesa correu até ela.

— Betty me disse que eu deveria vir e avisar que Sarah está tendo o bebê — Gwyneth bufou antes de se encostar na parede e respirar fundo.

Freda estava preocupada com a expressão no rosto de Gwyneth.

— Algum problema? Sarah estava em trabalho de parto esta manhã antes de eu sair para o meu turno. Achei que ela já teria tido o bebê.

— Eles a levaram para o Hainault. Não sabemos mais do que isso. Betty queria saber se você iria descobrir — Gwyneth acrescentou, olhando para a moto agora estacionada no galpão de madeira.

— Não vou demorar muito para chegar lá — disse Freda, sabendo que estaria em apuros se pegasse a motocicleta sem permissão.

— Mas já faz uma eternidade e ninguém parece saber o que está acontecendo — disse Gwyneth com um olhar suplicante.

— Fique aí e observe a moto. Eu não quero nenhuma das crianças locais mexendo com isso. Vou correndo pedir permissão — disse Freda, sabendo que também teria de enfrentar as piadas dos homens sobre sua amizade com Sandy. Bem, desta vez ela os enfrentaria. Muitos deles conheciam a família de Sarah e o que eles haviam passado nos últimos meses, então eles poderiam calar a boca e ser educados pela primeira vez. Se sua melhor amiga estava com problemas, ela queria estar ao seu lado o mais rápido possível.



BOB JACKSON coçou a cabeça.

— Ficarei boquiaberto se conseguir diferenciá-los — disse ele, olhando para onde David Carlisle segurava um irmão gêmeo na dobra de cada braço. — Tenho que admitir, David. Você é excelente em cuidar desses dois bebês, além de ter a jovem Ruby pendurada em suas pernas. Eu me ofereceria para ajudá-lo, mas não saberia por onde começar.

David caiu na gargalhada, mas logo ficou em silêncio quando um dos bebês se mexeu.

— Existem diferenças sutis, mas até eu demorei para notá-las. Maisie jura que pode dizer quem está chorando de outro cômodo da casa, mas não estou tão confiante para adivinhar. Só agradeço a Deus por termos um menino e uma menina, ou só Deus sabe como eu ficaria.

Bob olhou atentamente para os bebês satisfeitos.

— Este tem o cabelo mais louro — disse ele, apontando para um que tinha algumas mechas de cabelo claro saindo de baixo de um gorro rosa de crochê. — É a garota?

A boca de David se contorceu enquanto ele se esforçava para não rir.

— Vamos apenas dizer que as meninas usam rosa, certo?

Bob bateu com a mão na testa.

— Eu estava pensando muito sobre isso. Suponho que teremos que confiar na cor de suas roupas até que possam falar e nos dizer quem são. Agora, o que posso fazer para ajudá-lo? As últimas palavras de Ruby para

mim antes de sair correndo para o Hainault para ver Sarah, foram para me tornar útil.

David sorriu para o homem mais velho.

— Vou fazer com que esses dois se acomodem para a soneca, e espero que a jovem Ruby júnior aqui se junte a eles. Talvez você possa ir até a escola e pegar Bessie e Claudette. Myfi deverá sair em breve também. Eu disse a Gwyneth que iríamos pegá-la junto com as crianças mais novas e deixá-las aqui até sabermos que Sarah está se recuperando e nossas mulheres podem pegar seus filhos.

Bob ficou aliviado por não ter que cuidar dos bebês e acenou com a cabeça em concordância.

— Isso não é um problema, posso fazer isso por você. Vou levá-los à horta e pegar algumas batatas-doces e pastinacas que Ruby quer para o nosso jantar. Sabe se alguém já falou com George? Deus sabe como ele vai se sentir, sabendo que sua única filha foi levada para o hospital com sua esposa morta há pouco tempo.

— Falei com ele agora há pouco. Com Alan fora em serviço, George reconhece que eles podem deixá-lo ir lá, então ele deixou Georgina de volta na casa de Maureen. Veja bem, minha Maisie já está lá com Ruby, e que Deus os ajude se mandarem essas duas embora — ele riu. — Sei que é um pouco atrevido, mas você acha que poderia dar uma olhada em Maureen antes de ir para a escola? Ela deve estar muito preocupada com Sarah, e não sendo capaz de se mover muito ainda, com aquela perna ruim, ela não pode sair de casa tanto quanto gostaria. Pelo menos ela tem Georgina para distrair as coisas. Mas tudo o mais...

— Eu sei o que quer dizer. É melhor eu ir embora agora, então posso conversar antes de pegar as garotas — Bob riu para si mesmo. — Vamos

torcer para que o próximo filho de Sarah seja um menino. Parece que estamos cheios de moças.

O rosto de David assumiu uma expressão séria.

— Existe uma chance de que Bessie e Claudette logo nos deixarão. Finalmente consegui descobrir onde mora o irmão de Maisie, Fred. Há uma carta chegando ao seu comandante, notificando-os das circunstâncias que levaram as duas meninas a morar conosco.

— Vai partir o coração de Maisie se elas forem tiradas dela depois de todo esse tempo. Ora, já devem ter passado dois anos desde que vocês dois as acolheram.

— É, e vou sentir falta delas como o inferno. Deus sabe o que Fred vai decidir — respondeu David, olhando fixamente para um ponto além do ombro de Bob.

Bob percebeu que ele estava achando difícil controlar suas emoções.

— Estou aqui para ajudá-lo em tudo o que puder — disse ele, dando-lhe um tapinha no ombro. — Vou sair agora para ver Maureen e aliviá-la de nossa Georgina por um tempo. Aquela garota é tão cheia de energia — acrescentou com orgulho.

— Ela tem sorte de tê-lo como bisavô, Bob, você sempre tem tempo para as crianças — David disse calmamente enquanto tentava se recompor.

— Ainda não sou um parente. Eu e Ruby ainda não marcamos a data do nosso casamento.

David riu. Amigos e familiares esperavam ansiosamente que Ruby finalmente caminhasse para o altar com Bob Jackson, e todos sabiam que não demoraria muito.

— Boa sorte com isso, Bob. Você é um homem mais corajoso do que eu — disse ele enquanto Bob saía pela porta para dar uma olhada em Maureen Gilbert.



— Eles devem ter notícias em breve, estamos aqui há horas — disse Maisie enquanto andava de um lado para o outro na sala de espera, acenando para um jovem que estava sentado nervosamente no canto da sala. Ele havia roído as unhas até o sabugo e agora estava brincando com um maço de Woodbines.

— Olha, amor, por que não sai e estica as pernas? Poderia fumar um cigarro rápido ao mesmo tempo. Se houver alguma notícia, prometo que vou chamá-lo.

O homem parecia grato.

— Se não se importa, eu farei isso. Não fazia ideia de que levaria tanto tempo.

— Os bebês vêm quando estão prontos e nem um minuto antes. Não há como saber quanto tempo eles podem demorar — ela sorriu quando o homem saiu rapidamente.

Ruby olhou para um grande relógio na parede cor de creme.

— Já faz uma hora desde que eles correram com nossa Sarah por aquelas portas, embora eu admita que parece mais tempo. Deus sabe o que está acontecendo. Eu apenas rezo para que ela e o pequeno, fiquem bem.

Maisie se jogou em um dos assentos de madeira dura.

— Não parece que faz cinco minutos desde que eu estava aqui com os gêmeos. Por mais simpáticas que fossem as enfermeiras, fiquei feliz por sair desse lugar e voltar para a minha família — Ruby acenou com a cabeça em concordância. — Assim como Sarah estará daqui a duas semanas. Ela deve aproveitar ao máximo e colocar os pés para cima um pouco para superar o parto. Sua Georgina é animada, e com Alan fora fazendo sua parte e Maureen com sua perna ruim, caberá a ela fazer a maior parte do trabalho

em casa. Sim, ela deveria aproveitar ao máximo sua estada aqui e tratá-la como um pouco de férias.

Maisie sorriu enquanto tentava ficar mais confortável no assento duro.

— Posso pensar em lugares melhores para passar um pouco de férias. No meu pior momento, eu só queria morrer. Eu sei que não é uma coisa legal de se dizer, mas é a mais pura verdade — acrescentou, vendo Ruby olhar para ela.

— O parto não é a melhor coisa pela qual se passa, mas logo é esquecido, e olha o que você tem no final de tudo: um lindo bebê, no seu caso, dois lindos bebês.

Maisie pegou o maço de cigarros com as mãos trêmulas antes de jogá-lo no lixo, pois estava vazio.

— Não consigo entender como aquela coisa estranha aconteceu pouco antes de os gêmeos chegarem, quando Irene apareceu e me disse para continuar firme, que ela estaria lá para me ajudar e que eu deveria cuidar do bebê de Sarah.

— Não duvido que tenha acontecido — Ruby disse pensativa. — Já ouvi falar dessas coisas.

— Bem, eu disse a Sarah, mas não tenho ideia de como ela reagiu, já que estava quase fora de controle na hora. Espero que, se ela se lembrar, e não esteja com raiva de mim. Não tenho certeza se ela é do tipo que acredita nessas coisas.

Ruby vasculhou a bolsa e tirou um lenço de algodão branco.

— Se for de alguma ajuda, eu acredito em você. Irene podia ser uma fulana engraçada às vezes, mas era um tipo decente. Eu poderia imaginá-la querendo ajudar vocês, meninas. Vou sentir falta dela — acrescentou, enxugando os olhos.

As duas mulheres ergueram os olhos quando a porta se abriu para a sala de espera e uma enfermeira em seu elegante vestido azul marinho, avental branco engomado e touca entrou.

— Se você quer o jovem, ele saiu para esticar as pernas — disse Ruby, esperando que a ela não tivesse vindo dar más notícias.

— Não, é com a senhora que vim falar. A Sra. Gilbert acaba de dar à luz um menino saudável. Normalmente não permitimos isso, mas acho que um membro da família deveria se sentar com ela por um tempo. Ela está muito aflita. Soube que a Sra. Gilbert perdeu a mãe há pouco tempo e que o marido está servindo na RAF.

Ruby se levantou e pegou sua bolsa.

— Isso mesmo. Seu pai George, meu filho, deve estar aqui em breve. Enviamos uma mensagem para o trabalho dele. Posso ir vê-la?

Maisie levantou-se de um salto e ficou ao lado de Ruby.

— Eu gostaria de ir vê-la também. Somos como irmãs e estou muito preocupada com ela.

Ruby pegou a mão de Maisie e a apertou.

— Nós duas vamos ver Sarah — ela disse à enfermeira, desafiando-a a discordar.

A enfermeira deu um sorriso compreensivo.

— Sigam-me.

As duas mulheres a seguiram por um curto corredor, cientes de que seus sapatos faziam um barulho no piso de ladrilho preto que parecia ecoar nas paredes.

Parando em um par de portas duplas, a enfermeira virou-se para Ruby.

— A Sra. Gilbert está muito cansada, então não mais do que dez minutos. E, por favor, não a excitem — acrescentou, lançando um olhar severo a Maisie.

— Como se quiséssemos — murmurou Maisie enquanto seguia Ruby para dentro do quarto.

Ruby correu para onde Sarah estava encostada na cama, o rosto tão branco quanto as fronhas contra as quais ela estava deitada.

— Olhe para você, deitada aí como uma senhora escória — Ruby disse enquanto lhe dava um abraço. — Maisie está comigo, mas disseram a ela para não te excitar.

Sarah deu um sorriso fraco.

— Portanto, nada de dancinhas pela sala, hein?

Maisie bufou de tanto rir enquanto se inclinava para dar um beijo na amiga.

— Podemos guardar isso para amanhã. Devo dizer que você parece horrível. Foi tão ruim assim? — perguntou enquanto se sentava na ponta da cama.

— Parecia levar uma eternidade. Foi bem melhor quando tive Georgina. Ele é muito maior do que ela. A enfermeira me disse que esse era o problema e que logo estarei bem. Você nunca vai adivinhar quem eu vi?

Maisie arfou.

— Não! Você também! O que sua mãe disse?

Sarah franziu a testa.

— O que quer dizer?

— Sua mãe, Irene, eu mencionei antes, mas você estava quase perdendo os sentidos. Ela falou comigo quando eu estava em trabalho de parto dos gêmeos... Sei que devo ter imaginado, pois era o dia do... mas...

Sarah piscou para Maisie.

— Eu ia dizer que vi a enfermeira que nos atendeu quando a neta de Vera estava aqui. O que quer dizer com você viu minha mãe?

Maisie esperou, torcendo para que um grande buraco se abrisse e a engolisse.

— Não foi nada. Apenas minha boca resmungando - esqueça que eu disse alguma coisa. Agora, vamos ver seu filho? — acrescentou, fazendo o possível para ser alegre.

— Quero saber o que você quis dizer — disse Sarah com voz estridente.

— É melhor dizer-lhe logo, ou ela nunca vai descansar — Ruby aconselhou, acrescentando: — Não deve ficar chateada, Sarah. Não vai adiantar nada — ela pegou a mão da neta e deu um tapinha tranquilizador.

Maisie respirou fundo e começou a explicar o que havia acontecido, apressando as palavras ao ver a expressão de alarme estampada no rosto de Sarah.

— Eu não sabia sobre a morte de sua mãe até mais tarde, e não teria mencionado isso para todo o mundo, mas...— ela não tinha ideia do que dizer a seguir.

A sala ficou em silêncio enquanto Ruby e Maisie observavam a reação de Sarah. Ruby sentiu as unhas de Sarah cravarem em sua mão antes que um pequeno soluço escapasse.

— Como pode pensar que minha mãe teria vindo vê-la depois que ela morreu? Você não acha que se os mortos voltassem, eles iriam ver seus entes queridos? Certamente mamãe estaria aqui comigo hoje se pudesse. Por que ela teria dito que você precisa cuidar de mim?

Ruby tentou confortar Sarah enquanto sua neta ficava mais angustiada.

— Tenho certeza de que ela está cuidando de você. Ela a amava muito, Sarah.

Sarah tirou a mão de Ruby e levantou-se dos travesseiros.

— Ela me amava e estaria aqui se fosse possível — ela cuspiu para Maisie. — O que a fez pensar que ela iria querer vê-la no dia em que ela

morresse? Só porque você nunca viu sua mãe até que fosse tarde demais, não tem o direito de levar a minha. Apenas vá embora, Maisie. Eu não quero vê-la nunca mais — Sarah chorou antes de afundar na cama, puxando os lençóis para o rosto enquanto soluçava.

— Mas não foi bem assim. Eu nunca quis... — Maisie olhou para Ruby em busca de ajuda enquanto as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

— Talvez seja melhor irmos — sugeriu Ruby, embora não gostasse de deixar Sarah naquele estado.

— O que é todo esse barulho? — disse a enfermeira ao irromper pela porta. Ela deu uma olhada em sua paciente e segurou a porta aberta. — Eu sugiro que saiam agora.

— Vamos, querida, é melhor fazermos o que nos mandam — disse Ruby, pegando Maisie pelo cotovelo e conduzindo-a para fora da sala.

— Sinto muito, Sarah — sussurrou Maisie ao se deixar levar para fora do quarto de hospital da amiga.

As duas mulheres saíram da maternidade e seguiram lentamente pela Lesney Park Road em direção à cidade.

— Eu não quis dizer aquilo — disse Maisie baixinho. — Nem em um milhão de anos. Quando pensei em Irene vindo me ver e tentei entender o que aconteceu semanas depois que os gêmeos nasceram, senti um grande conforto ao pensar nisso. Ela podia ser uma esnobe terrível, mas no fundo Irene era do bem. Ela só queria o que era melhor para o esposo e filha.

Ruby parou de andar e se virou para Maisie.

— Nunca se desculpe pelo que aconteceu. Pensou que Irene veio vê-la no dia em que ela morreu, e eu realmente acredito em você. Acredito piamente que nossos entes queridos cuidam de nós depois que falecem. Ela sem dúvida sabe que Sarah tem muitas pessoas que a amam e estão aqui

para ela. Sabia que você não era próxima de sua família há muito tempo, mesmo tendo acolhido os filhos de seu irmão. Irene me disse, não muito antes de morrer, que a achava uma boa pessoa e que gostaria de ser como você.

— Irene disse isso?

— Disse, e eu acredito que é por isso que ela gravitou para você em um momento em que ambas precisavam de ajuda. Com o tempo, Sarah vai perceber isso, então não fique se preocupando.

— Espero que sim — disse Maisie, enquanto Ruby a segurava pelo braço e as duas voltavam para casa.



— Pelo olhar em seu rosto, acho que está tudo bem e temos outro neto?

— Maureen disse enquanto abria a porta da frente para George Caselton e o conduzia para dentro de casa.

George beijou Maureen na bochecha.

— Um menino enorme, e mãe e filho estão bem, segundo todos os relatos — ele sorriu. — Eu estava subindo quando vi mamãe e Maisie voltando para casa. Elas tinham visto Sarah e ela estava bem. Os dois pareciam bem.

— Graças a Deus por isso. Não me importo em dizer, estou muito preocupada desde que a levaram naquela ambulância. Não é de admirar que ela estivesse exausta se ele fosse um bebê grande. — Maureen sentou-se, puxando um lenço do punho do cardigã. — Agora eu estou toda chorosa. O que você deve pensar de mim?

George sentou-se ao lado de Maureen e deu um tapinha em sua mão, rindo suavemente.

— Não é a única. Eu mesmo chorei algumas vezes quando recebi a notícia. Não é muito viril da minha parte, não é?

— Caramba, George, você mais do que qualquer um pode chorar. Até os homens têm que deixar ir às vezes. Quando penso no que aconteceu com sua Irene, e agora Sarah e o bebê. Ora, não vale a pena pensar nisso, não é?

George deu a Maureen um sorriso triste. Ele sempre pensou que ela era uma mulher corajosa desde que a conheceu, quando eles eram jovens. Ela superou quando perdeu o marido, e o que quer que a guerra tenha lançado sobre ela, permaneceu forte.

— Nós dois enfrentamos muita coisa nos últimos três meses. Ainda está se recuperando da lesão e, com Alan fora de casa, isso não ajuda.

Maureen ergueu o queixo em desafio.

— Eu pagaria qualquer coisa para tê-lo de volta em casa conosco, especialmente agora que ele tem dois filhos, mas a necessidade da RAF é maior do que a nossa. Contanto que ele volte para casa sem se machucar novamente, serei uma mãe feliz.

— Isso é tudo o que podemos esperar. Muitos não tiveram tanta sorte. Agora, que tal eu colocar a chaleira no fogo, depois vou aparecer e ver nossa Georgina e dizer a ela que tem um irmãozinho?

— Deixe-a enquanto está dormindo. A pobre menina estava chorando por sua mãe mais cedo, e o que quer que eu tenha dito, não pareceu ajudar. Eu a convenci a me ajudar a fazer alguns bolos de fada e gastei toda a nossa margarina da semana. Isso a acalmou um pouco e então a coloquei para dormir. Eu não me importaria com aquela xícara de chá, no entanto. Aqui, sozinha, não me daria ao trabalho de ficar de pé só para tomar uma xícara.

George deu-lhe um olhar duro. Ela estava bastante pálida, e ele atribuía isso a se preocupar com Sarah e estar sempre cuidando da jovem Georgina sozinha.

— Sua lesão está te deixando nervosa? Eu sei que você tem que continuar exercitando a perna, mas talvez estejamos esperando demais,

deixando-a para lidar com a pequena. Estou reservando alguns dias de folga para te ajudar. Não, insisto — acrescentou, quando Maureen começou a protestar. — Agora vou pegar a xícara de chá e talvez experimente um daqueles bolos; então podemos ouvir as notícias juntos. O que me diz?

— Eu diria que é uma boa ideia. Obrigada, George. — Maureen deu um pequeno sorriso ao pensar em ter um neto. Talvez ela pudesse tricotar algo azul como presente antes que Sarah voltasse do Hainaut. Apoiando-se pesadamente no braço do sofá, se levantou e usou sua bengala para ir até o aparador para seus moldes de tricô. Olhando para o relógio, ela podia ver que era um pouco cedo para o noticiário, mas ligou o rádio para dar tempo de aquecer. Colocando os padrões de tricô debaixo do braço, virou-se para voltar ao seu lugar e então parou ao ouvir a leve melodia de uma canção memorável vinda do rádio.

De repente, ela era uma jovem em 1916, visitando a cidade vizinha, Crayford, para dançar. Fechou os olhos e pôde ver George, de licença do exército, vindo cumprimentá-la com alguns camaradas ao seu lado. Nossa, ele parecia inteligente, e ela sentiu seu coração palpitar. Embora George nunca tivesse dito isso, Maureen sabia que em pouco tempo eles estariam namorando e esperava o futuro deles com grande expectativa. Eles cresceram juntos, frequentando a mesma escola e morando a apenas a uma rua de distância.

Inconscientemente ela começou a balançar ao som da melodia enquanto o som sem fio crescia em força. George a convidou para dançar e seu companheiro fez o mesmo com sua amiga e colega de trabalho, Irene. Enquanto George a conduzia pela multidão de dançarinos, sentiu que ele não estava prestando atenção. Seus olhos pareciam estar em Irene enquanto ela ria de alegria ao girar pela sala. Quando George perguntou a Maureen

quem era sua amiga, ela se perdeu. Nunca o tinha visto olhar para ela de uma forma tão adorável.

- O que é tudo isso, então? Você vai dançar sem mim? — George perguntou, enquanto colocava a bandeja de chá na mesa e removia os moldes de tricô de Maureen. Tomando-a nos braços, ele andou gentilmente pelo quarto, tomando cuidado para não causar dor na perna ruim. Maureen estava muito atordoada e absorta em suas memórias para reclamar, mesmo que sua perna estivesse doendo. — Reconheço esta música — disse ele, inclinando a cabeça para o lado para ouvir. — Não é...?

— Se você fosse a única garota no mundo — Maureen murmurou, tentando não quebrar o feitiço que suas memórias lançaram.

George deu uma risadinha encantadora.

— Isso mesmo. E eu era o único rapaz. Estava tocando na noite social da igreja, quando conheci Irene.

— Era o Rodney Hut na fábrica da Vickers — disse Maureen. *E foi na noite em que te perdi*, ela pensou melancolicamente.



Betty sentou-se à escrivaninha, tirando os robustos sapatos de couro marrom com um suspiro. Ninguém lhe havia dito que seus pés sofreriam tanto quando engravidou. Ela se lembrava das palavras “calor” e “comendo por dois”, mas nada sobre tornozelos inchados e cansaço. *Pelo amor de Deus, mulher, controle-se*, ela murmurou para si mesma. *Você pode administrar uma loja movimentada da Woolworths, então carregar um bebê deve ser moleza*. Ela realmente não conseguia ver por que havia tanto barulho. Tomando um gole do chá morno que estava sobre a mesa desde que ela entrou em seu pequeno escritório, fez uma careta e colocou a xícara de volta no pires. Pediria chá fresco quando o Sr. Porter chegasse para a reunião. Deus sabe por que a sede o enviou para vê-la. Sem dúvida, tinha

algo a ver com o pedido de lâmpada do qual ela havia reclamado. Faltavam dez minutos - apenas tempo para lidar com uma pilha de correspondência que estivera desordenada sobre a mesa nos últimos dias.

Usando um abridor de cartas de latão que havia sido um presente de seu marido, Douglas, fez uma pilha de cartas que exigiam resposta e uma pilha de faturas que ela precisaria verificar antes de enviar para a sede para os pagamentos. Ao se deparar com um envelope pardo creme rígido com o logotipo da Woolworths impresso, Betty franziu a testa. Desde o início da guerra, o escritório central passou a usar envelopes marrons. Isso deve ser importante para usar um papel de carta tão impressionante.

Betty ainda estava olhando para o nada quando houve uma batida suave na porta e ela se abriu. Gwyneth enfiou a cabeça pela porta e deu a Betty um olhar preocupado.

— Sra. Billington, seu compromisso às três horas, Sr. Porter, está aqui — ela mal havia terminado, quando a porta foi escancarada e um homem baixo e de rosto magro passou por Gwyneth e marchou até a mesa de Betty.

— Sra. Billington, sou Cecil Porter, o novo gerente da loja.

Gwyneth se lembraria por muito tempo do rosto pálido de Betty e da maneira como sua mão tremia quando ela acenou com a cabeça para o homem e olhou brevemente para uma carta em sua mão antes de jogá-la em uma lixeira. Talvez ela não perguntasse se havia alguma notícia sobre Sarah. Não parecia ser o momento certo.



— Meu Deus, você está horrível — disse David, correndo para ajudar Maisie a se sentar em uma cadeira enquanto ela entrava em casa, o rosto branco como um fantasma. — O que aconteceu, é uma má notícia? Como está a Sarah? Por favor, não diga que ela perdeu o bebê — acrescentou

enquanto se voltava para um armário de vidro que abrigava uma preciosa meia garrafa de gim, junto à uma garrafa de uísque.

Maisie jogou-se no sofá.

— Obrigada, isso seria um prazer. Sarah e o bebê estão bem, ela teve um menininho — disse ela, enquanto David lhe passava um copo de gim e ela olhava ao redor do quarto. Parecia mais arrumado do que de costume, e havia até um cheiro de lustra-móveis e algo bom sendo preparado na cozinha. — Saúde, alguém esteve ocupado. Onde estão as crianças?

David sentou-se ao lado dela e passou o braço pelas costas da cadeira.

— Se ainda não percebeu, são sete e meia. Ruby apagou como uma luz enquanto tomava seu chá. Bob brincava com as crianças há muito tempo e ela passava horas cambaleando atrás delas, gritando a maior parte do tempo. Eu alimentei os gêmeos, então temos algumas horas antes que eles se mexam, e eu disse a Bessie e Claudette que poderiam ler na cama, até que você vá dar boa noite a elas.

Maisie parecia espantada.

— E você também arranjou tempo para arrumar? Caramba, talvez devemos trocar de lugar. Você seria uma ótima dona de casa. Amo todas as crianças, mas adoraria voltar a trabalhar.

David riu antes de perceber a expressão no rosto de sua esposa.

— Está falando sério, não é?

— Estou muito cansada para contar piadas — disse ela.

David virou o resto do uísque e limpou a boca com as costas da mão. Sua esposa não era de uma vida tranquila e agora ele estava acostumado com seus esquemas estúpidos, mas ela estava falando sério?

— Querida, ninguém espera que faça trabalho de guerra. Você mais do que providenciou o futuro do país com nossos três filhos adoráveis.

— Cinco — corrigiu Maisie. — Temos cinco filhos.

— Justo. Está muito ocupada cuidando de cinco crianças, mas duas delas não são nossas e, em pouco tempo, serão devolvidas aos pais. Mesmo assim, não há como você voltar ao trabalho. Ora, é uma ideia absurda — disse ele, começando a perder a paciência.

Maisie levantou-se e olhou para o marido.

— Você fica aí dizendo que não devo fazer mais um dia de trabalho e, no próximo suspiro, vou ter que devolver Bessie e Claudette para meu irmão imprestável, que não deu a mínima para elas nos últimos dois anos? Caramba, David, pensei que você me conhecesse melhor do que isso! — ela cuspiu para ele antes de se virar para sair da sala. — Vou ver as crianças, depois vou para a cama.

David estendeu a mão para a esposa.

— Mas o jantar - você ainda não comeu.

— Não estou com fome. Acho melhor você dormir aqui esta noite — disse ela, saindo furiosa da sala.



— **QUEM DIABOS** está batendo na porta a essa hora? — Ruby disse enquanto largava o garfo e a faca.

— Vou dar uma olhada, termine o seu jantar. Espero que esteja bom — disse Bob, nervoso, olhando para o prato de comida que acabara de colocar diante dela. — Está no forno há um tempo.

— Está quente e satisfatório, e muito bem-vindo depois do dia que tive — disse ela, dando-lhe um sorriso gentil.

Bob puxou a pesada cortina da porta da frente que ajudava a impedir que as correntes de ar frio entrassem na casa.

— Espere um minuto — ele murmurou quando houve outra batida.

— Desculpe, Bob. Deixei minha chave no trabalho e, por mais que tentasse, não consegui puxar o barbante pela caixa de correio para pegar o sobressalente — disse Freda, enquanto permanecia ali em seu uniforme do Corpo de Bombeiros. — Está um frio de morrer aqui fora.

Bob checou a chave reserva, que sempre ficava presa em um cordão na parte interna da porta. Normalmente, um puxão e ela entrava pela caixa de correio, para que amigos e familiares pudessem entrar. Apenas por um curto período, no início da guerra, Ruby removeu a chave quando pensou que Adolf Hitler estava prestes a invadir Erith.

— Está presa na cortina — disse ele ao puxá-la para fora. — Entre e se aqueça em frente ao fogo. Vou preparar a chaleira enquanto você janta. Está esquentando no forno.

— Obrigada, Bob — disse a jovem enquanto entrava apressada na sala onde Ruby estava comendo. — Alguma notícia de Sarah? — perguntou à

proprietária enquanto começava a tirar o uniforme oficial do Corpo de Bombeiros que usava sobre o macarrão siren suit antes de esfregar as mãos na frente do fogo. — Eu estava prestes a subir para o Hainault quando recebemos uma ligação para ir a um incidente. Não ouvi uma palavra desde então.

— É um menino. A mãe e o bebê estão bem — Ruby sorriu.

— Graças a Deus por isso — respondeu Freda, indo para a pequena cozinha para lavar as mãos na pia. — Isso cheira bem, Bob. Estou morrendo de fome. Perdi o chá na estação.

— É só torta de peixe, e mais batata do que peixe — desculpou-se enquanto usava um pano para levar o prato quente até a mesa. — Onde você estava?

— Estávamos no caminho de Belvedere. Um foguete caiu e destruiu meia rua. Nosso turno era de dois homens a menos, então fiquei para ajudar, já que não era necessária como mensageira.

— Foi ruim, amor? — Ruby perguntou, limpando a boca e acenando para Bob enquanto ele removia o prato vazio.

— Meia dúzia de mortos e alguns feridos — disse Freda, pegando uma fatia de pão. — Nunca vou me acostumar com a forma como as pessoas estão levando suas vidas em um minuto e no minuto seguinte o inferno cai do céu.

Todos olharam para o teto e Ruby estremeceu.

— Maldito Hitler. Eu já disse isso antes e vou dizer de novo: eu adoraria colocar minhas mãos no assassino por apenas cinco minutos.

— Não estaríamos todos, amor? Você teria que ficar em uma fila muito longa para ter a chance de deixar os olhos dele roxos — Bob disse enquanto tirava os pratos sujos. — Não, fique aí e descanse seus ossos. Vou colocar a chaleira no fogo e fazer um bule de chá fresco.

— Não há nada como ser mimada. Obrigada Bob. Você será uma “esposa adorável” para alguém. — Freda sorriu.

Ruby bufou de tanto rir.

— Mantenha suas mãos longe dele - ele é todo meu.

— Então é melhor você marcar o dia e ser rápida, ou posso simplesmente aceitar uma oferta melhor — disse Bob da cozinha.

Freda prendeu a respiração e esperou. Ruby vinha deixando Bob esperando por alguns anos e, embora no final do ano passado ela tivesse decidido que ele era o homem certo para ela, ainda não tinha marcado o dia. Eles eram dedicados um ao outro, mas, incomum para alguém que normalmente era a primeira a tomar uma decisão, Ruby mantinha todos em suspense.

— Que tal oito de maio? — gritou Ruby.

Um largo sorriso se espalhou pelo rosto de Freda enquanto ela esperava para ouvir a resposta de Bob.

Bob entrou na sala com um pano de prato na mão.

— Tem certeza?

— Sempre achei que seria bom me casar no dia do meu aniversário. Pelo menos você nunca esqueceria nosso aniversário de casamento — Ruby acrescentou com uma voz prática.

Bob pegou Ruby em seus braços e deu-lhe um grande beijo.

— Você me fez o homem mais feliz do mundo — disse ele, tentando ignorar o fato de ter esquecido o aniversário de Ruby no ano passado e Sarah ter de lembrá-lo no meio do dia. — Vamos subir até a igreja de Saint Paulinus e ver o vigário pela manhã, certo?

— Faremos exatamente isso — disse Ruby, dando-lhe um tapinha na mão. — Agora, onde está aquele chá?



— Maisie? Posso entrar? — David Carlisle falou baixinho com medo de acordar as crianças enquanto batia na porta fechada do quarto. Ele esperou por uma resposta, mas houve silêncio. David abriu a porta e entrou lentamente.

Maisie estava deitada de costas em cima da colcha de cetim rosa olhando para o teto.

— O que você quer? — perguntou sem olhar para ele.

Ele se aproximou e sentou-se na beirada da cama. Na meia-luz das cortinas parcialmente fechadas, ele podia ver seu rosto manchado de lágrimas.

— Não era minha intenção machucá-la ou fazê-la chorar, Maisie — disse ele, estendendo a mão para pegar a mão dela.

Ela se afastou e se encolheu nos travesseiros, colocando os pés sob o corpo.

— Não entendo por que não consegue ver que eu quero estar no mundo lá fora, mantendo um emprego tanto quanto você. Por mais que eu ame nossos filhos, todos os cinco — ela disse lançando um olhar que o desafiava a argumentar, — Eu não vejo meu lugar nesta família, sendo acorrentada na pia e preparando seu jantar.

— Por que nunca me explicou isso antes? — David perguntou, olhando para a parede acima da cabeça dela. Partia seu coração vê-la tão angustiada, e ele sabia que iria desmoronar se seus olhos encontrassem os dela.

— Por que você nunca perguntou? — ela sussurrou de volta.

Houve silêncio no quarto enquanto ambos pensavam nas poucas palavras que haviam trocado.

— Me odeia por querer mais do que temos? — perguntou Maisie.

David balançou a cabeça violentamente.

— Deus, não, eu nunca poderia te odiar, nem em um milhão de anos. Eu morreria sem você ao meu lado. Por favor, nunca pense em me deixar — implorou, e como uma reflexão tardia acrescentou, — Eu pensei que fosse feliz sendo mãe.

Maisie lançou um olhar duro para David.

— Amo ser mãe. Estou surpresa que ainda tenha que me perguntar isso. Sempre sonhei em ter uma família grande e agora temos cinco filhos. Eu simplesmente não me vejo como uma mãe que fica em casa. Betty se sai bem — disse ela, erguendo o queixo em desafio.

Davi suspirou.

— Betty é uma maravilha. No entanto, ela não vai trabalhar muito mais agora que está esperando um bebê, não é?

Maisie franziu a testa ao pensar no que David havia dito.

— Nunca pensei em Woolies sem Betty no comando. Ela me deu meu emprego e foi aí que conheci Sarah e Freda. Éramos todas novatas — acrescentou. — Caramba, eu me pergunto se ela pensou em seu futuro? Será um grande choque para ela. É melhor eu ir trocar uma palavrinha com a Betty amanhã — disse ela.

Qualquer que fosse o estado de espírito de sua esposa, ela sempre considerava seus amigos e seus sentimentos. Era uma das coisas que o atraíram nela muito antes de começarem a namorar.

— Por que não diz a ela que gostaria de voltar ao trabalho por alguns dias por semana para começar? — ele sugeriu com um sorriso. — Eu sei que não posso vencê-la quando coloca sua mente em algo.

— O quê?! Está falando sério? — ela gritou, lançando-se sobre a cama em seus braços. — Mas e as crianças... e seu jantar?

Ele riu, feliz por ter sua sorridente esposa de volta.

— Não se preocupe com isso. Tenho uma ideia de que pode funcionar. Deixe isso comigo.

Maisie aninhou-se em seus braços.

— Isso não significa que eu não amo todas as crianças - e você. Eu apenas sinto que quero fazer mais com a minha vida. Isso me faz parecer ingrata? Você nos deu um lar adorável, e eu simplesmente adoro ser a Sra. David Carlisle, mas...

— Mas foi colocada nesta terra para fazer mais? — sugeriu ele, beijando-lhe a testa e afastando-lhe o cabelo do rosto onde haviam caído dos grampos cuidadosamente colocados.

Ela bufou de tanto rir.

— Não seja bobo. Faz parecer que eu quero ser um vigário ou algo assim. Sei que não sou inteligente o suficiente para fazer um trabalho adequado, mas acho que posso fazer mais do que ser mãe e dona de casa.

— Você é uma mulher muito capaz, Maisie Carlisle, não quero que diga que não é inteligente. Teimosa talvez, e bastante irritante às vezes, mas *você* é uma mulher inteligente. Veja como pode virar a mão para transformar um tecido velho em um vestido novo para as crianças. Suas amigas são as mulheres mais bem vestidas da cidade graças a você e sua máquina de costura. Eu gostaria que considerasse abrir algum tipo de negócio de costura. Sei que já mencionei isso no passado, mas pode ser um bom empreendimento.

Maisie torceu o nariz.

— Gosto de fazer coisas do nada e copiar a moda das revistas, mas não tenho formação nem nada. As pessoas ririam de mim.

— Irene nunca ria de você quando fazia um vestido para ela. E olhe para o vestido de noiva de Sarah. Sei que só vi as fotos que George tirou, mas ela estava uma beleza, assim como as damas de honra. Uma em

particular foi espetacular - mas estou sendo tendencioso — acrescentou, beijando a ponta do nariz dela.

— Eu... eu...

— Querida, o que há de errado? — David disse enquanto observava uma expressão de angústia cruzar o rosto dela. — Estamos todos chateados com a morte de Irene, mas pensei que você estava lidando com isso.

— Não é isso. Eu briguei com a Sarah. Hoje cedo eu disse a ela algo que também não tinha contado a você antes... que... acredito que Irene veio me ver e me disse para cuidar de Sarah, enquanto eu estava dando à luz os gêmeos. Não sabia que Irene havia morrido naquele dia. Eu me sinto mal por não ter contado antes. Quando soube que Irene havia morrido, guardei para mim, para o caso de as pessoas pensarem que eu estava louca.

— Não acho que esteja louca. Coisas estranhas aconteceram. Eu vi isso no meu trabalho. Imagino que Sarah não tenha ficado muito satisfeita.

— Ela agiu como se sua mãe pensasse mais em mim do que em sua própria filha. Veja bem, Irene não foi ver Sarah quando ela passou mal no parto. Também não sei por que, mas agora é como se eu tivesse mentido, e juro que não — exclamou Maisie.

— Sarah devia estar exausta e não estava pensando direito. Talvez quando ela tiver uma boa-noite de sono veja as coisas de forma diferente. Por que não vai até a maternidade amanhã e vê se consegue fazer as pazes com ela? Vocês duas são melhores amigas, ela certamente se lembrará disso, com o tempo.

— Espero que sim. Farei isso depois de ir a Woolworths e ver Betty. Nunca se sabe, ela pode ir comigo. Podem ser um pouco desdenhosos sobre quem os visita, mas ninguém vai discutir com Betty.

David deu-lhe um beijo gentil.

— Estou feliz que tudo esteja resolvido. Agora, vamos comer alguma coisa?

Maisie passou os braços em volta de David e o puxou para perto.

— Daqui a pouco, hein?



— Olá! Betty está no escritório? — Maisie cumprimentou Freda com um beijo no rosto ao encontrá-la na escada que levava aos aposentos dos funcionários da loja Woolworths.

— Está, mas não está sozinha. O substituto dela está lá com ela — respondeu Freda, franzindo o rosto em desgosto.

— A mulher não é sua preferida, então? Isso vai causar alguns problemas enquanto Betty estiver de licença, se você não gostar dela — Maisie sorriu. — Espero que ela esteja bem comigo voltando — acrescentou.

Freda gritou de alegria.

— Está voltando ao trabalho? Isso vai ser ótimo. Eu senti tanto a sua falta e da Sarah. Vai ser quase como se a velha gangue estivesse reunida - exceto pelo fato de que Betty vai embora e Sarah estará ocupada com seu bebê. Vamos lá, o que vai acontecer com sua família se você estiver aqui?

Maisie encolheu os ombros.

— David disse que resolveria tudo, então não vamos nos preocupar. Falo com você mais tarde. Espero ver Sarah esta tarde e pensei que Betty poderia escapar e vir comigo.

— Boa sorte com isso. O novo gerente parece já ter Betty na ponta dos pés - e é um homem. É melhor eu correr. Tenho alguns novos assistentes nos balcões e eles precisam que eu fique de olho até que se acomodem um pouco mais. Eu te pego mais tarde para todas as novidades. Dê um grande

abraço em Sarah por mim — acrescentou antes de descer correndo as escadas.

Maisie continuou subindo as escadas até o longo corredor com suas inúmeras portas que davam para os depósitos, a cantina dos funcionários e o escritório do gerente. A porta do escritório estava entreaberta e quando ela se aproximou ouviu vozes baixas. Sem pensar muito, ela bateu na porta e entrou direto, como sempre fazia.

— Com licença, espere lá fora até ser chamada — disse-lhe um homem de rosto magro com uma voz aborrecida enquanto olhava para cima de onde estava sentado atrás da mesa de Betty.

— Desculpe, eu esperava ver a gerente aqui — disse Maisie, antipatizando instantaneamente com o homem.

— Estou aqui — disse Betty atrás da porta. — É você, Maisie?

Maisie fechou a porta e viu Betty de pé em uma pequena escada, estendendo a mão para onde ela guardava uma velha papelada em uma prateleira.

— O que diabos está fazendo aí em cima? — ela perguntou enquanto agarrava o braço de Betty e a ajudava a descer. — Não deveria estar subindo escadas em sua condição. Nenhum cavalheiro permitiria tal coisa — ela olhou para o homem.

— E você seria? — Perguntou ele, dando-lhe um olhar frio.

— Esta é a Sra. Maisie Carlisle. Maisie foi uma das minhas melhores supervisoras antes de partir para ter seus gêmeos. Como eles estão, Maisie, e quais notícias de Sarah desde ontem? — Betty disse, ajeitando o casaco e dando um sorriso tenso para a amiga.

— As crianças estão todas bem. Na verdade, vim falar com você sobre...

— Podem, por favor, parar com todo esse bate-papo social e me deixar continuar com meu trabalho, senhoras? — o homem zombou. — Sra. Billington, temos trabalho a fazer.

Betty deu uma olhada no relógio na parede e pegou sua bolsa.

— Está na hora do meu almoço, Sr. Porter. Estarei de volta pontualmente às duas horas. Boa tarde — ela pegou o braço de Maisie e saíram da sala em um ritmo acelerado.

No meio da escada, elas esperaram enquanto Betty recuperava o fôlego.

— Você está bem, Betty? O que foi aquilo?

— Estou bem — riu Betty, segurando o lado do corpo ao fazê-lo. — Ouch - senti uma pontada. Essas coisas estranhas parecem estar acontecendo com meu corpo no momento. Eu não tinha ideia.

— Haverá mais delícias, acredite em mim — disse Maisie, afastando-se quando uma jovem balconista subiu correndo as escadas.

— Ah, Sra. Billington. Alguém passou mal e não consigo encontrar a faxineira — ela arfou.

— Jenny, vou almoçar. O Sr. Porter irá ajudá-la. Ele está no meu escritório.

A garota quase fez uma reverência para Betty antes de sair correndo.

— Vamos, vamos sair daqui antes que aquele homem intolerável nos pegue e me peça para empunhar um esfregão e um balde.

Maisie pegou Betty pelo braço e elas desceram as escadas, atravessaram a loja e saíram para a tarde fria.

— Agora você vai me dizer o que diabos está acontecendo? — ela perguntou, enquanto atravessavam a rua para a loja de departamentos Hedley Mitchell e esperavam na fila para uma mesa no salão de chá.

— Aquele, minha querida Maisie, é meu substituto. Parece que meus serviços não serão mais solicitados por F. W. Woolworths assim que eu for

mãe.

Maisie congelou no local.

— Ora, eles não podem fazer isso com você, podem? Eles estariam perdidos sem você nos últimos seis anos — disse ela, indignada, antes de acrescentar —, e pensar que vim lhe perguntar se gostaria de uma trabalhadora de meio período.

— Gostaria de voltar a trabalhar? — Betty perguntou enquanto eram conduzidas a uma mesa. — O que David tem a dizer sobre isso?

— Ele apoia minha decisão — respondeu Maisie enquanto Betty levantava uma sobrancelha interrogativa. — Betty, é tão errado da minha parte querer fazer algo fora de casa? Eu amo muito as crianças, mas me sinto tão insatisfeita. Só para poder fazer algo por mim mesma, em vez de pelo lar e pela família, é tudo o que peço.

— Mas os gêmeos têm apenas três meses de idade. Realmente quer deixá-los?

— Você aceitaria? — perguntou Maisie, antes de fazer o pedido a uma garçonete que estava por perto com um bloco e um lápis na mão.

— Eu imaginei ter meu bebê e voltar a trabalhar na loja Erith em algum momento. Não esperava que a matriz me dissesse que meu cargo terminaria e, se desejasse trabalhar para a empresa, seria encontrando um cargo para mim em uma das lojas como supervisora de equipe, exatamente como era antes da guerra iniciada.

— Parece tão injusto, depois de tudo o que fez pela empresa — suspirou Maisie.

— Eles ainda não se livraram de mim. Não pretendo sair por alguns meses, então, se você quiser voltar ao trabalho, eu a receberei de braços abertos. Eu ainda sou a gerente até sair pela porta da frente da loja pela última vez, não importa o que aquela doninha saltitante pense — Betty

sorriu, tentando não deixar sua amiga ver seu queixo balançar enquanto ela lutava com o desejo de explodir em lágrimas.

— Talvez, devesse ver como se sente. Afinal, você não é... — Maisie congelou, pois o que ela queria dizer poderia ofender Betty.

— Quer dizer que não sou uma jovem? Acredite em mim, eu sei disso, então, por favor, não pense que disse algo fora do lugar — respondeu ela, vendo que o rosto de Maisie estava vermelho. — Pretendo trabalhar o máximo que puder antes de tirar uma licença. Agora, diga-me por que está tão ansiosa para voltar para Woolworths quando você tem essas crianças encantadoras para cuidar. Espero que não haja problemas em casa?

— Caramba, não — disse Maisie rapidamente. — Sou eu. Estou me sentindo inquieta, como se eu devesse estar fazendo algo com minha vida em vez de ser uma dona de casa. David me vê, tudo bem, mas eu quero... para ser honesta, eu realmente não sei o que eu quero. Ele sugeriu que eu voltasse a trabalhar algumas horas por semana para ver como me sentiria. Cá entre nós, acho que ele espera que eu ache demais para lidar com isso — ela sorriu.

— Eu posso ver por que ele pensaria tal coisa, já que meus próprios pensamentos são para as crianças. Quem cuidaria deles, Ruby?

— Meu Deus, eu não esperaria que Ruby enfrentasse meus filhos. Ficamos conversando parte da noite e David diz que tem uma ideia e que devo deixar com ele. Eu confio nele — acrescentou Maisie. — Agora, a outra razão pela qual eu queria vê-la, era para perguntar se você poderia reservar meia hora para ir ver Sarah. Eu sei que não deveríamos visitá-la, mas pensei que com Alan estando longe e ela passando um pouco mal, eles poderiam nos deixar entrar por um tempo. O que você acha?

— Essa é uma ideia muito boa. Não sei quanto a você, mas esse sanduíche não me parece muito atraente. Eu não posso comer outro pedaço.

Por que não vamos agora?

— E o sujeito do seu escritório?

— Aquele homem deixou perfeitamente claro que é superior a mim, então ele pode assumir o comando por um tempo. Vou deixar uma mensagem – Betty deu uma risadinha.

— Eu não posso acreditar que está se rebelando, mas é muito divertido. Vamos, tem um ônibus em cinco minutos. Se nos apressarmos, vamos pegá-lo.

Betty pegou sua bolsa no chão e seguiu Maisie para fora do movimentado salão de chá. Quando ela pensou na mulher que havia empregado em 1938, imaginando na época se essa pessoa impetuosa e sábia se encaixaria em sua equipe, parecia surpreendente que agora elas se dessem tão bem juntas. Talvez não fossem tão diferentes afinal, com suas esperanças e sonhos.



David parou o grande carrinho Silver Cross e verificou os bebês, que dormiam profundamente lá dentro, antes de subir o caminho curto até a casa de Vera e bater na porta da frente. Ele sabia que a amiga de Ruby estava em casa, pois tinha visto as cortinas se mexerem enquanto ele verificava seus filhos. A porta se abriu em segundos.

— Desculpe incomodá-la, Sra. Munro. Eu me perguntei se a sua Sadie estava em casa — David Carlisle disse educadamente, enquanto Vera espiava por trás da porta da frente entreaberta.

— Ela está. Entre, David. A que devemos a honra desta visita?

David a seguiu até a sala de estar, onde Sadie estava sentada enfiando uma colher de legumes espremidos na boca de uma criança de rosto rechonchudo. Pela quantidade espalhada no rosto de Arthur, parecia que ela tinha uma briga nas mãos.

— Olá, Sadie, gostaria de saber se você poderia nos fazer um favor?

— Sente-se, David — disse Vera, tirando o tricô de uma poltrona. — Agora, o que é tudo isso? Já cansou da sua Maisie e veio cortejar a nossa Sadie, não é? — ela riu enquanto levantava as sobrancelhas para a neta.

David juntou-se ao riso dela, embora se sentisse bastante desconfortável.

— Nada disso, Sra. Munro. Maisie e eu estamos muito felizes. Eu - isto é, nós - imaginamos se Sadie poderia trabalhar algumas horas por semana? Estamos procurando alguém para cuidar das crianças enquanto Maisie volta a trabalhar.

Vera franziu o rosto e olhou fixamente para o belo oficial da RAF.

— E por que sua esposa iria querer voltar ao trabalho apenas algumas semanas depois de dar à luz dois bebês, e com outros três sob seu teto? Alguma coisa não está certa... não está nada bem.

David se sentiu confuso.

— Eu sinto muito; simplesmente vim aqui para oferecer à sua neta algumas horas de trabalho, pois senti que ela seria perfeita para ele. Posso assegurar-lhe, Sra. Munro, que não há absolutamente nada de errado.

Vera cruzou os braços sobre o peito e fez uma careta para David.

— Não entre em minha casa pedindo minha ajuda e depois discutindo comigo. Posso dizer que há algo errado com seu casamento, e você está aqui para envolver minha Sadie. Qual é o seu jogo, David Carlisle?

David se sentiu confuso. Por que Vera sempre via o lado ruim de alguma coisa, mesmo quando não havia? Quanto a usar seu nome completo, isso o fazia se sentir como um colegial em apuros com sua mãe, que ainda o fazia se sentir com dez anos de idade quando queria fazer uma observação. Mesmo Maisie nunca recorreu a tais táticas, inclinando-se para uma linguagem mais floreada.

— Talvez seja melhor eu ir — disse ele, levantando-se e dando a Sadie um sorriso de desculpas. Por mais que tentasse, não conseguira trocar mais do que algumas palavras com a jovem.

— Vou acompanhá-lo até a porta — disse Vera, — e agradecerá se não voltasse a trazer seus problemas para minha casa.

David ficou sem fala quando a porta foi fechada atrás dele. Verificando se as crianças ainda estavam dormindo profundamente, ele pisou no freio e desceu a estrada para a casa de Ruby, onde encontrou Bob limpando as janelas.

— Olá, David — vejo que está encarregado das crianças hoje — disse ele, descendo de sua escada e jogando um pano em um balde de água. — Gostaria de uma bebida?

— Eu aceitaria algo forte se quer saber. Acabo de ter um desentendimento com Vera.

Bob riu enquanto ajudava David a manobrar o carrinho no corredor estreito do número treze da Alexandra Road.

— Essa é uma mulher que eu não entendo nem desejo lutar com espadas. O que você fez para perturbá-la?

— Eu gostaria de saber. Só entrei para perguntar a Sadie se ela gostaria de ganhar algum dinheiro cuidando das crianças, e quando dei por mim estava sendo acusado de abandoná-los e fracassar em meu casamento.

— Já terminou aquelas janelas? — perguntou Ruby da cozinha.

— Tão perto quanto isso. Temos uma visita que precisa ser ressuscitada com uma bebida forte — Bob gritou de volta enquanto ajudava David a soltar a bebê Ruby de uma das pontas do grande carrinho de bebê onde ela estivera em cima e atrás dos gêmeos. — Esta não vai caber aí por muito mais tempo — disse enquanto pegava a criança ainda sonolenta e lhe dava

um grande beijo na bochecha. — Venha, vamos ver se o sua homônima tem um biscoito na lata para você, certo?

David verificou os gêmeos antes de seguir Bob até a sala de estar, onde sua filha já estava sentada em um tapete de trapos em frente a uma lareira a carvão com Bob no chão diante dela.

— Eu vou cuidar dela se você precisar conversar com Ruby — disse com uma piscadela.

— Então tire o casaco dela, ou ela não sentirá o benefício quando sair no frio — disse Ruby ao entrar com uma bandeja. — Aqui, abra um pouco de espaço na mesa, David, amor. Bob está separando seus pacotes de sementes e fez uma grande bagunça. Eles vão para a lata de lixo se ele não os colocar de volta em seu galpão logo.

David empurrou as pilhas de pacotes para o lado junto com um caderno surrado e a ponta de um lápis.

— Planejando o jardim, Bob? — perguntou enquanto Bob olhava para cima de onde estava brincando de esconde-esconde com Ruby Junior.

— É para a horta. Achei que, se tivesse cuidado, poderia colocar algumas fileiras de flores entre os vegetais. Para o nosso casamento — acrescentou, caso David não tivesse entendido. — Tenho mais algumas anotações no depósito, se quiser vir dar uma olhada. Eu poderia ter ajuda se você tiver tempo. Eu perguntaria ao nosso Mike, mas ele está bastante ocupado ultimamente, agora que tem mulher e filho.

— Você não acha que David também está com as mãos ocupadas, seu velho tolo? — Ruby brincou enquanto colocava um prato de biscoitos ao lado do bule. — Há cinco crianças em sua casa, e ele tem um trabalho importante fazendo o que quer que seja em Londres para a RAF.

— Não me importo de lhe dar uma mão. Afinal, seu Mike é recém-casado. Maisie e eu já estamos juntos há algum tempo, e de vez em quando

me soltam da coleira; é quando não estou fazendo meu importante trabalho em Londres – David disse com um sorriso. — Não vai demorar muito para eu ter mais tempo disponível.

Ruby passou o chá para Bob e ficou pensativa.

— Isso significa que você vai deixar a RAF?

— Eu tenho discutido isso com os poderes constituídos. Do jeito que as coisas estão indo, a guerra não vai durar para sempre, e eu decidi não ficar depois disso.

— Mas você tem um trabalho importante — disse Ruby, parecendo preocupada.

— Assim que a guerra acabar, quero seguir em frente, ter um emprego em que estarei em casa em horários regulares e estarei com Maisie e a família.

— Sabe melhor, rapaz. O que está pensando em fazer? O nosso Mike disse que estão sempre à procura de polícias decentes. Manteve-me no emprego durante a maior parte da minha vida profissional.

— Se eu fosse mais jovem, pularia em algo assim, Bob. Mas gostaria de ter meu próprio negócio. Algo como o de Douglas Billington.

Ruby pareceu surpresa.

— O que, quer dizer que seria um agente funerário?

— Não. Um agente funerário é suficiente em qualquer círculo de amigos; o que quer que eu faça, seria mais gerenciamento.

— O que Maisie diz sobre tudo isso? — Bob perguntou enquanto pegava os pedaços de biscoito que a jovem Ruby havia deixado cair no tapete. — Devemos tirar isso para dar a Nelson? — ele perguntou à criança enquanto a ajudava a se levantar e a carregava até a porta da cozinha.

— Ainda não discuti isso, então ficaria grato se você não dissesse nada — gritou David atrás dele.

— Não precisa se preocupar comigo mencionando o que foi dito. Não sou intrometida como Vera Munro. Quanto a Bob, vou lembrá-lo de não dizer nada — Ruby sorriu, enquanto observavam Nelson pegar delicadamente os pedaços de biscoito da mão da criança. — Ela é uma boa criança. Essa é a primeira comida que vejo o velho comer em alguns dias — acrescentou ela, com um tom preocupado na voz.

— Agora, o que você disse sobre ter um desentendimento com Vera? — Bob gritou da porta, enquanto persuadia a jovem Ruby a não se agarrar ao cachorro.

David explicou ao casal como havia abordado a neta de Vera para considerar um emprego remunerado de meio período para cuidar de seus filhos, para que Maisie pudesse voltar a trabalhar na Woolworths.

— Parece que saí com pulga na orelha e Vera assumindo que eu tinha um problema com meu casamento. Não faço ideia do porquê — ele observou.

— Ela é estranha, sem dúvida — Bob murmurou.

— Ela se irrita com nada. Não vá se preocupar. Vou ter uma conversa tranquila com ela e colocá-la em ordem. Você gostaria que eu ajudasse? Não quero ser paga, veja bem, Maisie é como uma das minhas e não aceito dinheiro da minha família.

— Não quero tomar muito do seu tempo, Ruby, mas estaria nos fazendo um grande favor. E se você fizesse parte do tempo, e se eu conseguir a ajuda de Sadie, ela pode levar o resto da carga.

— Deixe comigo que vou ver como fica quando conversar com a Vera. Eu sei que a garota precisa do dinheiro. Ela nunca conseguiu seu emprego em Londres e não está muito feliz trabalhando na cooperativa. Agora, devo preparar as mamadeiras para os gêmeos? Eles irão acordar em breve. Não há tempo como o presente para começar a trabalhar. Por que não leva a

jovem Ruby para o jardim dos fundos? Bob pode lhe mostrar os planos que tem para as flores que deseja cultivar na horta.

Bob tinha acabado de abrir a porta do galpão quando os dois homens sentiram o chão tremer sob seus pés. A jovem Ruby gritou de medo e começou a chorar nos braços do pai.

— Que diabos... — Bob disse enquanto tentava acalmar Nelson, que começou a uivar.

— Parece que um foguete caiu depois da Avenue Road — disse David enquanto protegia os olhos do sol de inverno. — Sim, veja, há uma nuvem de fumaça do outro lado da cidade.

A moldura de madeira de uma janela de guilhotina raspou e Ruby gritou de uma janela do andar de cima, ainda segurando as fraldas que tinha ido buscar no armário arejado.

— Fica perto de Hainaut, onde está nossa Sarah!

David sentiu o sangue latejar em sua cabeça ao se lembrar de que Maisie fora visitar a amiga e poderia estar em perigo também.



MAISIE ESPEROU que Betty recuperasse o fôlego enquanto caminhavam pela alameda ladeada de árvores em direção à maternidade.

— Você acha que eles vão nos deixar ver Sarah? Eles só permitiram que David entrasse em contato comigo, quando eu tive os gêmeos.

— Espero que sim. Pretendo fazer o possível para garantir que entremos. Talvez eu possa cair em sua misericórdia como alguém que terá seu filho lá, dentro de alguns meses. Olha, tem um muro baixo. Podemos nos sentar e descansar por alguns minutos? Quem diria que carregar um bebê poderia ser tão cansativo?

Maisie levou Betty até a parede que contornava uma grande casa vitoriana e as duas se sentaram, deixando escapar um suspiro. Embora ainda fosse fevereiro, o dia estava ameno e as duas mulheres usavam pesados casacos de lã.

— Tire o casaco um pouco; vai te ajudar a se acalmar — disse ela. — Vou carregá-lo para você.

Betty tirou o casaco e agradeceu a Maisie enquanto ela dobrava cuidadosamente a roupa e a entregava.

— Esta é uma estrada deliciosa. Você não morou por aqui em algum lugar?

— Recuamos um pouco a avenida, mas só alugamos quartos. Você precisaria ser pobre de rico para ter uma casa como esta — disse Maisie, indicando a propriedade diante da qual estavam sentadas.

— Não sei. Existem algumas casas geminadas ao longo da estrada. Farei questão de pesquisar os preços. Seria muito útil para o trabalho.

— Mas não vai trabalhar na Woolworths daqui a alguns meses, e...

As palavras de Maisie foram interrompidas por um som sibilante alto e, em seguida, uma explosão que fez as duas mulheres se aproximarem com medo quando quase foram derrubadas da parede.

— Fique aí — gritou Maisie para Betty enquanto o barulho ainda soava em seus ouvidos. — Vou ver se posso ajudar. — Ela atravessou a rua correndo e dobrou a esquina em direção ao Hospital Erith Cottage e à maternidade que ficava ali perto.

— Fique longe, querida! — um homem gritou enquanto corria de sua casa. — Não sabe o que aconteceu lá!

— Sei que tenho uma amiga na maternidade e quero ter certeza de que ela está bem! — gritou Maisie de volta, sem diminuir o passo. — Por favor, que ninguém tenha se machucado — rezou em voz alta ao chegar ao lado do hospital e correr para os fundos do prédio como um atalho para onde ela lembrava que ficavam as enfermarias e berçários do Hainault.

A área do jardim estava uma bagunça completa, coberta de vidro, fragmentos de madeira queimada e alvenaria de uma parede dos fundos. Com um olhar rápido, ela pôde ver o berçário, onde a parede estava completamente ausente. Em meio aos escombros, ela ouviu um barulhinho como o miado de um gatinho vindo de baixo das grades de metal de um berço quebrado. Chamas lambiam a borda da cama. Sem pensar, Maisie se jogou para frente, puxando os destroços de onde ouviu o barulho. Um grito mais alto a fez levantar o berço quebrado e embaixo, protegido por um lençol e cobertor, ela encontrou um menino coberto de poeira e berrando a plenos pulmões.

— Olá, meu jovem, o que você tem feito? — perguntou enquanto o pegava e o abraçava, proferindo palavras reconfortantes até que as lágrimas diminuíssem. Ela puxou para trás o punho de um casaco matinê de tricô

azul para ler a etiqueta em seu pequeno pulso. — Esta é uma maneira estranha de conhecê-lo, Sr. Gilbert, mas eu sou sua tia Maisie. Bem-vindo ao mundo — disse ela, dando um beijo carinhoso na bochecha do filho recém-nascido de Sarah, enquanto outros bebês no berçário começaram a chorar em protesto contra a perturbação. — Você é um amiguinho sortudo, sem dúvida.



Betty e Maisie sentaram-se ao lado da cama de Sarah em uma ala lateral enquanto a equipe limpava a bagunça. Enfermeiras aliviadas forneceram chá para o trio e, depois de certificar-se de que Sarah estava bem acomodada, deixaram-nas conversando e superando o susto. O bebê havia passado por um exame minucioso e nada sofreu com sua aventura. Logo chegou a notícia de que ninguém havia se ferido no ataque com foguetes, então os ânimos estavam altos, com a equipe de enfermagem e as mães vindo visitar o pequeno milagre.

— Ele estava no berçário nos fundos do prédio e perto da janela, então acabou sendo jogado no jardim. Não ousa nem pensar no que poderia ter acontecido — Sarah disse com a voz trêmula. — Graças a Deus você o encontrou tão rápido — acrescentou ela, lançando um olhar agradecido a Maisie.

— Ele está bem, um bom brigão. Acho que ele vai descer ao clube de boxe assim que puder andar e arrancar nove sinos dos garotos grandes e arrebentar seus narizes em seus rostos. Não sei se você já o nomeou, mas vou chamá-lo de Buster.

Betty se encolheu. Mais uma vez Maisie a surpreendeu com sua linguagem, mas ela teve que sorrir com a escolha do nome.

— Ele tem um nome - um nome próprio, quero dizer? — ela perguntou enquanto Sarah passava o bebê para ela acariciar.

— Tínhamos decidido por Alan se fosse menino, já que era o nome do avô do meu Alan e é de família, e Irene se fosse menina... em homenagem à mamãe.

As mulheres ficaram em silêncio, pensando em como Sarah havia se desentendido com Maisie.

— Olha, Sarah. Eu estava a caminho antes para dizer a você que não queria que discutíssemos. Me desculpe pelo que eu disse sobre sua mãe aparecer assim quando eu estava em trabalho de parto com as crianças. A última coisa que eu queria era chateá-la. Eu poderia me chutar por dizer qualquer coisa. Eu deveria ter me mantido calada. Sem dúvida, imaginei tudo.

Betty prendeu a respiração enquanto observava as duas garotas. A amizade delas equilibrada no fio da navalha.

Sarah olhou Maisie diretamente nos olhos.

— Eu não era eu mesma quando te aborreci daquele jeito — ela disse.

— Você tinha todo o direito de falar como falou — interrompeu Maisie.

— Não. Veja, eu acredito que mamãe veio até você depois que ela morreu. Podia ser uma esnobe às vezes e me irritava com o que dizia sobre as pessoas, mas tinha boas intenções, e todos nós a amávamos... e sentimos falta dela — Sarah acrescentou com um tremor em sua voz. —, mas acredito que ela queria que você cuidasse de mim, e você cuidou. Se não estivesse lá para resgatar...

— Buster? — Maisie a alertou.

Sarah sorriu.

— Se você não estivesse lá para resgatar Buster, ele poderia ter morrido, então temos que agradecer a mamãe por isso.

Maisie ergueu a xícara de chá.

— A Irene e Buster!

Betty juntou-se a elas, embora tivesse uma expressão preocupada.

— Você vai batizá-lo de Alan, não é?

— Com licença, senhoras — disse uma enfermeira, depois de bater educadamente na porta. — Há um cavalheiro lá fora querendo falar com sua esposa — Os olhos de Sarah brilharam até que a enfermeira continuou — É o Sr. Carlisle.

Maisie levantou-se de um salto.

— É David — ele deve estar preocupado com a explosão. Acho melhor irmos embora e deixá-la ficar em paz e sossegada — disse ela, dando um beijo rápido na bochecha de Sarah. — Obrigada — ela sussurrou para a amiga antes de sair correndo da sala.

Betty seguiu mais devagar, mas ainda parou para beijar Sarah e se curvar e acariciar a bochecha do bebê.

— Buster... — murmurou para si mesma em um tom confuso antes de sair do quarto.



— Estou satisfeito em ver que nos agradeceu com sua companhia, Sra. Billington — disse Cecil Porter enquanto verificava seu relógio de pulso. — Está quase na hora dos intervalos da tarde da equipe, e ainda tenho que revisar as planilhas de estoque com a senhora.

Se antes Betty se sentia cansada, agora ela estava prestes a cair. No entanto, a arrogância do homem a incomodava. Ela ainda não havia deixado o emprego de F. W. Woolworth e ainda era responsável por esta loja.

— Se não se importa, Sr. Porter, gostaria de me sentar à minha mesa. O senhor pode ficar com o assento do visitante ali — ela apontou para o canto da sala onde ele havia colocado o casaco e a pasta. — Como gerente desta loja, que sou até o dia de minha partida, vou decidir o que terá que aprender sobre ser gerente. Está claro?

Cecil Porter deu-lhe um olhar frio, mas não discutiu. Betty continuou:

— Recebi uma carta da sede onde eles me instruíram que o senhor será meu substituto. No entanto, eles incluíram uma cópia do seu curriculum vitae, que infelizmente acho que está incompleto. O senhor teve pouca experiência de trabalho em qualquer filial da Woolworths, o que eu acho um tanto preocupante. Portanto, elaborarei um cronograma de treinamento para que minha loja seja entregue a alguém capaz de manter o alto padrão que os clientes esperam ao fazer compras em Erith. Fui clara?

— Treinei na matriz no departamento de pessoal — disse Cecil com altivez.

— É como eu pensei; ainda não tem habilidade para ser um gerente.

Cecil franziu a testa.

— Meu tio tem uma posição importante na empresa. Ele me recomendou para esta loja.

Betty deu a ele um sorriso encantador.

— Acabou de confirmar que ainda não possui as habilidades. Farei tudo o que puder para ajudar, antes de partir.

Cecil acenou com a cabeça e desocupou seu assento.

— Agora, antes de ficar à vontade, sugiro que vá até a cantina dos funcionários e faça chá para nós dois. Eu apreciaria algo para comer também, então, por favor, veja o que está disponível. Apresse-se agora.

Depois que Cecil saiu da sala, Betty pegou o pesado telefone de baquelite, discou o número da empresa do marido e esperou que ele atendesse. Enquanto fazia isso, ela abriu um caderno e escreveu o título ‘Cronograma de treinamento de Cecil Porter’. Adoraria educar este homem da maneira que ela gostava de administrar sua loja.

— Douglas? Olá, meu amor. Gostaria de saber se poderia me buscar no trabalho. Vou terminar a tempo pela primeira vez. Estou me sentindo bem -

não precisa se preocupar. Tenho muito a discutir com você, e seria bom sentarmos juntos para uma refeição primeiro — ela ouviu o marido falar e depois se despediu. Seria bom ter uma noite aconchegante em casa com Douglas, ela pensou enquanto tirava os sapatos e começava a compilar o cronograma de treinamento. Ela havia escrito apenas algumas palavras quando Freda entrou no escritório.

— Sinto muito, Betty. Ouvi dizer que você foi ver Sarah e me perguntei como ela estava. Já fui duas vezes ao Hainault e não me deixaram vê-la.

Betty deu a ela um sorriso simpático.

— Acho as regras de visita tão arcaicas — disse ela. — Mas serão apenas mais dez dias antes de Sarah voltar para casa, e então poderemos vê-la e ao jovem Buster o quanto quisermos.

Freda parecia assustada.

— Buster?

Betty sorriu para o rosto chocado de Freda.

— Maisie teve uma participação nisso. Na verdade, nossa Maisie foi extremamente corajosa hoje. Puxe essa cadeira, e eu vou te contar tudo sobre isso. Pode colocar a pasta e o casaco no chão.

Quando Cecil Porter entrou na sala carregando uma bandeja de chá, foi para ver a gerente da loja rindo com uma das funcionárias mais jovens.

— Eu tenho nosso chá, Sra. Billington — disse ele, olhando diretamente através de Freda como se ela não existisse e colocando a bandeja na mesa.

— Obrigada, Sr. Porter. Pode fazer sua pausa agora. O trarei de volta aqui em quinze minutos. Nem um minuto atrasado, veja bem — acrescentou ela. — Agora, Freda, sirva-se, que eu explico sobre o fantasma de Irene.

Cecil olhou para a gerente quando saiu do escritório. Com sorte, a Sra. Billington deixaria esta loja mais cedo ou mais tarde.



Freda deu um sorriso tímido para Sandy enquanto abria o guarda-chuva.

— É tão bom que espere por mim. Muitas das mães dos Brownies queriam falar comigo hoje.

— Deveria ser mais firme com elas. Tem direito ao seu próprio tempo — disse ele, estendendo a mão e pegando a dela. — Agora, está pronta?

— Estou ansiosa para ir, mas para onde está me levando? — ela perguntou enquanto se afastavam da Igreja Batista de Queen Street em direção à estação. Sandy havia deixado um bilhete para ela no Corpo de Bombeiros dizendo que a levaria em uma viagem surpresa.

— Apenas siga-me e tudo será revelado — disse ele.

— Puxa, espero que não seja chique, com o jeito que estou vestida. Vou parecer uma idiota com um uniforme Tawny Owl — Freda estava usando seu uniforme de saia de sarja azul-marinho e camisa azul. Em sua bolsa, sob o chapéu de feltro oficial amassado, estavam a gravata e o cinto de couro marrom com fivela de latão das Guias. Ela usava seu melhor cardigã azul marinho tricotado à mão sob seu elegante casaco verde e esperava que isso fosse o suficiente para que os espectadores casuais presumissem que não havia acabado de sair de uma reunião do Brownie. Ela pode ter sido tola ao forçar o chapéu em sua bolsa, pois seria necessário um bom vapor na chaleira para colocá-lo de volta em sua forma.

— Não seja tola — disse ele, pegando-a pelo cotovelo para guiá-la pela estrada até a estação de trem. — Você parece bem, muito bem — acrescentou com seu suave sotaque escocês.

Freda sentiu uma onda quente de felicidade fluir através dela, apesar da chuva persistente e de ter que se apressar para pegar o trem que já estava esperando na plataforma.

— Ufa, não achei que conseguíssemos — disse ela, desabando no banco antes de fechar o guarda-chuva.

— Aqui, deixe-me pegar seu casaco ou você não sentirá falta quando chegarmos a Londres.

Freda sorriu. Ela estava acostumada com Ruby dizendo essas coisas, mas tirou o casaco e dobrou-o com cuidado antes de entregá-lo a Sandy para colocá-lo no cabideiro acima de suas cabeças, depois sentou-se do lado oposto. O vagão estava vazio quando saiu da estação na linha ascendente para Charing Cross.

Sandy notou seu sorriso.

— Presumo que sua mãe diga o mesmo. A Minha diz essas coisas com tanta frequência que temo que elas escapem quando menos espero.

Se ao menos minha mãe tivesse se importado tanto comigo e com Lenny, Freda pensou consigo mesma.

— Não, é a minha senhoria, Ruby, quem diz essas coisas. Minha mãe faleceu no ano passado, mas não éramos muito próximas — acrescentou, desculpando-se.

— Sinto muito pela sua perda. Acho que meus pais são um grande apoio em minha vida, embora vivamos distantes.

— Você deve ser uma grande bênção para eles — disse Freda, sem saber como responder a esse jovem político. — Eu me perguntei se havia uma razão para você não ter voltado a morar com eles depois... depois...

— Depois que fui ferido em Dunquerque? — Ele terminou por ela, sabendo que era de conhecimento comum no Corpo de Bombeiros.

— Sim, desculpe. Não sabia se você queria ser lembrado — disse ela, desejando não ter começado a conversa.

Sandy levantou a mão para descartar sua preocupação.

— O que está feito está feito. Meu desejo era voltar ao meu regimento, mas de que adianta um homem que não pode defender seu país, com uma perna que se recusa a dobrar corretamente? Foi sugerido que eu deveria continuar com o aprendizado de engenharia que comecei antes de entrar. Vickers me ofereceu um emprego, e a igreja batista providenciou hospedagem, então aqui estou — disse ele, dando-lhe um sorriso encantador. — Nós dois somos forasteiros que foram recebidos de braços abertos pelo bom povo de Erith.

— Eu me considero muito afortunada. Sei que não devo perguntar, com paredes tendo ouvidos e tudo mais, mas por acaso você trabalha com George Caselton?

Sandy lançou um olhar dramático para a esquerda e para a direita no compartimento vazio antes de sussurrar alto.

— Ele é um homem muito importante que chefia nossa divisão. Duvido que ele saiba que eu existo. Por que pergunta? Você é uma espiã trabalhando para Hitler disfarçada de Coruja Tawny?

Freda deu uma risadinha. Ela não conseguia imaginar George sendo considerado um homem muito importante quando o vira no chão de chinelos brincando com a neta e batendo em todos no jogo de futebol de botão, tiddlywinks, no fim de semana.

— Tenho certeza de que uma espiã teria uma vida muito mais glamorosa. George é filho da minha senhoria e pai da minha melhor amiga, Sarah. Ele tem sido como um pai para mim desde que vim de Birmingham.

Sandy ficou em silêncio por um momento.

— Eu entendo que ele perdeu sua esposa recentemente.

— Sim, Irene morreu em novembro quando um V2 atingiu algum lugar que ela estava visitando. Foi extremamente triste — mesmo estando sozinhos, Freda não sentiu que deveria mencionar como a filial da

Woolworths em New Cross havia sido dizimada e muitas vidas perdidas. Ela também não tinha certeza se deveria revelar muito sobre a vida de George, se ele era um homem tão importante em seu trabalho. Já se sentia como se tivesse falado demais. Ora, ela conhecia Sandy há pouco tempo, e aqui estava ela conversando abertamente.

— Tem sorte de ter boas pessoas com quem conviver — disse ele. — Minha senhoria gosta muito de repolho, e o cheiro tende a permanecer na casa a maior parte do tempo. Mas ela é uma boa mulher, temente a Deus, então não posso pedir mais.

Freda achava que tinha sorte de morar onde morava, já que a senhoria de Sandy não parecia muito atraente.

— Poderia ser pior — disse ela.

O trem parou em Woolwich e a porta se abriu quando duas mulheres carregadas de compras subiram no vagão. Sandy as ajudou com as sacolas e se sentou ao lado de Freda. Eles ficaram sentados em silêncio por um tempo, com Freda muito consciente de Sandy estar tão perto.

— Ainda não disse para onde estamos indo. Estou preocupada por não estar vestida apropriadamente — disse ela, notando que Sandy não estava usando o uniforme de líder da Brigada de Meninos, mas um terno de tweed que parecia elegante, embora um pouco gasto. Era como algo que George ou Bob teriam usado.

Ele deu um tapinha no joelho dela e rapidamente retirou a mão quando percebeu que as mulheres do lado oposto observavam cada movimento seu.

— Parece extremamente inteligente e apresentável. Eu não me preocuparia.

No entanto, Freda se preocupou e, ao olhar pela janela manchada de fumaça enquanto o trem corria em direção a Londres, ela temeu que seu traje a decepcionasse. Onde ele poderia levá-la em uma tarde de domingo?

Havia muito poucos cinemas abertos aos domingos, o que era uma pena, pois ela adorava a grandiosidade do teatro e a emoção quando as cortinas se abriam e as luzes diminuía. Talvez seja chá em um hotel? Ela gemeu interiormente ao pensar em como os olhos a seguiriam pela sala enquanto ela caminharia para a mesa reservada em sua saia de sarja monótona e suéter azul-marinho. Nada poderia disfarçar o fato de que ela estava vestindo as roupas de uma líder de um bando de bandeirantes Brownies, embora tivesse removido alguns dos sinais mais óbvios. Era nessas horas que Freda desejava ter se alistado e ser admirada com o uniforme de um dos serviços femininos. Seu uniforme de bombeiro era mais funcional do que elegante.

O trem parou na estação de Charing Cross e Sandy ajudou as duas mulheres a sair do trem antes de pegar o casaco e o guarda-chuva de Freda, certificando-se de que ela estava pronta para a próxima parte do passeio. Saindo da estação à direita, eles desceram a praia, com Freda exclamando sobre os prédios bombardeados e as janelas fechadas com tábuas onde ocorreram os danos causados pelas bombas. Subindo uma rua lateral, eles caminharam por vários minutos antes de pararem em frente a uma imponente igreja. Parecia ter escapado do bombardeio da Luftwaffe, mas sua fachada sinistra e sua torre alta causaram arrepios em Freda quando ela olhou para cima, para a grande cruz no topo do prédio. Certamente eles não estavam indo para a igreja. Ela já tinha comparecido em uma hoje.

— Nós descemos aqui — disse Sandy, indicando uma passagem ao lado do prédio. Puxando com força uma porta robusta, ele a conduziu para dentro. Eles foram recebidos pelo som de um acordeão tocando uma animada música escocesa.

— Espero que goste de dança country escocesa — ele perguntou enquanto entregava algumas moedas para uma mulher sisuda sentada em

uma mesa do lado de dentro.

O ânimo de Freda despencou. Uma tarde chuvosa de domingo dançando reels escoceses em uma igreja abstinência não era bem o que ela esperava. Ela gostaria de ter passado algum tempo sozinha com Sandy para conhecê-lo melhor.



Ruby se afastou do aparador e olhou de soslaio para o novo e brilhante telefone preto de baquelite. Mesmo com um guardanapo de crochê por baixo, ainda a assustava muito.

— Eu não consigo me acostumar com isso estar aí. Parece tão sinistro, como se estivesse prestes a me morder ou algo assim.

Bob riu.

— Não pode ir para outro lugar além do corredor, e você não queria que ficasse lá. Os homens dos Correios lhe explicaram que o telefone tem que ficar perto da frente da casa para que os cabos possam ir até o poste na estrada.

— Pessoas como nós, não precisam de telefone. Não somos do tipo que finge ser algo que não somos. Os vizinhos vão pensar que estamos dando ares e graças, tendo uma coisa dessas em casa.

George sorriu para Bob. Ele ficou surpreso que o aparelho tivesse sido permitido na casa de número treze, já que sua mãe insistira em não ter um sob o teto.

— Mãe, a senhora está me fazendo um grande favor de ter um telefone aqui. Isso significa que, se houver uma emergência, podemos pedir ajuda. Além disso, se eu decidir voltar por cá, poderá anotar as mensagens para mim. Sabe o quanto meu trabalho é importante?

Ruby bufou e cruzou os braços na frente do peito.

— Se você diz, George, mas ainda acho que vamos nos arrepender do dia em que instalamos essa coisa. Ainda vai atrair problemas, marque minhas palavras, mas o que é isso sobre você voltar para Erith? A sua casa em Crayford não é mais perto do seu trabalho?

— É, mas não estou mais tão feliz lá. O lugar guarda muitas lembranças para mim. Prefiro estar em Erith com minha família e ajudar Sarah agora que ela tem dois filhos. Eu uso um carro, então não terei que me preocupar em usar uma bicicleta ou transporte público para o trabalho.

Ruby assentiu com a cabeça.

— Eu posso ver aonde quer chegar, filho, mas não tome nenhuma decisão precipitada. O luto pode ser uma coisa engraçada e velha, e pode perceber que não deveria ter se mudado, afinal.

— Ruby tem razão — disse Bob enquanto se acomodava em uma poltrona perto da lareira. — Embora depois que minha esposa faleceu, eu era totalmente a favor de vender tudo e voltar para cá e ficar com Mike. Aposentadoria à beira-mar não é divertido sozinho e, verdade seja dita, não foi realmente minha ideia me mudar para lá em primeiro lugar. Foi preciso a Luftwaffe para me fazer cair em mim e voltar para casa, e eu não poderia estar mais feliz com o resultado das coisas — disse ele, pegando a mão de Ruby e apertando-a antes que ela se afastasse e lhe puxasse a orelha.

— Seu bobo — ela disse afetuosamente. — Eu me pergunto quando ele vai tocar? — ela acrescentou, dando um olhar severo para o telefone. — Não quero que isso interfira no meu dia.

Uma batida na porta fez George se levantar.

— É Vera — disse Bob. — Eu pude vê-la subindo o caminho.

— Já está funcionando? — perguntou Vera, antes que alguém pudesse cumprimentá-la. Ela tirou o casaco e aproximou-se lentamente do telefone. — Onde colocamos as moedas?

— Sim, está, e não, nós não colocamos — respondeu Bob, tentando não rir enquanto Vera vasculhava a bolsa para contar alguns centavos.

— Você pode ser engraçado às vezes, Bob Jackson. Achei que seria bom da parte de Ruby permitir que nós, sem telefone, o usássemos.

— Ignore-o, Vera. Agora, por que você precisa usar o telefone? É urgente? — perguntou Ruby.

— Pode-se dizer que sim — ela respondeu, dando uma olhada para Bob e George para insinuar que eles não deveriam estar ouvindo.

— Você gostaria de vir ver minhas cebolas, George? Elas estão indo muito bem — disse Bob.

— Acho que gostaria de vê-las. Obrigado, Bob — respondeu George.
— Se nos derem licença, senhoras — ele fez uma reverência cômica e seguiu Bob para fora da sala.

— Eles estão um pouco ansiosos para irem ao jardim. Ainda está garoando lá fora — disse Vera, franzindo a testa, enquanto se sentava na poltrona que Bob acabara de desocupar.

— Pode ter algo a ver com a cerveja marrom que eu o vi contrabandeando para o galpão hoje cedo — disse Ruby. — Agora, diga-me o que a fez correr aqui na chuva?

— É a nossa Sadie. Ela está com um problema e pensei que, com você tendo um telefone, eu poderia resolver isso para ela.

— Por favor, não me diga que ela se meteu em problemas de novo?

— Não, não é nada disso, é o sujeito que gerou o bebê. Eles chegaram a um acordo em que ela não daria o nome dele nem voltaria para onde trabalhavam juntos e, em troca, ele enviaria a ela um vale postal mensal — explicou Vera.

Ruby achava que o homem se livrava de suas responsabilidades com muita facilidade, mas ela sabia que Vera ainda estava impressionada por ele

ser uma espécie de grande nobre em Londres e não o canalha comum que engravidava mulheres jovens sem sua licença.

— Acho que os vales postais não chegaram?

— Não nos últimos três meses. Nossa Sadie lhe escreveu uma carta muito educada, mas não houve resposta. Achei que se ligasse para o escritório dele e perguntasse educadamente, ele poderia nos dizer qual era o problema. Provavelmente é o correio que não está chegando — acrescentou ela ao ver a expressão no rosto de Ruby.

— Sim, seria uma boa ideia entrar em contato com o homem. Mas por que sua Sadie não está fazendo isso?

— Ela acha que ele não falaria com ela. Achei que se ele falasse comigo poderíamos chegar ao fundo das coisas — disse Vera.

Ruby pensou que havia mais chance de tirar sangue de uma pedra do que o pai do filho de Sadie ajudar a sustentá-lo, mas ela não ousou dizer isso a Vera. Ela sabia que a mulher não estava indo muito bem em termos de dinheiro e não queria diminuir a pouca esperança que ela tinha.

— Há outra coisa em que não pensou — disse ela, esforçando-se para ser gentil.

Vera franziu a testa.

— Por favor, não tente me impedir de falar com ele, Ruby. Eu sempre posso ir e usar a cabine do telefone público.

— Você pode usar meu telefone a qualquer hora e não quero seu dinheiro. O problema é que é domingo e é muito improvável que ele esteja em sua mesa. O mais provável é que ele esteja em casa com a esposa, e duvido que tenha o número de telefone da casa dele, não é?

Vera parecia chocada.

— Não pensei nisso e não gostaria de aborrecer a esposa dele. Isso é entre ele e nossa Sadie.

— Você e Sadie podem vir amanhã de manhã e usar o telefone.

Vera murmurou um agradecimento e se levantou para sair.

— Enquanto tem um minuto — Ruby disse — me pergunto por que você se voltou contra David quando ele ofereceu a Sadie algumas horas de trabalho. Achei que vocês duas estariam precisando do dinheiro extra no momento.

Vera suspirou e sentou-se novamente.

— É tão difícil, Ruby. Eu me preocupei que nossa Sadie pudesse ser tentada novamente.

Ruby bufou de tanto rir.

— O que quer dizer com tentada?

— Não é brincadeira. Veja o que aconteceu da última vez que ela esteve perto de um homem. Ela acabou com um bebê.

— Vera, engravidar não é doença. Você quer dizer que é provável que ela pule em qualquer homem que se aproxime? — Ruby perguntou, tentando não rir.

— Eu não diria exatamente isso, embora fique de olho nela para estar no lado seguro.

Ruby olhou para a mulher que ela conhecia desde Deus sabe quando. Os anos não foram bons para Vera, e a preocupação adicional de sua neta solteira ter um filho fora do casamento parecia ser a gota d'água.

— Vera, sua Sadie é uma garota brilhante e inteligente. Ela simplesmente se apaixonou pelo homem errado e ele se aproveitou dela. Ela está fazendo um bom trabalho cuidando daquele garotinho e você deveria estar orgulhosa dela.

— Mas...

Ruby ergueu a mão para silenciar a amiga.

— Está prestando um péssimo serviço a David Carlisle ao pensar que ele abandonaria o casamento e namoraria outra mulher — disse ela, pensando que Maisie arrancaria os membros de qualquer mulher que se aproximasse do marido com as intenções erradas. — Por que não diz aos Carlises que você e Sadie estariam preparadas para ajudar com as crianças?

— Eu não posso, depois do que eu disse a ele. Acho que nem consigo enfrentá-lo, estou tão envergonhada.

— Então talvez devêssemos deixar por enquanto. A venha amanhã de manhã para aquele telefonema. Por que não traz Sadie com você? Faz tempo que não vejo o bebê dela. Vou fazer algo para nós comermos também.

Os olhos de Vera brilharam.

— Isso é muita gentileza sua, mas não vai correr até a casa de Maisie para dizer a ela que estarei aqui, vai?

— Claro que não vou correr para a casa de Maisie. Tenho coisas muito mais importantes para resolver — Ruby deu um pequeno sorriso enquanto conduzia a amiga para fora da porta. Sim, ela convidaria os Carlisle também. Ela gostava quando um plano se encaixava perfeitamente.

Aproximando-se do novo telefone com apreensão, pegou o pesado fone e discou o número que havia escrito em um pedaço de papel.

— Olá, Maisie, sou só eu...



— **CHÁ OU** limonada? — Sandy perguntou enquanto conduzia Freda a um assento ao lado do salão da igreja.

— Limonada seria ótimo, obrigada. Nunca imaginei que a dança country escocesa pudesse ser tão enérgica - não que eu tenha tentado isso antes — Freda disse enquanto desabou no assento de madeira dura. Embora tivesse tirado o cardigã azul-marinho, sem se preocupar se alguém visse seu uniforme, ela ainda estava com as bochechas rosadas e sentindo calor.

Ela olhou ao redor do corredor empoeirado. Não era um lugar inspirador, com janelas sujas cobertas com fita isolante e paredes pintadas de creme desbotado. O piso de madeira precisava de uma boa limpeza e polimento, mas ninguém parecia se importar enquanto dançavam, seguindo o mais experiente entre eles. Houve muitas risadas quando alguns esqueceram seus passos e uma salva de palmas ao final de cada set.

— Tem sido uma tarde adorável. Obrigada por me convidar — disse Freda ao aceitar o copo de limonada. — Fiquei surpresa por você parecer conhecer todas as danças.

Sandy encolheu os ombros quando se sentou ao lado dela e tomou um gole de sua bebida.

— Eu cresci com isso. Eu lhe disse que meu avô é um ministro em casa? Se houvesse algo acontecendo no corredor atrás do kirk, então deveríamos participar. É por isso que ainda estou na Boy's Brigade. Ele me fez prometer que aonde quer que eu fosse no mundo, eu continuaria envolvido.

— Kirk?

— É o que chamamos de nossa igreja — explicou ele.

— Pensei que sua família fosse de fazendeiros? Desculpe se estou sendo intrometida.

— De jeito nenhum — ele sorriu. — A família da minha mãe sempre foi agricultora e quando o pai dela faleceu e não havia um filho para cuidar da fazenda, meu pai interveio. Isso causou um problema, pois esperava-se que ele seguisse o avô no clero. Houve alguns ressentimentos por alguns anos, mas tudo está bem agora.

Freda pensou por um momento.

— Tão bem que você decidiu se tornar um engenheiro?

— Eu sabia que a igreja e a agricultura não eram para mim. A agricultura pode ser uma vida difícil, e minha mãe me disse para seguir meu coração e aprender um ofício. Estou satisfeito com a minha escolha — respondeu ele, dando-lhe um sorriso gentil.

Freda sentiu um pequeno arrepio percorrê-la ao devolver o copo vazio. Sandy quis dizer que estava satisfeito com ela, ou apenas sua escolha de trabalho?

— Isso foi muito revigorante. A dança acabou?

— Meu Deus, não! Temos um Virginia Reel e o Dashing White Sergeant — disse ele, apontando para um quadro-negro onde as danças estavam listadas. — Por que, você queria ir para casa?

— De jeito nenhum, estou me divertindo muito, obrigada por me convidar. Talvez queira se juntar a mim e aos meus amigos na próxima vez que formos ao Erith Dance Studio em uma noite de dança. Não posso garantir um Gay Gordons, mas gostamos de valsa e foxtrote.

— Não há nada que eu queira mais do que dançar uma valsa com você — disse ele gentilmente, estendendo a mão. — Agora, vamos tomar lugar na pista para o Virginia Reel.

Freda pegou sua mão e o seguiu até a pista de dança enquanto sonhava em ser abraçada por Sandy e valsar suavemente pela pista, algo que eles não podiam fazer na dança country escocesa.

Todos os pensamentos de romance escaparam de sua mente enquanto ela girava pela sala ao som da música animada. Uma hora se passou muito rápido enquanto Freda dançava, dança após dança.

— Você virá de novo?

— Isso é um convite? — Freda perguntou quando eles deixaram o salão bem iluminado e entraram no frio do final da tarde. O que restava do sol invernal de março estava começando a se pôr. — Se for, eu adoraria ir dançar com você de novo, mas não se esqueça que meu convite ainda está de pé para se juntar a mim e meus amigos no estúdio de dança. Passamos bons momentos lá. Na verdade, haverá um baile em algumas semanas para arrecadar fundos para uma coisa ou outra. Garanto que irá se divertir muito.

Sandy pegou o braço de Freda e o enfiou no dele, segurando a mão dela.

— Eu gostaria muito disso. Agora, gostaria de ver o que faço a seguir sempre que venho a Londres?

— Estou intrigada — disse Freda, mais do que um pouco emocionada por Sandy a estar segurando. — Existe algum lugar aberto neste horário em um domingo?

— Espere para ver — ele respondeu enquanto a guiava pelas ruas escuras, tomando cuidado ao cruzar as estradas.

— Nossa! — disse Freda, respirando fundo. — Rio Tamisa. Nunca me canso de vê-lo passar por nossa pequena cidade de Erith, e aqui está em Londres. Parece muito mais majestoso aqui — disse ela, encostando-se na parede do aterro e observando a água fluir calmamente rio abaixo. Mesmo com balões de barragem no alto e navios de guerra ancorados nas

proximidades, ainda havia algo romântico no rio enquanto a noite caía e o luar brilhava na água.

Absorvidos em pensamentos, eles se encostaram um no outro, contemplando seus arredores calmos, até que um som familiar pôde ser ouvido ao longe subindo o Tâmisia.

— Ah, não! — Freda exclamou com certa aflição. — Uma bomba voadora - pode vê-la?

Sandy levou a mão aos olhos para protegê-los do luar e olhou fixamente.

— Sim, está vindo para cá. Abaixese! — Ele a empurrou para baixo com força contra a parede do aterro, e antes que Freda tivesse tempo de pensar, ele a puxou em seus braços e a abraçou. Ela podia sentir seus corações batendo rápido enquanto ouviam o som put-phut, antes de parar.



Douglas entregou à sua esposa um pequeno copo de vinho do Porto e limão antes de se juntar a ela no sofá. Betty estava com os pés para cima e ele os apoiou no colo e massageou suavemente seus tornozelos. As pesadas cortinas de veludo verde estavam fechadas contra o céu noturno, com uma única lâmpada padrão iluminando a sala aconchegante.

— Isso é felicidade. Por favor, nunca pare — ela suspirou. — Se ao menos pudesse vir trabalhar comigo amanhã e estar disponível para esfregar meus pés quando eles começarem a doer.

— Não poderia ter seu substituto fazendo isso por você? — Douglas disse com uma pitada de riso em sua voz. — Poderia adicionar à lista de deveres dele.

— Douglas, não é motivo de riso. O homem é inútil em seu trabalho. Como posso sair para ter nosso bebê, sabendo que ele é tão incompetente? Ora, a loja poderia ser arruinada em poucos dias. Eu estava pensando que

talvez eu não devesse deixar meu emprego depois de seis meses, e tentar ficar um pouco mais. O que acha?

Douglas parou de esfregar os pés de sua esposa e olhou para seu rosto cansado. Mesmo sob a luz opaca da lâmpada, ele podia ver que seu rosto não tinha o brilho rosado de sempre, e pequenas linhas estavam se formando ao redor de seus olhos onde antes não havia nenhuma. Ele sabia como ela ficara angustiada quando ele a buscou na Woolworths apenas alguns dias antes e ela lhe mostrou a carta da matriz.

— Querida, estive pensando em sua sugestão de deixar Cecil Porter assumir o comando de seu navio a partir do final deste mês. Talvez você devesse considerar sair mais cedo. Não é hora de passar as rédeas para outra pessoa e planejar seu futuro como esposa e mãe? Sei que as meninas adorariam tê-la em casa quando voltassem da escola todos os dias. Ora, poderia até ter tempo para terminar aquelas roupinhas de bebê que começou a tricotar antes do Natal. — As tentativas de Betty de tricotar se tornaram uma piada entre sua família.

Ela deslizou os pés do colo do marido e os colocou no chão antes de terminar a bebida. Respirando fundo, ela encarou Douglas.

— Eu estava pensando em escrever para o escritório central e informá-los que planejava trabalhar o maior tempo possível e que, após minha licença, poderia retornar ao meu cargo — ela prendeu a respiração e observou enquanto Douglas absorvia suas palavras.

Lentamente, ele balançou a cabeça antes de soltar um suspiro.

— Eu sabia que estava pensando em fazer algo totalmente absurdo! — exclamou. — Não há necessidade de você trabalhar. Não estamos confortáveis o suficiente? Eu sou um mau provedor? Ora, nunca ouvi nada tão ridículo em toda a minha vida. O que as pessoas pensariam se

soubessem que permiti que minha esposa e mãe de nosso bebê nos abandonasse para ir trabalhar?

— Mas Maisie está voltando ao trabalho, e seus gêmeos têm apenas alguns meses de idade. Eu disse que ela pode trabalhar três manhãs por semana, e David concordou com isso.

Douglas se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Eu não sou David Carlisle. Eu disse a ele que era louco por permitir que sua esposa deixe sua família por causa dessa fantasia dela.

— Fantasia? Você acha que meu desejo de continuar meu trabalho é fantasioso? David, este é o século XX. Eu não sou seu bem. Se não fosse pelas mulheres, nesta e na última guerra, este país estaria de joelhos. Em seguida, irá me arrastará pelos cabelos como um homem das cavernas.

Douglas voltou a se sentar ao lado dela.

— Fiz uma confusão total ao explicar como me sinto — disse ele, tentando pegar a mão dela, que ela puxou. — As meninas passaram anos sem a mãe depois que ela faleceu e, embora eu fizesse o possível, isso significava que eu tinha que contar com uma empregada doméstica enquanto trabalhava. Eu apenas pensei, que desta vez eu teria uma esposa que estaria aqui para todos nós, e isso nos tornaria uma família adequada.

— Não acredito no que estou ouvindo — Betty levantou a voz. — Douglas, eu estava em uma posição importante quando nos conhecemos. O que te fez pensar que eu deixaria meu cargo? Os Woolworths mantiveram os empregos abertos quando sua equipe masculina partiu para lutar por seu país. É lógico que as mulheres também devem ser autorizadas a retornar aos seus cargos de gestão.

Douglas respirou fundo. Por mais que amasse sua esposa, estava alarmado por ela não ter pensado em sua situação.

— Leia a carta de novo, meu amor. Os Woolworths estão efetivamente avisando você. Com uma mulher esperando um filho, é isso que acontece. Também não considerou que, quando esta terrível guerra terminar, os homens voltarão para casa e retomarão seus empregos.

Betty ergueu o queixo em desafio às palavras de Douglas.

— O Sr. Benfield faleceu. Não temos nenhum gerente do sexo masculino voltando para a loja.

— Seus superiores parecem pensar o contrário. Por que outro motivo eles teriam enviado esse tal de Porter como seu substituto?

Betty foi até a lareira e tirou a carta ofensiva de trás de um relógio ornamentado que tinha sido um presente de casamento da tia de Douglas. Ela examinou as linhas digitadas várias vezes antes de baixá-la e olhar para o marido com lágrimas nos olhos.

— Você está certo, Douglas. Eles não precisam mais de mim.

Douglas acalmou Betty quando ela quase desabou em lágrimas aos pés dele. Levando-a para sentar-se, ele a segurou em seus braços e pensou muito sobre a situação enquanto a acalmava. Não havia dúvida de que sua esposa ficaria infeliz se não trabalhasse depois de dar à luz seu filho. Concordar com o que ela queria, ia contra tudo o que ele amava. Parecia que as pessoas na sede da Woolworth tinham uma opinião semelhante.

— Sshh, ei — acalmou Betty. — Se continuar assim, não estará em condições de trabalhar amanhã de manhã, muito menos por mais alguns meses.

Betty ergueu o rosto molhado de lágrimas.

— Quer dizer que concorda que eu deveria trabalhar por mais alguns meses?

— Contra o meu melhor julgamento, eu concordo, apenas para ver um sorriso de volta no rosto da minha linda esposa. No entanto, acho que não

deveria voltar ao trabalho após o parto, mas talvez possamos chegar a algum acordo?

— Acordo? O que quer dizer?

— Talvez você pudesse vir trabalhar para mim algumas horas por semana, assim como Maisie faz na Woolworths.

Betty torceu o nariz enquanto considerava a sugestão dele.

— Mas se Maisie pode voltar para Woolworths, por que eu não deveria?
— ela perguntou.

— Porque Maisie é uma vendedora e você, minha querida, é uma gerente – e temo que a maioria dos gerentes da F.W. Woolworths nunca teve um bebê antes. Está mapeando um novo território.

— Bem, essa foi uma das razões pelas quais pensei em escrever uma carta para informá-los de meus planos.

Douglas sabia que Betty nunca cederia ao seu pedido de ser esposa, mãe e ficar em casa.

— Com o Sr. Porter já no cargo, temo que não possa ficar depois disso, mas não vejo razão para não os informar de que está bem e pode trabalhar por mais algum tempo. No entanto, tenho uma sugestão melhor. Você deve falar com a sede pessoalmente e não por carta, e levar consigo uma carta do nosso médico declarando que está apta para o trabalho.

Betty ficou encantada.

— Que grande ideia! Talvez eu possa até falar com eles sobre voltar ao meu trabalho após o parto!

— Acho melhor esperarmos para ver como você se sente e abordarmos a ideia mais tarde — ele viu o sorriso de Betty diminuir um pouco e acrescentou: — Minha preocupação é com você, meu amor. Enterrei uma esposa e não desejo enterrar uma segunda. Pelo menos não por mais quarenta anos — acrescentou com um sorriso gentil.

Betty levou a mão à boca enquanto ele dizia suas palavras.

— Meu Deus, nunca pensei nisso. Você deve pensar que sou uma completa pretensiosa, agindo como uma criança mimada que pensa apenas em si.

Douglas ficou aliviado ao ver sua esposa feliz novamente. Ao puxá-la para perto de para selar o acordo com um beijo, ele pensou em Alan Gilbert, que havia sido gerente estagiário na filial de Erith antes de ingressar na RAF. Ele também estaria atrás de um cargo gerencial quando a guerra terminasse. Duvidava que um piloto condecorado do Spitfire fosse rejeitado em favor de uma mulher, não importa o quão inteligente ou trabalhadora ela fosse.



Freda se aninhou no peito de Sandy enquanto a bomba se aproximava. Ela sabia que seria uma questão de segundos antes que ela caísse e explodisse, causando morte e destruição perto de onde eles se abrigavam contra a parede do aterro. Pensou em quando estava de serviço e viu as consequências de uma dessas bombas mortais. Também experimentou toda a força de uma explosão quando uma caiu na rua atrás da casa de Betty e ela foi arremessada pelo jardim, caindo com apenas alguns arranhões e hematomas. Outros não tiveram tanta sorte.

— Sandy, posso pedir um favor a você? — sussurrou.

— Claro — ele respondeu com uma voz surpresa.

— Você me beijaria? Normalmente não sou tão atrevida, mas odiaria que morrêssemos e não tivéssemos nos beijado. Mas se não quiser...?

Sandy não precisou de uma segunda ordem, com um pequeno gemido, ele colocou a mão na parte de trás de sua cabeça e a puxou ainda mais perto do que já estavam cobrindo seu rosto com beijos carinhosos, antes de seus

lábios se encontrarem. Eles não perceberam uma explosão do outro lado do rio e, por vários minutos, se deliciaram com a proximidade.

Uma tosse educada os impediu de olhar para onde estava um policial ligeiramente envergonhado.

— Desculpe-me, senhor, senhora. Eu acredito que é hora de levar esta jovem para casa, se eu posso ser tão ousado. O perigo parece ter passado por enquanto.

Sandy ajudou Freda a se levantar e escovou o casaco enquanto ajeitava o chapéu. Nenhum foi capaz de dirigir o olhar para o outro.

— Obrigado, policial — disse ele educadamente enquanto o oficial continuava sua ronda. Pegando a mão de Freda, ele deu um aperto carinhoso. — É melhor pegarmos nosso trem. Há uma longa espera se não o fizermos.

Freda não se importava se eles tivessem que esperar por toda a eternidade.

— Sim, suponho que deveríamos. Devo me desculpar por ser tão ousada — ela murmurou. — Pensei que poderíamos ter morrido e eu teria perdido...

Antes que ela pudesse dizer outra palavra, Sandy se inclinou e roçou os lábios dela com os dele. Freda passou os braços em volta do pescoço dele, puxando-se o mais perto possível antes de fechar os olhos e responder. Ela não se importava que pudesse ter morrido, ou que estivesse em seu desmazelado uniforme Tawny Owl. No que lhe dizia respeito, ela estava no céu, e pretendia ficar lá o maior tempo possível.



— Algo cheira muito bem. Você está cozinhando?

— Quando é que eu paro de cozinhar nesta casa? — Ruby disse enquanto conduzia Vera e Sadie até a sala de estar. — Sentem-se e, Sadie,

por que não deita o menino na poltrona e coloca aquelas almofadas em volta dele? Ele parece morto para o mundo.

— Não o alimentei por muito tempo, Sra. Caselton — respondeu Sadie em voz baixa.

— Me chame de Ruby, eu já te disse antes, amor. Agora, vou verificar a torta de linguiça e tomate. Não queremos que queime antes de estarmos prontas para comer, não é?

— Você é tão inventiva com suas refeições, Ruby. Não sei de onde tira essas ideias — disse Vera, lambendo os lábios.

— Não é nada de especial. Usei uma receita de um daqueles livrinhos que eles distribuíam. Eles têm algumas boas ideias neles. Certamente você também os tem — Ruby disse enquanto usava um pano de prato para tirar uma assadeira esmaltada do forno e checar a comida.

— Joguei tudo no fogo quando estava sem carvão — disse Vera.

Ruby reclamou para si mesma. Ela sabia que Vera havia passado por momentos difíceis no ano passado, mas achava que ela havia superado o pior até a notícia de ontem.

— Pode pegar o meu emprestado, se quiser, e copiar as receitas.

— Eu gostaria de fazer isso, senhora... Ruby — disse Sadie. — Gosto de cozinhar um pouco quando posso. O cheiro que vem da sua cozinha é maravilhoso — acrescentou timidamente.

Ruby voltou para a sala, esfregando as mãos.

— Agora, isso não vai demorar muito. Gostaria de usar meu telefone enquanto preparo uma xícara de chá? Tenho um pouco de café do acampamento, se preferir. O telefone fica na sala da frente, então poderá ter privacidade enquanto fala com seu chefe, Sadie.

Sadie deu a Vera um olhar assustado.

— Você pode fazer isso, Nan? Eu não saberia o que dizer se ele fosse horrível comigo de novo.

Ruby sentou-se e inclinou-se para a jovem.

— Por que ele seria horrível com você, Sadie, amor? Deu à luz ao filho dele, mesmo que não fossem casados. Qualquer homem deveria se orgulhar de seu próprio filho e querer vê-lo alimentado e cuidado.

O queixo de Sadie tremeu enquanto ela olhava para Ruby. Ela tinha a aparência de sua avó, mas até agora as duras linhas de amargura que Vera usava com orgulho não haviam sido gravadas em seu rosto jovem.

— Ele não queria que eu ficasse com o bebê, Ruby. Me disse que pagaria para eu me livrar dele. Ele tem filhos com a esposa e não queria que ela soubesse do meu Arthur. Saí do apartamento dele e do meu trabalho com apenas algumas roupas e algumas libras na bolsa.

Então era isso que estava por trás de todo aquele negócio do verão passado, quando Sadie apareceu na porta da avó pedindo dinheiro, Ruby pensou consigo mesma. A pobre garota.

— Você diz que agora ele lhe envia um vale postal mensal? — Ruby perguntou, tentando não julgar a garota. Ela sabia que ninguém era perfeito, e tanto Sadie quanto sua avó estavam no topo.

— Sim, enviei uma carta para ele depois que Arthur nasceu e disse que precisávamos de sua ajuda e apoio. Foi quando ele me disse que enviaria algum dinheiro todo mês, desde que eu ficasse calada e não mencionasse seu nome na certidão de nascimento.

— Ele não parece uma pessoa muito boa, não é?

— Eu pensei que o amava. Ele me levava a lugares bons e me comprava lindas roupas. Então, quando descobri que estava esperando um filho, ele mudou.

Ruby lembrou como a garota voltava para casa do trabalho em Londres vestida com esmero e como Vera ficava orgulhosa com sua única neta trabalhando em um escritório em Londres.

— Parece que ele só queria se divertir um pouco — disse ela com simpatia.

— E nós não sabemos disso? — Vera bufou. — Ela cedeu a ele com muita facilidade, só porque ele disse que deixaria a esposa.

— É a velha história, mas não devemos nos preocupar com isso agora. Deixe-me mostrar onde fica o telefone e talvez você possa falar com ele, Vera.

— Ah, não, eu não. Não sou boa ao telefone e, se ele disser alguma coisa horrível, não vou conseguir controlar a raiva. Você faria isso por nós, Ruby?

Rubi respirou fundo. Ela teve a sensação de que chegaria a isso.

— Tudo bem, eu farei. Mas podemos escrever o que você quer dizer, Sadie? Às vezes, posso ter a língua afiada como a sua avó, e com a mesma probabilidade de meter o pé nisso e piorar as coisas.

Sadie pensou por alguns minutos antes de escrever cuidadosamente no pedaço de papel que Ruby havia fornecido.

Vera espiou por cima do ombro.

— Pergunte se ele gostaria de ver seu filho. Sempre podemos levar Arthur a Londres para conhecê-lo.

Sadie não gostou, mas acrescentou mesmo assim.

— Acho que é isso, Ruby — disse ela, entregando a lista.

— Você tem uma bela caligrafia — disse Ruby enquanto lia as poucas frases. — Vamos, vamos terminar isso antes que eu mude de ideia.

Vera pegou o neto adormecido e seguiu as duas mulheres até a sala da frente, onde o telefone estava sobre um tapete de crochê branco no

aparador.

— Custa muito ter um desses? — perguntou Vera enquanto olhava o instrumento de uma distância segura.

— Não tenho ideias. George providenciou tudo e disse que seria útil depois de todos nós correndo atrás de notícias sobre o envolvimento de Irene e Maureen na explosão em New Cross. Ainda não tocou e, quando acontecer, ficarei muito preocupada em atender — disse Ruby enquanto pegava o fone do gancho, nervosa, e discava lentamente o número que Sadie havia acrescentado à lista de perguntas. Depois de um curto de tempo, ela falou no fone. — Bom dia, gostaria de falar com o Sr. Gordon Davenport — disse ela com uma voz que reservava para falar com o vigário e seu médico. — O meu nome? Eu sou a Sra. Ruby Caselton e estou falando em nome da Srta. Sadie Munro — houve uma breve pausa antes de Ruby responder. — Eu entendo. Muito obrigada.

— Bem? — perguntou Vera.

Ruby recolocou o fone no gancho e o poliu com a ponta de seu lenço.

— Pôde ouvir que eu não consegui falar com ele. Ele está em uma reunião. Acho que devemos esperar uma hora e depois tentar de novo, não acha? Agora, vamos tomar aquela xícara de chá.

Elas mal se sentaram quando ouviram a chave sendo puxada pela caixa de correio e a porta se abrindo.

— Olaaaá, somos só nós! — Maisie gritou antes de entrar na sala com um gêmeo em cada braço. David a seguiu com a jovem Ruby, que chorava alto para ser colocada no chão, e a desceu com cuidado.

— Ela vai ficar coberta de pelos de cachorro — reclamou Ruby. — Ainda não tive tempo de passar a vassoura no chão ou dar uma batida nos tapetes. O pelo do Nelson está por toda parte.

— Você deveria se livrar daquele cachorro com crianças em casa. Não é bom ter esse velho sarnento perto de crianças — reclamou Vera.

— Um pouco de pelo de cachorro não faz mal a ninguém — disse Maisie. — Além disso, todas as crianças adoram Nelson. Eu mesma gosto bastante do cachorro velho. Estive pensando que deveríamos ter um cachorro para as crianças.

— Bom dia, senhoras — disse David, ignorando os comentários da esposa. — Como você está hoje?

Ruby deu a ele um sorriso astuto.

— Estou muito bem. Eu só estava dizendo como é bom poder ganhar um pouco mais de dinheiro de vez em quando. Pelo que entendi, você está procurando alguém para ficar de olho nas crianças, David?

David caminhou até a cozinha quando a chaleira começou a ferver e preparou um bule de chá antes que Ruby pudesse se levantar.

— Estou, mas teria que ser alguém responsável. Não confiaríamos em qualquer um para cuidar de nossa ninhada, confiaríamos, Maisie?

— É verdade que não. Alguém como Sadie aqui seria o ideal. Você poderia vir até nossa casa e fazer um pouco por nós? David pagaria bem, não é? — perguntou Maisie enquanto ele entrava na sala com uma bandeja cheia de chá. — Veja isso, acho que ele deveria ficar em casa e ser uma dona de casa — ela riu de sua própria piada.

— Seria um dia e tanto quando os homens fizessem essas coisas — zombou Vera.

— Eu estaria interessada em trabalhar algumas horas, se pudesse levar Arthur comigo — Sadie respondeu a David, ignorando o que sua avó acabara de dizer. — Isso significaria não ter que incomodar seu pai por dinheiro.

— Não o incomodar?! — Ruby explodiu de raiva. — Ele a colocou nesta posição, então ele deveria estar pagando. Não o deixe escapar tão facilmente, meu amor.

— Você está com problemas? — perguntou Maisie.

As mulheres explicaram o que havia acontecido enquanto David distribuía chá e um biscoito para Arthur e a jovem Ruby.

— Cuidado para que eles não engasguem — ordenou Ruby.

— Então ele está em uma reunião, não é? — perguntou Maisie, pensativa. — Gostaria que eu tenta-se falar com ele?

Sadie deu a ela um sorriso tímido.

— Você o faria?

— Eu adoraria. Aqui, pegue um desses cada uma — disse ela, entregando um gêmeo para Ruby e outro para Vera. — Vamos, amor, vamos dar o que ele precisa — disse ela, pegando a lista de Sadie e indo para a sala da frente.

— Deus ajude o homem. Eu não gostaria de ser o alvo quando Maisie insiste. Agora, o que eu tenho aqui? — Ruby disse, olhando para a irmã gêmea que ela estava segurando.

David parou de dar tapinhas nas costas de Arthur para desalojar um biscoito encharcado e se virou para olhar.

— O de azul é Oliver e a de rosa é Carol.

— Adorável — disse Vera enquanto abraçava Oliver. — Você nunca pode ter bebês suficientes por aí — ela acrescentou com um sorriso.

— Ora, Vera, acho que está amolecendo com a velhice — Ruby sorriu enquanto abraçava Carol.

— Ei, o que é tudo isso? — perguntou Bob, vindo do jardim dos fundos.
— Você abriu um orfanato?

— Às vezes parece que sim — disse David, levantando-se e apertando a mão de Bob. — Como está o jardim?

— Eu não fiz muito hoje. Estive no galpão com o cachorro. Ele não está tão bem. Acho que devemos trazê-lo para dentro de casa, onde é mais quente. Há um pouco de frio no ar, e ele não é tão jovem quanto costumava ser. Você tem um cobertor que possamos usar, Ruby?

— Há alguns cobertores velhos do exército embaixo da escada que usamos no abrigo antiaéreo. Você pode conseguir um para mim, por favor, David? — Ruby disse, parecendo preocupada. — Traga-o agora, Bob, e ele pode dormir perto da minha poltrona na lareira — ela instruiu, passando Carol para Vera segurar.

Eles tinham acabado de instalar Nelson, quando Maisie e Sadie apareceram. A última tinha um largo sorriso no rosto.

— Há um vale postal no correio, e ele deve seguir a linha por um tempo — disse Maisie. — Coloquei um pouco de medo. Disse a ele que, como Sadie e o garoto estavam quase na pobreza, é provável que ela mandasse o garoto morar com ele se não pagasse.

— Foi maravilhoso ver Maisie repreendendo-o, Sra. Caselton. Eu nunca poderia ter feito isso, mesmo por telefone. Gostaria que eu terminasse o jantar, para que possa se sentar com Nelson? Ele não parece muito bem, não é? — Sadie disse, inclinando-se para acariciá-lo gentilmente. — Já faz algumas semanas desde que o vi subindo o beco para visitar o cachorro da Sra. Hawkins. Eles sempre brincavam juntos.

Ruby deu um tapinha gentil no cachorro.

— Isso seria de grande ajuda, Sadie, obrigada. As batatas só precisam ser amassadas e a torta de linguiça e tomate é mantida quente no forno. Porque não traz o carrinho de bebê dos gêmeos, David, então eles podem descansar enquanto comemos. Vera parece cansada segurando os dois. Deus

sabe como ela vai comer segurando esses dois pacotinhos de qualquer forma.

— Eles não são problema — disse a velha com um sorriso gentil. — Mas eu ficaria grata em ter pelo menos uma mão livre para comer meu jantar.

Maisie começou a limpar a mesa para poder comer.

— É bom que comece a trabalhar para nós, Sadie. Eu realmente aprecio isso, você sabe — disse através da porta aberta.

— Estou ansiosa por isso — respondeu a garota enquanto começava a amassar as batatas. — Se quiser, eu poderia fazer um pouco de trabalho doméstico e colocar um pouco de jantar no forno para você também. Posso pegar emprestados os folhetos de receitas de Ruby, como ela disse.

Maisie correu para a cozinha e abraçou a garota surpresa.

— Isso seria maravilhoso. Eu poderia fazer algumas costuras quando chegasse e não ter que me preocupar em cozinhar alguma coisa para David — ela sorriu. — Você também pode ganhar o suficiente para levar para casa. Acho que sua avó iria gostar, não é, Vera?

— Isso é generoso da sua parte, Maisie — disse Vera. — Eu vou cuidar do nosso Arthur quando estiver trabalhando para o Sr. e a Sra. Carlisle. Estão lhe nascendo os dentes — murmurou ela para Ruby antes de acenar para a criança, que havia cochilado no tapete, como se tivesse algo muito errado com ele.

— Caramba, acabei de ter uma ideia — Maisie caiu na gargalhada, fazendo Arthur acordar de repente com um gemido. — Isso significa que temos funcionários, assim como sua mãe, David. Isso não é elegante!



— **SRA. BILLINGTON**, preciso falar com a senhora — uma mulher grande e rechonchuda chamou Betty enquanto caminhava pela loja Woolworths fazendo sua inspeção matinal.

— Sim, Doris, em que posso ajudá-la? — perguntou, parando no balcão de verduras onde trabalhava a assistente de rosto vermelho.

— É o Sr. Porter. Ele está interferindo com meus vegetais novamente. Cheguei esta manhã e descobri que ele havia rearranjado as batatas e bruxelas. Agora está dizendo como eu tenho que lavar as batatas antes de colocá-las à venda, pois os clientes não gostam de produtos sujos. Então disse como eu tenho que fazer todas as cenouras apontarem para o mesmo lado. Eu disse a ele o que pensava, e agora ele me disse que vai me demitir por responder.

Betty sentiu seu rosto se contorcer enquanto tentava não rir. Essa era a terceira reclamação da manhã sobre Cecil Porter e, embora por dentro ela estivesse furiosa, não pôde deixar de sorrir ao pensar em Doris lavando as pilhas de batatas que chegavam de uma fazenda próxima.

— Não se preocupe, Doris, vou garantir que o sr. Porter saiba como os legumes são vendidos.

— Obrigado, Sra. Billington. Sabia que veria sentido. Eu disse a ele que a senhora era a chefe aqui e no dia em que fosse embora eu estaria logo atrás, porta afora. Não vou permitir que nenhum moleque arrogante me diga como fazer meu trabalho.

— Não se preocupe, Doris. Não haverá nenhuma mudança aqui por um tempo ainda. Apenas deixe comigo.

— Ok, obrigada — respondeu ela, virando-se para atender um cliente. — Ele deveria trabalhar um dia neste balcão, então saberia o que é o quê — murmurou.

Betty continuou seu caminho com as palavras de Doris ecoando em seus ouvidos. Como ela poderia dizer a sua equipe que o homem que interferia em seus trabalhos não tinha habilidades e nem mesmo era um gerente estagiário como Alan Gilbert antes de ingressar na RAF? Se ao menos Alan voltasse a trabalhar na loja, ela sabia que ele seria a pessoa perfeita para assumir seu trabalho quando ela partisse para ter seu bebê. Woolworths precisava de mais pessoas como Alan e Sarah. Em vez disso, ela tinha o sobrinho de alguém, que não sabia nada sobre a loja, assumindo a sede. Ele não sabia nem usar uma vassoura. Foi então que uma ideia lhe ocorreu. Parando no balcão da mercearia onde Gwyneth Jackson estava arrumando uma vitrine de cerzir lã, ela a chamou.

— Gwyneth, se alguém precisar de mim estarei em meu escritório pela próxima hora e não quero ser incomodada. E pode pedir a Freda para vir me ver quando ela voltar?

— Certamente, Sra. Billington — Gwyneth respondeu em sua gentil voz galesa. — Freda estará de volta de sua pausa para o chá em breve. Vou contar a ela então. Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Obrigada, Gwyneth, é muita gentileza sua oferecer. Eu vou ter uma palavra com você mais tarde. Poderia dizer que acabei de ver a luz — Betty disse enquanto se dirigia para a porta marcada “somente funcionários” com um olhar determinado em seu rosto.

Chegando ao escritório, Betty pegou um bloco de notas na gaveta da escrivaninha e desenhou cuidadosamente uma série de caixas entrando em cada departamento da loja, seguidas de datas e horários. Quando Freda

bateu na porta dez minutos depois, ela encontrou Betty imersa em pensamentos.

— Queria me ver, Betty? — ela perguntou, trazendo uma bandeja com chá e sanduíches. — Achei que você poderia fazer uma pausa no meio da manhã. Não tem bolo, então trouxe um sanduíche de apresuntado, para te manter viva agora que está comendo por dois.

— Oh, menina maravilhosa — disse Betty, abrindo espaço em sua mesa para a bandeja. — Sente-se e me diga o que acha do nosso Sr. Porter?

— Caramba, eu costumo ficar fora do caminho dele. Não posso dizer que ele gosta de mim, embora não saiba por quê. Ele sempre fala comigo como se tivesse um cheiro ruim na frente dele. Eu sei que os funcionários o desprezam porque ele é muito mandão. Só está aqui há uma semana e está cuidando de todo mundo. A propósito, onde ele está?

— Mande-o ao armazém para preencher uma ficha de estoque. Isso vai mantê-lo longe de meu caminho por um tempo. Agora, você sabe que vou deixar Woolworths assim que tiver meu bebê? — Betty disse, tentando ao máximo manter o rosto inexpressivo.

Freda, no entanto, era de uma cepa diferente e parecia chocada.

— Eu não tinha pensado nisso. Que bobo da minha parte. Eu apenas imaginei que você ficaria aqui para sempre. Woolworths não será a mesma sem você — acrescentou com tristeza.

— É assim que as coisas funcionam, infelizmente — disse Betty, passando uma xícara de chá para a jovem. — Visitarei a sede para defender meu caso, mas por dentro sei que eles esperam que eu fique em casa com meu filho, embora eu sinta que poderia ter o melhor dos dois mundos e manter meu emprego. Sinto que o sr. Porter será meu substituto, e isso me deixa um tanto inquieta. Ele não conhece a maneira como trabalhamos e, se eu tiver que sair, quero que a loja seja deixada em mãos competentes.

Portanto, meu plano é treinar nosso Sr. Porter em cada balcão até que ele conheça o trabalho de trás para frente. Ele ainda pode ser desagradável, mas pelo menos saberá o que significam as palavras “trabalho duro”.

Freda balbuciou enquanto tomava um gole de chá.

— Ó, meu Deus! Temo que ele possa renunciar. O que não seria de todo ruim — disse ela enquanto limpava o chá da frente do macacão. — Não é uma pena que não tenhamos mais nossos gerentes estagiários a quem recorrer?

— Pensei o mesmo, mas vamos ter que trabalhar com o que temos, não é? — Betty disse com um brilho nos olhos. — Aqui, coma um sanduíche de apresuntado.



— Eu sempre gosto desses passeios até a igreja — disse Ruby quando chegaram ao final da Perry Street e puderam ver a Igreja de Saint Paulinus à frente. — Tem certeza de que não se importa que eu deixe essas flores no túmulo de Eddie? Também tenho um pequeno grupo para Irene. Devo dizer que é um pouco estranho visitar um marido enquanto procuro o vigário para arranjar o casamento do próximo.

— Não seja tão boba, mulher. Eu também estaria fazendo o mesmo se não soubesse que Mike tinha pedalado alguns dias atrás e limpou o túmulo de sua mãe. Posso aparecer para dizer olá, enquanto você cuida do seu Eddie. Isso é, se não se importar — Bob sorriu quando pegou o braço dela para atravessar a rua.

— Claro que não me importo. Devemos sempre fazer questão de visitar seus túmulos. Esse par desempenhou um papel importante em nossas vidas. Compartilhei grande parte da minha vida com Eddie e tenho nossos filhos e netos para mostrar isso. Você o mesmo, embora ela tenha sentido falta de ver seu Mike se casar com Gwyneth. Ela teria ficado muito orgulhosa —

Bob acenou com a cabeça em concordância. — Você sabia, Gwyneth colocou seu buquê de casamento no túmulo depois. Achei isso muito generoso da parte dela — ela diminuiu a velocidade para olhar por cima do muro os túmulos dos aviadores alemães, cujo avião havia caído em um campo de golfe próximo, vários anos antes.

— Fico arrepiada toda vez que vejo aquelas sepulturas — disse Ruby.

— Por quê? Por que eles são o inimigo? — Bob franziu a testa. Ele não achava que Ruby se incomodava com o fato de jovens, embora inimigos, que haviam caído em batalha, serem enterrados no cemitério da família.

— Não, me incomoda que esses rapazes estejam enterrados tão longe de suas casas e famílias. Podia ser o nosso Alan, ou qualquer um dos milhares de ingleses que morrem em solo estrangeiro. Só espero que, no final desta guerra, alguém consiga fazer com que eles sejam levados para casa e enterrados em seu próprio país.

Bob deu um tapinha na mão dela antes de seguirem em direção ao antigo portão de acesso.

— Tenho certeza de que isso vai acontecer. Sempre há flores frescas nos túmulos, e elas são cuidadas tão bem quanto quaisquer outras no cemitério. Podemos perguntar ao vigário quando chegar a hora?

Ruby beijou a bochecha de Bob.

— É um bom homem, Bob Jackson. Sou uma mulher de sorte por me casar com você.

— Bem, você demorou para aceitar minha proposta e marcar o dia — respondeu ele, passando os dedos pelo colarinho apertado e ficando um pouco vermelho ao ver o vigário observando-os.

— Olá, vigário, obrigada por concordar em nos ver — Ruby disse quando os conduzia para a igreja enquanto falava educadamente sobre o tempo estar bom. Ela se sentiu um pouco idiota segurando um buquê de

flores. — Vou deixar isso no túmulo de um familiar — explicou ela, sem querer dizer que era do falecido marido. Ela notou que Bob lhe deu um sorriso conspiratório e sorriu de volta.

— Gostaria de deixá-las aqui até ir embora, Sra. Caselton? A igreja está bem fresca no momento.

Ruby colocou as flores em um assento de madeira e estremeceu. Depois da caminhada sob o sol de fevereiro, ela sentiu que estava bastante frio dentro da igreja.

— Lamento não poder lhe oferecer chá no vicariato. Minha esposa está fazendo uma limpeza de início da primavera e tem membros do WI ajudando-a. Podemos ficar na sacristia fora de perigo — disse o vigário, piscando para Bob.

Ruby não gostava de visitar o vicariato, pois era um pouco chique demais para seu gosto. Sentada na sacristia depois que o vigário se mudou, uma pilha de livros de hinos lhe convinha bastante.

— Eu esperava que pudesse nos acomodar para o dia 8 de maio, já que é meu aniversário. Dessa forma, todos os filhos não precisariam fazer duas viagens para visitar a velha mãe — explicou ela.

O vigário folheou seu diário até chegar à data e passou o dedo pelas linhas escritas.

— Hum...receio que possa haver um problema. Devo dizer que maio é um mês popular. Já tenho três casamentos para esta tarde.

Bob podia ver a decepção no rosto de Ruby.

— Que tal pela manhã? — ele sugeriu. — Podemos nos casar por volta das onze e depois voltar para nossa casa para comer alguma coisa, depois beber um pouco mais tarde — ele pareceu satisfeito com sua sugestão até que viu o olhar de horror no rosto de Ruby. — Não que sejamos muito de beber — gaguejou.

— Não, só um xerez para brindar ao rei — disse Ruby com a voz mais elegante que conseguiu.

Foi a vez do vigário tentar esconder um sorriso enquanto observava Ruby encarando seu pretendente.

— Ficaria muito desapontado se não celebrasse suas núpcias, Sr. Jackson. Na verdade, depois de um dia agitado, gostaria de me juntar a vocês, concordam?

Ruby assentiu com entusiasmo.

— Seria uma honra receber sua visita, vigário. Por favor, traga sua esposa também.

— Receio que minha esposa não goste de beber — disse ele. — Vou sozinho na minha bicicleta. Agora, vamos cumprir as formalidades e então poderão visitar seus entes queridos no cemitério.

— Não foi tão ruim assim, foi? — Bob disse enquanto eles saíam do interior sombrio da igreja para a luz do dia. — Vamos dar um passeio até Crayford e encontrar um lugar para tomar uma xícara de chá depois que deixar suas flores?

Ruby olhou para o relógio na torre da igreja.

— Não, eu quero voltar para Nelson. Não gosto de deixá-lo sozinho enquanto ele não está bem. Ele gosta que eu me sente onde possa me ver, agora que sua visão está enfraquecendo, o pobre velhote.

Bob não discutiu. Sabia que quando aquele cachorro velho deixasse esta terra, deixaria para trás, uma dona angustiada. Também sentiria saudades de Nelson, que gostava de acompanhá-lo quando estava no jardim e tirar uma soneca no local mais ensolarado disponível.

— Então vamos rápido, certo? — disse ele com a voz rouca, tentando engolir o nó que se formava em sua garganta.



— Bem-vinda ao lar, querida — Maureen sorriu quando Sarah entrou na pequena sala da frente da casa em Crayford Road. — Nos sentimos sua falta. Aqui, deixe-me tirar este jovem de você para que Georgie possa dizer olá — acrescentou, estendendo os braços para o novo neto. — Ora, ele é o menino mais bonito do mundo, e bem grande também! Buster é certamente um bom apelido.

Sarah deu um beijo na sogra antes de pegar a filha e girá-la.

— Ele pesa mais de meio quilo do que esta jovem. Não é de admirar que tenha sido tão difícil trazê-lo ao mundo.

— Cuidado, Sarah — disse George, entrando cambaleando no quarto com uma mala e uma grande sacola de compras, além de um buquê de flores debaixo do braço. Ele largou a sacola e a caixa e entregou as flores. — Estas são de todos nós por nos presentear com um neto bonito. E isto — acrescentou, enfiando a mão no bolso do sobretudo para pegar uma caixinha —, isto é para Georgina, do irmãozinho dela.

A menina escapou dos braços da mãe e pegou a caixa.

— Do Buster?

— Oh, querida, eu esperava que ela o chamasse pelo nome verdadeiro — Sarah sorriu. — Achei melhor escrever para Alan e explicar.

— Olha, olha — Georgina gritou com entusiasmo enquanto puxava um colar de prata do algodão na caixa antes de correr para puxar a saia de Maureen até que ela abaixou o bebê até o nível de Georgina. — Obrigada, Buster — ela disse, dando-lhe um beijo gentil.

— Oh, meu Deus, que maneiras bonitas, isso me lembrou de... de... de sua outra avó. Ela teria ficado tão orgulhosa — disse Maureen enquanto passava o bebê para George e pegava um lenço enfiado na manga.

— Ela não adoraria ter visto o neto? — Sarah disse enquanto seu queixo começava a tremer. — Mas não tenho certeza se ela aprovaria que o

chamásemos de Buster. Maisie teria problemas por ter inventado esse nome — ela fungou. — Meu Deus, logo estaremos todos chorando se não falarmos de algo mais feliz.

— Tenho certeza de que ela está olhando para todos nós e sorrindo — Maureen a tranquilizou. — E por falar em coisas felizes, veja o que chegou esta manhã — disse ela, tirando uma carta de onde a colocara, atrás do relógio sobre a lareira. — Eu acredito que poderia ser do pai de um certo jovem. Agora vou colocar a chaleira no fogo e a Georgina pode me ajudar com o bolo especial que fizemos para a mamãe. George, coloque a mala no quarto de Sarah enquanto ela tem um minuto ou dois para si mesma em paz — ela acenou para Sarah, que estava olhando para a carta com uma expressão triste no rosto.

— O que eu faço com este pacotinho? — ele perguntou.

— Ah, dá ele aqui que eu coloco no carrinho. Ele parece estar perdido e não vai se mexer por um tempo. Dei uma boa esfregada no carrinho, pronto para a chegada dele — disse ela, caso alguém pensasse que ainda estava coberto de poeira de onde havia sido guardado no galpão do jardim. — Venha, Georgie, vamos preparar o chá — disse ela, estendendo a mão para a garotinha.

Deixada sozinha, Sarah sentou-se e olhou para a caligrafia curvada no envelope. Só poderia ser a escrita de Alan. Ela sempre saboreava a chegada de suas cartas, imaginando o que ele tinha a dizer e como estava. Embora eles fossem fortemente censurados e não tivessem permissão para revelar sua localização, ela sabia que ele iria insinuar isso de alguma forma, se pudesse. Rasgou o envelope e abriu as duas páginas dentro. A carta estava datada do dia seguinte à chegada de seu filho. Ela sabia que David Carlisle, com todos os seus contatos na RAF, teria avisado Alan sobre o nascimento, se pudesse. Examinando rapidamente as linhas escritas com cuidado, pôde

ver que ele sabia. Seu coração acelerou ao ler suas palavras de amor e profundo arrependimento por não estar lá para conhecer seu filho, e como ele esperava estar em casa em breve e dar ao bebê um grande beijo de pai.

Sarah largou a carta para enxugar os olhos. Não parecia justo que um homem não pudesse estar com seus entes queridos para conhecer seu filho. Maldito Hitler e esta guerra por tudo o que ele fez para manter as famílias separadas. Ela fechou os olhos e rezou para que tudo acabasse logo e eles estivessem juntos novamente, em breve. Sim, ela teve sorte e não perdeu o marido como tantas mulheres, mas não contaria suas bênçãos até que o Sr. Churchill anunciasse o fim da guerra e mandasse Alan para casa para ficar com ela pelo resto de suas vidas. Então eles seriam capazes de continuar suas vidas como planejaram. Alan continuaria seu trabalho na Woolworths e, sem dúvida, seria gerente em pouco tempo. Ela estaria em casa para cuidar dos filhos e cumprimentá-lo todas as noites. Pensou no dinheiro que conseguira economizar com as horas que trabalhara na Woolworths. Poderia até haver o suficiente para um depósito em sua própria casa, embora ela tivesse que ter cuidado para que ele pensasse que havia economizado o dinheiro que ele enviara para casa. Era importante para o orgulho de Alan não ser ferido se pensasse que sua esposa havia ganhado sozinha o dinheiro. Se os rumores fossem verdadeiros, então talvez apenas este ano sua avó estivesse certa, e haveria paz no Natal.

Voltando à carta com esperança no coração, ela leu suas palavras finais:

Meu amor, disseram-me que não demorará para sempre até que eu volte para casa e possamos ser uma família novamente. Como agora estou ensinando homens a voar e não faço parte de nossa equipe essencial da linha de frente, há uma chance de ser desmobilizado assim que o fim da guerra for declarado. Nada está definido ainda, mas mantenha o pensamento de que estarei com você em breve. Eu tenho esses planos, meu

amor. Você não acreditaria o quanto me deitei na minha cama à noite pensando em nossa vida futura. Sempre me disse que gostaria de uma casa com rosas na porta, e pretendo trabalhar muito para realizar seus sonhos...

Sarah apertou a carta contra o coração. Ela apenas sabia que Alan pensava da mesma maneira que ela.

— Volte logo para casa, meu querido — sussurrou ela.

— Boas notícias? — perguntou Maureen, olhando esperançosa para a carta na mão de Sarah ao entrar na sala com uma bandeja cheia de chá.

— Acredito que sim — ela disse, dando a Maureen um sorriso encantado. — Os serviços de Alan não serão necessários quando a guerra acabar, então ele poderá estar em casa conosco logo depois. Só temos que esperar que o fim da guerra esteja próximo e veremos a paz este ano.

Maureen colocou a bandeja de chá no aparador e correu o mais rápido que sua perna ruim permitiu para abraçar a nora.

— Oh, que notícia maravilhosa. Se eu fosse do tipo que reza, estaria de joelhos agora.

— Que história é essa de rezar? — perguntou George ao entrar na sala.
— Aconteceu alguma coisa?

Sarah explicou o que Alan havia escrito em sua carta, enquanto Georgina corria animadamente gritando que papai estava voltando para casa.

— Essa é certamente uma boa notícia. Já era hora de termos algo para comemorar. — ele sorriu.

— Não está esquecendo a chegada segura do nosso neto? — Maureen o lembrou. — Eu classificaria isso tão bem quanto Alan estar em casa. Pelo menos o garotinho crescerá sem que seu pai saia correndo para defender nosso país. Vamos torcer para que prendam, Adolf, por um bom tempo — ela deu um pequeno abraço em George antes de começar a servir o chá.

Sarah olhou entre seu pai e sua sogra. Algo não estava certo, mas ela não conseguia identificar o que a incomodava...



— Deixe-me fazer isso — disse Freda enquanto se abaixava para deixar Nelson mais confortável na pilha de velhos cobertores que Ruby havia colocado perto da lareira. — Você não deveria estar tentando movê-lo. Vai cansar suas costas — ela repreendeu.

Ruby teve que admitir que estava se sentindo muito cansada de mover o cachorro e mantê-lo confortável. Ele ficou lá, dando-lhe um olhar triste antes de olhar para o barril de biscoitos na mesa. Ruby mergulhou automaticamente no recipiente e tirou um pedaço de biscoito quebrado, e entregou ao cachorro.

— Não é de admirar que seja tão difícil para ele se levantar — Freda suspirou. —, está cheio de biscoitos. Não podem estar fazendo bem a ele.

— Isso importa agora? — Ruby disse suavemente enquanto acariciava a cabeça do cachorro. — Ele tem sido um bom amigo para mim e não vou deixá-lo ir embora, enquanto ainda estiver aqui comigo.

Como se entendesse, Nelson levantou uma pata para Ruby segurar.

Freda se virou para enxugar os olhos. Nelson era o único cachorro que ela conhecia, e gostava muito dele. Ele havia se arrastado para a cama dela em muitas ocasiões quando ela se mudou para o número treze e tinha sido um conforto para ela quando sua vida estava tumultuada.

— Acha que vai demorar? — ela perguntou.

Ruby balançou a cabeça lentamente.

— Acho que não. Ele é muito velho e não parece estar com dor. É como se a luz dentro dele estivesse diminuindo lentamente e ele parecesse saber.

— Oh, Ruby, eu não aguento — Freda começou a soluçar enquanto se jogava para abraçar a mulher e o fiel cão.

— Pronto, amor, você não quer se aborrecer — Ruby a acalmou. — Ele tem sido um grande amigo para todos nós, e temos que aceitar que sua hora está próxima.

— Simplesmente não consigo pensar nesta casa sem ele. Ele se encaixa em tudo o que fazemos e sempre esteve aqui. As crianças vão ficar tão chateadas — ela fungou.

Ruby assentiu. Ela sabia exatamente como a garota se sentia, e não estava longe de chorar também.

— Nunca vamos esquecê-lo. Ele faz parte da minha família tanto quanto qualquer outra pessoa que dormiu sob este teto. Você se lembra de quando estávamos presos no abrigo de Anderson e ele começou a uivar até que alguém aparecesse para ajudar?

Freda riu e deu um pequeno soluço enquanto lutava para não chorar de novo.

— Sempre diz que as memórias são importantes, e ele aparecerá em muitas das minhas — disse ela antes de dar um beijo gentil na cabeça do cachorro. — Vou ficar acorda com você esta noite para lhe fazer companhia.

— Agradeceria, amor, mas você tem trabalho de manhã.

Freda fez uma careta.

— Não me lembre. É a minha vez de ficar com Cecil Porter. Betty quer que eu mostre a ele como preenchemos as planilhas de estoque e verificamos o depósito. Não estou ansiosa por isso nem um pouco. Há algo de desagradável nesse homem.

— Então precisa se controlar, e isso significa uma boa-noite de sono — Ruby a repreendeu.

Freda olhou para onde o cachorro estava deitado pacificamente com Ruby ainda segurando sua pata.

— Não, vou ficar com você. Nelson precisa de sua família com ele agora. Se eu sentir sono, vou me acomodar na poltrona.

Ruby sabia que não conseguiria fazer a garota mudar de ideia e ficaria grata pela companhia. Bob tinha ido para a cama horas atrás e seria o som para o mundo a noite toda.

— Nesse caso, vamos tomar uma bebida fresca e ver se há algo na despensa para comer, certo?

Ambas riram quando os olhos de Nelson se abriram e uma orelha se ergueu com a menção de comida.

Ruby esticou as costas e bocejou enquanto abria as cortinas. O amanhecer estava apenas começando e parecia frio lá fora, com gelo no chão. Dentro de casa estava quente e aconchegante, pois ela alimentou o fogo durante a noite, não querendo que Nelson ficasse com frio. Ele dormiu profundamente, embora às vezes sua respiração fosse superficial e ela pensasse que havia chegado a hora. Como se soubesse que ela estava pensando nele, o cachorro abriu os olhos e deu um latido bem baixinho, estendendo a pata.

— Estou aqui, amorzinho, não se preocupe — ela disse baixinho, não querendo acordar Freda, que estava cochilando. Quando ela se abaixou para segurar a pata dele, o cachorro deu um pequeno estremecimento e partiu.

Suas lágrimas escorriam lentamente na cabeça de Nelson enquanto ela o abraçava pela última vez, dizendo ao cachorro o quanto a família sentiria sua falta e o quão importante ele tinha sido em suas vidas. Os minutos passavam enquanto Ruby falava com seu fiel amigo, completamente inconsciente de seus arredores, até que um braço foi colocado em volta de seu ombro.

— Vamos, garota, você disse adeus, agora é a hora de colocar Nelson para descansar. Preparei um bom lugar perto do galpão onde ele costumava

se sentar ao sol e tenho alguns bulbos que podemos cavar quando ele estiver instalado — Bob disse gentilmente, com voz embargada.

Ruby permitiu que Bob a ajudasse a se levantar e observou enquanto ele cobria o cachorro com um cobertor antes de levantá-lo com cuidado. Freda interveio para ajudar com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Você já preparou algum lugar? — Ruby perguntou.

— Fiz isso alguns dias atrás, quando ele começou a desacelerar. Achei que seria melhor do que esperar até que chegasse a hora. Eu posso te dizer, aquela noite quebrou meu coração sabendo que ele estaria lá em breve. Agora, você pode abrir a porta dos fundos enquanto o levamos para fora? Quer vir ajudar?

Ruby se dirigiu para a porta, desviando os olhos da grande trouxa que outrora fora seu fiel companheiro.

— Prefiro não fazer isso, se não se importa. Sairei quando tudo estiver pronto — disse ela, virando-se para colocar a chaleira no fogo. — Vão precisar de algo para aquecer vocês dois depois de fazer a ação. Vou colocar o mingau também. Ainda é um pouco cedo, mas duvido que você volte para a cama.

Ruby se apressou em começar o café da manhã e retransmitir o fogo antes de pegar os cobertores para dar uma cheirada antes de dobrá-los com cuidado e colocá-los no armário embaixo da escada.

— Estes vão precisar de um arejamento mais tarde, quando parar de garoar, Nelson — disse ela antes de parar no meio do caminho. — Sou uma égua idiota — murmurou ela. — Não há mais ninguém para me ouvir.

O bule estava sobre a mesa, mantendo-se aquecido sob o abafador de tricô, e Ruby servia tigelas de mingau quando Bob e Freda voltaram para casa. Os dois tiraram os sapatos na porta dos fundos e foram até a pia da cozinha para lavar as mãos.

— Vou deixar seu mingau na mesa e descer até o jardim para me despedir do rapaz — disse ela, pegando um velho cardigã que mantinha pendurado atrás da porta dos fundos. — Não vou demorar.

Bob serviu o chá e entregou uma xícara a Freda.

— Vai ser estranho não tê-lo por perto. Vou sentir falta do velho — comentou baixinho.

— Você acha que deveríamos ter outro cachorro? — perguntou Freda.
— Não vai ser a mesma coisa, mas as crianças vão pedir.

— Dê um tempo — Bob murmurou rispidamente, pegando um grande lenço branco do bolso e assoando o nariz ruidosamente.



BETTY CORREU para o vestiário dos funcionários e encontrou Freda, que acabara de pendurar o casaco e estava trancando a bolsa em um dos vários armários de metal.

— Freda, eu fiz uma lista para você... Oh, meu Deus, o que é? — perguntou enquanto Freda se virava para ela. — Você parece pálida. Aconteceu alguma coisa?

Freda assentiu, mas achou difícil falar.

— Não tivemos uma noite muito boa. Nelson morreu e estamos todos um pouco chateados — disse ela enquanto assoava o nariz e tentava se recompor.

— Nossa! — disse Betty, levando a mão à boca. — Sinto muito por ouvir isso. Ele era um cachorro adorável. Sei que minhas meninas ficarão muito tristes ao saber dessa notícia. Elas amavam Nelson. Na verdade, não fizeram nada além de nos implorar para ter seu próprio cachorro, mas deve ser como Nelson. Eu estupidamente disse sim em um momento de fraqueza e elas não param de me lembrar. Como está Ruby? Sei que ele era muito especial para ela.

— Bob está com ela, vai levá-la para sair e tentar animá-la. O plano é lhe comprar um chapéu novo para o casamento, mas temo que vai demorar muito mais do que isso. Nunca a vi tão triste.

Betty deu um passo para o lado quando um grupo de funcionários tagarelas entrou na sala.

— Poderia vir ao meu escritório, por favor, Freda? — ela disse, adotando o tom cortante de uma gerente de loja em oposição ao da amiga

de Freda. — Tenho um trabalho urgente para você.

— Sim, senhora Billington — respondeu Freda, seguindo-a para fora da sala e recebendo olhares de simpatia de alguns dos funcionários mais novos, que não faziam ideia da amizade de Freda com a gerente dos Woolworths. Faltavam apenas alguns metros para o escritório de Betty, onde se sentou e olhou a lista que ela lhe passou. — Isso tem a ver com o treinamento de Cecil Porter? — ela perguntou, com um sorriso surgindo em seu rosto pálido.

— Sim. Se o miserável assumir meu cargo quando eu for embora, saberá administrar esta loja. Recuso-me a permitir que os padrões caiam uma vez que ele esteja no comando do navio.

— Então você quer que ele assuma todos os trabalhos desta lista?

— Sim, e hoje se possível, já que desejo passá-lo para outro membro da equipe amanhã. Cecil precisa experimentar todos os aspectos do trabalho na Woolworths. Não se pode administrar uma loja sem ser capaz de assumir o papel de qualquer membro da equipe com confiança — disse ela com severidade, embora Freda detectasse um brilho em seus olhos. — Está à altura do desafio, querida? Isso pode ser um pouco estressante, e se não estiver se sentindo muito bem...?

Freda sorriu. — Tenho a sensação de que este é exatamente o trabalho de que preciso para me animar. Falando em me animar, vamos para o Erith Dance Studio amanhã à noite. — Você e Douglas vão se juntar a nós? Parece que faz muito tempo que não saímos para nos divertir um pouco.

— Não tenho certeza se estou apta para dançar no momento — disse Betty, colocando a mão na barriga dilatada. —, mas gostaria de sentar-me e assistir. Douglas pode dançar com você. Isso se não se importar em tirá-lo de minhas mãos por um tempo?

As bochechas pálidas de Freda ficaram um pouco rosadas.

— Na verdade, estou trazendo alguém comigo, mas também gostaria de dançar com Douglas — acrescentou ela rapidamente.

Betty bateu palmas de alegria.

— Você tem um namorado? Isso é uma notícia gloriosa. Nós o conhecemos?

— Não acredito que tenha conhecido Sandy. Eu o conheci no Corpo de Bombeiros. Ele ajuda como voluntário lá, e com a Boys' Brigade também. Fomos dançar country escocês em Londres no domingo — explicou ela.

— Estou ansiosa para conhecê-lo — disse Betty, mais do que feliz por Freda ter conhecido um jovem. Preocupava-a que, embora todos os seus amigos tivessem se estabelecido, a mais nova do grupo ainda não tivesse encontrado o amor de sua vida. Ela se perguntou se um dançarino escocês frequentador da igreja era a pessoa certa para Freda, mas evitaria julgá-lo até o conhecer.

— Sra. Billington, pensei em dar uma olhada nas escalas do pessoal hoje. Algumas de suas funcionárias não estão trabalhando — disse Cecil Porter ao entrar na sala. Ele congelou quando viu Freda. — Não deveria estar no balcão, srta. Smith?

— Sr. Porter, por favor, bata antes de entrar em meu escritório. Eu estava no meio de uma reunião importante. No entanto, como está aqui, gostaria de lhe dar suas ordens para o dia — disse Betty, o olhando severamente.

— Mas...

Betty levantou a mão para silenciar o homem.

— Sem, mas, Sr. Porter. Se, com o tempo, o senhor for o responsável pela minha loja, desejo garantir que conheça o negócio de dentro para fora. Dei à Srta. Smith a tarefa de supervisionar sua primeira sessão de

treinamento. Ela tem minhas instruções e entende o que é necessário. Agora — disse, dando-lhe um olhar duro. —, o senhor está pronto?

— Mas... mas... — vociferou. — Ela é apenas uma jovem. Como essa pessoa pode me dizer o que fazer?

Betty levantou-se, a raiva era evidente em seu rosto.

— Sr. Porter, Freda tem mais experiência em trabalhar em uma loja Woolworths do que o senhor em pilotar um Spitfire.

— Oh! — exclamou. — Não há necessidade de falar assim. Eu tenho um atestado médico e meu tio é...

Betty levantou a mão novamente.

— Eu sei quem é seu tio e sei que é por isso que o senhor se mudou para cá. Não acha que verifiquei suas credenciais? É por isso que desenvolvi este esquema de treinamento — para que atinja o padrão das mulheres que sabem muito mais do que o senhor, embora ganhem menos. Tem alguma pergunta?

Um rubor de raiva se espalhou pelo rosto de Cecil Porter, mas ele permaneceu em silêncio.

— Muito bem, então. Senhorita Smith, talvez possa começar no depósito para que o Sr. Porter entenda nosso sistema. Se houver algum problema, por favor, venha direto a mim. Uma vez que a Srta. Smith esteja feliz que tenha entendido este lado do negócio, o senhor passará o próximo mês trabalhando no depósito e fazendo pedidos de nosso estoque. Está claro? — Betty perguntou, segurando um caderno. — Irá precisar disso para fazer anotações.

Cecil pegou o caderno, mas parecia carrancudo. — Vou falar com meu tio sobre isso. Estou aqui como gerente, não como lojista.

— Não tema, Cecil, eu tenho o apoio da matriz — disse Betty enquanto cruzava os dedos, sabendo que havia contado uma mentirinha inocente. —

Um conselho que recebi ao iniciar a ascensão de balconista a gerente foi que não podemos assumir a gestão de funcionários a menos que possamos fazer o trabalho deles. Tome nota disso, Cecil. Agora, vá e encontre um macacão marrom. Não podemos deixar o senhor com o uniforme errado, podemos?

Freda sorriu para Betty quando saiu do escritório. Esta seria uma tarefa agradável e certamente a manteria longe da perda de Nelson.



— E este aqui? — Bob disse enquanto pegava um chapéu de feltro azul de uma vitrine, para grande desgosto da velha e barulhenta vendedora. Ele levou Ruby à loja de departamentos Hedley Mitchell, em Erith, sabendo que era o melhor lugar da cidade para comprar tais itens. As meninas haviam contado a ele várias vezes para que se lembrasse.

Ruby sabia que ele tinha boas intenções, mas seu coração não estava em escolher roupas elegantes para o casamento quando Nelson ainda não estava frio em seu túmulo.

— Sinto muito, Bob, não quero parecer ingrata, mas não consigo pensar direito hoje. Posso escolher a cor errada do chapéu e estragar minha roupa, meu estado de espírito. Então, vou ter Maisie atrás de mim enquanto ela faz meu vestido para a ocasião. É bom que tente me animar, no entanto. Por que não me deixa comprar uma xícara de chá para você no salão de chá? Nunca se sabe, eles podem ter bolo Victoria Sponge, e sabe o quanto gosta disso.

Bob não precisou de um segundo convite. Rapidamente devolveu o chapéu à assistente, que o verificou quanto a danos, mesmo pensando que não havia estado na cabeça de Ruby.

— Está tudo bem, amor, tomamos banho no Natal passado, embora não precisássemos de um — ele sorriu enquanto seguia Ruby pelos vários departamentos até chegarem ao salão de chá. Graças a Deus não era o dia

em que eles davam a festa do show em Palm Court. Ele não suportava a gritaria deles enquanto tentava tomar uma xícara de chá.

— Bem, me belisque, olha quem está ali — Ruby exclamou, ignorando a garçonete que os conduzia a uma mesa para dois e se dirigia para o fundo da sala.

— Espere, Ruby, eles podem não querer que interrompamos o chá da tarde — disse Bob, pegando-a pelo braço.

— Não seja bobo, são apenas nosso George e Maureen. Por que não iriam querer que nos juntemos a eles? Ele é meu filho, pelo amor de Deus — Ruby disse enquanto ela puxava seu braço e continuava em direção ao casal que os tinha visto. — Estão apenas tomando uma xícara de chá como planejamos fazer.

Bob encolheu os ombros e seguiu em um ritmo mais lento. Se ele não estava muito enganado, isso era mais do que uma xícara de chá casual. George estava usando seu melhor terno, e Maureen não estava usando sua melhor roupa – aquela que ela usara no casamento de Mike e Gwyneth em setembro passado?

— Olá, vocês dois! Pegamos vocês, não é? — Ruby riu quando George deu um pulo e puxou uma cadeira para a mãe.

— Não estamos interrompendo, não é? — Bob disse se desculpando enquanto se sentava em outra cadeira. — Estivemos experimentando chapéus para o casamento, mas Ruby não estava com humor depois de... você sabe o que, esta manhã — acrescentou, sem saber exatamente o que dizer caso Ruby começasse a chorar. Ela usara o telefone para avisar os familiares de sua perda, fortificada por uma xícara de chá forte com uma pitada de rum para lhe dar forças.

— De jeito nenhum — George disse enquanto indicava para uma garçonete trazer mais chá para a mesa deles. — Apenas queríamos tomar

um pouco de ar fresco e sugeri a Maureen levá-la para passear em sua cadeira de rodas - e onde é melhor parar do que aqui para tomar um pouco de chá da tarde?

Maureen concordou com a cabeça, embora Bob pudesse ver que ela tinha lábios finos e não tinha muito a dizer sobre o assunto.

— Como estão indo os planos do casamento? — George perguntou quando o chá chegou junto com os bolos frescos. — Presumo que o evento será realizado no Prince of Wales?

Como Bob acenou que sim, Ruby falou.

— Não, vai ser uma boa reunião familiar em casa depois do culto na igreja. Bob está plantando salada na horta, e podemos compensar o resto com o que temos. Afinal, há uma guerra, e temos que lembrar que a família está de luto.

— Por Nelson? — disse Maureen, parecendo bastante chocada.

Ruby lançou a Maureen um olhar mais penetrante do que diamantes cortando vidro.

— Não, nossa Irene. Faz apenas seis meses que ela foi morta.

Maureen teve a gentileza de parecer envergonhada e manteve os olhos baixos para o colo até que George falou.

— Mãe, eu não acho por um minuto que Irene desejaria que você tivesse um casamento tranquilo por causa dela. Na verdade, insisto em darmos uma grande festa, e será por minha conta. Como a pessoa que entrega a noiva, insisto em pagar a conta.

Ruby parecia chocada ao pensar no que seu filho havia dito.

— Se você colocar dessa forma, eu vou dizer muito obrigado, mas eu ainda gostaria de uma refeição em família em casa, se não se importar. Talvez possamos fazer a festa à noite — disse ela, explicando que seria cedo.

— Eu gostaria de ajudar, se você permitir — disse Maureen. — Talvez eu possa ajudar com o almoço.

Ruby deu um tapinha na mão dela e sorriu.

— Isso é muito gentil da sua parte, amor, mas precisa pensar em sua saúde — disse ela, apontando para onde a cadeira de rodas estava estacionada atrás da mesa. — Seremos simplesmente abençoados em tê-la como convidada. As coisas poderiam ter sido muito piores.

— Mas eu estarei de volta ao trabalho, então se for tudo a mesma coisa, eu gostaria de ajudar tanto quanto possível.

— De volta ao trabalho? — Bob e George disseram ao mesmo tempo.

— Era isso que eu ia lhe contar esta tarde — ela disse a George. — Meu médico disse que eu poderia voltar a fazer algumas horas por dia, mas não para me cansar. Só utilizo a cadeira de rodas quando alguém me leva para uma longa caminhada e é muito longe para eu voltar a pé para casa sem desconforto. Pretendo entrar e ver Betty assim que sairmos daqui. Tudo bem, para você? — Ela olhou para George.

— Se você tem certeza — George disse, parecendo duvidoso. — Se isso é sobre dinheiro, eu posso te dar algo para ajudar Sarah e a pensão das crianças.

Maureen riu alto.

— Meu Deus, não, mas obrigada mesmo assim. Só quero sair e fazer algo que valha a pena antes de enlouquecer. Betty está com poucos funcionários como sempre e eu gostaria de voltar a cobrir os intervalos para jantar e chá na cantina dos funcionários. Eu sinto falta de ver todos. Sarah está em casa com as crianças por enquanto, então não sou obrigada a cuidar dos netos, embora isso possa mudar no futuro se ela quiser dedicar algumas horas a si mesma.

— Se está certa disso, vamos aparecer na loja e vê-la em breve — disse George, dando-lhe um tapinha gentil na mão. — Agora, quem quer mais chá?

Bob estendeu sua xícara para George, mas não pôde deixar de notar como Maureen olhou para a mão onde o homem acabara de tocá-la e como suas bochechas adquiriram um belo tom de rosa. Graças a Deus, Ruby estava ocupada comendo uma fatia de bolo e perdeu a troca. As coisas poderiam ficar muito complicadas se ela pensasse que outra mulher estava brincando com o afeto de seu filho logo após a morte de sua esposa. Imerso em seus pensamentos, ele foi surpreendido pelo som da sirene de ataque aéreo começando a soar.



— É aqui que inserimos o número de itens — disse Freda enquanto passava a prancheta e o lápis para Cecil, apontando uma coluna entre muitas.

Ele optou por ignorar a papelada proposta.

— Não acho que esse seja o tipo de trabalho que se espera que eu faça — disse ele, tirando um pequeno fio de seu macacão. — Sou material de gestão, e os gerentes não sujam as mãos.

Freda estava lívida.

— A Sra. Billington se interessa por todas as seções da loja. É isso que a torna uma gerente de primeira linha — respondeu ela, continuando a segurar a prancheta diante dele e batendo com o lápis na papelada. — Agora, vamos continuar? Ou ficaremos aqui o dia todo e não quero perder meu jantar, mesmo que o senhor perca.

Cecil virou-se para contar as louças empilhadas na prateleira atrás dele.

— Doze pratos e dez xícaras e pires, e você sabe que eu ganho mais do que a sua Sra. Billington, então ela não pode ser superior à gerência

masculina.

Freda suspirou. Ela ficou chocada quando Sarah contou à amiga sobre as diferenças salariais. Com toda a inocência, ela assumiu que qualquer um em Woolies que fizesse o mesmo trabalho receberia o mesmo pacote de pagamento.

— Então está tudo errado e alguém deveria fazer alguma coisa a respeito — retorquiu ela, ficando bastante zangada, embora evitasse mencionar que Cecil não ganhava um centavo de seu salário.

— É porque ela é mulher, e assim é o mundo — disse ele, encolhendo os ombros. — E, a propósito, está na hora do almoço.

Freda se aproximou dele, embora ele fosse uns bons trinta centímetros mais alto.

— O que o senhor quer dizer? — ela rosnou.

— Quero dizer, cara balconista, que só as classes trabalhadoras jantam no meio do dia.

— Acho que o senhor é um esnobe — ela respondeu de volta — e não tenho interesse no que pensa. Nossa gerente nos deu um trabalho para fazer e nós o faremos, quer goste ou não.

Ele deu a ela um sorriso cínico.

— Vamos fazer esse trabalho antes que eu tenha que denunciá-la ao escritório central? Certifique-se de que, quando eu for gerente desta loja, você estará de volta ao andar de vendas atendendo aos clientes — disse ele.

— E tenha certeza de que, se esse dia chegar, será o dia em que o inferno congelará e Hitler chegará marchando pela Pier Road — ela retaliou, enfiando a prancheta na mão dele. Ela odiava se rebaixar ao nível do homem, mas se ele desejasse agir dessa forma, então ela também poderia. — Aqui, está a papelada. Então, quando estiver errado, poderá responder à gerente desta loja. Depois de contar o estoque, mostrarei como

escolher os itens solicitados pelo pessoal do balcão e transportá-los para baixo. Depois que o estoque for assinado, essa lista precisará ser alterada. Ah, e se apresse, pois há uma entrega para esta tarde e o senhor terá muito mais a fazer antes de somar todas essas colunas. Sabe somar, não é? — disse, projetando o queixo para o homem e esperando por sua resposta.

— Parece bastante simples — respondeu ele, virando-se para um estoque de lâmpadas na prateleira ao lado. — Eu pensei que havia uma escassez delas.

— Existe, e é por isso que, depois de verificarmos os níveis de estoque, elas precisam ser levadas para baixo. Os clientes estão esperando, então se apresse. — Freda não deu ao homem tempo para respirar enquanto o apressava na contagem do estoque antes de sentá-lo em uma pequena mesa no meio da sala para somar as muitas colunas. — Vou verificá-los assim que terminar — disse ela, parada ao lado de seu ombro enquanto ele iniciava a laboriosa tarefa.

— Não há necessidade — disse ele com uma voz fria.

— Há todas as necessidades — ela retrucou. — É política da empresa verificar tudo, caso contrário, erros podem ser cometidos. Estou surpresa que não tenha aprendido isso desde que ingressou na Woolworths.

— Eu sou gerente. Não temos que fazer um trabalho quando nossa equipe é paga para fazê-lo — ele respondeu, embora tenha abaixado a cabeça e ficado preso em adicionar as colunas de números.

— Vou deixá-lo nisso por meia hora, pois tenho um pequeno trabalho para terminar — disse Freda.

Cecil assentiu sem erguer os olhos. Assim que ouviu a porta fechar, virou-se para olhar o estoque de lâmpadas e deu um sorriso compreensivo.



— Betty, pode me dar um minuto ou dois? — Freda disse enquanto batia na porta da gerente.

— Entre, Freda, eu estava prestes a fazer uma visita ao depósito para ver como está indo o treinamento.

Freda explicou como Cecil havia se tornado beligerante.

— Eu queria saber se você poderia descobrir exatamente que treinamento o homem teve? Eu sei que estou falando fora de hora, já que depende de você, que você é nossa chefe, mas estou confusa com o que ele sabe sobre administrar uma loja. Não parece ser muito.

— Eu estava pensando a mesma coisa, e vou dar um telefonema para alguém que conheço na sede hoje à tarde. O que ele está fazendo no momento?

— Adicionando as planilhas de estoque que verificamos.

— Não disse a ele que temos uma máquina mecânica de somar? — Betty disse, olhando para uma grande engenhoca de metal com fileiras de botões numerados e uma alavanca ao lado.

— Ah! Eu sabia que havia algo que eu tinha esquecido — Freda disse com um sorriso.



— O que devemos fazer? — perguntou Ruby quando soou o alerta de ataque aéreo. — Você acha que há tempo para atravessar a estrada para Woolworths e usar seu abrigo? Prefiro isso a usar o de Mitchell. Se vou ficar sentada em um porão por muito tempo, prefiro que seja entre pessoas que conheço.

Bob olhou para George em busca de apoio. Se um ataque fosse iminente, eles seriam estúpidos em arriscar, mas tantos eram alarmes falsos ultimamente que a sugestão de Ruby seria preferível.

— Vamos, vamos dar uma corrida para Woolworths — disse ele, passando o casaco de Ruby para ela e ajudando Maureen a se sentar em sua cadeira de rodas.

George jogou algum dinheiro na mesa enquanto eles saíam do salão de chá, ignorando os gritos dos funcionários para ficarem parados. Entrando na Woolworths, juntaram-se à fila que descia para o porão embaixo da loja. George deixou a cadeira de rodas onde não atrapalhasse e ajudou Maureen a descer os degraus.

— Posso fazer isso sozinha, George — ela insistiu, embora gostasse de vê-lo colocar o braço em volta de sua cintura enquanto desciam as escadas à meia-luz de uma lâmpada.

— Apressem-se, por favor! — Freda gritou logo abaixo deles.

— Olá, amor — disse Ruby ao chegar ao lado de Freda. — Isso é um pouco como nos velhos tempos. Faz um tempo que não temos uma incursão.

— Eu pensei o mesmo — Freda disse enquanto apontava para alguns bancos vazios onde eles poderiam se sentar. — Provavelmente um alarme falso, mas é melhor prevenir do que remediar, hein?

— Você viveu com Ruby por muito tempo — Bob riu. — Já está começando a usar as palavras dela.

Ruby deu uma cotovelada indignada em Bob.

— Pare com seus comentários atrevidos e se apresse, há uma multidão de pessoas esperando atrás de nós na escada. Se for um ataque, eles irão para o túmulo culpando você — ela bufou.

— Sempre alegre, não é? — sussurrou para Freda enquanto seguia Ruby até um banco.

— Como vai? — Betty perguntou ao se juntar a Freda. — Não vi mais ninguém na loja e marquei a lista de funcionários que estão de plantão.

— E Cecil? — perguntou Freda.

— Oh, querida, eu nunca pensei em adicioná-lo à lista de funcionários — Betty disse com um olhar preocupado em seu rosto. — Acha que ele ainda está no depósito? É melhor eu verificar.

— Não vai fazer isso — disse Freda. — Pelo amor de Deus, pense no seu bebê. Agora, sente-se ali e tire o peso dos pés. Vou procurar o desgraçado.

As palavras “Tenha cuidado” seguiram Freda quando ela saiu do porão e se dirigiu para a loja vazia. Alcançando a porta que levava aos aposentos dos funcionários e ao depósito no andar de cima, ela perdeu o equilíbrio quando a porta se abriu. Agarrando-se a uma prateleira próxima para não cair, ela viu Cecil sair correndo em suas roupas de sair carregando uma sacola de compras.

— Sr. Porter, deve descer ao porão imediatamente. Certamente conhece as regras! — gritou enquanto ele se dirigia para a frente da loja e tentava sair, sacudindo cada porta por sua vez quando as encontrava trancadas.

— Como é que eu vou abrir essas malditas portas? — ele exigiu, uma fina camada de suor aparecendo em seu lábio superior.

Freda se sentiu um pouco mal por gostar do desconforto dele.

— Certamente conhece o exercício para alertas de ataque aéreo na loja. Sei que não temos muitos desde as bombas aéreas e ataques de foguetes, mas ainda temos que seguir as ordens do mesmo jeito, e como potencial gerente desta loja deve dar o exemplo — ela o repreendeu. Em seguida encolheu os ombros. O que ela se importava? Seu futuro com Woolworths seria curto se o homem se tornasse seu chefe.

— Apenas abra a maldita porta — disparou ele, sacudindo as mãos enquanto empurrava a placa de latão da porta.

Freda enfiou a mão no bolso. Betty insistiu que pelo menos três membros da equipe tivessem as chaves das portas em caso de emergência durante os ataques inimigos. Tornou-se uma segunda natureza para as mulheres pegar as chaves todas as manhãs em seu escritório.

— Está com sorte, pois é a minha vez de ser uma das detentoras das chaves. No entanto, devo insistir para que o senhor se proteja, pois a sua vida pode estar em perigo.

Cecil gritou algo que ela não entendeu bem quando empurrou a porta entreaberta e saiu correndo pela estrada.

Enquanto Freda o observava virar a esquina, soou o sinal de que estava tudo limpo. Ela se perguntou se ele voltaria e deu um suspiro de alívio quando, depois de alguns minutos, ele não apareceu.

— Muito estranho — disse Betty, depois de ver todos os clientes saírem do porão e o trabalho recomeçar. — Muito estranho mesmo. Talvez eu ligue para o pessoal antes que eu esqueça.

— Sra. Billington, posso dar uma palavrinha? — Maureen chamou enquanto alcançava Betty na porta dos funcionários.

— Ora, Maureen, que surpresa deliciosa. Como você está?

— Estou bem e pronta para o trabalho — disse Maureen enquanto se apoiava em um balcão para se sustentar. — Acha que há a possibilidade de que eu retorne e faça algumas horas todos os dias?

Betty olhou para a mulher, que certamente não estava tão firme quanto deveria, e depois para George, que empurrava uma cadeira de rodas na direção deles.

— Por que não subimos para o meu escritório e discutimos isso? Você está bem com escadas, Maureen?

— Vou esperá-la aqui embaixo — disse George, afastando a cadeira dos clientes que tentavam chegar aos balcões para continuar com suas compras.

— Freda, poderia ficar de olho no Sr. Porter e pedir-lhe que venha ao meu escritório assim que possível, por favor?

— Não estou segurando você, estou? — perguntou Maureen enquanto começava a seguir Betty escada acima.

— Não, de jeito nenhum — respondeu Betty, tentando não pensar no monte de trabalho que se acumulava em sua mesa. Ela ficou feliz em andar no ritmo de Maureen, pois descobriu que subir as escadas às vezes era cansativo. Só Deus sabe como ela estaria daqui a alguns meses.

— Nada muda aqui — disse Maureen ao se sentar no escritório de Betty. — Parece estar tão ocupada como sempre.

— Eu gosto assim — Betty sorriu para a mulher sentada à sua frente. Ela não acrescentou que no estranho momento de silêncio em que tinha tempo para pensar, ela imaginava sua vida futura e uma onda de pânico a engolfava. — Então, me diga como realmente está, agora que não temos público. Você passou por tanta coisa desde... desde...

— Desde que Irene foi morta? — Maureen disse gentilmente, sabendo como era difícil para Betty colocar o que havia acontecido em palavras.

— Sim, desculpe. Eu não tinha certeza de como colocar isso — Betty respondeu, de repente sentindo-se bastante chorosa. — Meu Deus, olhe para mim, estou uma bagunça emocional.

— É o bebê que vai fazer você agir assim — disse Maureen. — Acontece com todos nós quando carregamos uma criança. A seguir, implicará com seu simpático marido, sem qualquer razão.

Betty sorriu. Ela tinha feito exatamente isso ontem à noite, quando Douglas estava cinco minutos atrasado para buscá-la no trabalho.

— Eu nunca soube dessas coisas. Vou mantê-lo em mente para o futuro. Agora, o que acha de vir duas horas por dia, e podemos ver como se sente

depois de algumas semanas. Eu odiaria entrar nos livros ruins do seu médico e você acabar por voltar ao hospital.

— Isso me cai bem, obrigada. Talvez eu pudesse entrar e preparar a refeição principal e assar alguns bolos para os intervalos para o chá. Eu não estaria desempregando ninguém, estaria?

— Meu Deus, não... isso liberaria algumas de minhas funcionárias para voltar aos seus balcões. Estávamos orando pelo dia em que você retornasse ao trabalho. No entanto, precisa me prometer uma coisa, Maureen.

— Qualquer coisa — Maureen sorriu.

— Que quando meu bebê nascer você fará o bolo de batizado. Ninguém pode vencer seus bolos. Providenciarei todos os ingredientes.

Uma onda de alívio cruzou o rosto de Maureen.

— É um acordo. Achei que iria me pedir para ensinar Maisie a cozinhar — ela riu, e Betty se juntou a ela. — Seria uma tarefa impossível.



Maisie segurou Claudette e Bessie em seus braços até que parassem de chorar. Ela temia contar às duas garotas que seu cachorro favorito havia morrido.

— Nelson era um cachorro muito velho, e agora ele foi para o céu, e poderá correr e brincar como fazia quando era um filhote. Vocês deveriam estar felizes por ele, minhas queridas.

— Ele virá nos ver agora que é um cachorrinho de novo? — Claudette perguntou, enquanto Maisie limpava o nariz da menina para ela.

— Não, ele não pode fazer isso, mas ele quer que se lembre do quanto o amava e cuide de Nanna Ruby agora que ela não o tem ao seu lado. Você pode fazer isso?

— A Nanna Ruby está muito triste? — Bessie perguntou enquanto esfregava os olhos com o punho.

Maisie adorou o fato de Ruby ter dito às duas meninas para chamá-la de Nanna Ruby, pois isso fazia com que todas se sentissem como uma família feliz.

— Sim, ela está triste, mas ela sabe que ele não está mais velho e rígido e pode correr e latir o quanto quiser no “céu” canino.

As duas garotas pensaram um pouco.

— Poderíamos fazer alguns desenhos do, Nelson, para Ruby guardar — sugeriu Claudette.

— Acho que é uma ótima ideia. Talvez amanhã, já que está chegando perto de sua hora de dormir. Por que não vão se lavar e vestir as camisolas, e depois podemos ler um pouco antes de David chegar em casa?

As meninas pularam do colo de Maisie e saíram correndo. Ela começou a arrumar a sala, pegando os brinquedos e verificando se estava apresentável antes que David entrasse e eles pudessem relaxar. Ela mal havia terminado quando ouviu uma chave na fechadura e ele entrou na sala, tirando o sobretudo e pegando Maisie nos braços.

— Como as meninas receberam a notícia? — perguntou ele.

— Não foi tão bom, mas vão superar isso. Considerando como lidaram com a morte de minha mãe, estou surpresa com o quão chateadas ficaram com a morte de um cachorro. Acho que é porque elas o amavam e ele parecia as amar mais ainda, enquanto minha mãe não se importava muito com ninguém. Pelo menos elas são amadas aqui, e vou me certificar de que nada as machuque.

David parecia ter as preocupações do mundo em seus ombros.

— Elas estão na cama?

— Ainda não, as duas descerão logo, assim que vestirem as roupas de dormir. Eu disse que elas poderiam ter uma história antes de você voltar para casa.

— Então é melhor ver isso agora — disse ele, cansado, enquanto enfiava a mão dentro do paletó e tirava um envelope. — Veio por canais internos. Para ser honesto, desisti de pensar que teríamos notícias de seu irmão.

Maisie pegou o envelope enquanto David o estendia para ela.

— Foi aberto, você já leu? — ela viu a angústia crua em seus olhos quando puxou a única folha de papel e leu rapidamente as linhas rabiscadas. — Não! — ela gritou. — Ele não pode fazer isso. Ele não pode tirar as meninas de nós, não agora. Não, não, não!



— **PARECE SATISFEITA** consigo mesma — disse Sarah quando Maureen entrou em casa seguida por George.

— Tem sido um dia agitado. Conseguiu descer até o porão bem? — perguntou Maureen.

— Sim, Georgie me ajudou, não é mesmo? — disse Sarah, tentando chamar a atenção da criança. Georgina estava muito interessada na cadeira de rodas que seu avô estava empurrando para dentro de casa. Tinha um pacote embrulhado em jornal colocado no assento. — Aquele aviso de ataque aéreo foi uma confusão por nada. Buster não gostou de ser acordado e desde então tem estado bastante agitado.

— É melhor prevenir do que remediar — disse Maureen enquanto tirava o casaco e o pendurava em um cabideiro no canto da sala antes de esfregar as mãos na frente do fogo para aquecê-las. — Aqui, deixe-me segurá-lo por um tempo. George ofereceu a todos nós peixe com batatas fritas para o chá, pois é um pouco tarde para começar a cozinhar.

— Eu não tinha certeza se deveria começar — disse Sarah. — Por que demorou tanto? Achei que tinha saído para dar uma volta e tomar uma xícara de chá no Mitchell's.

— Encontramos Ruby e Bob e começamos a conversar sobre o casamento deles. Então, depois que o alerta de ataque aéreo disparou, conversei com Betty e ela me ofereceu meu emprego de volta. Bem, algumas horas por dia para começar. Foi quando decidi que deveria andar mais, e George anda empurrando a cadeira de rodas vazia pela cidade —

disse Maureen, lançando a George um olhar agradecido. — Depois fomos ao Odeon ver Waterloo Road. A tarde foi muito animada.

— E você merece, depois de tudo o que passou — disse George, dando um tapinha no ombro dela enquanto ia até a cozinha buscar os pratos para o chá.

Sarah sentiu uma onda de tristeza percorrê-la. É verdade que sua sogra havia se ferido quando um foguete explodiu em New Cross Woolworths, mas sua mãe havia morrido. Parecia a ela que seu pai havia esquecido que havia perdido a esposa, pelo jeito que ele se preocupava com Maureen.

— Não está gostando da sua refeição? — George perguntou, notando que Sarah beliscava a comida.

— Posso cozinhar um ovo para você, se preferir — disse uma preocupada Maureen. — Precisa manter sua força.

Sarah deu a ambos um sorriso fraco.

— Não estou com tanta fome, obrigada mesmo assim. Talvez eu embrulhe o que sobrou e dê uma caminhada lenta até a casa de Nan amanhã com as crianças. Nelson vai gostar das sobras.

George olhou para Maureen, que deu um aceno sutil de volta.

Sara franziu a testa.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, olhando para seus rostos preocupados.

George pigarreou, parecendo desconfortável.

— É assim, amor. Eu não quero que fique chateada, mas...

Sarah começou a ficar irritada.

— Mas o quê? O que está tentando me dizer?

George parecia angustiado e incapaz de falar, então Maureen assumiu.

— Sarah, amor, o que George quer que você saiba é que Nelson faleceu esta manhã. Íamos esperar para avisar quando... — ela acenou com a cabeça

para Georgina, que estava ocupada comendo suas batatas fritas. — Quando não houvesse orelhinhas aqui.

Sarah não acreditou no que estava ouvindo. Com um soluço abafado, ela deixou a mesa e correu escada acima para seu quarto. Por que tudo estava mudando em sua vida? Primeiro sua mãe, e agora Nelson - nada jamais seria o mesmo em sua vida. Ela mal podia esperar pelo dia em que Alan voltaria para casa de vez e a vida voltaria ao normal tanto quanto possível. Enquanto ela estava deitada em sua cama, tentando manter a calma, podia ouvir conversas no andar de baixo antes de passos e o rangido da escada de madeira lhe dizer que alguém tinha vindo vê-la.

Houve uma batida na porta.

— Sarah, posso entrar?

— Sim, pai, entre — disse em pouco mais que um sussurro.

— Brrrh, está um pouco frio aqui — ele estremeceu enquanto se sentava na beirada da cama. — Aqui, vamos enrolar isso em você. — Ele segurou a ponta de um edredom floral rosa e puxou-o sobre os ombros dela. — Agora, o que é tudo isso? Nunca a vi recusar um bom pedaço de peixe.

— Provavelmente estou sendo idiota, pai, mas muita coisa está mudando. Ouvir sobre Nelson só piorou. Acha que estou sendo boba? Eu me sinto tão assustada às vezes.

George pôs os braços em volta da filha e a abraçou até que ela mal pudesse respirar. Ela podia sentir o cheiro de seu sabonete de barbear e do tabaco que ele gostava de fumar em seu cachimbo. Ambos eram cheiros fortes e reconfortantes.

— Não há nada de estúpido em sentir medo. Ora, tenho estado assustado e mais do que um pouco preocupado por tantos anos que perdi a conta.

Sarah recostou-se e olhou para o rosto do pai.

— Você ficou com medo? Mas é um homem e tem um trabalho importante. Diz às pessoas o que fazer. Por que se sentiria assustado?

— Tenho muita responsabilidade, quero que saiba, mocinha — disse ele, torcendo o nariz dela como fazia quando ela era criança.

— E eu sou uma mulher adulta com marido e dois filhos, então pare de fazer isso — ela riu, afastando a mão dele.

— E nós dois podemos ficar um pouco assustados e preocupados às vezes. Preocupei-me assim que sua mãe me disse que estava esperando você, e não se passou um dia desde então sem que eu me preocupasse com sua segurança e seu futuro. Eu me preocupo com o seu Alan e o trabalho corajoso que ele faz, e me preocupo com todos os rapazes que usam o equipamento que ajudo a fazer na Vickers. Isso é muita preocupação, quero que saiba — disse ele, dando-lhe um sorriso gentil. — Não vá pensando que você tem o monopólio da preocupação.

— Mas, sendo um homem, não deve mostrar essas coisas.

— É sobre isso.

Sara pensou por um momento.

— Eu quase perdi meu Alan naquela vez que ele desapareceu em combate.

— Você não é diferente de muitas outras jovens esposas.

— Não, quero dizer a maneira como ele agia quando estava em casa de licença. Estava tão distante e estranho, pensei que não me amasse mais. Então... então, quando pensamos que ele não voltaria para casa, e eu conheci David... agi como uma completa idiota e quase o perdi para sempre — ela disse, seus pensamentos muitos anos distantes.

— Tudo deu certo — disse George, trazendo-a de volta ao presente.

— Eu sei por que ele agiu assim — foi porque estava preocupado e com medo. Ele não podia dizer muito, mas na última vez que esteve em casa,

sabia que estava partindo para uma missão perigosa. Achei que seu mau humor significava que conhecera uma classe diferente de pessoas, por estar na RAF. Achei que não era boa o suficiente para ele, mas a verdade é que ele estava com medo. Meu adorável marido estava morrendo de medo — ela começou a chorar ao pensar em Alan e no passado deles.

— Pronto, pronto — disse George, enfiando a mão no bolso para pegar um lenço. — Saiu tudo na lavagem, não foi?

Sarah acenou com a cabeça e deu-lhe um sorriso agudo.

— Sim, mas agora, quando estou preocupada ou assustada, isso me faz pensar que posso ter entendido errado de novo, e ultimamente, com mamãe...

George a pegou pelos ombros para que ela não pudesse fazer nada além de encará-lo.

— Somos uma bela dupla, não somos? Sua mãe deve estar lá em cima gritando conosco agora. De certa forma, gostaria que fosse mais como ela, porque Deus sabe que preciso de alguém para me dizer o que fazer às vezes.

— Você está dizendo que gostaria que eu o importunasse às vezes?

— Só sinto falta da sua mãe por perto e organizando...

— Organizando nossas vidas? — Sarah disse tristemente.

— É sobre isso. É por isso que pensei que precisava mudar minha vida antes de me tornar um velho miserável, e por isso que venho aqui em Erith com mais frequência...

Antes que George terminasse de falar, a porta do quarto se abriu e Georgina entrou correndo e pulou na cama.

— Desculpe, Sarah, já passou da hora de dormir e ela se lavou. Não queria interromper vocês dois — disse Maureen, indo até uma pequena cômoda e tirando a camisola de Georgina. — Posso levá-la lá para baixo, se ainda não terminaram a conversa — ela acrescentou, olhando para os dois.

— Acho que terminamos nossa conversinha, não é? — disse George, dando um beijo rápido na testa de Sarah e se levantando. — É bom termos você para nos manter organizados, Maureen, ou Georgina ainda estaria correndo à meia-noite. É melhor eu ir. Amanhã começo cedo — disse ele, espremendo-se para passar por Maureen quando ela parou na porta.

— Vou esquentar isso no fogo por alguns minutos enquanto vejo seu pai ir embora — disse Maureen, pegando Georgina pela mão e saindo do quarto.

Sarah endireitou o edredom pensativamente. Papai ia a Erith com bastante frequência... e gostava de ser organizado por Maureen...

— Oh, Deus, ele está apaixonado por Maureen — ela disse em voz alta. — Não, não pode ser assim. É muito cedo, e Maureen é minha sogra.

A porta rangeu e, olhando para cima, ela viu Maureen parada ali.

— Esqueci-me do roupão da Georgina — disse ela, sem olhar para o rosto de Sarah.

Sara desviou o olhar. Maureen ouvira o que ela disse?



— Sra. Billington, o Sr. Grant estará com você em breve, se quiser se sentar — disse a recatada secretária, indicando onde uma cadeira de madeira curvada de aparência dura havia sido colocada no canto do escritório.

Betty havia pensado muito sobre visitar a sede para perguntar sobre seu futuro na empresa. Embora ela estivesse interessada na sugestão de Douglas de trabalhar algumas horas por dia em seu negócio, não podia deixar de pensar que Woolworths deveria, pelo menos, oferecer a ela a chance de voltar a um trabalho que havia feito abnegadamente durante os anos de guerra. Ora, se a guerra continuasse se arrastando como estava, a empresa ainda estaria com falta de homens para administrarem os armazéns. Certamente, eles ficariam felizes em fazer uso de suas habilidades?

Sentada na beirada do assento para não franzir a saia, ela se sentiu confiante de que esse Sr. Grant, veria diante dele uma mulher profissional que conhecia seu trabalho e não se incomodava em carregar um filho e administrar uma loja movimentada. Maisie havia emprestado a ela um elegante casaco de lã vermelho com gola de veludo preto que pendia frouxo sobre seu terninho de tweed. Novamente, Maisie veio em socorro e soltou as costuras da saia, então esperava que durasse mais um mês ou algo assim. Betty usava o elegante chapéu de feltro preto que havia comprado para seu casamento. Maisie ficou impressionada que com ela o sentimento de confiança começava com o uso das roupas e maquiagem certas. Betty havia recusado o uso do batom vermelho favorito de Maisie.

A porta se abriu e um homem baixo e de rosto magro saiu.

— Srta. Billington — chamou ele, e desapareceu antes que Betty pudesse falar. Colocando a bolsa no braço, ela o seguiu até a sala. Fazia um calor sufocante na pequena sala, de um aquecedor de parafina situado perto da mesa do homem, e havia um leve odor de pasta de peixe que, sem dúvida, fazia parte de seu almoço. Betty tirou o casaco e, como ele não se ofereceu para pegá-lo, ela o dobrou com cuidado e o colocou sobre os joelhos. Enfiando a mão na bolsa, ela tirou um lenço de algodão umedecido com água de lavanda e levou-o ao nariz. Ajudou a mascarar o cheiro de peixe.

— Srta. Billington — começou ele franzindo a testa, olhando para a barriga de Betty.

— É Sra. Billington — Betty sorriu, erguendo a mão esquerda para mostrar a fina aliança de ouro em seu dedo nupcial.

O Sr. Grant pareceu aliviado.

— Eu me perguntei — respondeu ele rigidamente, olhando para uma pasta bege com o nome dela escrito em um canto. — Aqui está escrito

“Senhorita”.

— Casei-me há pouco mais de um ano. Meu nome de solteira é o mesmo do meu marido — explicou ela, esforçando-se para manter um sorriso agradável no rosto.

Ele assentiu com aprovação.

— Mantenha tudo em família — disse ele, olhando por cima da armação dos óculos que estavam posicionados na ponta do nariz.

— Certamente que não — retrucou Betty. O que ele estava insinuando? — Posso garantir que meu marido não era meu parente antes de nos casarmos. Nosso casamento foi honesto.

O Sr. Grant acenou com a mão para interromper sua explicação.

— Não me interessa. O importante é que parece estar trabalhando em nossa loja Erith enquanto... enquanto está neste... — Ele começou a acenar com a mão no ar, novamente tentando encontrar a palavra certa.

— Enquanto espero um filho, muito desejado — ela respondeu.

— Pode ser, mas é muito pouco profissional. Nunca tivemos um empresário nesta situação antes.

Betty reprimiu um sorriso.

— Tenho certeza de que não, Sr. Grant, considerando que há poucas mulheres em cargos de gerência em idade reprodutiva.

O Sr. Grant engoliu em seco, fazendo com que seu pomo de Adão se movesse para cima e para baixo e seus olhos se arregalassem ligeiramente.

— Bem, realmente, Sra. Billington, não há necessidade de tamanha grosseria.

— Estou encarando os fatos, Sr. Grant. Minha situação é um tanto incomum e desejo colocar minhas cartas na mesa.

Ele pegou um pacote de Senior Service e acendeu um sem oferecer a Betty. Ela tossiu quando ele soprou a fumaça em sua direção.

— Não vejo problemas — disse ele. — A senhora deixará nossa empresa muito em breve e temos um excelente substituto em Cecil Porter.

— Sinto muito, Sr. Grant. Sei que é novo no departamento pessoal, mas já apresentei um relatório sobre o Sr. Porter ser inadequado para o trabalho. No entanto, isso não é aqui nem lá, pois pretendo trabalhar o máximo que puder - e depois gostaria de voltar, assim que meu filho nascer. Já temos uma governanta muito boa que cuida das minhas enteadas e, se necessário, contratarei uma enfermeira. Quero manter meu emprego, Sr. Grant.

— Não quero saber de seus arranjos domésticos, sra. Billington. A senhora deve estar em casa com seu filho. Esperançosamente, no próximo ano veremos nossos homens voltando para casa e eles vão querer seus empregos de volta.

— Infelizmente, nosso gerente, o Sr. Benfield, faleceu, então não temos um gerente que volte para a loja Erith — interrompeu Betty.

Ele ergueu a mão para impedi-la de falar.

— Por favor, deixe-me terminar. Também temos gerentes estagiários retornando que estão em nossa folha de pagamento desde que foram convocados. A senhora negaria a eles um emprego por causa de suas ideias fantasiosas?

Betty parou para pensar por um momento. Era verdade que Alan e o jovem Ginger em algum momento retornariam aos seus empregos. Ao ficar, ela estaria negando a Alan a chance de trazer para casa um salário para Sarah e as crianças?

— O senhor está certo, eu posso ver isso. No entanto, do jeito que as coisas estão, esses homens ainda estão servindo ao seu país e nós ainda estamos em guerra. A pessoa que nos enviou não é adequada, pois não tem ideia de como atender um cliente, muito menos administrar uma loja. Tivemos um ataque aéreo recentemente e o desgraçado fugiu sem se

importar com os clientes ou nossa equipe. Preciso de tempo para treiná-lo antes de partir. Pelo menos me dê tempo para fazer isso, por favor?

Ele acendeu outro cigarro e soprou novamente a fumaça na direção dela. Com o calor da sala e os odores repugnantes, Betty começava a se sentindo um pouco tonta e enjoada. O estresse da situação não ajudou nem um pouco. Enquanto a fumaça flutuava em seu rosto, ela sentiu seu estômago revirar. Olhando em volta desesperadamente, viu uma planta aspidistra em uma tigela de porcelana ornamentada, no parapeito da janela. Ela mal conseguiu alcançá-la quando despejou o almoço e a xícara de chá que desfrutou no Lyon's Corner House quando chegou a Londres.

— Meu Deus, Sra. Billington, o que está fazendo? — perguntou o Sr. Grant, levantando-se de um salto. — Minha querida esposa me deu essa planta para comemorar minha promoção.

Betty limpou a boca e se virou para pegar o casaco que havia caído no chão.

— Eu sinto muito. Acho que seria melhor eu sair agora — disse ela, caminhando em direção à porta. Esperava que ele falasse de volta e fizesse algum tipo de comentário sobre seu emprego, mas só houve silêncio quando ela saiu da sala e fechou a porta atrás de si.

— Você se importaria muito se eu pedisse um copo d'água. Não estou me sentindo muito bem — disse Betty à secretária, sentando-se na cadeira que deixara vazia dez minutos antes.

A mulher acenou educadamente com a cabeça, antes de pegar o telefone.

— Sr. Grant, seu sobrinho está ao telefone.

Betty soube então que não poderia vencer. *Oh, devia ter nascido homem*, pensou consigo mesma.



Maisie gritou de tanto rir antes de levar a mão à boca.

— Deus, sinto muito, Betty, mas vomitar em seu vaso de planta! Oh, meu Deus! Eu teria pagado um bom dinheiro para ver isso.

— Devo dizer que eu mesma ri quando saí da sede e fui para casa. E pensar que aquele era o terrível tio de Cecil, e eu vomitei em seu vaso de plantas! Não sei como enfrentar Cecil quando ele chegar para trabalhar.

— É melhor fingir que nada aconteceu. Faça o papel da chefe legal, calma e controlada e olhe diretamente para ele.

— Sim, é uma boa ideia. Eu tenho um trabalho para ele, então pelo menos vai ficar fora do meu caminho durante o dia — Betty olhou para o relógio na parede do escritório. — Ele está atrasado, como sempre. Como diabos ele pensa que será capaz de administrar esta loja quando eu for embora, eu simplesmente não sei. É sempre o último a chegar de manhã. Alguns dias a loja está aberta antes que ele apareça.

— Dê o fora nele — aconselhou Maisie ao terminar o chá e se levantar.

— Tenho a sensação de que, se o fizesse, o tio dele passaria por cima da minha decisão e zombaria de mim. Não, terá que ser algo mais do que seus atrasos para me livrar dele. Até então, continuarei treinando-o em todos os departamentos até que ele odeie tanto a mim e à loja que tropece e faça algo errado.

— Ou vá embora? — sugeriu Maisie. — Então, que pobre coitado está com ele hoje?

Betty ergueu as sobrancelhas e lançou um olhar de desculpas a Maisie.

— Ah, dane-se — praguejou Maisie. — Eu sabia que ele cairia em cima de mim em pouco tempo. Já é ruim ajudar Doris no balcão de vegetais sem ele estar lá. Temos uma entrega chegando às dez da fazenda e choveu o dia todo. Vou estar enlameada e infeliz quando conseguir ver Sarah voltando para casa.

— Você poderia delegar — sugeriu Betty. — Freda me disse que ele detestava sujar as mãos com um grão de poeira quando estava nas lojas.

Os olhos de Maisie brilharam.

— Hmm...talvez eu possa fazer bom uso dele. Colocarei meu macacão e estarei pronta para seu “senhorio” quando ele vier.

— Lamento aborrecê-la assim, Maisie — desculpou-se Betty. — Embora seja um pequeno alívio depois de estar na sede ontem. Foi bom compartilhar isso com você.

— Quando quiser — sorriu Maisie. — A propósito, o que Douglas disse sobre isso?

Uma nuvem passou pelo rosto de Betty.

— Eu não disse a ele que fui implorar meu trabalho. Prometi a ele que não teria pressa de voltar ao trabalho depois que o bebê nascesse. Para falar a verdade, ele quer que eu saia do trabalho logo.

Maisie voltou a se sentar.

— Caramba, você estaria perdida se não trabalhasse aqui.

— Tivemos uma conversa sobre isso outro dia. Receio tê-la usado como exemplo de mulher que continua trabalhando depois de ter filhos.

— Não tenho certeza se sou um bom exemplo para dar a ele. Você é uma gerente com um trabalho responsável, enquanto eu, só quero tempo para fazer algo que valha a pena. Só não sei o que é... opa, desculpa, não quis dizer que não gosto de trabalhar aqui, mas...

— Sei o que quer dizer, Maisie. Somos tão parecidas em tantos aspectos.

Maisie caiu na gargalhada.

— Eu e você somos iguais? Droga, devo estar ficando elegante com a velhice.

Betty sorriu. Maisie, foi como uma lufada de ar fresco.

— Quero dizer, que queremos mais do que apenas ser esposas e mães. Ao contrário de nossa Sarah, que não quer nada além de dar um bom lar para Alan e ter seus filhos.

— Você está certa, ela mal pode esperar para ele deixar a RAF e brincar de “família feliz”, pelo resto de sua vida.

— Eu me pergunto o que Freda quer? Eu realmente nunca lhe perguntei. Ela já passou por muita coisa para uma jovem.

— Ela quer ser amada — disse Maisie imediatamente. — Parece bastante simples, mas Freda ainda não encontrou o homem certo para amá-la e para amá-lo de volta.



— Você está adorável — disse Sandy enquanto Freda abria a porta do número treze e o convidava a entrar.

— Obrigada — ela corou. — Minha amiga fez para mim com dois vestidos velhos. Eu gostaria de saber costurar tão bem quanto Maisie.

— Não se coloque para baixo. Você pode tricotar melhor do que todas nós. Juro que ela vestiu a maior parte da Marinha com meias de lã. Sou Ruby Caselton, a senhoria de Freda — disse Ruby, estendendo a mão. — Aquele grandalhão cochilando na poltrona é Bob Jackson. Não, não somos casados — disse ela, enquanto Sandy levantava uma sobrancelha. — Agora venha para o calor enquanto Freda termina de se arrumar.

— O casamento é em maio — disse Bob ao abrir os olhos.

— Desculpe, senhor?

— Eu e Ruby vamos nos casar em maio. Até lá estou banido para o quarto dos fundos.

— Bob, espero que não esteja envergonhando o jovem de Freda? — Ruby perguntou enquanto seguia Sandy para dentro da sala. — Você não

pensaria que ele era um policial aposentado, pelo jeito que ele fala — disse ela, apontando para uma cadeira. — Sente-se.

Sandy obedeceu, contente com o calor do fogo.

— Está bastante frio lá fora. A senhora não irá ao baile esta noite? Freda mencionou que amigos estariam presentes.

Ruby gostou do jovem. Ele tinha boas maneiras e não parecia muito chocado com as brincadeiras de Bob.

— Não desta vez, embora gostemos de dançar. Acredito que meu filho George vai junto, assim como Maisie e seu marido. Estou indo para a casa deles para cuidar das crianças durante a noite, então vou dizer boa noite e espero que vocês dois tenham uma ótima noite. Certifique-se de que Freda o traga para tomar chá em algum momento. Pelo que entendi, sua família não mora por aqui?

— Não, Sra. Caselton, eles moram na Escócia. Estou hospedado aqui enquanto concluo meu aprendizado.

Ruby assentiu. Ela sabia que não deveria assumir tais coisas, mas ela podia ver Freda se estabelecendo com este jovem simpático.

— Bem, minha porta está sempre aberta, se quiser aparecer a qualquer hora.

— Obrigado, Sra. Caselton — disse ele educadamente, levantando-se enquanto ela saía da sala.

— E me chame de Ruby. Todo mundo gosta — respondeu ela enquanto puxava o casaco do cabideiro e acenava.

— Você mora com pessoas legais — disse Sandy, pegando a mão de Freda enquanto saíam.

— Eles são como uma família para mim. Na verdade, eles *são* minha família. Há apenas meu irmão Lenny e eu agora. Ruby cuidou de mim

desde que vim para Erith em 1938. Não sei o que teria feito sem ela e meus amigos da Woolworths.

— Você também tem a amizade de nossa igreja — disse ele enquanto atravessavam a estrada em direção à cidade.

— Para ser honesta, eu vou lá mais para ajudar a Sra. Missons com os brownies e as guias. Desde que sua filha, Molly, foi para o Land Army, ela está com falta de pessoal. Sinto muita falta de Molly, já que nos dávamos tão bem. Mas eu assisto aos desfiles da igreja para ajudar a manter a ordem entre as meninas.

O aperto de Sandy na mão de Freda endureceu.

— Certamente sua fé é mais importante do que ajudar nas reuniões do Brownie.

— Não tenho certeza se tenho uma fé adequada — disse Freda, tentando contorcer os dedos em seu aperto. — Vi o suficiente na minha infância e nesta guerra para saber que são as pessoas boas que contam neste mundo, e gosto de pensar que aqueles que não vão à igreja podem ser tão decentes quanto aqueles que colocam seus melhores chapéus e casacos e aparecem todos os domingos para se ajoelhar e orar. Admiro qualquer um que tenha fé — eles devem ser elogiados.

— Como se sentiria se uma pessoa em um casamento acreditasse em Deus enquanto a outra tratasse a ida à igreja como uma ocasião social? — perguntou ele rigidamente.

Freda prendeu a respiração. Ela teve a sensação de que sua resposta era fundamental para seu futuro romance com Sandy.

— Acredito que um casal que se ama verdadeiramente deve trazer suas próprias opiniões e crenças para o casamento, e cada um, deve respeitar as opiniões do outro — disse ela seriamente.

— Acho que você está certa — ele respondeu, embora Freda ainda pudesse detectar uma leve frieza em sua voz.

— Aqui estamos nós — disse ela, sentindo um leve alívio. Ela não esperava que tal conversa dominasse a caminhada até o Dance Studio. A memória dos beijos de Sandy ainda estava fresca em sua mente desde a última vez que se encontraram, e esperava que houvesse uma oportunidade para eles repetirem a experiência enquanto caminhavam pelas ruas escuras de Erith. Um formigamento de antecipação percorreu sua espinha. Talvez na volta para casa as coisas fossem diferentes, mesmo que fosse um beijo de boa noite na porta do número treze.

— Aqui — Maureen acenou quando o jovem casal saiu da chapelaria.

— Ah, que bom, Maureen e George reservaram lugares para nós — ela disse enquanto eles começavam a abrir caminho pela pista de dança lotada.
— Eu me pergunto se Betty e Douglas já chegaram?

— Quem são essas pessoas? — Sandy perguntou enquanto ele segurava seu cotovelo para atrasá-la.

— Betty é minha chefe na Woolworths e seu marido, Douglas, dirige uma empresa funerária. A Maureen também trabalha na Woolies e é sogra da minha amiga Sarah — neta da Ruby. George é o pai dela. Meu Deus, isso parece confuso para mim, e eu conheço todos eles — ela disse com uma risada. — Maisie também trabalha na Woolworths e seu marido, David, está na RAF. Ele faz algo extremamente importante em Londres trabalhando com o governo. Não adianta me perguntar o que, já que não faço ideia — disse ela, notando a carranca dele.

— Então, George é George Caselton?

— Sim, está certo. Algum problema?

— Ele é meu chefe na Vickers.

— Então você o conhece. Ele é tão querido. É quase como um pai para mim. Apresse-se, estamos no caminho dos dançarinos e alguém pode roubar nossos assentos.

— Não tenho certeza se deveria estar socializando com alguém tão importante. Não é realmente a coisa certa — ele murmurou.

— Não seja bobo — Freda riu. — Você não está no trabalho agora, está? — acrescentou ela, quando chegaram à mesa que Maureen havia guardado.

Ela ainda estava fazendo as apresentações quando Maisie e David apareceram.

— Então este é o jovem de quem tanto ouvimos falar? — disse Maisie, apertando-lhe a mão.

— Não falei muito sobre você — Freda sussurrou para ele enquanto se aproximavam para dar espaço para Maisie se sentar. Ela podia sentir suas bochechas queimando. — Qualquer um pensaria que eu nunca tive um namorado antes.

— Não muitos, espero — ele sussurrou de volta antes de se virar para ouvir George, que estava contando a David como eles começaram a reduzir parte da força de trabalho. — Devemos ter cuidado, senhor. As paredes têm ouvidos.

George franziu a testa enquanto encarava Sandy.

— Te conheço de algum lugar?

— Sim, senhor, sou o aprendiz líder em seu departamento — Sandy respondeu um tanto pomposamente.

— Ah, sim, vocês rapazes parecem todos iguais em seus macacões de trabalho.

Sandy parecia um pouco desconcertado.

— Fui o melhor no meu ano na faculdade.

George acenou com a cabeça pensativo.

— Excelente. Continue com o bom trabalho e eles poderão lhe oferecer um emprego no final do seu treinamento. Agora, quem quer uma bebida antes que essas senhoras esperem que iremos para a pista de dança?

Sandy parecia satisfeito consigo mesmo.

— Acha, senhor? Ficaria grato se pudesse falar bem de mim.

George não respondeu e evitou o olhar ansioso de Sandy enquanto deixava a mesa com David e Douglas e se dirigia ao bar.

Sandy parecia animado.

— Ouviu isso? — ele disse em voz baixa para Freda. — O Sr. Caselton diz que serei contratado por Vickers ao final de meu aprendizado.

— Não foi isso que ouvi — disse Maisie, inclinando-se para falar antes mesmo de Freda abrir a boca. — Agora, por que você não é um bom sujeito e vai ajudar os homens a carregar as bebidas?

Sandy assentiu educadamente e saiu da mesa enquanto Freda mantinha a cabeça baixa para não pegar seu olhar.

— Desculpe, amiga, mas ele estava ficando um pouco para cima. A próxima coisa que fará será pedir para David apresentá-lo a Hitler, ou Douglas para um funeral barato.

— Sandy não é assim. Acho que você foi um pouco dura com ele — Freda retrucou para a amiga. — Eu gosto dele. Eu gosto muito dele.

— Desculpe, Freda, não quis ofendê-la. Eu não sou eu mesma no momento. Pode-se dizer que estou um pouco nervosa.

Freda ficou imediatamente arrependida.

— Qual o problema - não está doente, está?

Maisie olhou para onde os homens ainda estavam no bar e acenou para Betty se aproximar para que ela pudesse ouvir.

— Finalmente recebemos uma carta do meu irmão, Fred.

— Oh, Maisie, estou tão feliz por você — disse Betty, apertando sua mão. — Você não disse nada, então presumo que acabou de receber.

— Foi há alguns dias, mas David queria verificar como estávamos legalmente.

— Quer dizer que ele não vai deixar você ficar com as garotas? Achei que depois de todo esse tempo elas ficariam com você para sempre — Betty estava chateada pela amiga.

— Para ser honesta, eu também, e foi um pouco chocante, especialmente agora que nos disseram que não temos uma posição de apoio, embora já tenham se passados dois anos desde que eu peguei as duas e... e as tratava como se fossem minhas — disse Maisie, enfiando a mão em uma elegante bolsa estilo crocodilo e tirando um lenço para enxugar os olhos. — Eu amo essas crianças como se fossem minhas. Não consigo pensar em um futuro sem elas.

— Parece estranho que Fred queira as meninas de volta quando ele ainda está no exército e sua esposa dormiu com aquele ianque — disse Freda. Ela estava com Maisie na noite em que esta levou as meninas para casa, depois que sua avó foi morta em Bethnal Green em 1943. Desde então, ela viu como sua amiga se relacionava com as crianças e o quanto elas adoravam a tia.

— Ele ainda está no exterior? — perguntou Betty.

— David disse que está de volta a Catterick e foi assim que ele finalmente conseguiu rastreá-lo. Para ser sincera, pensei que ele estivesse morto, já faz tanto tempo.

Freda gostava de Bessie e Claudette e não conseguia imaginá-las deixando a família de amigos.

— O que acontece depois? Como ele vai cuidar das meninas quando estiver no exército?

— Cynthia está de volta à cena, é a mãe de Claudette. Parece que o iaque a deixou e voltou para a mulher. Ela ainda está na América, mas implorou a Fred para aceitá-la de volta quando ela chegasse em casa.

Freda parecia desconfiada.

— Pelo que me contou sobre seu irmão, sinto que ele só quer alguém para cuidar dessas garotas, e ter Cynthia de volta facilitaria a vida dele. O que você vai fazer? — ela perguntou, notando a aflição da amiga.

— Pretendo continuar normalmente por agora. David tem um tio que trabalha como advogado e vai falar com ele. Não vamos desistir das meninas sem lutar. Pelas pequenas coisas que as meninas disseram, elas não tiveram uma vida boa com a mãe de Claudette. De todas as contas, parece que ela era uma mãe tão boa quanto eu. Posso não ser perfeita, mas posso fazer muito melhor do que eles.

Betty colocou a mão sobre sua barriga crescente. Ela sabia que também lutaria com unhas e dentes por seu filho, assim como faria por suas duas enteadas, embora às vezes pudesse ser um pesadelo viver com elas.

— Faça o que for preciso para manter essas duas garotas com você, tem que continuar lutando. Se houver algo que Douglas e eu possamos fazer para ajudar, faremos.

— Isso vale para mim também — disse Freda, dando um abraço em Maisie. — Não está sozinha. Lembre-se disso.



— **FOI UMA** noite de sucesso — disse Sandy, pegando o braço de Freda enquanto saíam do baile.

— Eu me diverti muito, obrigada — ela disse baixinho. O dilema de Maisie pairara pesado durante a noite, embora não tivesse sido discutido novamente. As mulheres dançaram e conversaram, mas seus pensamentos estavam na situação da família Carlisle. Betty teve uma conversa discreta com Maureen para que ela soubesse o que havia sido dito, e ela ficou tão angustiada quanto os outros ao ouvir sobre o dilema que Maisie e David estavam enfrentando.

— Há quanto tempo conhece George Caselton? — perguntou Sandy.

— Achei que já tinha contado — retrucou Freda. — Desde que cheguei a Erith no final de 1938. Que interesse é esse em George? Ele é um homem adorável e paternal e me recebeu em sua família de braços abertos.

Sandy encolheu os ombros, aparentemente sem saber o quanto sua pergunta havia irritado Freda.

— Devo ter ouvido mal porque pensei que sua esposa tinha morrido, mas lá estava ela dançando com ele.

Freda arrancou a mão de Sandy e se virou para encará-lo.

— Sim, sua esposa morreu tragicamente em um ataque de foguete em New Cross. O nome dela era Irene e todos nós a amávamos muito. Maureen é sogra da filha de George e tentou salvar Irene. Ela se machucou e passou um mau bocado. Qualquer um que diga que algo está acontecendo é uma pessoa ofensiva e não é meu amigo. Agora, se não se importa, vou a pé para casa sozinha — disse ela, disparando na direção de Alexandra Road.

— Freda, espere... — Sandy chamou enquanto ele se apressava para alcançá-la, mas foi impedido por sua perna machucada. — Freda... por favor...

Freda havia chegado à esquina de sua rua quando tropeçou no caminho irregular e caiu na calçada.

— Droga! — gritou, levantando-se e encontrando um grande buraco no joelho de seu melhor par de meias. O salto de seu sapato estava solto. Ela tirou o sapato e começou a mancar pela rua. Isso deu a Sandy tempo para alcançá-la.

— Espere, sua tola — disse ele, agarrando-a pelo braço e forçando-a a parar. — Você me entendeu errado. Por favor, espere e me ouça.

Freda assentiu com a cabeça e sentou-se no muro frontal baixo do número um. Ela precisava recuperar o fôlego após a queda.

— Aprese-se e fale. Não tenho a noite toda — bufou.

— Primeiro, você se machucou? Caiu com um estrondo.

— Estou bem, obrigada. Já tive tombos maiores na minha moto — disse ela, levantando o queixo.

— Claro que sim, mas você tinha seu uniforme para protegê-la. Esta noite, está com seu lindo vestido e está deslumbrante.

Freda sentiu o coração apertar no peito, mas tentou manter a raiva dele.

— Estraguei meus sapatos — sussurrou ela, estendendo o que tinha na mão. Ela não gostaria de mencionar suas meias, pois parecia muito íntimo.

Sandy se sentou ao lado dela e pegou seu sapato.

— Eu acho que pode ser consertado. Vou levá-lo para o trabalho e resolver para você. Aqui, me dê o outro também.

Freda tirou o sapato restante do pé e entregou a ele, que os colocou nos bolsos grandes do sobretudo. Ela se levantou e ele pegou sua mão.

— O chão está molhado, deixe-me ajudar — disse ele, pegando-a em seus braços fortes e sentando-a em seu colo.

Freda se sentiu subitamente vulnerável.

— Não estou machucando sua perna, estou? — ela perguntou, ciente de seu ferimento.

— De jeito nenhum — respondeu ele, beijando-lhe gentilmente o pescoço. — Eu poderia segurá-la em meus braços por uma eternidade.

— Ah... — Foi tudo o que ela conseguiu dizer, até se recompor e repreendê-lo. — Ainda estou com raiva de você.

— Culpe minha criação — ele respondeu. — Minha mãe sempre quis saber o que estava acontecendo em nossa pequena comunidade e quem era parente de quem. Todos os seus amigos e a maneira como eles se relacionavam me deixaram confuso e mais do que um pouco intrometido.

Freda riu.

— Não precisamos de duas Veras — ela disse.

— Vera? — perguntou ele, retomando os beijos suaves em volta do pescoço e na orelha.

— Eu te conto mais tarde — ela respondeu, virando o rosto para ele e permitindo que a puxasse para perto e a beijasse. Ela fechou os olhos e se derreteu contra ele. Nesse momento poderia perdoá-lo por qualquer coisa.

— Eu nunca conheci ninguém como você — ele sussurrou sem fôlego em seu cabelo. — Eu poderia continuar te beijando para sempre.

— Não me deixe impedi-lo — murmurou ela, entregando-se a ele mais uma vez.

Uma batida insistente na vidraça da casa em frente à qual eles estavam sentados, trouxe os dois de volta à razão.

— Talvez seja hora de eu levá-la para casa — disse ele, beijando-a ternamente mais uma vez, antes de se levantar e carregá-la até a porta do

número treze. Ele a colocou no capacho. — Boa noite, minha doce princesa — ele sorriu.

— Boa noite, meu belo príncipe — sussurrou ela na noite enquanto o observava se afastar.



Maisie estava desafiadoramente diante da mesa de Betty.

— Estou pronta para mostrar a Cecil como vender vegetais, agora que ele decidiu aparecer para trabalhar — o homem não aparecia há dias e informou a Betty com certa arrogância que seus serviços haviam sido solicitados na matriz. Ele estava agora na cantina dos funcionários tomando chá.

— Tem certeza disso, Maisie? Posso facilmente fazer com que uma das outras mulheres fique de olho em Cecil — Betty ainda estava preocupada com a notícia que Maisie havia compartilhado no baile. — Por que não vai para casa passar um tempo com as meninas?

— Antes de serem tiradas de mim, você quer dizer?

— Sim, querida. Eu sei que sempre falo sobre criar memórias, mas não é só você que deve aproveitar os últimos dias com as meninas. Elas podem precisar manter as memórias nos próximos dias também.

— Eu não tinha pensado dessa maneira. Mas elas estão na escola. Vou começar a criar memórias em outra ocasião.

— E David? Como ele se sente sobre a situação? Ele adora Bessie e Claudette tanto quanto seus próprios filhos. Ora, se eu estivesse no seu lugar, ficaria aflita.

Maisie sentou-se, pôs a cabeça entre as mãos e começou a chorar. Ela ergueu o rosto choroso para a amiga e deu um sorriso fraco.

— Desculpe, Betty, fui egoísta. Sei que David está tão magoado quanto eu. Nem dissemos nada a Bessie e Claudette, porque não queríamos alarmá-

las. Elas se estabeleceram em Erith e amam a escola. Deus sabe como elas aguentariam voltar a viver com Cynthia e nosso Fred. Duvido que serão tão queridas, como são agora. Se ao menos houvesse algo que pudéssemos fazer.

Betty, que havia se levantado para consolar a amiga, balançou a cabeça.

— Parece ser um dilema. Ainda acho que você deveria estar em casa hoje. Acho que Sadie está cuidando dos mais novos. Então, por que não levar seu marido para sair por algumas horas e passar algum tempo sozinhos? Deus sabe que vocês não podem passar muito tempo juntos.

— Mas e quanto a Cecil?

— Não se preocupe com ele. Não irá se safar de nada, eu prometo a você. Agora vá embora antes que eu mude de ideia.

Maisie deu um beijo na bochecha da amiga.

— Você é um diamante, Betty — espero poder fazer o mesmo por você um dia — disse ela antes de sair correndo.

Betty deu um sorriso irônico. Por que as pessoas mais legais do mundo tinham esses problemas? Maisie era alguém em quem ela podia confiar, e agora era hora de pagar a dívida – mas como?

Ela tirou a jaqueta de tweed e saiu do escritório, parando no departamento de lojas para pegar dois macacões de sarja marrom. Vestindo o menor por cima da saia e da blusa, ela entrou na cantina dos funcionários. Acenou para Maureen, que estava trabalhando atrás do balcão preparando a refeição do meio-dia para os funcionários, antes de ir para onde Cecil estava recostado em seu assento lendo um jornal.

— Sr. Porter, preciso de seus serviços.

Cecil Porter largou o jornal com um sobressalto e olhou para Betty.

— Estou no meio da minha pausa para o chá — disse ele, olhando-a com desdém.

— Nenhum funcionário da F.W. Woolworth faz uma pausa para o chá antes de trabalhar algumas horas. Siga-me, Sr. Porter. Estamos prestes a começar a enxertar.

Ela caminhou para o corredor e esperou lá até que um Cecil taciturno apareceu.

— Aqui, vista isso — disse ela, estendendo o macacão. — Está limpo, então não há necessidade de fazer essa cara — Ela observou enquanto ele tirava a jaqueta e vestia o macacão. — Pode deixar sua jaqueta no meu escritório por enquanto. Por favor, siga-me!

Eles desceram as escadas com Betty liderando o caminho, marchando pela loja e não parando para falar com funcionários ou clientes até chegarem à seção de vegetais. Betty procurou a funcionária responsável pela seção.

— Doris, você tem dois funcionários dispostos a ajudá-la durante o resto da manhã.

Doris ergueu as sobrancelhas para o improvável par de trabalhadores parados à sua frente.

— Não vou permitir que a senhora pegue nada pesado, então fique longe daquela ponta do balcão — disse ela à Betty, apontando para onde uma jovem estava pesando batatas em uma grande balança antes de despejá-las na sacola de compras de um cliente.

— Quanto ao senhor, preciso que eles que os sacos sejam recolhidos no depósito do andar de baixo. Falta uma roda no carrinho de mão, então terá que carregá-los um de cada vez nas costas — continuou ela, entregando uma lista a Cecil, que parecia bastante contrariado. — E lembre-se, os clientes sempre vêm em primeiro lugar, então seja educado e não pise na frente deles ou atrapalhe, e não deixe sujeira no chão, ou terá que limpá-lo.

Pode ir — ela lhe entregou a lista. — Ah, e não demore o dia todo, temos gente aqui esperando cebolas! — gritou para ele.

Betty não pôde deixar de rir enquanto observava Cecil voltar pela movimentada loja.

— Ele não é um homem feliz — disse ela à Doris.

— Ele não é um de nós como a senhora — respondeu Doris. — O que ocorre é que ele vai assumir o seu lugar, e nenhum de nós está feliz com isso, Sra. Billington.

— Eu ficaria se pudesse, Doris. Vou sentir saudades de todos vocês, mas prometo entrar para comprar minhas verduras e visitarei para mostrar meu bebê.

— Certifique-se de fazer isso — Doris fungou. — Tenho muito a lhe agradecer, Sra. Billington. Me colocou de pé depois que perdi meu marido, e nunca vou esquecer isso enquanto eu viver.

As duas mulheres ficaram olhando uma para a outra. Betty queria abraçar sua funcionária, mas não seria a coisa certa a fazer na loja movimentada. Ela não achava que tinha feito nada de importante dando a Doris mais horas de trabalho quando ela se tornou a única provedora de sua família depois que seu marido morreu, enquanto servia seu país.

— É uma trabalhadora esforçada, Doris, e sei que deixo esta seção em boas mãos. Obrigada. Agora, o que é isso sobre um problema com o carrinho de mão? Eu poderia ter consertado se soubesse.

Parecendo um pouco envergonhada, Doris enfiou a mão no bolso do macacão e tirou alguns parafusos.

— Vai funcionar direito quando eu colocar isso de volta.

O rosto de Betty se contorceu enquanto ela tentava parecer severa.

— Eu me pergunto o que aconteceu.

— Quando soube que o jovem imbecil viria nos fazer uma visita, pensei em como gostaria que ele aprendesse como é o trabalho adequado. Trabalhar com sacos de batatas durante o dia logo o ensinará. Espero que não esteja com raiva de mim.

Betty estendeu a mão e Doris passou os parafusos.

— Vou me certificar de que o carrinho de mão seja consertado... amanhã — ela respondeu e virou-se para uma cliente. — Como posso ajudá-la senhora?



— Chegou cedo em casa — disse Sadie enquanto Maisie se esgueirava para a sala da frente. — Os gêmeos estão dormindo e eu coloquei a pequena Ruby para dormir junto com meu Arthur. Gostaria de uma xícara de chá?

— Não. Tomei uma xícara com Betty antes de sair do trabalho. Ela me mandou voltar para ficar com meu marido.

Sadie parecia preocupada.

— Não há nada de errado, há? Posso ajudar?

Maisie pensou em como Sadie era diferente da avó. Vera teria mergulhado para encontrar qualquer informação interessante sem se preocupar se estava chateada.

— Estou muito bem, obrigada por perguntar. São as meninas - o pai delas, esse meu irmão, quer levá-las de volta. Pelo que ouvimos, sua esposa voltou com ele e querem que suas filhas sejam devolvidas - depois de dois anos.

Sadie parecia chateada.

— Isso é chocante. Para começar, pensei que fossem suas filhas, pois são muito felizes aqui. Isso faz com que meu problema pareça pequeno em comparação com o seu.

Maisie sentou-se no sofá ao lado da garota.

— Nós daremos um jeito. David está recebendo alguns conselhos legais. Não vamos deixar Fred levá-las sem lutar. Só não quero que as crianças descubram.

— Não direi nada... nem à minha avó.

Maisie bufou de tanto rir.

— Você a conhece muito bem.

— Ela é uma boa pessoa à sua maneira, mas às vezes é melhor não contar tudo a ela.

— Então não compartilhou seu problema com ela? — disse Maisie, esperando que a garota lhe contasse o que a preocupava.

Sadie suspirou.

— É o pai de Arthur. Ele não enviou mais dinheiro desde que você fez a gentileza de ligar para o escritório dele.

— Que idiota! — exclamou Maisie. — Como você se envolveu com essa cobra? Não, não me diga. Almoços elegantes e ele a convenceu a ir para a cama. Disse a você que sua esposa não o entendia?

Sadie parecia triste.

— Eu me apaixonei por tudo isso, anzol, linha e chumbada. Estou procurando um idiota. A única coisa boa que saiu de tudo isso é meu pequeno Arthur, mas ele nem quer ver o menino. Acredita nisso?

Maisie acreditava, mas não ia dizer isso. Ela pensou por um momento.

— O meu David está em casa?

— Sim, ele está no jardim cuidando da sua horta. Bob o está ajudando.

— Quanto tempo leva para vestir suas roupas de sair?

Sadie parecia confusa.

— Não muito, mas Arthur está dormindo lá em cima. Por que preciso me arrumar?

— Apenas vá e as coloque. Você e eu iremos a Londres. David pode ficar de olho nas crianças por algumas horas. Agora vá, enquanto eu chamo meu querido marido e digo a ele seus deveres pelo resto do dia.

Foi quando Maisie subia correndo para se trocar que se lembrou do motivo de ter sido mandada do trabalho para casa. *Isso pode esperar*, ela pensou consigo mesma.

Inclinando-se na janela do quarto dos fundos, chamou David.

— Sua esposa precisa de você dentro de casa imediatamente, Sr. Carlisle! — Ela podia ouvir Bob rindo enquanto fechava a janela e escolhia uma roupa que combinasse com o plano que tinha em mente.

— Eu não a esperava em casa por mais três horas — David disse enquanto passava os braços em volta de sua esposa.

— Não há tempo para isso — ela o repreendeu. — Tenho que ir a Londres e resolver o problema do sujeito que deixou Sadie em apuros. O sacana não lhe enviou nenhum dinheiro. Preciso que fique de olho nas crianças.

— Sim, senhora — ele a cumprimentou e sorriu. — Algum outro pedido?

— Por favor, lembre-se de buscar Bessie e Claudette, certo? Na outra semana, elas tiveram que vir para casa sozinhas. Se Ruby não as tivesse visto indo na direção errada, teriam acabado em Crayford.

Uma sombra cruzou o rosto de David, e ele se sentou na beirada da cama.

— E aí? Você ouviu alguma coisa, não ouviu? — disse ela, sentando-se ao lado dele.

— Não adianta, amor. Parece que se Fred e sua esposa querem as meninas de volta, não temos como nos apoiar. Eles são seus pais legais.

— Bessie não é filha de Cynthia... — disse Maisie com esperança nos olhos. — Talvez nós possamos manter Bessie conosco.

— Fred é o pai dela, e Cynthia cuidou dela por um tempo antes de ela sair com aquele outro homem.

— Mas...

David pegou as mãos de Maisie, então ela teve que encará-lo.

— Você dividiria as meninas? Se elas forem morar com Fred, vão precisar uma da outra.

Maisie sabia que ele estava certo, mas a dor que sentia ao saber que perderiam as meninas era insuportável.

— Quanto tempo temos antes que elas nos deixem? — ela perguntou, tentando não mostrar a David como estava chateada. Não ajudaria em nada, ela queria manter a calma e pensar na situação.

— Vou ver se consigo mexer alguns pauzinhos e descobrir quando ele vai embora, para que possamos resolver isso de homem para homem. Quero que ele entenda que as meninas devem estar preparadas para isso — ele não pode simplesmente entrar e levá-las embora. Quero convencê-lo de que também não ajudaria Cynthia aparecer sozinha. As meninas só terão lembranças dela indo embora, e elas sendo largadas em cima da sua mãe.

— Isso tudo faz sentido. Assim que soubermos o que está acontecendo, podemos nos sentar e conversar, fazê-las entender que não é culpa delas. Precisamos dizer a elas como manteremos contato, e que podem vir nos visitar sempre que quiserem.

David sorriu e beijou-a gentilmente.

— Essa é minha garota.

— Ainda sinto como se meu coração tivesse sido arrancado — disse ela.

— Eu também, meu amor, eu também. Agora, vá para Londres com Sadie e tente fazer aquele sujeito entender como um pai deve agir. Eu cuido

das crianças e prometo lembrar de pegar nossas meninas.

— Eu me pergunto por quanto tempo mais elas serão nossas garotas — ela disse.



— Precisamos de outro saco de batatas, e pode nos trazer algumas cenouras também? Estas serão vendidas em breve — instruiu Doris a Cecil enquanto ele enxugava a testa suada.

— Um homem não pode ter uma pausa por um minuto? Minhas costas estão me matando — ele olhou para ela.

— Tudo bem, mas não por muito tempo, ou teremos clientes reclamando se acabarem as cenouras e eles tiverem que esperar que as pegue. Pensando bem, os repolhos estão um pouco baixos, então talvez deva pegar alguns deles também. Mas primeiro descanse; não queremos que o senhor desmorone sobre nós. Sirva aquela senhora enquanto está aí.

Cecil virou-se a contragosto para a cliente e perguntou o que ela queria.

— Um quilo e meio de batata, meio quilo de cenoura, seis cebolas e um belo repolho grande, por favor, rapaz, e tente parecer feliz com isso — disse ela, piscando para Doris quando Cecil começou a jogar batatas na balança de latão. — Cuidado, não as machuque, ou meu velho vai descer aqui com algo a dizer sobre mercadorias de má qualidade.

— Isso vai ser, er... isso vai ser... — Cecil disse, coçando a cabeça enquanto olhava para os números que havia anotado enquanto servia a mulher.

— Ah, aqui está, o dinheiro está correto — disse a mulher, entregando-lhe um punhado de moedas de cobre. — Esse aqui precisa voltar para a escola — gritou ela para Betty enquanto se despedia de Doris.

— Aquele não foi um exemplo muito bom de como atender os clientes — Betty rebateu Cecil. — Onde o senhor treinou?

Cecil ergueu as sobrancelhas para Betty.

— Treinar como assistente de loja? Nunca! Meu tio percebeu meu potencial de gestão. Seria uma perda de tempo e dinheiro da empresa me fazer trabalhar na fábrica. Estou aqui para administrar esta loja, não para trabalhar nela.

— Alguns diriam que os gerentes também trabalham. Veja a nossa gerente atual, ela nunca para de trabalhar — Doris cuspiu para ele enquanto ia atender um cliente.

— Alguns funcionários não terão mais empregos quando eu assumir esta loja — disse Cecil, dirigindo-se a Doris, que olhou para Betty com uma expressão preocupada.

— Não precisa se preocupar, Doris, seu emprego está seguro aqui. Acho que já vimos o suficiente de suas habilidades nesta seção. É hora de mudar para outra.

Cecil desabotoou o macacão e o deixou sobre o balcão.

— Minha escolha seria este departamento — disse ele, olhando para o outro lado da loja, onde os funcionários pesavam pregos e pedaços de cabo, além de testar as lâmpadas antes de vendê-las.

— Daqui a pouco. Tenho outro trabalho para o senhor até o fim do dia — disse Betty, levando-o até onde Freda trabalhava no balcão da mercearia. — Freda, você poderia mostrar ao Sr. Porter como esta seção funciona diariamente? Sugiro que o instrua sobre como atender um cliente e contar o troco corretamente, bem como lidar com o estoque.

— Com prazer, Sra. Billington — respondeu Freda, lançando um olhar frio a Cecil.

— Se puder voltar ao meu escritório em duas horas, sr. Porter, eu lhe mostrarei a próxima parte de seu treinamento.

— Duas horas? E o meu almoço?

Betty olhou para o relógio de pulso.

— Fará o terceiro turno do almoço hoje.

— Tenho planos de conhecer alguém. Não é conveniente para mim almoçar tarde.

Betty se aproximou do homem até ficar cara a cara com ele.

— O senhor fará o que lhe disserem enquanto estiver trabalhando em minha loja. Será educado com nossos clientes e agradável com nossa equipe. Chegará ao trabalho no horário e não sairá cedo. Afastese um centímetro do que acabei de dizer e irá recolher suas coisas no final do dia.

Cecil mudou desconfortavelmente de um pé para o outro.

— A senhora não pode me dizer o que fazer.

— Oh, sim, eu posso, Sr. Porter, e, meu amigo, está em um terreno perigoso. Jogue o jogo, ou será demitido. Entende o que eu estou dizendo? Agora coloque um sorriso no rosto e mãos à obra — quase rosnou Betty para ele. Voltando-se para Freda, que observava com interesse, ela disse: — Srta. Smith, poderia aparecer para me ver mais tarde?

— Com prazer, Sra. Billington — ela sorriu. — Venha por aqui, Sr. Porter, pode começar colocando esses moldes de tricô. Depois, mostrarei como dispomos a lã e como manter o livro onde listamos o que é colocado para nossos clientes.

Cecil olhou na direção de Betty e seguiu Freda atrás do balcão.

Betty subiu as escadas até a cantina dos funcionários para ver como Maureen estava indo. Não fazia muito tempo que ela voltara ao trabalho e Betty estava preocupada por estar assumindo muito cedo.

Estava quente na cantina e vazio de funcionários, embora em pouco tempo o lugar estivesse fervilhando de conversas enquanto os trabalhadores famintos comessem seus intervalos para o almoço.

— Maureen, você não devia estar fazendo isso — repreendeu Betty ao flagrar a mulher limpando o oleado da mesa. — Onde está a garota que deveria estar lhe ajudando? A última coisa que queremos é que você tenha uma recaída.

— Eu a mandei para o intervalo antes de começarmos a trabalhar. Não se preocupe comigo, Betty, eu me sento, de vez em quando, e minha perna está aguentando bem. Gostaria de uma xícara de chá? Ou um Camp coffee?

— Eu adoraria um café, mas aqui, deixe-me pegar, e você descansa um pouco.

— Não seja tola. Você precisa descansar também — as duas mulheres começaram a rir. — Nós formamos um par perfeito, não é? — disse Maureen.

Prepararam as bebidas e sentaram-se.

— Foi bom vê-la no baile na outra noite — disse Betty.

— Devo dizer que foi bom sair e me divertir um pouco. Por mais que eu ame Sarah e as crianças que moram comigo, é bom me arrumar e sair para a noite.

— Sim, eu concordo. Não me lembro da última vez que Douglas e eu fomos a algum lugar sem nossas garotas. Eu tive problemas para encontrar algo para vestir. Maisie fez um bom trabalho ao soltar todas as costuras do meu vestido preto, mas temo que não demore muito para que ele fique apertado novamente.

— Você parecia uma foto — Maureen sorriu. — O que achou do jovem de Freda?

— Ele parecia bastante sincero e excessivamente educado para mim, mas Freda está realmente apaixonada. Fiquei surpresa ao saber que ele era um aprendiz na Vickers. Certamente ele deveria estar nas forças armadas.

Maureen concordou com a cabeça.

— Pensei o mesmo e perguntei a George sobre isso enquanto ele me acompanhava até em casa. Parece que o rapaz se machucou, tem uma perna torta como eu, e voltou para continuar o aprendizado que havia começado antes da guerra.

— Pobre menino — disse Betty. — Onde ele foi ferido?

— Não me lembro, mas segundo todos os relatos, ele quase foi pego pelo inimigo em algum lugar da França e levou semanas para voltar ao regimento por causa do ferimento — um olhar preocupado cruzou o rosto de Maureen. — George acha que não pode gostar do rapaz.

— Por que ele diria uma coisa dessas?

— Não tenho ideia. Ele não saberia por que disse o que disse, e você me conhece bem o suficiente para saber que tentei. Talvez tenha sido uma intuição. Todos nós a temos de vez em quando.

Betty tomou um gole de café e pensou no que Maureen havia dito.

— George não é alguém para dizer coisas sem razão, e eu sinto que ele não falaria fora de hora só por causa de um mau pressentimento. Algo deve ter acontecido para ele dizer o que disse.

— Verdade. Talvez devêssemos ficar de olho em nossa Freda, mesmo assim. Não queremos o coração da menina partido. Agora, fiz uma saborosa caçarola de bucho, ou há um pudim de carne moída, e para depois temos bolo com uma gota de creme. Posso deixar algo para você, antes que tudo acabe?

O estômago de Betty revirou ao pensar em bucho.

— Eu adoraria um pouco de pudim de carne e um pedaço de bolo, se me permite?

— Vou manter quente para você e adicionar um pouco mais agora que está comendo por dois — Maureen sorriu.

— Uma pequena porção servirá, obrigada. Caso contrário, posso cair no sono em cima da mesa esta tarde, enquanto instruo nosso, Sr. Porter sobre os métodos do sistema de folha de pagamento.

— Esse é outro estranho — disse Maureen enquanto levava os copos vazios para a pia. — Ouvi dizer que está dando a ele algumas lições sobre como as lojas funcionam. Se me emprestá-lo por algumas horas, gostaria de mostrar a ele como trabalhamos na cozinha — disse ela, acenando com o esfregão no ar.



— É aquele prédio, ali — disse Sadie, apontando para um edifício do outro lado da rua onde elas se sentaram no Lyon's Corner House. — O escritório dele fica no primeiro andar.

Maisie espiou pela janela para onde Sadie apontava.

— Já que não deu certo antes, colocaremos meu plano em ação. Tem certeza de que ele está trabalhando hoje?

— Sim, ouvi-o falar quando telefonei esta manhã. Disse à secretária que não queria falar comigo. Na verdade, se você olhar para a esquerda daquela janela, poderá vê-lo sentado à escrivaninha.

— Existem outras saídas além da porta da frente?

— Não que eu saiba — Sadie respondeu. — Todos nós usamos aquelas portas e subimos as escadas. Há uma sala de recepção no topo e uma sala de espera para várias empresas que usam o prédio.

Maisie tinha um brilho nos olhos.

— Agora é isso que faremos...

Meia hora depois, as duas mulheres atravessaram a rua e entraram no prédio.

Ao pé da escada, Maisie vasculhou uma bolsa grande que carregava e tirou uma almofada.

— Enfie isso na blusa e aja como se tivesse passado oito meses. Depois que eu subir, me dê dez minutos e me siga. Você se lembra do que eu disse?

— Sim, eu me lembro — Sadie sorriu enquanto arrumava suas roupas sobre sua nova barriga.

Maisie fez o mesmo com sua almofada e subiu as escadas. Entrando na área da recepção, ela cambaleou até a mesa, bufando e suspirando.

— Desculpe-me, amor, eu preciso ver meu marido com urgência — ela arfou.

A recatada secretária olhou Maisie de cima a baixo.

— Seu marido é...?

— Sr. Davenport... Sr. Gordon Davenport. Você pode dizer a ele que é urgente, por favor? Preciso vê-lo imediatamente.

— Se quiser se sentar, ligo para o escritório dele — disse a secretária, pegando o telefone.

— Não consigo me sentar, amor, o bebê está chegando e é muito desconfortável. Posso andar um pouco para cima e para baixo, se não se importa?

A mulher acenou com a cabeça e falou em voz baixa no receptor. Depois de terminar a ligação, ela deu as costas para Maisie e continuou a datilografar uma carta, de vez em quando olhando para as portas duplas de vidro.

Maisie também ficou de olho nas portas, pois sabia que o escritório de Davenport ficava naquela direção. Ela pensou ter visto a sombra de um homem em um ponto, mas ele não entrou na área de recepção. Ela deu um pulo quando o telefone tocou e a secretária atendeu, olhando para Maisie enquanto falava.

— Sim, Sr. Davenport, a senhora disse que era sua esposa. Ela parece estar um pouco indisposta. O que quero dizer é que ela parece estar em

perigo... Sim, senhor, vou avisá-la.

Maisie cambaleou pela área da recepção em direção às janelas e abriu uma para respirar profundamente.

— Oh, oh, oh, — gemeu, gostando da atenção que estava recebendo de um casal que passava pela escada. — Vou ficar bem, amores, não se preocupem comigo — ela gritou para eles. — Não é o meu primeiro, embora o meu oitavo tenha chegado rapidamente. Ele aconteceu quando fui para o banheiro externo.

O casal saiu correndo o mais rápido que pôde.

Maisie soube que Sadie havia chegado quando a secretária soltou um suspiro audível.

— Gostaria de falar com meu marido, o Sr. Gordon Davenport. Pode dizer a ele para se apressar, por favor? — ela disse, inclinando-se sobre a mesa, ofegando. Ela e Maisie se ignoravam.

Mais uma vez a secretária usou o telefone, e Maisie viu novamente a sombra em forma de homem aparecer através das portas de vidro. O telefone tocou e a secretária atendeu.

— Sim, senhor, ambas deram seu nome. Não, senhor, posso assegurar-lhe que ouvi corretamente — sibilou ela no telefone. — Sim, direi a ambas... Com licença, senhoras, o sr. Davenport disse que vocês devem estar com a pessoa errada. A esposa dele está na casa deles em Surrey, e ela não está... não...

— No clube? — Maisie ajudou-a a terminar a frase. — Eu sou a Sra. Gordon Davenport, e isso — disse, apontando para sua grande barriga —, não é névoa escocesa. Diga ao meu marido que o filho dele está prestes a cair neste tapete chique se ele não se apressar.

Na deixa, Sadie virou-se para encarar Maisie.

— Eu ouvi você usar o nome do meu marido? — perguntou afetadamente.

— Usei o nome do “meu marido”, se é isso que quer dizer — respondeu Maisie, endireitando-se para ela.

— Talvez haja dois senhores Davenports — sugeriu a secretária, tentando acalmar a situação.

— O quê? No mesmo prédio? — perguntou Maisie. Ela se virou para Sadie. — Diga-me, qual é a altura de seu marido?

— 1,82.

— O meu também. Que cor de cabelo ele tem?

Sadie ergueu o queixo em desafio à pergunta de Maisie.

— Cabelos castanhos escuros e olhos azuis. Ele também tem uma pequena cicatriz no queixo.

— E meu marido também — Maisie deu uma gargalhada louca. — Então você ainda acha que existem dois Gordon Davenports? — Ela olhou para a secretária. — Pode haver apenas um, mas com certeza parece que ele tem duas esposas. Agora traga-o aqui, e rápido. Não consigo aguentar muito mais tempo! — gritou ela, segurando a barriga.

— Nem eu — Sadie gemeu, segurando sua barriga. — Oh, meu Deus, não! — gritou, olhando para o chão acarpetado, onde uma poça de água havia se formado. — Minha bolsa estourou.

— Maldição! A minha também! — Maisie gemeu, olhando para seus pés, onde uma poça idêntica havia aparecido. — Acho que vou dar à luz aqui mesmo.

— Eu também! — Sadie gritou.

A secretária fugiu pelas portas duplas com as mãos nos ouvidos, tentando abafar os gemidos de Maisie e Sadie.

Sadie começou a rir, mas Maisie deu-lhe um olhar penetrante.

— Continue assim. Temos que ser convincentes.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou um homem de cabelos grisalhos ao invadir a área da recepção, seguido pela secretária.

— As duas senhoras estão pedindo para falar com o marido - Gordon Davenport - explicou ela.

— Davenport? Achei que a esposa dele fosse mais velha... Traga o maldito homem para cá agora — o homem rosnou enquanto a mulher assustada fugia. — Agora, senhoras, sugiro que nos sentemos e conversemos um pouco, certo? Sou o chefe de Davenport, Frederick Whitely. Eu dirijo esta empresa. Por favor, me digam do que se trata?

Maisie assentiu e assumiu a liderança, explicando como Sadie trabalhava para Davenport e ele era o pai de seu filho, e agora não pagava a pensão do jovem Arthur.

— Não sabíamos mais o que fazer, então pensamos em envergonhá-lo na frente de seus colegas.

Frederick Whitely pensou por um momento antes que uma gargalhada surgisse do fundo de seu grande corpo.

— Muito empreendedor, senhoras. Quantos anos tem seu filho, senhora?

Sadie vasculhou a bolsa e tirou uma fotografia que George havia tirado no Natal das crianças com o Papai Noel na casa de Maisie e David.

— Quase vinte meses, senhor — disse ela, entregando a fotografia e apontando para Arthur. — Ele é a menina dos meus olhos e vale a pena todos os problemas que Gordon causou.

— As outras crianças?

— Alguns são meus, e o resto pertence aos amigos — Maisie sorriu. Ela gostava desse homem.

— Imagino que Davenport não esteja envolvido em nada disso?

Maisie começou a rir.

— Deus, não, eles pertencem a mim e a meu marido. Ele é um oficial da RAF baseado no War Office — disse com orgulho. — Só queríamos ajudar a jovem Sadie aqui.

Gordon Davenport irrompeu pelas portas e parou abruptamente quando avistou seu chefe.

— Senhor, não faço ideia de quem são essas loucas. Posso assegurar...

Frederick Whitely levantou a mão.

— Não mais, Davenport, não é a primeira vez que temos que aturar suas travessuras. Eu acredito nessa jovem e na amiga dela. — Ele se virou para dar uma olhada mais de perto em Sadie. — Acho que reconheço você.

— Eu trabalhava aqui como secretária. Até que ele me demitiu e minha vida se tornou um inferno.

— Não podemos ficar com isso, podemos? — disse Frederick. — A partir de agora, minha empresa enviará sua mesada todos os meses. Será retirado do salário de Davenport. Desejo a ambas um bom dia e as parabênz por seu plano empreendedor.

As duas mulheres deixaram o prédio, sem se importar com o fato de ainda terem as almofadas de Maisie enfiadas dentro da roupa ou de seus sapatos fazerem barulho enquanto caminhavam.

— Acho que deveríamos encontrar um pub e comemorar, não acha? — Maisie sorriu.



ABRIL DE 1945

— **QUE BELA** surpresa! Eu não a esperava hoje, não que não seja bem-vinda aqui em nenhum momento — disse Ruby, conduzindo Sarah para o número treze.

— Eu só tinha que vir e lhe contar — Alan está voltando para casa e deve poder comparecer ao casamento. Não é maravilhoso? — disse ela, com os olhos brilhando.

— Essa é uma boa notícia. Ele ficará em casa por muito tempo?

— Ele não diz quanto tempo. Eu tenho a carta comigo, se quiser ler.

— Não quero ler suas cartas pessoais. Dizer-me é bom o suficiente. Você deve estar nas nuvens, amor.

— Estou, Nan. Estou contando os dias até que a guerra termine e Alan volte para casa de vez, e possamos voltar a ser uma família normal. Uma licença de quarenta e oito horas há mais de um mês, não é suficiente quando o jovem Buster está crescendo tão rápido. Até mesmo Georgina teve alguns momentos engraçados e ficou tímida quando seu pai entrou pela porta em sua última viagem para casa.

— Imagine como deve ser para crianças que não veem seus pais há anos — suspirou Ruby. — Quais são os planos dele para quando deixar a RAF? Com toda essa conversa sobre o fim da guerra em breve, fico imaginando como os jovens vão lidar quando voltarem para a vida civil.

— Nossa vida está traçada — disse Sarah. — O emprego de Alan está seguro em Woolworths e com Betty saindo para ter seu bebê, não tenho dúvidas de que ele receberá o emprego de gerente e podemos encontrar uma

casa própria. Quem sabe; pode até haver outro bisneto ou dois no horizonte para você — ela suspirou feliz.

Ruby franziu a testa. Parecia-lhe que Sarah estava olhando o mundo através de lentes cor-de-rosa.

— Você tem certeza sobre isso?

— Sempre dissemos que queríamos muitos filhos.

— Eu quis dizer sobre o trabalho de Alan. Eles não colocaram um homem na loja para substituir Betty?

— Maisie diz que ele é quase um inútil, e Betty está no limite de suas forças com o homem, então ele não vai ficar lá por muito mais tempo.

— Não tenha tanta certeza, minha garota.

— Talvez eu dê uma passada na Woolies e dê uma palavrinha com Betty

— Sarah decidiu.

— É melhor deixar essas coisas para Alan. Você não quer começar a interferir, não é?

— Uma palavra amiga não interfere, Nan — Ela sorriu.

— Agora, vamos tirar todos vocês de seus casacos. Venham para a sala de estar — disse Ruby, pegando a mão de Georgina. — Talvez eu tenha apenas um biscoito na lata para minha bisneta mais nova, favorita. Você gostaria disso?

— Sim, por favor — a garotinha respondeu educadamente.

— Ela é uma alegria — disse Ruby. — É como se a vovó Irene dela, estivesse falando com seus modos elegantes.

— Ah, Nan, você é uma piada — disse Sarah. — Embora eu tenha certeza de que mamãe ficaria orgulhosa de nossa Georgie.

— Irene também teria adorado esse garotinho, embora eu não tenha certeza de que ela teria gostado de seu apelido. Teria havido algumas sobancelhas levantadas sempre que o chamássemos de Buster. Oh, meu

Deus, ele está ficando pesado. Com o que você o está alimentando? — Ruby perguntou, enquanto tirava Buster de seu carrinho. Sarah ajudava Georgina a desabotoar o casaco enquanto seus dedinhos se atrapalhavam com os botões grandes.

— Estou tendo que dar a ele uma mamadeira extra esses dias, ele está com muita fome. Maureen disse que Alan era o mesmo nessa idade.

— Está copiando seu pai? — Ruby disse, fazendo cócegas no queixo do bebê, o que produziu um sorriso maroto. — Você certamente vai ser um destruidor de corações — ela arrulhou. — Aqui, você o leva e eu vou fazer uma xícara de chá para nós. Bob estará em casa em breve. Ele está na horta se preocupando com uma coisa ou outra. Ele está mais preocupado em alimentar as pessoas para o casamento do que com a noiva. — Ela brincou.

— Posso ajudar em algo? — perguntou Sarah. — Sinto que não estou contribuindo o suficiente para o seu casamento.

— Não seja boba! Já tem muito trabalho com esse garotinho. Também ouvi dizer que ajudou Maisie a fazer as roupas.

— Ah, Nan, fiz a bainha dos vestidos de dama de honra de Georgie e Myfi e costurei alguns botões. Isso não é exatamente um trabalho difícil.

— Elas vão ficar tão bonitas quanto uma foto. Estou tão feliz que me convenceu a ter duas damas de honra para ficar com você, Maisie, Freda e Gwyneth em seus lindos vestidos — todas elas usariam vestidos de verão que poderiam ser reaproveitados, ao invés de pendurados em guarda-roupas sem muito uso. Elas fizeram uma viagem ao mercado de Woolwich e compraram tecidos em diferentes tons de azul, para que as quatro mulheres parecessem semelhantes, mas não idênticas.

— Sugiro que experimente o vestido de novo antes do grande dia, caso decida deixar a bainha um pouco levantada, Nan. Eu sei que você estava insegura antes.

— Não, está bom assim, não vou me preocupar com o vestido agora. O que eu gostaria que você fizesse é olhar aquela lista de convidados na mesa e ver se deixei alguém de fora. Tenho certeza de que haverá alguém.

Sarah pegou a lista e conferiu os nomes.

— Nan, há algum motivo para ter convidado o açougueiro?

— Ele estava na Guarda Nacional com Bob e eles jogam boliche juntos

— Ruby disse da cozinha. — Você achou que eu estava atrás de carne extra acima das rações?

Sarah sorri.

— Eu não deixaria isso passar por você — ela sussurrou para si mesma.

Ruby entrou carregando uma bandeja de chá.

- Como está indo? Deixei alguém de fora?

— Não que eu possa ver — disse Sarah, passando um lápis pelas fileiras de nomes. — Não haverá mais ninguém em Erith nesse dia, seguindo esta lista — Ela parou e franziu a testa.

— Adicionei alguém duas vezes? — Ruby perguntou enquanto servia o chá.

— Não, mas eu me perguntei por que colocou George e Maureen juntos, como se eles fossem um casal? — *Não, não pode ser verdade*, ela pensou, afastando a ideia. Ela deve ter se enganado. Certamente seu pai não estaria se envolvendo romanticamente com sua sogra.



— Com licença, Betty está aqui? — Sarah perguntou enquanto batia e entrava no escritório de sua amiga em Woolworths.

Cecil Porter ergueu os olhos de onde lia um jornal.

— A Sra. Billington teve que sair para um compromisso. Posso ajudar?

Sarah suspirou com aborrecimento. Ela havia pensado em falar com Betty e finalmente decidiu deixar as crianças com Maureen, que acabara de

chegar do trabalho, e foi até Woolies para bater um papo com sua amiga, sobre o futuro de Alan. Oh, bem - por um centavo, ela pensou.

— Eu queria falar com o gerente sobre meu marido, Alan Gilbert.

Ele indicou que ela deveria se sentar.

— O que exatamente quer conversar sobre o seu marido?

Sarah achou prudente não mencionar que ele assumiria o cargo de gerente quando Betty deixasse o emprego.

— Meu marido indicou que pode não demorar muito para que ele não seja mais requisitado pela RAF. Eu simplesmente queria notificar Bet... a Sra. Billington de que Alan estaria livre para voltar ao trabalho.

— E qual o trabalho do seu marido?

Sarah não gostou da atitude arrogante desse homem. Maisie disse a ela o quanto ele era odiado na loja e como ele evitava o trabalho duro - ao contrário do marido de sua amiga, que assumia qualquer tarefa, por mais insignificante que fosse, quando trabalhava na loja.

— Meu marido era um gerente estagiário e, se a guerra não tivesse intervindo, ele já seria gerente — disse ela, projetando o queixo de maneira obstinada.

Cecil Porter deu-lhe um olhar frio.

— Não podemos ser responsáveis por todos os soldados rasos do exército terem seus empregos devolvidos depois de todo esse tempo.

Sarah sentiu o sangue começar a ferver.

— Para sua informação, meu marido se inscreveu na RAF e não apenas pilotou Spitfires em combate, mas foi abatido, ferido e teve que fugir da França. Ele agora trabalha ensinando pilotos mais jovens. Foi-lhe prometido que seu emprego estaria aqui esperando por ele depois da guerra.

Cecil zombou e pegou seu jornal.

— Faça com que ele entre e pergunte sobre um serviço de depósito quando voltar para casa. Prefiro não lidar com esposas implorando por trabalho — disse ele, dispensando Sarah.

Ela o encarou por um momento, depois deu meia-volta e saiu. Qual era o sentido de ficar irritada com esse homem horrível? No entanto, se ele estivesse certo, como eles reagiriam quando Alan deixasse a RAF? Seus sonhos para o futuro pareciam prestes a desmoronar a seus pés. Betty seria capaz de ajudar? As chances eram de que ela tivesse deixado o emprego antes que Alan voltasse para casa definitivamente. O que eles fariam então?

Ela desceu lentamente as escadas dos funcionários e voltou para a loja. Freda estava ocupada com uma fila de clientes e não havia sinal de Gwyneth. Sarah desejava tanto conversar com uma amiga. Não tendo necessidade de ficar, ela saiu da loja e caminhou vários metros pela Pier Road antes de ouvir seu nome ser chamado. Olhando para o outro lado da rua, viu Betty acenando.

— Ufa! Você estava em um devaneio. Achei que nunca me ouviria — ela riu.

— Sinto muito, Betty, estava pensando algo.

— Ora, Sarah, você parece chateada. Não preciso voltar ao trabalho por um tempo. Venha, vamos tomar chá no Mitchell's. Eu tenho algo para te dizer.

Sarah assentiu com a cabeça e seguiu Betty até a sala de chá, onde foram conduzidas a uma mesa em um canto sossegado.

— Você parece satisfeita consigo mesmo. O que aconteceu?

— Sim. Fui ver meu médico, e ele disse que estou em forma. Desde que eu não comece a levantar caixas pesadas ou subir escadas, não há razão para não continuar trabalhando por mais algumas semanas.

— Realmente deveria ter cuidado, Betty — disse Sarah enquanto pedia chá para uma garçonete que correu para a mesa com um sorriso radiante. — Você não quer prejudicar seu filho só porque quer ficar um pouco mais no trabalho, quer?

— Prometo que serei cuidadosa. Você parece ter a mesma opinião de Douglas. Ele não tem feito nada além de falar sobre eu ficar em casa e colocar os pés para cima, falta pouco tempo, então estarei em casa o tempo todo. Sabia que ele teve a coragem de mencionar minha idade outro dia? Que deselegante da parte dele! — Betty riu, embora no fundo ela temesse o pensamento, até que ela viu a tristeza no rosto de Sarah. — Minha querida, qual é o problema? — perguntou.

— É Alan. Eu sonhava com ele de volta à Woolworths e continuando seu treinamento para ser gerente, ou talvez até mesmo recebendo uma oferta de uma loja própria. Por algum tempo eu até me perguntei se ele poderia ser o único a assumir a loja Erith quando você sair para ter seu bebê, mas agora... agora é improvável que ele tenha um emprego para voltar para casa, e todos os meus sonhos terão sido em vão — disse Sarah, enquanto seu queixo começava a tremer e as lágrimas ameaçavam começar a cair.

— Sshh, minha querida — Betty disse enquanto estendia a mão por cima da mesinha entre elas e apertava a mão de Sarah. — O que a faz pensar que Alan não terá permissão para retomar seu antigo emprego?

— Acabei de visitar Woolworths. Esperava ter uma palavrinha com você sobre o futuro de Alan. Achei que iria animá-lo ao saber que era necessário de volta ao antigo emprego ou... ou... talvez até... — fungou ela.

— ...talvez até fosse oferecida uma promoção para o gerente da loja — Betty terminou sua frase. — Sim, devo dizer que se eu pudesse dizer quem

assumiria o reinado, seria o seu Alan, mas, infelizmente, a sede pode simplesmente decidir mandá-lo para outro lugar.

Sarah enxugou os olhos com o guardanapo no colo.

— Eu não entendi. Woolworths não o quer de volta.

Foi a vez de Betty parecer confusa.

— Quem te disse isso? Já tivemos homens retornando aos seus antigos empregos em todo o país. Eu estava lendo sobre isso outro dia.

— O Sr. Porter disse isso quando fui ao seu escritório. Eu tinha acabado de sair da loja quando você me chamou — disse ela.

— Oh, aquele homem miserável! Ele será a minha morte! — Betty exclamou, fazendo com que os clientes próximos olhassem consternados para ela. — Ele não tinha o direito de lhe dizer tal coisa — ela bateu na testa. — Estou até aqui com ele. Ele teria ido há muito tempo se não fosse por seu tio ocupar um cargo importante na matriz. É hora de fazer algo a respeito.

— Cuidado, Betty, não vai adiantar nada para o bebê, ficar chateada.

— Não se preocupe comigo. Quero que volte para casa e escreva para aquele seu marido. Diga a ele por mim que no dia em que ele voltar para casa definitivamente, haverá um emprego lhe esperando na Woolworths. E quer eu ainda esteja lá ou não, estarei na torcida para que ele se torne um gerente antes do final do ano. A Woolworths mantém sua promessa de que todo funcionário do sexo masculino terá um emprego para o qual retornar.

Sarah quase dançou na rua. Por um tempo ela sentiu como se seu sonho tivesse sido arrancado dela, mas agora, quase podia sentir o cheiro das rosas ao redor da porta e ver os anos à frente com ela fazendo um lar para seu marido, Alan Gilbert, gerente de uma loja Woolworths. *Isso soou muito bem*, ela pensou enquanto cruzava do Prince of Wales para a Crayford Road e se aproximava da casa de Maureen. Talvez eles fossem capazes de se

mudar em pouco tempo. Por mais adorável que fosse sua sogra, ela desejava ser a dona de sua própria casa.

Tirando uma chave de sua bolsa, silenciosamente abriu a porta da frente na chance remota de Buster estar dormindo. Ela parou de andar quando ouviu o choro. Não era Georgina - era uma mulher, e parecia bastante chateada. Correndo para a sala da frente, encontrou seu pai confortando Maureen com os braços em volta dela.

— Não fique chateada, Maureen. Telegramas nem sempre trazem más notícias — disse ele, olhando para um envelope sobre a mesa.

— Só tenho a sensação de que é algo ruim — ela fungou enquanto ele continuava a segurá-la.

— O que aconteceu? — Sarah disparou, não gostando que seu pai estivesse sendo tão familiar com Maureen.

— Chegou um telegrama para você agora mesmo. Se não fosse por Maureen ficar chateada, eu teria ido até Woolworths com ele. Mas você está aqui agora — disse ele, notando a expressão tensa da filha.

Sarah pegou o envelope amarelo-claro e foi até a cozinha, fechando a porta. Se fossem más notícias sobre Alan, ela queria ficar sozinha com seus pensamentos. Maureen parecia ter George para cuidar dela. Ela só tinha um marido distante – ou não, dependendo do conteúdo do envelope. Ela o abriu, tentando se concentrar enquanto lia a linha repetidas vezes.

Estarei em casa amanhã e nunca mais sairei. Eu tenho tantos planos, meu amor!

Sarah gritou ao perceber o que isso significava, fazendo com que George e Maureen entrassem correndo na cozinha, e do andar de cima veio o lamento do jovem Buster. Desta vez foi a vez de Sarah cair nos braços de George enquanto soluçava:

— Alan está voltando para casa. Ele está voltando para casa para sempre.

Maureen, que havia arrancado o telegrama dos dedos de Sarah, começou a soluçar novamente.

— Pensei que o tinha perdido. Tão perto do fim da guerra, pensei que tinha perdido meu filho.

George estendeu o braço e Maureen juntou-se aos dois enquanto se abraçavam.

Uma pequena voz podia ser ouvida da porta.

— Mamãe, por que a vovó está chorando?

Sarah pegou Georgina em seus braços.

— Papai está voltando para casa e nunca mais nos deixará — ela explicou enquanto cobria a filha de beijos. — Não é maravilhoso? A partir de agora, tudo o que fizermos será em família. Somos você, eu, Buster e papai.

A garotinha ficou impressionada com a notícia e parecia confusa.

— Ele pode ser uma dama de honra para Nanny Ruby comigo e Myfi?

George caiu na gargalhada e pegou a neta, balançando-a pela sala.

— Eu gostaria de ver isso!

— É melhor eu tirar o melhor terno dele da naftalina para o casamento — disse Maureen —, e talvez devêssemos dar uma festa para recebê-lo em casa.

— Não! — Sarah praticamente gritou. — Nenhuma festa. A guerra não acabou e não deveríamos estar contando nossas bênçãos ainda. Além disso, nem toda a nossa família estará aqui para comemorar — disse ela, seus olhos indo para a fotografia emoldurada de sua mãe em um lugar de destaque na lareira.



— Há muito tempo que quero ver esse filme — disse Freda, pegando a mão de Sandy no cinema quando as luzes começaram a diminuir.

— O que há com você e esse ator, Johnny Johnson? — ele riu. — Se eu fosse de ficar com ciúmes, estaria deixando seus olhos roxos agora. Quem mais vai ao cinema para ver o filme B em vez da atração principal?

— Eu e minha amiga Molly, para começar. Gostamos particularmente dos filmes de espionagem em que ele interpreta Clive Danvers. Ele é tão bonito — Freda estremeceu de alegria.

— Vou ter que dar uma palavrinha com essa Molly. Ela parece estar desencaminhando minha garota.

Freda se contorceu no assento de veludo com prazer. Sandy a chamou de sua garota. Ela nunca tinha sido a garota de alguém antes. Sim, ela teve seus romances, mas com Sandy era algo especial.

— Não se atreva, sou tão culpada quanto Molly. Embora eu acredite que ela tenha algumas fotos cortadas de revistas em seu quarto. Eu sinto falta dela — acrescentou. — Em sua última carta, ela disse que não demoraria muito para voltar para casa para uma visita.

— Ela pode estar em casa para sempre em pouco tempo. Se seu amigo Alan está sendo desmobilizado da RAF, então é provável que Molly seja do Land Army.

— Eu não tinha pensado nisso. Mas suponho que não haja mais necessidade de ensinar pilotos a pilotar aviões quando ouvimos que a guerra na Europa terminará em breve, enquanto ainda precisaremos de repolhos.

Sandy riu alto e foi recompensado por pessoas sentadas por perto, pedindo-lhe que ficasse quieto.

— Freda, você é um estímulo — disse ele, inclinando-se para beijá-la no rosto.

E também sou sua garota, ela pensou consigo mesma enquanto se aconchegava no ombro dele quando, o Pathé News, aparecia na tela grande.

Se Freda esperava uma noite tranquila com o namorado no Odeon, ficou decepcionada. A notícia dos russos chegando à Alemanha trouxe aplausos da multidão e, apesar dos lanterninhas andarem para cima e para baixo nos corredores, piscando a luz para os clientes mais barulhentos, as festividades continuaram durante o filme, com pessoas vaiando e torcendo enquanto o agente secreto procurava os bandidos e salvava sua garota.

As coisas estão realmente mudando, pensou Freda enquanto se juntava à torcida junto com Sandy. Os dias e anos seguintes não seriam gastos imaginando se eles estariam vivos pela manhã ou se seus entes queridos estariam perdidos. Até mesmo seu irmão Lenny havia mencionado que ele a estaria visitando em breve, embora sua vida ainda estivesse no mar, pois ele amava isso. E ela tinha a sensação de que ele teria algumas novidades sobre a adorável enfermeira, Sally, que ambos conheceram quando sua mãe estava gravemente doente em um hospital de Birmingham.

— Eu disse a você que tive notícias do meu irmão? — ela sussurrou no ouvido de Sandy.

— Só uma dúzia de vezes — sussurrou ele de volta, fazendo os cabelos da nuca dela arrepiarem. — Ele significa muito para você, não é?

— Ele é a única família adequada que tenho — disse ela.

— Não por muito mais tempo — respondeu ele, apertando a mão dela na escuridão.

Freda ainda estava nas nuvens quando eles saíram do cinema. Ela nunca tinha ouvido o hino nacional cantado com tanto entusiasmo como naquela noite, quando as cortinas se fecharam para o entretenimento da noite.

— Gostaria de algumas batatas fritas? Meu deleite — disse ela, cavando em sua bolsa.

— Eu não diria não. Minha senhoria não é a melhor cozinheira do mundo, mas está me servindo. Hoje não tive oportunidade de comer na cantina da fábrica. Mas você pode guardar sua bolsa. Não aceitarei dinheiro de uma mulher — acrescentou com severidade.

Eles atravessaram a rua correndo para entrar em uma longa fila do lado de fora da lanchonete.

— Por que perdeu sua refeição no trabalho? — perguntou Freda. Ela não gostava de ver um homem não comer direito, especialmente quando ele tinha um dia de trabalho duro para passar.

Sandy deu de ombros enquanto apertava o cinto do sobretudo e levantava a gola para se proteger de um leve frio no ar do final da tarde.

— Fomos chamados para ser entrevistados por pessoas do ministério. Demorou muito porque tivemos que esperar em uma fila na passagem fora dos escritórios.

— O quê? A fábrica inteira? — Freda arfou. Ela sabia que a Vickers era uma grande fábrica em Crayford.

— Principalmente meu departamento e alguns funcionários do escritório. George estava sentado na sala quando fomos entrevistados.

— Ele reconheceu você? — perguntou Freda. — Já se encontraram algumas vezes.

— Eu não acho. Ele parecia estar escrevendo em um caderno a maior parte do tempo que eu estava na sala. O problema, Freda, é que... gostaria de saber se você poderia ter uma conversa discreta com ele e falar bem de mim?

Freda se afastou da porta para deixar alguém sair da lanchonete antes de entrar no interior quente. Ela respirou o aroma de vinagre e lambeu os lábios.

— Eu não percebi, o quão faminta estava.

— Então, vai falar com George?

— Não entendo por que preciso falar com George. Isso não tem nada a ver comigo.

— Você não gostaria de estar ligada a alguém que fez algo errado, não é? Se falar com George, pode ajudá-lo a me ver com bons olhos.

Freda se sentiu confusa.

— Por que ele pensaria em você sob uma luz ruim? Não entendo o que está dizendo — exclamou ela quando chegaram ao balcão e fizeram o pedido. — Muito vinagre para mim, por favor, Vi! — gritou.

— É importante para mim não ter um problema no meu registro de emprego. Quer falar com George?

Freda suspirou.

— Oh, tudo bem então, qualquer coisa para uma vida tranquila. Embora eu não tenha ideia do que dizer a George.

— Você poderia apontar como sou um bom sujeito e lhe perguntar o que foi dito sobre mim depois que saí da entrevista.

— Oh, eu não sei sobre isso. Ele vai pensar que estou metendo o nariz em algo que não me diz respeito — disse Freda, passando-lhe as batatas embrulhadas em jornal. — Cuidado, estão quentes.

Sandy acariciou sua orelha e beijou seu pescoço.

— Eu ficaria muito grato — murmurou para apenas Freda ouvir.

Ela sentiu seus joelhos virarem geleia e um arrepio percorreu seu corpo.

— Tudo bem, eu vou fazer isso.

— Ei! Já chega disso — Vi gritou de trás do balcão alto. — Vocês vão coalhar o vinagre fazendo coisas assim. Para fora!

Freda saiu correndo da loja, rindo, seguida por Sandy.

Eles caminharam lentamente de volta para a Alexandra Road, mordiscando as batatas fritas, até ficarem saciados. — Me dê seu papel.

Vou me livrar dele dentro de casa — disse ela, estendendo a mão para ele. Sandy agarrou-a e puxou-a para perto.

— Você promete que vai falar com George?

— Pelo amor de Deus, eu disse a você que iria, não disse? Agora vá embora antes que sua senhoria o tranque do lado de fora.

Sandy beijou-a longa e duramente.

— Não se esqueça — disse ele enquanto se afastava na escuridão.

Freda abriu o portão e caminhou até a porta, imersa em pensamentos. *Por que diabos ele queria que ela falasse com George? Sandy era um cara legal - por que ele precisava provar isso para alguém?*

Na porta, seu pé bateu em algo na soleira. Ela chutou novamente, e um pequeno ganido soou de dentro. Enfiando a mão no bolso para pegar uma lanterna, ela apontou para a caixa quando a aba superior se abriu e um pequeno rosto peludo apareceu.

— Oh meu Deus, você não é um cachorrinho fofo? — disse ela, ajoelhando-se para pegar o cachorrinho, quando um segundo colocou a cabeça para fora da caixa.

Freda bateu na porta com entusiasmo enquanto tentava impedir que os dois filhotes escapassem.

— Apresse-se! — ela gritou.

— O que em nome do céu ...? — Ruby exclamou ao abrir a porta, para se deparar com a visão de Freda sentada no caminho frio com um cachorrinho lambendo seu rosto.

— Você não deve se sentar no chão frio ou vai ficar com hemorroidas — disse Bob, espiando por cima do ombro de Ruby. — Onde conseguiu isso? — Ruby perguntou, inclinando-se para pegar o cachorro para que Freda pudesse se levantar.

— Eu não. Eles estavam aqui quando cheguei agora há pouco.

— Eles? — Ruby e Bob disseram ao mesmo tempo.

— Tem outro na caixa — ela respondeu, abrindo as abas. — Correção: há mais três.

Bob ajudou Freda a carregar a caixa para dentro enquanto Ruby fechava a porta da frente, depois de olhar para cima e para baixo na rua.

— Não consigo ver a pele nem o cabelo de ninguém. Que coisa estranha aconteceu! Os pobres bichinhos devem estar congelados. Eu tenho o velho cobertor de Nelson no armário embaixo da escada. — Ela andou de um lado para o outro, movendo itens, e finalmente emergiu segurando um cobertor do exército que já tinha visto dias melhores. — Bob, você vai ter que pegar a cesta de Nelson no galpão. Eles ficarão confortáveis lá por enquanto.

— Eles são pequenos parasitas animados — disse Bob enquanto segurava dois dos filhotes preto e branco em seus braços e Freda mergulhava sob a mesa para recuperar os outros.

— Eu me pergunto de onde eles vieram — Ruby disse.

— O que quer dizer é: quem os jogou na nossa porta? Eles obviamente sabem que você é uma otária por todos os desamparados e desgarrados da vizinhança.

— Acolhi você e lhe dei uma cama, não foi? — Ruby bufou enquanto pegava a caixa da mesa onde Bob a havia deixado. — O que é isso? — disse ela, tirando uma folha de papel de dentro com dois dedos. A página havia sido rasgada e mastigada pelos filhotes e estava úmida com uma mancha amarela. — Bem, eu vou ser surpreendida. Olhe para isso, Bob.

Bob colocou os cachorrinhos no chão, onde eles começaram a lutar juntos no melhor tapete de trapos de Ruby, e pegou o bilhete. Ele leu as poucas palavras e começou a rir.

— Parece que Nelson tinha uma amiga em seus últimos dias, e estes são seus filhotes

— Não! — Freda riu. — O velho canalha!

— Diz aqui que a dona da namorada dele não está disposta a ficar com eles e que o marido dela os teria afogado em um balde d'água se fosse do seu jeito. Ela não teve escolha a não ser deixá-los conosco — disse Bob.

— Não há nome ou endereço, suponho? — Ruby perguntou, enquanto enxotava um dos quatro que agora estava pendurado na bainha de sua saia.

— Claro que não — Bob zombou. — Você os entregaria a alguém e deixaria um endereço? — Ele observou os filhotes animados por um tempo. — Suponho que queira que eu pegue um balde de água e me livre deles... — perguntou com um leve sorriso.

— Não se atreva — repreendeu Ruby enquanto se abaixava e virava cada um de costas. — Quatro garotas, eu deveria ter imaginado isso. O nosso Nelson sempre gostou das mulheres — ela pegou aquela que gostava de se pendurar em suas roupas e deu uma olhada de perto. — Esta é a cusparada do pai dela. Olha, ela até tem uma orelha preta e uma branca, como meu velho tinha. Esta é a que vou manter e vou chamá-la de Nellie.

— Tudo bem, Ruby — disse Bob, coçando a cabeça. —, mas o que vai acontecer com os outros três?



GEORGE BATEU em cima da mesa da cozinha de Maureen com uma caneca de cerveja.

— Se puder ter sua atenção, por favor — gritou acima do burburinho de vizinhos, familiares e amigos que conversavam sem parar. — Gostaria que todos levantassem seus copos e brindassem a Alan enquanto ele volta para o seio de sua família. Sem rapazes como meu genro, Adolf Hitler estaria marchando por Londres agora e nossos netos estariam falando alemão. A guerra ainda não acabou, mas Deus sabe bem que a maré mudou. Vamos olhar para o futuro e erguer nossos copos para a paz e os tempos felizes.

— Para Alan, e a paz — todos aplaudiram.

— Obrigado — disse Alan, erguendo o copo. — Nunca esperei um retorno tão grande. Pensei em voltar para casa e simplesmente seguir com a vida com minha esposa e filhos, trabalhar para ter nossa própria casa e enfrentar o que quer que o futuro nos trouxesse. Mesmo assim, agradeço a todos. Felicidades — acrescentou.

— Eu não posso acreditar que você está em casa para sempre. Juro que vou me beliscar e acordar e tudo terá sido um sonho e você estará em algum lugar se colocando em perigo — disse Sarah enquanto passeavam de mãos dadas pelo pequeno jardim dos fundos da casa de Maureen.

Alan puxou sua esposa para dentro do pequeno galpão onde sua amada motocicleta estava guardada e fechou a porta atrás deles.

— Eu pensei que nunca estaríamos sozinhos — ele sussurrou antes de se agarrarem em um abraço acalorado.

— Alan, Alan — Maureen chamou do jardim. — Onde estão vocês dois? Temos uma surpresa.

Alan abriu a porta do galpão enquanto Sarah arrumava o cabelo e as roupas.

— Olá, mãe, eu estava verificando Bessie. Não vai demorar muito para que eu possa levá-la para dar uma volta agora que estou em casa.

Maureen ergueu as sobrancelhas.

— Pode ser, mas há pessoas aqui querendo falar com você e desejar-lhe felicidades. Você pode dar uma olhada na moto outra hora — ela disse incisivamente. — Mas antes de entrar, George tem algo para os dois.

— Papai? — disse Sarah ao avistar o pai tentando acender o cachimbo. — O que está acontecendo?

George enfiou a mão no bolso e tirou um envelope, passando-o para Sarah.

— Nós dois pensamos que você gostaria de ter alguns dias de folga antes de voltar ao trabalho e continuar com sua vida juntos. Não é muito, mas...

— Pai, isso é maravilhoso. Olha, Alan, é Whitstable, onde passamos nossa lua de mel. Isso é tão generoso da sua parte, obrigada — disse ela, abraçando o pai.

— São apenas alguns dias, já que o casamento de sua avó está quase chegando. Maureen contribuiu também. Ela vai cuidar das crianças para que fiquem um pouco sozinhos.

— É muito gentil da sua parte, senhor — disse Alan, apertando a mão de George e beijando Maureen. — Acho que não... — Ele começou a olhar para o galpão onde estava sua motocicleta coberta por uma lona.

— Não, Alan — Sarah deu-lhe um olhar severo. — Eu me recuso a subir na moto e viajar até Whitstable com você. Sabe que eu odeio essa

coisa miserável. Se eu pudesse, teria sido entregue como sucata para ajudar no esforço de guerra anos atrás.

— Mas, amor...

— Tudo bem, Alan, podem usar meu carro no fim de semana — George sorriu, sabendo o quanto sua filha odiava andar na garupa do orgulho e alegria de Alan.

Maureen enfiou o braço no de George, fazendo Sarah franzir a testa.

— Venham vocês dois, vamos voltar para a festa. Ainda sobrou um pouco de cerveja e consegui fazer uns rolinhos de linguiça, mas tive que rechear com pão ralado e ervas. Eles devem estar prontos para serem retirados do forno. Ajude-me a distribuí-los, Sarah, então podemos cantarolar.

Sarah assentiu e seguiu a sogra para dentro de casa, acenando para Freda quando ela passou. Ela era a única que achava que Maureen e seu pai pareciam amigáveis demais?

— Seus amigos gostam de se divertir — Sandy disse enquanto aceitava o copo de cerveja que Freda havia pegado de David Carlisle, que tinha sido encarregado do barril de cerveja.

— Estamos felizes que Alan esteja em casa e seguro — ela olhou ao redor da sala para os rostos sorridentes, contando mentalmente o número de pessoas que perderam entes queridos nos últimos seis anos, e estremeceu. Era demais.

— Por que você estremeceu? Está com frio, gostaria do meu casaco? — Sandy perguntou.

— Eu estava pensando em quantas pessoas aqui perderam familiares devido a esta guerra sangrenta. Só espero que tenha valido a pena o sacrifício.

Ele encolheu os ombros.

— A menos que algo inesperado aconteça, você terá vencido esta guerra. Como acha que os alemães se sentem, por terem perdido tantos e por terem perdido a guerra também?

Freda ficou surpresa com suas palavras.

— Você parece quase amargo sobre esta guerra. Como pode ter sentimentos pelos alemães quando eles conquistaram tantos países e fizeram coisas tão desprezíveis? Você também se machucou. Não sente ódio pelo que eles fizeram? Sei que lamento por eles terem matado Irene e o primeiro marido de Maisie, Joe. Ainda vivo com medo de que meu irmão seja morto no mar, e agradeço ao Senhor, que ele também estará em casa de licença em breve, e que nosso Alan nunca mais pilotará outro Spitfire.

— A guerra nos torna amargos, e nem todos nós odiamos os alemães — foi o único comentário dele depois da explosão dela, enquanto ele sorvia o resto da cerveja do copo. — Você falou bem de mim com seu amigo George?

Freda suspirou. Ela esperava que Sandy tivesse esquecido seu pedido.

— Ainda não houve uma oportunidade.

— Por que não agora? — Sandy estava começando a pronunciar suas palavras. — Ele está conversando com o bravo piloto do Spitfire. Vá falar com ele enquanto eu pego outra cerveja.

— Não acha que já teve o suficiente? Devo pegar algo para você comer?

— Faça isso — disse ele, levantando-se cambaleante e indo até o barril de cerveja.

Freda sabia que não teria paz até cumprir as ordens de Sandy, embora o que dizer a George fosse outra questão.

— Olá, garota — disse Alan, passando o braço em volta do ombro dela enquanto ela se aproximava de onde ele e George estavam. — O que é isso

que eu vejo? Eu saio para lutar contra o inimigo e você arranja outro namorado?

— Não preciso disso, Alan. Como posso ser fiel a você quando é casado com minha melhor amiga? É melhor sermos como irmão e irmã — brincou ela. Freda amava Alan como um irmão mais velho desde que ele começou a cortejar Sarah. Em troca, Alan a tratava como a irmã que nunca teve, ensinando-a a andar de moto e enxugando suas lágrimas quando ela tinha problemas com namorados.

— Sarah pode ter algo a dizer sobre isso — ele riu bem-humorado. — Mas, sério, como está indo o romance? Temos outro casamento no horizonte?

— Não acha que essa família já teve o suficiente de casamentos por enquanto? Ainda não vimos Ruby e Bob caminharem pelo corredor. Ela ainda pode mudar de ideia e adiar o encontro mais uma vez.

George gemeu.

— Não diga isso. Minha mãe já se divertiu bastante com este casamento. Ela sabe que Bob é um grande sujeito, mas ainda tem suas dúvidas.

— É porque ela amava muito seu pai. Deve ser uma escolha difícil de fazer.

— Papai já se foi há oito anos. Ela já deveria ter aceitado isso — disse George. — Olhe para Bob: sua esposa faleceu no mesmo ano, e ele está ansioso para se casar com mamãe.

— É diferente para os homens — disse Freda, mostrando conhecimento além de sua idade. — Eles lidam de forma diferente. Quando as mulheres encontram a pessoa certa, elas nunca param de amá-la — disse ela, olhando para onde Sandy estava caminhando de volta para seu assento. Ela esperava

que ele não derramasse cerveja em seu melhor casaco, que estava pendurado nas costas de sua cadeira.

— Você está mal — disse Alan, percebendo para onde ela estava olhando.

— Sandy está bem. Eu me diverti saindo com ele. Ele é um tipo decente. Não diria isso, George? — perguntou, cruzando os dedos atrás das costas na esperança de que George dissesse algo que ela pudesse levar de volta para Sandy.

George tinha uma expressão séria no rosto enquanto observava Sandy.

— Ele é um trabalhador esforçado e quer saber tudo sobre o trabalho — disse sério.

Freda deu um suspiro de alívio. Isso foi mais do que suficiente para manter Sandy feliz. Ela conversou um pouco mais e voltou para compartilhar a notícia.

George franziu a testa quando viu Sandy questionando Freda e desviou o olhar antes que o homem o visse observando.

— O que está acontecendo? — perguntou Alan. — O senhor não gosta do sujeito? E por que Freda estava perguntando sobre ele?

George olhou em volta e pegou o cotovelo de Alan para guiá-lo para fora da sala.

— Vamos dar uma palavrinha lá fora... Só vou sair para fumar meu cachimbo — disse ele a Maureen, que detestava o cheiro de tabaco dentro de sua casinha.

Alan seguiu o sogro até o fundo do pequeno jardim, onde se encostaram na parede para ver quem se aproximava.

— Desembuche — disse ele, enfiando a mão no bolso do paletó para pegar os cigarros.

— Estou lhe contando isso com toda a confiança, na esperança de que você mantenha os olhos e os ouvidos abertos.

— Isso soa misterioso — Alan sorriu.

— É, e você vai parar de sorrir como um idiota quando eu disser que isso afeta a jovem Freda.

Alan franziu a testa.

— Estou ouvindo, então conte-me tudo. Eu odiaria que a garota estivesse em apuros.

— Tivemos uma falha na segurança.

— O que, em Vickers? Está brincando, não é? Eu teria pensado que a segurança era muito rígida na fábrica.

— É, mas já sabemos há algum tempo que os designs são movidos e as chances são de que sejam copiados. Quando o ministério chegou para dizer que tinha evidências de que o inimigo vinha com informações que só poderiam ter vindo do meu departamento, tivemos que não apenas ficar ainda mais vigilantes, mas também questionar a lealdade de nossa equipe. Sandy é um dos meus funcionários e sei muito pouco sobre ele, exceto que foi ferido em Dunquerque. Ele saiu do exército para continuar o treinamento que começou antes da guerra.

— Caramba, isso tudo parece coisa de revista em quadrinhos. Ou um daqueles filmes de espionagem que Freda gosta de assistir.

— Espero que não. No momento, fomos solicitados a ficar de olho nos homens de nosso departamento e relatar qualquer coisa que pareça suspeita. Conheço a maioria dos homens na lista de suspeitos e poderei denunciá-los. É Sandy quem é o problema. Ele foi transferido para o meu departamento no ano passado, e seu gerente antes de mim já morreu. O rapaz se mantém sozinho.

— Então, como posso ajudar?

George sorriu.

— Estou feliz que tenha perguntado. Você pode conhecê-lo um pouco e ver o que ele faz fora do trabalho? Se tiver alguma suspeita, vamos pedir ajuda. Sem heroísmo, lembre-se. A última coisa que queremos é que você se machuque.

Alan sorriu.

— E lá estava eu pensando que perderia a ação agora que estou fora da RAF. Vai contar a Freda?

George bateu o cachimbo na parede do jardim e começou a enchê-lo de tabaco.

— Não, é melhor mantermos isso entre nós. Os chefes não ficarão muito satisfeitos se souberem que falei com você e que temos Freda envolvida com o homem que me faz sentir que deveríamos fazer algo mais do que ficar de olho nele no trabalho.

Alan concordou.

— Verdade. Se alguma coisa acontecesse com a garota e soubéssemos e não fizéssemos nada, eu nunca me perdoaria. Também não vou mencionar isso a Sarah.

— Essa é a ideia — disse George. — Eu sabia que podia contar com você, filho.

— Há algo que eu quero falar com o senhor, George. Já faz um tempo que está na minha cabeça. Estive pensando no meu futuro e gostaria de saber se poderia me dar algum conselho?

— Farei se puder — disse George enquanto eles se encostavam na parede, e Alan começava a falar.



— Não podemos ter todos esses cachorrinhos em casa com o casamento em menos de uma semana — Bob disse mal-humorado. — Eu quase gastei

o esfregão limpando o chão depois que este lote foi alimentado e regado.

— Não continue assim — repreendeu Ruby. — Tenho tudo em mãos. Dois deles estão indo para suas novas casas ainda hoje. Na verdade, isso soa como eles agora — disse ela quando a porta da frente se abriu e ela ouviu Gwyneth chamar. — Venha, amor, estou na cozinha.

A nora de Bob entrou na cozinha, empurrando a filha na frente dela. Ela tinha as mãos firmemente fechadas sobre os olhos da criança, e ambas estavam rindo.

— Mamãe, qual é a surpresa? — Myfi perguntou, contorcendo-se atrás das mãos da mãe. — Não é nem meu aniversário.

— Fique parada por um momento e descobrirá — disse Gwyneth em sua cantada voz galesa. — Mas eu não quero que você faça barulho, entendeu?

Myfi assentiu com a cabeça.

— Compreendo — disse ela baixinho.

— Agora estenda as mãos.

Ruby deu um passo à frente e colocou um dos filhotes nos braços da jovem, e Myfi gritou de alegria ao abrir os olhos.

— Ah, coisinha querida — disse ela, enterrando o rosto no pelo quente do cachorrinho enquanto ele tentava lambe e morder seu rosto. — Este é a sua nova cachorrinha? — ela perguntou a Ruby enquanto seus olhos brilhavam de alegria. — Sinto falta de Nelson. Ele era um cachorro muito especial.

— Ele era, meu amor, mas não, ela não é minha. A minha está aqui — disse Ruby, abrindo a porta da cozinha e pegando Nellie enquanto os outros cachorrinhos entravam cambaleando. — Essas são as filhas de Nelson. A sua é aquela com a pata preta — ela disse enquanto via os olhos da menina brilharem.

— Ela é minha para ficar? — Myfi perguntou, olhando entre sua mãe e Ruby.

— Toda sua, e eu confio em você para cuidar dela e alimentá-la.

— Ah, eu vou, eu vou — Myfi estava quase chorando de alegria. — Vou chamá-la de Sunny, e então nós duas teremos uma parte do Nelson em seus filhotes — ela exclamou antes de pensar por um momento. — Ruby, Nelson...

Gwyneth levantou os olhos para Ruby em consternação. A criança iria perguntar como Nelson era o pai dos filhotes?

— Ruby, Nelson mandou os filhotes para nós porque sabia o quanto todos nós sentíamos sua falta?

Ruby enxugou uma lágrima de seu olho. Ela estava pensando a mesma coisa.

— Myfi, eu acredito que esteja certa. Nelson nos enviou um presente do céu — ela sorriu.

— Mas e os outras duas cachorrinhas, com quem vão morar?

— Espere e verá. Agora, gostaria de levar Nellie e Sunny para o jardim para brincar um pouco? Bob vai ajudar vocês — disse Ruby, entregando Nellie a ele e conduzindo-os até a cozinha e saindo pela porta dos fundos no instante em que alguém batia na porta da frente.

— Vou pegar isso para você — disse Gwyneth enquanto Ruby pegava o esfregão para limpar uma pequena poça.

— Juro que essas coisinhas produzem mais líquido do que consomem — ela murmurou enquanto Gwyneth levava David Carlisle e Douglas Billington para dentro da sala. — Olá. Você pode escolher entre as duas garotas que sobraram. Elas são tão parecidas quanto duas ervilhas em uma vagem, então não há muita escolha.

David se abaixou e pegou a mais gorda das duas.

— As crianças vão adorar essa. Ela tem a aparência de Winston Churchill, não acha? Vou dizer a Bessie e Claudette que o nome dela é Winnie — ele riu. — E o seu?

— Vou deixar Clemmie e Dorothy decidirem. Elas vão estar nas nuvens. Nunca tivemos um cachorro antes, e Betty está tão animada.

Bob e Myfi voltaram para casa com as outras filhotes. Myfi estava muito animada, então, depois de se despedir, Gwyneth levou a criança de volta para casa.

— Falta pouco para o casamento agora — disse Douglas. — E quem diria que estaríamos comemorando a morte de Adolf Hitler na mesma semana? — acrescentou, acenando com o jornal para que todos vissem.

— Houve momentos em que pensei que isso não aconteceria, não me importo de dizer a você — disse Bob enquanto pegava o jornal e examinava a página rapidamente em busca de notícias. — Não há muito mais aqui do que ouvimos no rádio — disse ele, passando de volta para Douglas. — Não se esqueça que é o aniversário de Ruby também. É por isso que escolhemos o dia — acrescentou Bob.

— Estou velha demais para pensar em aniversários. Só quero que todos tenham um bom dia, e depois podemos dar a festa em volta do Prince of Wales à noite. Também não sou de comemorar a morte das pessoas, mas essa de Hitler é uma morte para a qual levantarei meu copo — disse Ruby, olhando para onde o jornal estava no colo de Douglas.

— Ouçam, ouçam! — Os homens concordaram.

— Falando em levantar os copos, posso oferecer-lhes um copo de alguma coisa? — Bob disse.

— Não vou receber convidados em minha casa voltando para suas esposas meio bêbados, Bob Jackson. Elas não vão me agradecer por isso.

Vou colocar a chaleira no fogo. Vamos guardar a bebida para o casamento, hein?

Os homens concordaram com a cabeça e observaram Ruby ir para a cozinha.

— Você vai ter uma noite de despedida de solteiro? — David perguntou.

— Eu vou — disse Bob, dando uma olhada de soslaio para a cozinha. — Nesta casa se chama dar uma passada no bar para ver se está tudo em ordem, se é que me entende — Ele acenou, batendo na lateral do nariz ao mesmo tempo. — Mike quer ter uma palavrinha com você. Deixei tudo para ele resolver.

— Não pense que não consigo ouvir o que você está falando! — gritou Ruby. — Só me prometa que vai trazer Bob para casa em perfeitas condições para se casar na manhã seguinte. E não me refiro a olhos roxos ou coisas assim. Sei o que vocês homens fazem com essas coisas.



Betty se espreguiçou lentamente e estremeceu quando a dor nas costas aumentou. Ela tinha mais uma hora para trabalhar, então poderia ir para casa. Graças a Deus, Douglas passou a buscá-la no trabalho, e ultimamente ela não se importava se viajava em um dos carros fúnebres da empresa.

Faltava um mês e o filho deles estaria aqui, e ela mal podia esperar para segurar o pequenino nos braços. Por mais que amasse Clemmie e Dorothy, elas não eram suas filhas, enquanto este bebê seria apenas dela e de Douglas. Isso tornaria sua família completa. No entanto, no momento, os pensamentos de Betty estavam em seu outro filho, o ramo Erith da Woolworths. Nos últimos dias, ela havia aceitado o fato de que passaria a loja para outra pessoa cuidar. Conversar com Sarah, lhe deu a esperança de que Alan logo voltaria a trabalhar na loja e, com seu esplêndido histórico de

guerra, não tinha dúvidas de que ele seria o candidato ideal para assumir o cargo de gerente. Talvez ela até deixasse o trabalho mais cedo ou mais tarde. Sentiu suas bochechas queimarem um pouco de vergonha por ter enganado seus patrões dizendo que a criança só nasceria no final de julho. Sendo homens, eles não pensaram no tamanho de sua barriga ou perguntaram sobre consultas. *Serviu bem para eles*, ela disse para si mesma. Eles não foram nada úteis em aborrecê-la com Cecil. Falando nisso, onde estava o desgraçado? O enviara ao depósito para procurar as bandeirolas que haviam guardado. Ela queria as vitrines da loja preparadas para decoração, pois a qualquer momento seriam necessárias para comemorar o fim da guerra na Europa, agora que o desprezível Adolf Hitler estava morto. A conversa era que poderia ser sete ou oito de maio, então não havia muito tempo para esperar.

Ela deixou seu escritório com a intenção de ir para o depósito quando esbarrou em Freda.

— Oh, querida, qual é o problema? Parece que você perdeu uma libra e encontrou um centavo — disse ela, bastante orgulhosa por ter se lembrado de uma das frases de Maisie.

— Pode-se dizer que sim — disse a jovem. — Fui demitida do Corpo de Bombeiros. Parece que sou desnecessária agora que a guerra acabou. Sei que não tenho feito muito ultimamente além de anotar recados telefônicos e ajudar a lavar os carros de bombeiros, mas foi um choque mesmo assim. Vou sentir falta de trabalhar lá.

Betty deu um tapinha em seu ombro.

— Tenho certeza de que deve estar se sentir muito triste no momento, mas a perda deles é o nosso ganho. Você poderá voltar a trabalhar em horário integral?

— Eu gostaria, se possível. Houve uma sugestão de que eu entrasse para o Corpo de Bombeiros, mas nunca teria permissão para fazer o mesmo trabalho que os homens. É uma pena, pois adoraria a emoção de assistir a incêndios e resgatar pessoas. Então, novamente, o trabalho seria tedioso em outras ocasiões.

O coração de Betty deu um salto. Se Freda deixasse a Woolworths, ela perderia mais uma funcionária treinada. Era uma pena que Freda fosse considerada jovem demais para receber treinamento em gestão, mesmo que a empresa considerasse uma mulher adequada para o trabalho. Ela teria que tentar Freda para ficar e aproveitar seu trabalho.

— Tenho uma ideia, que poderá interessá-la. Por que não caminha comigo até o depósito enquanto discutimos isso? Estou procurando por Cecil. Ele foi resolver as bandeiras há duas horas. Sem dúvida está escondido em algum lugar, desfrutando de seu jornal e de um cigarro.

Freda estava interessada no que Betty tinha a dizer.

— Sou toda ouvidos, embora não tenha ideia do que você vai me oferecer — disse ela, acompanhando o passo de sua chefe.

Chegaram ao depósito quando Betty explicou que gostaria que Freda assumisse as funções de supervisora, com o objetivo de torná-lo um cargo permanente até o Natal.

— Até lá saberemos quais funcionários estão voltando para Woolworths quando deixarem as forças, e quais mulheres estão desistindo do trabalho agora que seus homens estarão em casa para sempre.

Freda sorriu com a sugestão.

— Obrigada, estou honrada que ache que estou à altura do trabalho. Mas há uma coisa... Você já teria deixado a Woolworths a essa altura, então quem assumir vai honrar minha promoção?

Betty sentiu um pequeno nó na boca do estômago, e não era seu filho se movendo. Foi o lembrete de que ela não faria mais parte da família Woolworths.

— Nunca tenha medo — disse ela, tentando ao máximo fazer cara de brava. — Vou redigir um contrato adequado para que ninguém possa mudar minha oferta. Além disso, espero que o novo gerente seja Alan Gilbert. Isso não vai ser bom?

— Alan? — Freda tentou não gritar alto. — Isso seria maravilhoso. Seria como nos velhos tempos antes da guerra — ela sorriu.

Betty acenou com a cabeça em concordância. Seria, mas com uma exceção. Ela não estaria mais sentada em seu escritório supervisionando o funcionamento da loja.



— Oh, Alan, eu não posso acreditar que estamos de volta aqui depois de quase seis anos. Não foi maravilhoso papai nos presentear com esses poucos dias de distância? Eu me sinto como uma noiva de novo.

Alan olhou para as bochechas coradas e olhos brilhantes de sua esposa enquanto ela estava deitada na cama ao lado dele.

— Você não é exatamente a noiva tímida que eu trouxe aqui da última vez, não é? — Ele sorriu enquanto se esquivava do travesseiro que ela levantou pronta para jogar em sua direção.

— E você também não é mais o jovem desajeitado — ela o lembrou enquanto se aproximava para se aconchegar em seus braços. — O que faremos hoje?

— Eu ficaria feliz em ficar na cama o dia todo, mas sem dúvida você tem planos.

— Alan! Podemos ser casados, mas isso é uma coisa chocante de se dizer. O que os funcionários do hotel pensariam?

— Eles pensariam que sou um homem de sorte por estar aqui com uma mulher tão maravilhosa.

— Não há nada de maravilhoso em mim. Sou apenas dona de casa e mãe.

— Você é muito mais do que isso. Manteve nossa família à tona enquanto eu ia para a guerra. Conseguiu se encaixar como guarda antiaéreo e trabalhar na Woolworths. A meu ver, isso é certamente maravilhoso. É por isso que pude fazer planos para o nosso futuro, sabendo que você vai me apoiar em tudo o que eu fizer — disse ele, beijando-a antes que ela pudesse perguntar o que ele queria dizer. — Venha, vamos procurar nosso café da manhã, estou faminto. Então podemos sair para o dia. Será que aquele café onde jantamos na lua de mel ainda está aberto? Podemos dar uma passada lá para almoçar?

— Você nunca pensa em nada além do seu estômago— Sarah riu enquanto se afastava para sair da cama. Ela já podia ver seu sonho se tornando realidade, e talvez um dia tivesse aquela casinha com rosas na porta.

Eles decidiram pular o café da manhã no hotel e seguiram para o sol, caminhando pela movimentada rua principal até chegarem ao café que haviam visitado em sua lua de mel.

— Que bom, ainda está lá — disse Sarah, satisfeita com a oportunidade de revisitar uma lembrança feliz.

Um rosto que eles reconheceram ergueu os olhos quando eles entraram no café de luz baixa.

— Entrem, a chaleira está sempre no fogo. Por que não se sentam perto do fogo? O sol pode estar alto, mas ainda está um pouco frio no ar — disse a mulher, atarefada em endireitar a toalha de mesa e colocar um cardápio diante de Alan e Sarah enquanto eles tiravam os casacos e se sentavam. Ela

deu um passo para trás e olhou para os dois com uma expressão pensativa no rosto. — Eu já os vi antes... Não, não me diga. — Ela ergueu a mão para impedir que Alan falasse. — Chegará a mim em um minuto. Hum... sim, eu sei. Vocês estavam em lua de mel e trabalhavam na Woolworths.

— Meu Deus! — Sarah arfou. — Tem uma memória muito boa. Nós nos casamos no dia em que a guerra começou. Muita água passou por baixo da ponte desde então.

— Estou muito satisfeita em ver que os dois sobreviveram e honrada por terem voltado para nos ver. Agora, deixe-me preparar um café da manhã para vocês e depois, talvez possamos conversar tomando uma xícara de chá.

Eles colocaram ovos em torradas com manteiga quente, cada um com duas fatias grossas de bacon e fatias de tomate frito. A dona do café deu uma piscadela astuta quando Sarah perguntou como ela poderia fornecer tal banquete.

— Apenas para meus clientes favoritos — foi sua resposta.

Depois que eles terminaram, o chá foi levado para a mesa, ela se sentou e ouviu enquanto Sarah contava sobre seus dois filhos e a vida em Erith.

— Como está sua família? — ela perguntou timidamente. Por experiência, ela sabia que nem sempre era bom fazer essa pergunta. A guerra tirou a vida de tantos entes queridos.

— Tenho outro neto — sorriu ela. —, mas meu marido foi embora em 1941.

— Oh, sinto muito — disse Sarah, lembrando-se de como eles formavam um casal alegre. — Foi rápido?

— Você poderia dizer assim. Eu descobri que ele estava tendo um caso com a garçonete do Neptune e eu o chutei fora. Não concordo com nada desse tipo de coisa.

Tanto Alan quanto Sarah ficaram sem palavras e sentaram-se em silêncio, imaginando o que dizer a seguir.

— Agora tenho um novo marido. Ele está recolhendo os ovos da fazenda. Talvez se aparecerem de novo, o encontrarão. Ele é dez anos mais novo que eu — ela deu uma gargalhada, cutucando Alan com tanta força que ele quase caiu da cadeira. — Foi a melhor coisa que já fiz. Todas deveriam ter um segundo marido.

Sara deu uma risadinha.

— Minha avó vai se casar de novo daqui a alguns dias. Meu avô morreu há muito tempo — acrescentou, não querendo que a mulher pensasse que o avô, Eddie, havia fugido com uma garçonne.

— Dê a ela meus melhores desejos e diga a ela para aparecer quando estiver por aqui. É uma semana gloriosa para o casamento, com eles dizendo que vamos comemorar o fim da guerra na Europa em breve. Vamos torcer para que aqueles homens no comando se apressem e assinem seus papéis, então podemos ter uma festa boa para comemorar.

Ambos concordaram com a cabeça enquanto Alan pegava sua carteira para pagar a conta.

— Não, não quero seu dinheiro. Vocês foram uma boa companhia e me lembraram meus dias quando trabalhava na Woolworths. Agora que a guerra está praticamente acabada, voltem e tragam essas suas crianças — disse ela, olhando novamente para a pequena fotografia que Sarah havia tirado da bolsa para mostrar a ela. — Acho que você vai voltar a trabalhar lá em breve.

Sarah sorriu ao pensar em seus sonhos de uma vida feliz para sempre.

— Não, tenho planos que não incluem Woolworths — Alan sorriu enquanto ajudava Sarah a vestir o casaco. — Obrigado novamente por nossa refeição.

Com o convite para voltar logo soando em seus ouvidos, eles saíram e se dirigiram para a frente do porto. Quando estavam fora de vista do café, Sarah girou nos calcanhares e olhou para Alan.

— O que diabos você quer dizer com seus planos não incluem Woolworths? Eu até fui ver Betty para ter certeza de que seu emprego ainda está lá esperando por você quando voltar.

Alan encolheu os ombros e parecia envergonhado.

— Eu mudei, amor. Acho que a Woolworths não é mais a coisa certa para mim — disse ele, desculpando-se.

— Não é mais a coisa certa para você? O que aconteceu com você, Alan? Se tornou muito elegante, misturando-se com seus amigos da RAF? Oh, está tudo bem para eu ter que trabalhar na Woolworths para juntar algum dinheiro, esperando que possamos construir um futuro para a família. Eu não tive outra escolha a não ser ficar em casa e fazer minha parte enquanto vocês voavam em seus malditos aviões!

Alan tentou não rir enquanto corria atrás dela.

— Querida, eu não estava exatamente brincando de aviões...

Sarah parou de repente, e ele quase se chocou contra ela.

— Eu sinto muito. Esse comentário não foi necessário, mas estou tão irritada com você. Eu tive esse sonho, sabe...

Ele a pegou pelo braço e a conduziu até um banco de madeira e sentaram-se lado a lado, olhando para o mar.

— Parece que nós dois temos nossos sonhos — disse ele gentilmente.

— É uma pena que nunca pensamos em compartilhá-los um com o outro. Conte-me mais sobre o seu.

Sarah olhou para o estuário. Mesmo com o sol brilhando, parecia bastante sombrio, com navios cinzentos ancorados na costa e canhões pontilhados de cada lado da costa.

— Achei que, quando retornasse para casa, voltaria ao seu antigo emprego e talvez pudéssemos ter outro filho, até dois. E poderíamos encontrar uma casinha para não dependermos de sua mãe para ter um teto sobre nossas cabeças. Não que eu esteja reclamando, pois ela tem sido ótima cuidando de nós enquanto você esteve fora. Só pensei que o fim da guerra significaria um novo começo para todos nós. Sinto muito, deveria ter dito alguma coisa.

Alan estendeu a mão e pegou a dela.

— Eu também tenho sonhos. Eu queria mais para minha família. Eu poderia vê-la em nossa própria casa com uma família em crescimento, onde você estaria esperando que eu voltasse para casa todas as noites após um dia duro de trabalho. Não ria, mas até imaginei rosas em volta da nossa porta.

— Eu também — exclamou Sarah. — De que cor eram?

— Amarelas — ele sorriu.

— As minhas eram vermelhas, poderíamos ter os dois. Mas se não quer voltar para Woolworths, o que devemos fazer? Betty pensou que seria seu substituto ideal quando ela partisse para ter o bebê. Ela ia falar com o escritório central e achou que eles iriam se animar em promovê-lo do cargo de gerente estagiário que você tinha em 1939.

Alan gemeu.

— Agora me sinto ainda pior — disse ele, passando a mão pelos cabelos em desespero.

— Então, conte-me um pouco mais sobre o seu sonho — disse ela gentilmente.

— Quero começar meu próprio negócio consertando motos, talvez até vendendo motos novas. Você sabe que sou bom com minhas mãos e acho que posso fazer isso. Conversei com seu pai outro dia e ele disse que me ajudaria a encontrar uma oficina e passaria qualquer trabalho que ouvisse

falar. O que você acha? Então, novamente, se for totalmente contra, voltarei para Woolworths e nunca mais falaremos sobre isso.

Sarah ficou em silêncio por um tempo enquanto digeriria o que Alan havia lhe dito. Ela sabia que ele ficaria infeliz se pelo menos não tentasse administrar seu próprio negócio, e ela odiaria vê-lo infeliz.

— O dinheiro vai ficar apertado por um tempo até que os negócios melhorem... Eu disse a você que tínhamos algum dinheiro guardado para *um dia chuvoso*?

— Nós temos? Como conseguimos isso? — ele perguntou, parecendo confuso.

— Arranjei um emprego de meio período na Woolworths até Buster nascer — ela sorriu. — Talvez eu veja se Betty me aceita de volta - ajudaria enquanto você dirige os negócios da família...

Alan a abraçou com força.

— É isso que você quer? Não se importa que eu não aceite o trabalho dos Woolworths?

— Woolworths sempre estará lá — ela sorriu.



— **POR QUE** pediu a Freda para nos levar a esse baile horrível? — Sarah sibilou para Alan. — A dança escocesa me lembra meus tempos de escola, e eu era praticamente inútil naquela época. Por direito, eu deveria estar em casa ajudando Nan a se preparar para o casamento. Ainda há muito a ser feito, e agora faltam apenas alguns dias.

Alan tentou ignorar a dor em seus pés, onde uma senhora corpulenta havia pulado durante o Gay Gordons.

— Apenas sorria e finja que está se divertindo. Estamos aqui para apoiar Freda com seu namorado. Não é pedir muito, é?

— Então pare de mancar e sorria também. Eu poderia tomar um porto e limão - há um bar?

— Não, só chá e limonada – murmurou. — Acha que não olhei?

Sara deu uma risadinha.

— Apenas pense, não faz uma semana desde que você voltou para casa, e olhe o que estamos fazendo? Nunca pensei que estaríamos pulando em um salão de igreja empoeirado em Londres. Por que tivemos que vir a este lugar? Certamente há dança mais perto de casa!

Alan se sentiu péssimo por não poder confessar que estava ali seguindo o pedido de George para ficar de olho em Sandy.

— Pelo que Freda disse, este é um lugar que Sandy visita com bastante frequência. Talvez seja algum tipo de clube escocês.

— Isso faz sentido — disse ela, olhando em volta. — Mas não há muitos jovens aqui. É um pouco estranho se você me perguntar. Mas se Freda está feliz, quem somos nós para questionar as coisas?

— Ela parece feliz com Sandy — concordou Alan, olhando para o outro lado da sala, onde sua amiga estava dançando com Sandy.

— Por que você está tão triste de repente? — ela perguntou, vendo uma sombra cruzar o rosto do marido.

— O quê?! Eu?! Talvez eu estivesse pensando naquela cerveja que gostaria de tomar agora — como ele poderia dizer a Sarah que estava preocupado sobre como Freda reagiria se Sandy fosse pego em delitos na Vickers? — Venha, vamos tentar outra vez. Estou determinado a dar a volta na sala sem tropeçar nos pés — Ele riu, pegando Sarah pela mão e puxando-a para a pista de dança.

— Oh, não! — Ela riu quando a música parou. Eles não haviam dançado mais do que uma dúzia de passos quando um locutor declarou que era hora de um intervalo.

— Vou pegar aquela bebida para você — disse Alan ao ver Sandy deixando Freda sozinha e caminhando até um homem mais velho. Os dois saíram por uma porta lateral do corredor, imersos em uma conversa. Alan o seguiu, esforçando-se para não ser visto. Ele não tinha certeza do layout do salão da igreja e não tinha ideia de para onde os homens estavam indo. Empurrando a porta lentamente, podia ouvir vozes abafadas à frente. Estava em uma passagem curta que corria ao longo do palco; uma pesada cortina na outra extremidade escondia Sandy e o homem enquanto eles conversavam. Ele aproximou-se o mais que pôde e se inclinou para ouvir. Parecia que Sandy estava irritado pelo tom de sua voz.

— Eu te digo, eu já tive o suficiente. Eu fiz como você instruiu. Não quero mais nada com isso. A Pátria não vai ganhar esta guerra - é óbvio para qualquer um. O Führer está morto. Por que continuar com essa loucura?

Alan não podia acreditar em seus ouvidos e se aproximou para ouvir mais, embora só pudesse ouvir murmúrios raivosos do companheiro de Sandy.

— Eu lhe digo, não. Eu entreguei o que você pediu há um ano e agora quero ser livre para viver minha vida. Estou querendo me estabelecer com minha namorada e meu pai deseja que eu volte para a Escócia para assumir a fazenda. Eu fiz o que me foi pedido. Por favor... não quero mais.

Houve mais murmúrios ameaçadores do outro homem, mas por mais que tentasse, Alan não conseguiu entender mais do que uma palavra. De repente ficou um silêncio. Alan deu alguns passos para trás e abriu a porta atrás de si, certificando-se de fazer barulho. A cortina voou para trás para expor Sandy e o homem mais velho.

— Olá — disse Alan. — Estou procurando o reservado.

Sandy apenas olhou de volta, seu rosto mais pálido do que o normal.

— Fica do outro lado do palco — o homem mais velho rosnou com seu forte sotaque escocês, dando a Alan um olhar mal-humorado.

— Saúde, companheiro — disse Alan, esforçando-se para parecer alegre enquanto se afastava. Ele podia ouvir passos atrás dele, então se dirigiu para o banheiro masculino antes de se juntar a Sarah, que agora estava sentada com Freda.

— O que aconteceu com nossas bebidas? — perguntou Sarah. — Não se preocupe, eu irei sozinha. Sente-se e converse com Freda. Não a vemos tanto quanto gostaríamos, agora que ela tem um namorado sério — ela sorriu, deixando-os sozinhos para conversar.

— Então, garota, o que é tudo isso com você namorando. É sério? — perguntou Alan, recostando-se na cadeira para ficar de olho em Sandy.

— Gosto dele — disse Freda, projetando o queixo como se desafiasse Alan a zombar dela.

— Ele parece um tipo decente pelo que eu vi. Como o conheceu?

Freda relaxou e explicou que Sandy ajudava no Corpo de Bombeiros e na Boys' Brigade da igreja. Seus olhos brilhavam enquanto ela conversava.

Alan se sentiu um idiota por ter espionado o homem que fazia sua garota favorita, além de Sarah, tão feliz.

— Estou ouvindo sinos de casamento? — perguntou.

Freda encolheu os ombros.

— Ele não me propôs, se é isso que quer dizer?

— Você diria que sim se ele perguntasse? — ele perguntou timidamente, temendo a resposta dela.

— Agora que me perguntou, eu posso fazer isso — ela sorriu. — Por que a pergunta? Quer me entregar?

— Só precisa pedir — ele sorriu, enquanto temia intimamente o dia em que sua amiga enfrentaria o fim de seu romance.



— Betty, o que você está fazendo subindo nessa escada? — Sarah gritou ao entrar na loja Woolworths. — Aqui, ajude-me a descê-la! — gritou para Cecil Porter, que estava perto olhando por uma das grandes janelas de vidro que davam para a Pier Road enquanto as pessoas corriam para cima e para baixo abraçando amigos e conhecidos com sorrisos radiantes em seus rostos. — Há muitos outros funcionários que podem colocar bandeiras. Pode ser o fim da guerra na Europa, mas não queremos que nossas comemorações sejam estragadas por você ser levada para o hospital.

— Estou bem, Sarah, só queria participar das comemorações e fazer minha parte como o restante da equipe.

Sarah acenou com o dedo para a amiga.

— Então suba e faça um bolo com Maureen. Honestamente, Betty, estou tão brava com você! Não só poderia ter machucado o bebê se tivesse

escorregado, mas também poderia ter se machucado. E quanto a você — acrescentou ela a Cecil —, se considera um gerente estagiário? Deveria ter olhos atrás da cabeça o tempo todo, caso haja algum problema na loja, e aqui está acontecendo um bem na sua frente. Não merece o cargo que ocupa, seu preguiçoso fulano de tal — disse ela, encarando-o.

Cecil simplesmente olhou para ela e zombou.

— Se ela deseja subir uma escada, quem sou eu para impedi-la? Além disso, sou o gerente desta loja agora, então, por favor, não pense que sou um estagiário e não mereço o título. Presumo que seu marido não tenha recebido a oferta de emprego de volta?

Sarah não queria nada mais do que bater o pé em frustração e dar um soco no nariz dele. Betty não ajudou em nada, pois simplesmente riu.

— Suba para o meu escritório, Sarah. Tenho algumas notícias que você poderá gostar de ouvir. Cecil, limpe essa bagunça e providencie para que o chá seja enviado ao meu escritório, e seja rápido. Depois disso, poderá ajudar no contador elétrico. Eles parecem estar com falta de lâmpadas novamente. Juro que o povo de Erith as deve estar comendo, estamos passando por elas em um ritmo tão alarmante. E não olhe para mim desse jeito — encarou-o. — Ninguém é um gerente substituto aqui, até o dia em que eu for embora.

Sarah seguiu Betty enquanto ela subia lentamente a conhecida escada íngreme até o primeiro andar. Ela podia ver que Betty estava tendo problemas agora que sua data de dar à luz se aproximava, e por direito ela deveria ter desistido de seu emprego há muito tempo.

— Sente-se — disse Betty, enquanto desabou em seu próprio assento. — Agora, você provavelmente está se perguntando o que eu tenho para te dizer?

Sarah fez os barulhos certos, mas rezou para que Betty dissesse que estava deixando o emprego.

— Você não terá mais que se preocupar com o futuro de Alan. A matriz me disse que o quer de volta a Woolworths o mais rápido possível, como gerente assistente. Meu pressentimento é que em breve ele terá sua própria loja e, do jeito que Cecil está se saindo, pode até ser a loja de Erith — Betty sorriu ao terminar de dar a boa notícia, então viu o rosto triste de Sarah. — Oh, minha querida, há algo errado?

Sara assentiu com a cabeça.

— Perdi a conta das vezes que sentei aqui e chorei ou tive que compartilhar más notícias — disse ela enquanto Betty a olhava com preocupação. — Receio que Alan não voltará para Woolworths. Ele decidiu ser seu próprio patrão e dirigir uma oficina de conserto de motos. Na verdade, ele está com meu pai olhando as instalações esta tarde. Um dia antes do casamento da minha avó e ele está olhando oficinas sujas — acrescentou ela, parecendo triste.

Betty bateu palmas de alegria.

— Ora, eu chamo isso de notícias esplêndidas; todo homem deveria ter seu próprio negócio em algum momento de sua vida. Ele sempre pode voltar para Woolworths se decidir que não foi feito para o comércio de motocicletas. As habilidades que ele aprendeu aqui nunca o abandonarão — ela sorriu.

— Acho que não — disse Sarah, embora não pudesse ficar tão entusiasmada quanto Betty. — Isso só traz mais problemas, no entanto.

— Então me conte seus problemas. Você sabe o que dizem: um problema compartilhado é um problema dividido.

Houve uma batida na porta e um jovem assistente trouxe uma bandeja com chá. Sarah saltou para abrir espaço na mesa e pegar a bandeja de chá.

— Acho que isso não pode ser reduzido pela metade — disse ela, servindo leite nas xícaras. — Alan se tornar seu próprio chefe, certamente trará problemas de dinheiro. Não podemos esperar que Maureen nos sustente, e sei que meu pai vai nos dar o que precisamos, mas não quero pedir a ele; se entende o que quero dizer.

Betty pegou a xícara e mexeu o chá pensativamente.

— Sei exatamente o que quer dizer. Você gostaria de ficar de pé com seus próprios pés, e eu sei como pode fazer isso. Sarah, com Cecil ainda aqui e eu sem dúvida partindo muito em breve, sinto que você seria um trunfo neste escritório — Sarah ficou perplexa.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, que deveria voltar para Woolworths e ajudar a trazer algum dinheiro para sua família até que o negócio de Alan possa sustentá-los. Eu poderia ter alguém para administrar o escritório. O que me diz?

— Eu adoraria e, na verdade, pensei em lhe pedir um emprego de meio período. Mas Buster ainda é muito pequeno para ser deixado e Georgina precisa ser deixada na escola. Já lhe contei como ela está bem?

— Bem, se você puder encontrar alguém para ajudar com as crianças, por favor, considere isso — Betty implorou. — Preciso saber se a loja está em boas mãos e, com Freda de volta em tempo integral, você e Maisie trabalhando algumas horas todos os dias, poderei ficar tranquila.

Sarah nunca tinha visto Betty tão ansiosa.

— Tudo bem — talvez eu possa pedir ajuda a Sadie. Ela faz um bom trabalho cuidando dos pequeninos de Maisie — disse ela, pensando em voz alta. — O dinheiro seria útil enquanto Alan constrói o negócio. Vou ver o que ele tem a dizer. Obrigada por pensar em mim, Betty. Não era assim que eu esperava que minha vida fosse quando Alan voltasse para casa, mas

suponho que as rosas na porta sejam superestimadas — acrescentou ela, com tristeza, enquanto tomava um gole de chá.

— A vida nunca é como esperamos, minha querida; nós apenas temos que aproveitar ao máximo as coisas. Agora, o que é tudo isso sobre os homens terem bebido no Prince of Wales esta noite com Bob? Eles estarão aptos para o casamento amanhã, espero.

— É melhor que estejam, ou Nan usará as entranhas de Bob como ligas. Avisei Alan para se comportar da melhor maneira possível e ouvi Maureen conversando com papai.

— Eles parecem estar próximos, não é? Deve ser um consolo desde que perderam sua mãe?

Sarah acenou com a cabeça, mas foi incapaz de responder porque um nó se formou em sua garganta. Agora, outros notaram que estavam indo longe demais. Ela teria que dizer algo em breve. Sua mãe não estava em seu túmulo há mais de seis meses, e as pessoas pensavam em seu pai e Maureen como um casal. Simplesmente não serviria.



— Aqui — Bob gritou para David e Douglas acima do barulho da movimentada taberna.

— Este comparecimento é todo para vocês? — David disse em voz alta enquanto os homens apertavam as mãos.

Bob riu.

— Se ao menos fosse, eu estaria inundado de rum quando a noite terminasse. Há um navio no cais e os homens bebem pelo fim da guerra. Vai ser uma grande festa amanhã, agora que anunciaram que o dia 8 de maio será oficialmente conhecido como o “Dia da Vitória na Europa”.

— Quem diria que estaríamos comemorando um casamento e a vitória na Europa no mesmo dia? — disse Douglas enquanto apertava a mão de

Mike Jackson, que ainda estava em seu uniforme de policial. — Vou dar uma volta e trazê-los. Imagino que estejamos no corredor dos fundos?

— Sim, Alan e George estão apenas arrumando a última das mesas. Ainda bem que reservamos o salão, já que ninguém vai poder entrar no pub amanhã à noite. Parece que o país inteiro vai estar em festa. Ruby certamente escolheu um bom dia para o nosso casamento — Bob sorriu enquanto pegava uma das bandejas de bebidas e conduzia o caminho pelo corredor.

— Olá, olá, o que está acontecendo aqui então? — Mike brincou enquanto cumprimentava seus companheiros. Ele acenou para os amigos de Bob da sociedade de distribuição e do coro de vozes masculinas da polícia, que foram coagidos a pendurar algumas bandeiras que Maisie havia feito em sua fiel máquina de costura, Singer.

— Está aqui a serviço oficial? — George perguntou com um aceno de cabeça para o capacete de polícia de Mike, que ele havia colocado em uma mesa próxima.

— Fui chamado para um turno tardio por causa das comemorações que parecem ter começado desde que a notícia foi anunciada para o VE Day. Eu realmente não poderia dizer não, quando reservei amanhã para o casamento. É por isso que sou o único a beber limonada – sorriu, erguendo o copo. — No entanto, isso não vai me impedir de fazer um brinde. Cavalheiros, por favor, levantem seus copos para meu pai, Bob, e sua futura noiva, Ruby, pois desejamos a eles saúde, riqueza e felicidade por ocasião de suas núpcias amanhã. É um dia especial para o país – ou devo dizer para o mundo? Quem diria que, quando Ruby escolheu seu aniversário para se casar com esse velho canalha aqui, também seria o Dia da Vitória?

— Oh, droga! — disse Bob, parecendo alarmado com o que seu filho acabara de dizer.

— É tarde demais agora — disse George. — Mamãe vai te perseguir até o fim do mundo se você não se casar com ela agora que finalmente concordou em marcar uma data.

— Não, não é isso — respondeu Bob, empalidecendo. — Esqueci que era aniversário dela. Não lhe comprei um presente.

Assim que as gargalhadas diminuíram, Mike enfiou a mão no bolso e tirou uma pequena caixa.

— Gwyneth achou que você teria muito trabalho para se lembrar de comprar um presente de aniversário, então ela comprou isso ontem.

Bob abriu cuidadosamente a caixa. Aninhado em uma camada de algodão, ele encontrou um broche de prata em formato de uma grande estrela e pequenas estrelas de vidro em cascata.

— É perfeito — ele suspirou. — Tenho certeza de que Ruby vai gostar.

— Gwyneth viu Ruby olhando para ele na vitrine da Selfe's the Jewelers, na outra semana, então é uma aposta segura que será aceitável.

— Essa garota é um diamante. Você fez uma boa escolha — disse Bob, enxugando a testa suada com um lenço.

— Nós dois, pai. Acho que mamãe está olhando para nós agora e nos desejando boa sorte, não é?

Os dois homens bateram em seus copos em um brinde silencioso à mãe de Mike e à primeira esposa de Bob.

— Tenho certeza de que sim, filho, tenho certeza que sim. E ela não ficaria orgulhosa de vê-lo, com mulher e filho?

Mike concordou.

— Gostaria que ela estivesse aqui para conhecer Gwyneth e Myfi, mas se ela estivesse aqui você não teria conhecido Ruby — ele parou e franziu a testa. — Agora esse é um pensamento confuso.

David interrompeu a discussão entre pai e filho.

— Vou sair para o bar. Posso pegar alguma coisa para vocês?

— Não para mim, obrigado, mas ponha outra limonada no copo de Mike antes que ele saia para o trabalho — disse Bob.

— Vou ajudá-lo — disse Mike, esvaziando seu copo e seguindo David até o bar principal do pub.

Eles tinham acabado de chegar ao bar em meio à multidão de bebedores felizes quando o proprietário gritou:

— David, tem um casal perguntando sobre a sua Maisie. Eles estão parados ao lado do piano.

David deixou Mike para lidar com o pedido de bebida e foi até onde um esquadrão estava conversando com uma mulher em uma estola de pele de raposa esfarrapada, que devia ter andado na terra quando a Rainha Vitória estava no trono. Seu cabelo era um loiro quebradiço, e o batom vermelho espalhado em torno de seus lábios destacava seus dentes amarelos.

— Eu entendo que estejam perguntando por minha esposa — disse ele educadamente. — Sou David Carlisle, marido de Maisie.

O homem o olhou de cima a baixo. Como Mike, David ainda estava com seu uniforme de oficial da RAF; uma visão impressionante em comparação com o homem à sua frente em seu cáqui mal ajustado.

— Então minha irmã é casada com um oficial? Parece que ela fez tudo certo por si mesma.

— Você deve ser Fred? — David disse, estendendo a mão para apertar a de Fred. Foi ignorado.

— Você tem nossas filhas — disse a mulher atrevida. — Você as tem há anos, segundo todos os relatos.

David assentiu lentamente. Este casal exigia um tratamento cuidadoso.

— Acredito que sua mãe também as teve algum tempo antes de sua morte prematura. Desde março de 1943, estamos escrevendo para sua

divisão tentando contatá-lo.

— Bem, eu estive ocupado — Fred deu de ombros. — Nem todos nós temos empregos de escritório confortáveis — ele zombou.

— Não sabe que estávamos em guerra? — a mulher rachou.

— Sim, senhora — respondeu David, rangendo os dentes. — Então, a que devemos agora esta visita social?

— Eu quero meus bebês de volta — a mulher começou a choramingar e soltou um gemido.

— Sshh, Cynthia — disse Fred quando as pessoas próximas começaram a olhar. — Tudo em bom tempo; vamos ver o que esse cavalheiro vai nos oferecer primeiro.

Davis franziu a testa.

— Não tenho certeza do que você quer dizer.

Fred acenou.

— Você já me perseguiu bastante nos últimos anos, então deve estar ansioso para tirá-las de minhas mãos. Isso significa que está disposto a pagar, no que me diz respeito.

Cynthia parou de esperar e deu a David um olhar malicioso.

— Você parece do tipo que tem um pouco de dinheiro guardado. Faça sua oferta e podemos começar as negociações, caso contrário, vou gritar até que toda esta cidade saiba que beliscou nossas filhas no instante em que perdi minha querida sogra — ela começou a fungar dramaticamente.

David não queria nada mais do que arrastar os dois para fora do pub e conversar com eles. Foi por isso que o homem não se incomodou em responder nenhuma das inúmeras cartas que enviou desde que Bessie e Claudette vieram morar com sua família? Em seu coração, ele sabia que pagaria o resgate de um rei para que as duas meninas, que ele amava tanto

quanto sua própria prole, ficassem com ele e Maisie; mas seria amaldiçoado se enfraquecesse tão facilmente.

— Pensei que você tinha fugido com um militar americano — disse ele, lançando um olhar desdenhoso para Cynthia. Isso a fez parar de choramingar em um instante.

— Quem te disse isso? — ela perguntou cautelosamente, olhando para o marido enquanto ele olhava para David.

— A Sra. Dawson informou Maisie na noite em que ela faleceu.

— Então ela estava mentindo — retrucou Cynthia.

— Maisie não estava sozinha. Houve uma testemunha. Se não fosse por minha esposa, suas filhas estariam sozinhas no mundo e provavelmente acabariam em um orfanato... ou pior. Não que você pareça preocupada, já que demorou tanto para localizá-las.

Cynthia choramingou e olhou para Fred em busca de apoio. Ele simplesmente zombou e acenou com a cabeça para onde um grupo de esquadrões turbulentos estava bebendo e observando-os.

— Não pense que pode me enganar — ameaçou ele. — Talvez eu precise ir visitar aquela minha irmã e lembrá-la de quem é o chefe desta família agora.

David deu um passo mais perto de seu beligerante cunhado.

— Não vai ameaçar minha esposa — ele o olhou furioso, embora soubesse que na maioria das situações sua esposa era mais do que capaz de se defender. Fred não via sua irmã há muitos anos, então não saberia o quão forte ela se tornou desde que fugiu de casa.

Fred pareceu não se deixar influenciar pelo aviso de David e deu um passo mais perto, de modo que os homens ficaram quase nariz com nariz.

— Estarei aqui amanhã à noite. Certifique-se de ter o dinheiro com você ou eu levo as crianças.

Cynthia inclinou-se para a frente e, quase em um sussurro, disse:

— Ou um pouco do dinheiro, e eu vou levar minha Claudette.

Fred a empurrou para fora do caminho.

— O dinheiro ou levamos minhas duas filhas — ele rosnou para sua esposa. — Você pode ter dado à luz apenas uma delas, mas ambas são valiosas para mim.

— Algum problema aqui, senhores? — Mike disse, juntando-se ao grupo. Cynthia recuou ao ver o policial.

— Nada com que se preocupar, oficial — David disse educadamente. — Este homem e sua esposa estavam saindo.

Fred e Cynthia saíram do bar. David notou que os outros esquadrões o seguiram rapidamente enquanto lançavam um olhar cauteloso ao policial.

— Algum problema? — Mike perguntou, vendo a expressão tensa no rosto do amigo.

— Pode haver, Mike. Pode me dispensar cinco minutos antes de entrar em serviço?



A calçada do lado de fora da igreja de Saint Paulinus em Crayford estava lotada de amigos e familiares, para verem Ruby Caselton se casar com Bob Jackson e desejar-lhes boa sorte em sua futura vida juntos. O suave sol de maio aquecia os simpatizantes, que conversavam emocionados, não só porque um casamento entre dois idosos era algo diferente de se ver, mas também porque o dia pôs fim a seis anos de hostilidades na Europa e foi um momento de festa.

— Bem, o sol brilha sobre os justos — disse Vera ao lado do portão da igreja de Saint Paulinus. — Acho que nunca participei de um casamento Caselton em que o Senhor não tornasse o clima glorioso.

— Enquanto ela fez um pacto com o diabo para estragar tudo — Maisie sussurrou para o marido com um sorriso enquanto empurrava o carrinho pelo portão estreito, tentando não acordar os gêmeos. — Agora, tente colocar um sorriso no rosto por um tempo, hein?

— Eu estava me perguntando se as meninas estavam bem — disse David, olhando em volta em busca de qualquer sinal de convidados indesejados. Decidira não dizer nada à esposa até depois do casamento.

— Elas ficaram bem. Freda está no comando delas na casa de Ruby, e Sarah a está ajudando. Elas prestam mais atenção nela do que em mim — Ela sorriu. — Apenas agradeça por estarmos livres de três crianças por um tempo. É um luxo, não é?



— Sempre podemos confiar em Vera para encontrar as palavras certas — Bob Jackson riu ao chegar junto com Mike e Gwyneth. Apertando a mão dos convidados, ele caminhou lentamente em direção à igreja.

— Não está com nervosismo de última hora, pai? — Mike perguntou, olhando para a expressão jovial de seu pai.

— Não há um único nervo em meu corpo. Eu esperei por este dia por um tempo, e a menos que algo aconteça nos próximos quinze minutos e impeça que Ruby chegue na hora, meus planos de invadir e capturá-la terão sucesso.

— Você se saiu melhor do que Hitler jamais fez — disse Alan quando chegaram à igreja onde ele estava distribuindo hinários. — Quem imaginaria que o covarde se mataria em vez de enfrentar o julgamento por todos os seus pecados?

— Ele enfrentará seu julgamento, não tema — disse o vigário ao apertar a mão de Bob e dar-lhe as boas-vindas à igreja.

— Sou amiga da noiva — disse Vera, correndo atrás dele. Ela foi seguida por Sadie, que estava tentando bravamente segurar um animado Arthur.

— Ah, Sra. Munro, já faz um tempo desde que a senhora agraciou nossas portas — disse o vigário, afastando-se para deixá-la passar.

— Se o senhor escrevesse sermões mais animados, poderia me ver mais. Por enquanto vou me limitar a funerais e casamentos — ela disse a ele, dirigindo-se aos bancos da frente e ultrapassando outros convidados ao fazê-lo.

Um jovem corista correu até o vigário e sussurrou em seu ouvido.

— Parece que nossa noiva chegou. Vou deixá-lo nas mãos competentes de seu padrinho; ou deveria ser o melhor filho? — Ele riu de sua própria piada enquanto se afastava apressado.

— Não tem como voltar atrás agora, pai — Mike disse enquanto eles se ajoelhavam para orar.

— Não mudei de ideia, embora esse genuflexório esteja brincando como o diabo com meus joelhos — disse Bob. — Devo dizer que David parece um pouco melancólico. Ele e Maisie tiveram uma briga?

Mike olhou por cima do ombro para verificar quem estava sentado atrás deles. Nunca se sabia quando Vera Munro apareceria para colher uma boa fofoca.

— Isto pode esperar. Não quero preocupá-lo no dia do seu casamento.

— Bem, agora você o fez. Então fale logo antes que Ruby chegue ao altar e eu tenha outras coisas em mente — disse Bob.

— Ele teve um desentendimento com o irmão de Maisie, Fred. Ele apareceu no Prince of Wales ontem à noite e está ameaçando voltar para lá esta noite.

— Por que ele está ameaçando aparecer? Todos são bem-vindos à nossa festa.

— Ele não está querendo vir participar das comemorações. Quer dinheiro de David, caso contrário, levará suas filhas embora. Os dois não são pais adequados.

— Pensei que a esposa tivesse tido um caso com um americano?

— Ela está de volta. Eu dei uma olhada neles ontem à noite e são um par e tanto, posso te dizer. Você não gostaria que eles cuidassem de um cachorro.

Bob pensou por um momento.

— Certifique-se de contar a Douglas e Alan, e entre nós podemos ficar de olho em David. Melhor não contar a Maisie, ou ela matará o irmão com as próprias mãos. Podemos fazer com que Sarah e Gwyneth fiquem de olho nas duas crianças para que fiquem seguras.

— Eu cuidarei disso. Avisei na estação de que poderia haver problemas esta noite; mas com o mundo e mais um pouco comemorando hoje, eles terão dificuldades em ajudar com nosso pequeno problema. Uma coisa passou pela minha cabeça, então estou verificando - estou pensando que nosso amigo Fred e seu alegre bando de amigos podem ter saído sem licença do exército.

— Bom pensamento filho. É melhor ficarmos de joelhos agora, ou as pessoas vão se perguntar sobre o que temos para orar — disse Bob. — Não quero problemas no dia do meu casamento, por isso confio em você e em nossos amigos para cuidar de Maisie e David, assim como das crianças.



— Você está linda — Freda suspirou enquanto entregava seu buquê a Ruby —, e essas flores são o toque final. Bob foi habilidoso em cultivá-los sem que você soubesse — acrescentou, dando uma última cheirada antes de

se abaixar para falar com Georgina, que estava pulando em um pé só e não estava prestando atenção ao que estava acontecendo ao seu redor. — Agora, seja uma boa menina e me imite quando caminharmos pelo corredor. Entendeu? — Georgina assentiu com a cabeça e continuou pulando enquanto enfiava o dedo no nariz.

— A criança é um caso perdido — Sarah suspirou. — Eu sabia que seria um erro tê-la como uma de suas damas de honra, Nan. Se quiser, posso levá-la para dentro da igreja para sentar-se com Alan?

— Não fará tal coisa. Eu não me importo se ela pula ou dança pelo corredor. Essas crianças desempenham um papel importante na minha vida e eu as quero comigo quando eu me casar. Nossa Pat já está chateada porque eu não chamei suas filhas para serem damas de honra. Estou começando a me perguntar se cometi um erro. Você sabe como ela pode gemer por semanas a fio. Ela resmungou que convidei as três filhas de Maisie como alguns dos meus netos, mas quando essas meninas moram na minha rua e Maisie fez os vestidos, é o mínimo que posso fazer. Pode fazer uma contagem, Sarah? Tenho certeza de que faltam alguns. Eu só quero espiar dentro da igreja para verificar se todos estão lá.

— Não pode fazer isso, Nan. Bob pode vê-la, e isso seria azar. Muitas coisas já impediram o casamento de vocês, não devem começar a vida de casados com uma maldição pairando sobre os dois.

— Quem está procurando? Posso dar uma olhada rápida para você? — Freda perguntou.

— Não importa — disse Ruby. — Lá vem o vigário para me dar uma palestra estimulante. Não o deixe demorar muito, Sarah. Ainda temos um monte de coisas para fazer quando chegarmos em casa, se quisermos alimentar todo esse bando.

— Já disse, está tudo resolvido, Nan. Maureen tem estado ocupada, e ela disse que ficaria presa assim que chegássemos em casa, se houvesse mais alguma coisa para fazer. Acho maravilhoso você compartilhar sua recepção de casamento com toda a rua.

— Eu não poderia realmente dar uma festa em minha própria casa sabendo que o resto da Alexandra Road estava celebrando o fim da guerra na Europa sem nós, poderia? Além disso, perderíamos alguns dos convidados assim que comesçassem a cantoria e a dança e eles abrissem o barril de cerveja que vejo ser colocado em frente ao número quatorze.

— Desculpe, estamos muito atrasados para este casamento? — perguntou um homem com sotaque brummie de Birmingham enquanto dava um tapinha no ombro de Freda.

Freda virou-se com um olhar surpreso no rosto e gritou de alegria.

— Lenny, o que está fazendo aqui?! Como você sabia...? — Ela ficou sem palavras quando seu irmão a abraçou com força e a levantou do chão.

— Alguém me escreveu uma carta e nos convidou para o casamento. Cheguei à costa por pouco, e então o trem foi retido com todos tentando chegar a Londres para as comemorações ...

— Nós? — Freda perguntou, olhando além de seu irmão para onde uma linda mulher loira, parecia tímida. — Sally? É a enfermeira Sally que conhecemos quando mamãe estava doente — explicou ela a Sarah, que havia encontrado a mulher em várias ocasiões e gostava muito dela.

— Mana, gostaria que conhecesse a Sra. Leonard Smith. Nós nos casamos na minha última saída de casa há dois meses, mas queria lhe contar pessoalmente. Você não se importa de perder nosso casamento, não é? Éramos só nós dois e algumas testemunhas, já que eu só tinha 24 horas de folga.

— Claro que não me importo. Há uma guerra em... — ela parou quando seus amigos riram dela. — Acho que não podemos mais usar essa desculpa — ela sorriu.

Freda lutou para sair de seus braços para cumprimentar sua nova cunhada, e Sally sussurrou em seu ouvido enquanto elas se abraçavam.

— Vou ser tia? Já...?

Ruby enxugou os olhos com as costas da luva branca. Ela adorava um final feliz.

— Agora, vocês dois entrem na igreja. Há um homem lá provavelmente se perguntando o que diabos está acontecendo aqui. Ele pode até pensar que mudei de ideia de novo.

As meninas riram enquanto alinhavam as crianças atrás de Ruby, e George saiu do fundo da igreja para pegar o braço de sua mãe. Eles começaram a caminhar lentamente pelo corredor quando o órgão tocou uma nota. Sarah deu à filha um olhar de advertência quando a criança estendeu a mão para enfiar o dedo de volta no nariz.

— Este deve ser o dia mais feliz que já conheci — Freda sussurrou para a amiga. — É um dia perfeito. De agora em diante, não teremos que viver com medo ou preocupados com o futuro.



— **TIRO MEU** chapéu para Ruby, ela certamente sabe como organizar uma festa —disse Alan ao se juntar a George, que estava sentado em um banco montado em frente ao número treze.

As famílias que viviam nos dois longos terraços de casas que ficavam frente a frente na Alexandra Road fizeram de tudo para marcar o fim da guerra na Europa. Uma miscelânea de cadeiras e mesas, inclusive algumas feitas de portas retiradas de suas dobradiças e escoradas com tijolos, estendia-se no meio da rua. As mulheres trouxeram suas melhores toalhas de mesa e talheres junto com todas as cadeiras que possuíam, para que todas as crianças e residentes mais velhos se sentassem. As mesas rangiam sob o peso da comida; famílias que compartilharam mais com vizinhos que lutaram nos últimos seis anos. Latas de comida que haviam sido escondidas - sem perguntas - foram produzidas e passadas para a equipe de mulheres que passavam manteiga no pão. Ainda era pão nacional cinza, mas era comido com gosto por aqueles que olhavam para um futuro livre de guerra. Com apenas alguns dias para se preparar, as crianças fizeram toucas festivas, mesmo que fossem em forma de barco e dobradas de jornais, enquanto homens e mulheres tiravam suas melhores roupas da naftalina em homenagem à festa nacional para vencer todas as festas.

Acima das grandes janelas salientes, bandeirolas foram penduradas em cada quarto em frente à casa do outro lado da rua. Maisie havia ensinado aos vizinhos como cortar e costurar retalhos de trapos, tecidos velhos ou, na verdade, qualquer coisa que balançasse com a brisa, para tornar as comemorações dos tempos de paz ainda mais especiais.

— Foi generoso da parte de Ruby doar toda a comida da recepção de seu casamento para as comemorações de rua. Isso fez uma grande diferença para o dia. Ela parece ter um balde sem fundo de energia hoje. — acrescentou Alan.

— Ela certamente gosta — George sorriu, enquanto observava sua mãe conduzindo as crianças de Alexandra Road para o julgamento de uma competição de fantasias. — Onde os pais encontraram todas essas fantasias? Eles parecem ser bastante criativos — ele perguntou sorrindo. — Olhe para os três mais velhos de Maisie vestidos como o ARP, a Marinha e a Força Aérea. Que espetáculo, mesmo que as fantasias estejam penduradas neles.

Alan riu.

— Eu tive uma mão nisso. Maisie pegou emprestada minha jaqueta e boné da RAF, pois eram menores que os de David. Os itens ARP foram doados por Bob; a Marinha pelo irmão de Freda. O coitado teve que me pegar emprestadas algumas roupas porque estava usando o uniforme para o casamento.

Jorge riu.

— Ninguém discute com Maisie.

Alan parecia mais sério.

— Espero que não — ele passou a explicar ao sogro o que havia acontecido no pub na noite anterior com o irmão de Maisie e como Mike havia pedido a eles que entrassem e ficassem de olho em David na festa, aquela noite.

— Conte comigo — George disse, parecendo mais do que um pouco zangado. — Como você sabe, penso em Maisie e Freda como minhas próprias filhas e não veria um fio de cabelo danificado em suas cabeças. Ela nunca falou muito sobre Fred, mas um homem que não entrar em contato

por mais de dois anos, significa que não é o melhor dos pais. Farei tudo o que puder para ajudar. Mas é melhor não contar para mamãe, ou ela vai querer resolver o problema com as próprias mãos.

Alan acenou com a cabeça solenemente.

— Ela certamente o faria. Eles quebraram o molde depois que Ruby nasceu. Seria horrível se ela fosse levada para a prisão por causar uma confusão — ele sorriu.

George deu uma gargalhada, fazendo com que as pessoas próximas sorrissem em sua direção. Certamente era um dia de felicidade.

— Sem dúvida, seria o novo enteado dela quem faria a prisão.

— Acho que Mike prefere infringir a lei a prender Ruby — Alan juntou-se à risada. — Mas onde estão Pat e as crianças? Eles geralmente estão enlouquecidos agora, com Pat tentando mantê-los sob controle.

— Ela correu para casa. Parece que a fazenda está fazendo algo para comemorar o fim da guerra e ela está cuidando do bufê. Ela também tem que ajudar na ordenha.

— Caramba, quem seria a esposa de um fazendeiro?

— Não eu e isso é certo — George começou a rir, e Alan juntou-se a ele.

Depois que os homens se acalmaram e tomaram goles de cerveja em seus copos, George olhou para verificar se ninguém poderia ouvi-los.

— Você chegou a alguma conclusão sobre Sandy? Ouvi dizer que foi dançar country escocês com os dois, o que no meu livro significa que você merece uma medalha. Presumo que nada aconteceu que o tenha alarmado?

Alan também olhou ao redor, ciente de que Vera, que morava na estrada, tinha o hábito irritante de aparecer no instante em que a fofoca mais suculenta estava sendo discutida.

— Sim, meus dedos do pé sofreram no dia seguinte, posso te dizer. Havia algo que eu queria te contar. Com as mulheres nos colocando em apuros nos últimos dias, não tive a chance de lhe falar a sós — ele continuou explicando sobre ter visto Sandy conversando com o homem de aparência severa, e as poucas palavras que ele tinha ouvido. — Pode não ser nada, suponho. Afinal, Sandy viaja até Londres para se socializar com seus amigos da igreja. À primeira vista, sei que pode parecer improvável que ele esteja envolvido em qualquer trapaça enquanto interpreta os Gay Gordons.

George agradeceu a Alan pela informação e ficou pensativo.

— Acha que há algo nisso tudo, não é? — Alan perguntou, parecendo esperançoso. — Eu digo, senhor, acha que ele é um espião? Nosso Freda está em perigo? Existem espiões, agora que não estamos mais em guerra?

— Sempre haverá espiões, e quanto a Sandy ser um... eu simplesmente não sei. O que você ouviu certamente não soa bem. Talvez ele tenha se envolvido em alguma coisa e agora tenha dúvidas. Quanto a Freda estar em perigo, estou me perguntando mais se o coração da garota será partido. Ela está claramente apaixonada pelo homem, com certeza. Ela não saiu do lado dele o dia todo. Vou levar o que você disse para as pessoas que sabem mais, e tudo o que podemos fazer é manter os olhos abertos.

— Enquanto esperamos para juntar os cacos quando o romance da garota falhar — Alan murmurou com raiva. — Eu acho que isso me irrita ainda mais do que Sandy possivelmente roubando segredos de Vickers. Vou dar uma palavrinha com eles e continuar fingindo que gosto do sujeito.

— Cuidado Alan. Não precisamos de heróis. Se o rapaz for culpado de alguma coisa, ele será pego com o tempo. Vou fazer um rápido telefonema. Eu sabia que mamãe ter um telefone seria útil um dia. Então vou ajudar Bob com aquele barril de cerveja — Ele acenou com a cabeça para onde Bob estava rolando um barril novo na estrada para o bar improvisado.

Alan atravessou a rua e sentou-se ao lado de Freda.

— Olá, garota, está se divertindo? — perguntou ele, passando o braço sobre o ombro dela de maneira fraternal.

— Tem sido maravilhoso — ela suspirou. — e ainda temos a recepção de casamento no pub para esta noite. Provavelmente vou dormir o dia todo amanhã.

— Sortuda. É o primeiro dia do meu novo negócio e tenho trabalho a fazer.

— Sandy, eu te contei que Alan está montando seu próprio negócio de conserto de motos? — ela disse, virando-se para o namorado, que olhava para frente sem entender o que acontecia ao seu redor. — Acorde, dorminhoco — ela brincou, cutucando o braço dele quando ele não respondeu.

— Desculpe — disse Sandy. — Eu estava a quilômetros de distância.

— Não há necessidade de desculpas. Foi um dia agridoce para muitos de nós. Tenho pensado nos meus camaradas que não sobreviveram à guerra. Você deve sentir o mesmo, além de ter sua família morando tão longe. Irá vê-los algum dia em breve? — Alan perguntou, esperando que ele não estivesse sendo muito curioso. Ele tinha um desejo infantil de resolver esse problema de espionagem para seu sogro.

— Seria ótimo, Sandy, talvez eu pudesse tirar alguns dias de folga e visitar sua família com você! Nunca estive na Escócia — disse Freda, parecendo entusiasmada com a ideia.

— Não! — disse Sandy, levantando-se. — Não me lembro dos meus colegas e não irei para a Escócia tão cedo.

— Calma, meu velho, eu só estava sendo amigável. Acredito que não seja incomum esquecer o que acontece quando sofremos um acidente grave. Eu era o mesmo quando desci sobre a França. Tive uma baita dor de cabeça

por um tempo e poderia facilmente ter acabado nas mãos dos nazistas — disse Alan com emoção.

— Alan, sinto muito. Você nunca disse realmente o que aconteceu. Bem, não para seus amigos de qualquer maneira. Foi realmente horrível? — Freda passou o braço pelo de Alan. — Eu odiaria pensar naqueles nazistas brutais dando a você maus momentos.

— Está tudo no passado agora, garota. A guerra acabou na Europa e podemos começar de novo. Quais são seus planos, Sandy? — perguntou ao homem que ainda estava parado na frente deles.

Sandy sentou-se novamente e pareceu relaxar.

— Pretendo terminar meu treinamento na Vickers e depois viajar. Há lugares que eu gostaria de ver antes de me estabelecer — novamente seus olhos pareciam estar olhando para o nada.

Alan percebeu que Freda estava chateada e tentou amenizar a situação.

— Ei, garota, quando eu estiver pronto e funcionando direito, você pode vir trabalhar para mim vendendo motos usadas e encantando meus clientes. O que me diz?

Freda deu a ele um sorriso aguçado.

— Cobrarei isso, mas quero meu nome na loja. Ninguém vai tirar vantagem de mim e sair impune — disse ela, lançando um olhar desafiador para Sandy, que parecia alheio à conversa.

— Então é um acordo. É Gilbert e Smith — disse ele, estendendo a mão.

— Faça Smith e Gilbert e eu concordo — disse ela, estendendo sua própria mão pequena.

— Fez um acordo difícil, senhorita Smith — Alan sorriu, dando-lhe um abraço apertado. — Pode levar alguns anos, mas prometo que há um lugar para você no meu negócio. Temos que manter o negócio em família, e você

faz parte da minha — Alan sabia que naquele momento teria prometido a Freda as joias da coroa só para vê-la feliz. Ele jurou para si mesmo que nenhum homem jamais perturbaria a garota novamente.

— O que é tudo isso, então? — disse Sarah, juntando-se aos dois. — Apertem-se para que eu possa me sentar — acrescentou ela, enquanto todos se moviam ao longo do banco para dar lugar a ela.

— Alan acabou de me dar uma participação em seu novo negócio — disse Freda descaradamente.

— Considerando que ele só tem uma bicicleta para consertar e eu estou tendo que voltar a trabalhar na Woolies para sustentar a família, você pode achar que ele está sendo generoso demais — Sarah sorriu. — No entanto, se chegar o dia em que ele poderá contratar pessoas, vou lembrá-lo de sua promessa. Isso se eu puder ter minha casinha com rosas na porta também — ela riu.

— Seu desejo é uma ordem, meu amor — disse Alan. — Você tem algum outro desejo?

Sarah inclinou a cabeça para o lado e pensou por um momento.

— Eu gostaria de dois, se me permite. Primeiro, tecido novo suficiente para Maisie nos enfeitar para os meses de verão, sem que tenhamos que nos preocupar com consertos ou com aqueles cupons miseráveis. E a segunda é que gostaria de ser dama de honra de novo.

Alan parecia chocado.

— Você acabou de ser a dama de honra de sua avó, e poucas mulheres podem dizer isso — ele riu. — Quem é a noiva sortuda da próxima vez?

— Eu era uma atendente de Nan, já que ela não queria damas de honra crescidas. Eu estava lá mais para verificar se todas as garotas se comportavam - não que eu pudesse impedir nossa Georgie de cutucar o

nariz na frente de todos. Eu poderia alegremente trocá-la por uma das outras damas de honra.

— Se for de alguma ajuda, mamãe disse que eu era o mesmo nessa idade — Alan sorriu. — Achei-a muito cativante.

— Ah, você faria isso — Sarah zombou.

— Então, quem é a noiva escolhida? — perguntou ele, voltando ao pedido de sua esposa.

Sarah sorriu de alegria.

— Freda. Quero caminhar até o altar atrás da minha amiga aqui quando ela se casar com Sandy.

Freda e Alan ficaram em silêncio enquanto Sandy deu uma olhada em sua namorada e foi embora.

— Opa, eu disse a coisa errada? — Sarah perguntou, parecendo preocupada. — Eu e minha boca grande. Deve ter sido aquele porto e limão que Bob fez para mim, era bastante forte. Não consigo ficar de boca fechada depois de tomar alguns goles.

Freda observou Sandy se afastar deles pela rua até onde ela se juntava à Manor Road e desaparecer de vista.

— Não se preocupe com ele. Para ser honesta, ele tem sido um pouco chato ultimamente. Se não está me questionando sobre George, está querendo ir dançar country escocês naquele salão de igreja dos sonhos em Londres. Você gostaria de ir lá toda semana? — ela perguntou a Alan.

— Não gosto disso, garota, mas quando você ama alguém, segue seus hobbies, mesmo que não goste. Veja minha Sarah aqui. Ela odeia minha moto e quando estávamos namorando, se recusou a andar na garupa depois da primeira vez que a levei para passear, mas eu desisti e encontrei uma substituta? Não. Eu fiquei lá mesmo que ela partisse meu coração — disse ele, colocando a mão no peito e fingindo tristeza.

Freda abaixou a cabeça de vergonha.

— Mas ele odeia meus hobbies. Ele até começou a me ridicularizar por ser uma Coruja Tawny e organizar passeios para os Brownies. A única vez que temos uma conversa sensível é quando ele pergunta sobre George e seu trabalho na Vickers. Chegamos ao ponto em que, quando vamos para as noites de dança no campo, ele costuma sair para conversar com os amigos e me deixar para conversar com todos os velhos vadios.

Sarah estendeu a mão e acariciou o braço de sua jovem amiga.

— Eu tinha tantas esperanças para este — disse ela, parecendo triste. — Sandy parecia bastante “normal” quando fomos dançar com vocês.

Freda encolheu os ombros.

— Foi bastante estranho, já que ele estava mais atento naquela noite — quase como se estivesse fingindo para seu benefício. Não pensei muito nisso porque estava gostando da atenção. Ele beija muito bem — acrescentou com um sorriso.

— Oh, senhoras! — Alan brincou, fingindo estar chocado e abanando o rosto.

— Ah, Alan, pare com isso! — disse Sarah. — Devíamos estar pensando em Freda em um momento como este! Você acha que deveria ir atrás dele?

— Sinceramente, acho que não — disse Freda. — Deixe-o sair em um acesso de raiva. Se ele voltar com o rabo entre as pernas, dou-lhe o velho puxão. A vida é muito curta para ficar entediada — ela se levantou, dando um sorriso corajoso. — Quem quer outra bebida? Depois disso, vou dançar com meu irmão e sua esposa. Esta é uma festa que eu quero aproveitar. Não é sempre que temos a chance de celebrar o fim de uma guerra e um casamento ao mesmo tempo.

Alan pegou o braço de Freda quando ela começou a se afastar.

— Antes de sair para se divertir, você pode me dizer se sabe onde Sandy mora?

Freda parecia confusa.

— Sim, não que eu tenha estado lá. Eu não sou esse tipo de garota. Ele recentemente mudou de alojamento porque sua senhoria estava se mudando. Ele tem um quarto na West Street, perto do Ship.

— Me faria um favor? — disse Alan, sem nenhum vestígio de seu humor alegre anterior.

— O que está acontecendo, Alan? — perguntou Sarah, vendo o rosto sério do marido.

Alan ignorou a pergunta de Sarah e continuou olhando para Freda.

— Pode não ser nada, mas você poderia falar com George? Contar a ele tudo o que Sandy perguntou sobre ele e Vickers?

Freda assentiu com a cabeça.

— Se você acha que devo, então farei isso agora mesmo. Sabe onde ele está?

— Na sala da Ruby, fazendo uma ligação. Digamos apenas que o que você disser a ele pode resolver um grande problema para George e para Vickers.

— Agora, vai me dizer o que está acontecendo? — perguntou Sarah, enquanto observavam Freda desaparecer no número treze.

— Depois, meu amor; vamos dançar e nos divertir um pouco, certo? Espero que tenha havido emoção suficiente por um dia — acrescentou Alan, olhando para onde David Carlisle estava girando sua esposa na pista de dança improvisada ao som de Maureen cantando: Quando as luzes se acenderem novamente em todo o mundo...



— Sshh, ouça: Winston está prestes a falar — disse Ruby para as pessoas amontoadas na sala da frente do número treze.

— Eu não perdi, não é, Nan? — Sarah disse enquanto se sentava no braço da cadeira de Ruby, enxugando as mãos em um pano de prato.

— Não, amor, ele vai falar...

— Meus queridos amigos, esta é a sua hora. Esta não é uma vitória de um partido ou de qualquer classe. É uma vitória da grande nação britânica como um todo...

— Você se lembra quando nos sentamos neste mesmo lugar ouvindo a transmissão da costa quando os rapazes voltavam de Dunquerque? — Sarah sussurrou para Ruby.

Ruby passou o braço pela cintura da neta.

— Sim, meu amor. Parece que faz tanto tempo agora.

— Lá ficamos, sozinhos. Alguém quis ceder? Estávamos desanimados? As luzes se apagaram e as bombas caíram. Mas todos os homens, mulheres e crianças do país não pensavam em desistir da luta...

Sarah encosta a bochecha na da idosa.

— Mamãe teria adorado tudo isso. Seu casamento, as festas.

— Ela teria assumido e dirigido todo o show e dado a Winston uma corrida pelo seu dinheiro.

— Eu digo que nos longos anos que virão, não apenas as pessoas desta ilha, mas do mundo, onde quer que os pássaros da liberdade gorjeiem nos corações humanos, olharão para trás para o que fizemos e dirão “não se desesperem, não cedam à violência e à tirania, caminhem sem rodeios e morram se necessário”, invencível.

— Apesar de todos os seus defeitos, sinto tanto a falta dela. Eu posso vê-la em nossa Georgina — Sarah disse, lutando muito para não chorar.

— Espero que não seja quando a criança está com o dedo enfiado no nariz — sussurrou Ruby de volta, fazendo Sarah arfar com as lágrimas não derramadas.

— Agora saímos de uma luta mortal - um inimigo terrível foi lançado no chão e aguarda nosso julgamento e nossa misericórdia. Mas há outro inimigo que ocupa grandes porções do Império Britânico, um inimigo maculado pela crueldade e ganância - os japoneses.

A sala estava cheia de vaias e alguns palavrões arrastados dos homens, enquanto suas mulheres repreendiam e outros os silenciavam.

— Alegro-me que todos possamos tirar uma noite de folga hoje e outro dia amanhã.

— Mas eu tenho que abrir minha loja amanhã — Betty lamentou do outro lado da sala.

— Fique em casa e levante os pés — Maisie gritou de volta para uma rodada de aplausos.

— Amanhã, nossos grandes aliados russos também celebrarão a vitória e depois disso devemos começar a tarefa de reconstruir nossa saúde e nossas casas, fazendo o possível para tornar este país uma terra em que todos tenham uma chance, em que todos tenham um dever e devemos nos voltar para cumprir nosso dever para com nossos próprios compatriotas e nossos valentes aliados dos Estados Unidos, que foram atacados de forma tão suja e traiçoeira pelo Japão.

— Vamos andar de mãos dadas com eles. Mesmo que seja uma luta difícil, não seremos nós que falharemos.

Família e amigos ficaram em silêncio até que o hino nacional começou a tocar e então todos os homens e mulheres na sala se levantaram e começaram a cantar tão alto quanto suas vozes permitiam. Enquanto as

últimas notas reverberavam pela sala da frente do número treze, eles levantaram seus copos.

— À paz!



— George, espere um minuto! — Alan gritou quando viu seu sogro saindo da casa de sua mãe em Crayford Road e cruzando em direção ao pub Prince of Wales, onde a festa privada da família seria realizada.

George se conteve para esperar por Alan enquanto Maureen continuou gritando:

— Te vejo lá. Tenho algumas coisas para fazer antes que os noivos cheguem —

Ele acendeu o cachimbo enquanto observava Alan atravessar a rua.

— Olá, filho, está pronto para a próxima sessão?

— Foi um dia um pouco longo, não foi? Deixei Sarah na casa da avó colocando as crianças para dormir. A Sadie, de Vera, vai cuidar de todas as crianças em uma casa. Ela terá um trabalho fácil, já que estão todos arrasados após o culto na igreja e a festa de rua esta tarde. Eu também estou bem bêbado.

George assentiu enquanto fumava seu cachimbo.

— Também estou ansioso por meus chinelos e chocolate, mas espero que tenhamos um segundo fôlego para as festividades desta noite. Você me queria para alguma coisa?

— Sim, eu queria saber se Freda falou com você sobre Sandy?

— Ela o fez, embora tenha ficado bastante chateada. A pobre criança se culpou por trazer o homem para o grupo familiar.

— Ela não tem nada do que se culpar e eu vou dizer isso a ela. Sandy viu uma oportunidade de agradar a família, e nossa Freda simplesmente se apaixonou.

George reacendeu o cachimbo, pensativo.

— Isso obscurece um pouco a situação. Não pude contar muito a ela, exceto que estamos tendo problemas na obra e acredito que Sandy esteja envolvido. Claro que tive que lembrá-la de não contar a ninguém além de você. Espero não ter falado fora de hora.

— Não, senhor, vou ajudar no que puder. Quem diria que tínhamos um espião entre nós? — Alan sorriu.

George riu. Ele gostava da companhia do marido de sua filha e confiava nele implicitamente.

— Eu não chegaria ao ponto de chamar Sandy de espião. Acho que ele foi sugado por essas pessoas e, pelo que você ouviu, ele pode ter dúvidas sobre continuar. Os rapazes podem ser idealistas e, às vezes, um pouco cabeça-quente. Gosto de pensar que ele gosta muito de nossa Freda, e isso o ajudou a ver o bom senso.

— Acredito que esteja certo, mas se ele passou informações para o inimigo, e mesmo que a guerra tenha acabado, suponho que estará em apuros.

— Cozinhando em fogo brando — disse George.

— Então, o que acontece a seguir?

— Pedi a Freda para agir como se nada tivesse acontecido e tentar trazê-lo para a festa esta noite, como haviam planejado. Alguns dos meus... — George tossiu. — Digamos que, meus colegas estarão na festa esta noite e o levarão para interrogatório. Isso será feito em silêncio e discretamente. Ninguém além de nós saberá.

— Freda saberá — respondeu Alan, sentindo-se um completo canalha por ter participado do fim do romance de sua jovem amiga.

— Se não der em nada, Sandy poderá continuar com seu trabalho e sua vida, em vez de ter amigos e colegas pensando que ele fez algo errado.

— Ele agiu errado, não foi?

— Sim, o suficiente para estar cumprindo pena, eu acho.

Alan passou a mão pelos cabelos.

— Que bagunça, e que desperdício sangrento de um jovem tão talentoso. Acha que devo ir com Freda para encontrá-lo?

Jorge balançou a cabeça.

— Façamos o que fizermos, não devemos criar suspeitas. Freda usou o telefone de mamãe para ligar para a senhoria. Ela falou longamente com Sandy e o convenceu a encontrá-la na festa. Ele disse que estava com um pouco de ciúme dos amigos dela e por ela não passar mais tempo sozinha com ele. Freda mordeu a língua e concordou com o que ele tinha a dizer.

— Vou ficar de olho assim mesmo. Eu não gostaria que a garota sofresse algum mal.

George deu um tapa nas costas dele.

— Bom rapaz, mas não se esqueça de que também estamos cuidando do irmão de Maisie. Vamos precisar de olhos nas nossas cabeças neste ritmo — Ele sorriu ironicamente quando entraram para se juntar aos convidados que já haviam se reunido no salão privado na parte de trás do bar público.

— Bandidos às nove horas — sibilou Alan para o sogro, que olhou em volta sem entender.

— Oh, isso é um termo da RAF, não é? — ele riu antes de se virar para ver um grupo de soldados sentados em volta de uma mesa coberta de potes de cerveja vazios. — Hmm, eles já beberam alguns. Isso não é um bom presságio.

— Parece preocupado, senhor — disse Lenny ao se juntar a eles na entrada do salão. — Eu mesmo estive observando aqueles caras. Eles têm sido um pouco tagarelas com os outros. Espero que não estraguem o casamento. Sra. Caselton... quero dizer, a Sra. Jackson foi boa para mim no

passado. Não quero que ninguém estrague o dia dela. Estou aqui se precisar de minha ajuda — disse ele calmamente antes de levar sua esposa para se juntar a Freda, que estava sentada sozinha com Sandy e parecia bastante infeliz.

— Eu pedi desculpas por ir embora e deixar você — disse Sandy, tentando pegar a mão de Freda.

Ela a puxou de volta e cruzou as duas mãos no colo. Estava ciente de que, mesmo enquanto eles estavam sentados lá, as coisas estavam acontecendo e poderiam levar Sandy para longe dela. A bravura que sentiu ao dizer a Alan que estava farta de seu namorado e ao falar com George, agora a haviam deixado, e ela se sentia desolada. Fechando os olhos, esforçou-se para lembrar de como fizera sua parte por seu país e das cenas que vira trabalhando para o Corpo de Bombeiros. Imaginou como deve ter sido para Irene morrer como morreu, quando o V2 pousou em New Cross Woolworths; e por mais que tentasse, nunca poderia esquecer o que havia acontecido em Bethnal Green e como ela quase se tornara uma daquelas pobres pessoas pisoteadas pelo pânico para descer à estação de metrô e à segurança. Não, ela não podia perdoar ninguém por ajudar o inimigo que havia trazido tamanha tragédia ao país que tanto amava. Mesmo que os beijos de Sandy a fizessem formigar e se sentisse segura e feliz em seus braços, ela nunca poderia perdoá-lo se ele fosse um traidor, e faria o possível para vê-lo preso. *Acabado*, ela disse a si mesma. *Então estarei sozinha...*

— Aí está você — disse Sally, sentando-se ao lado de sua nova cunhada e passando o braço pelo de Freda. — Não tivemos tempo para conversar e tenho muito a lhe contar. Espero que não esteja infeliz porque nos casamos sem convidá-la.

Freda se livrou de seus pensamentos tristes e sorriu para a bela mulher que a manteve sã durante os longos meses que ela passou em Birmingham vendo a vida de sua mãe desaparecer. A única coisa boa que saiu dessa época foi ver o romance florescer entre seu irmão e Sally.

— Eu nunca poderia ficar infeliz por você ter se casado com meu irmão — disse ela, animando-se ao perceber que nunca estaria sozinha, afinal, porque, para todos os efeitos, ela agora tinha uma irmã. — Agora, me diga quais são seus planos e onde irão morar?

Sally mal podia conter sua excitação.

— Como você sabe, nosso Lenny vai permanecer na marinha, e isso significa que vou ficar sozinha por longos períodos. — Ela começou.

— Puxa, eu não tinha pensado nisso — disse Freda. — Prometo que irei visitá-la em Birmingham sempre que puder...

— Não irá precisar — Sally se intrometeu. — Lenny quer que moremos aqui em Erith. Vamos procurar quartos enquanto estivermos no hotel Wheatley. Talvez você possa nos ajudar.

— Oh, eu não amaria nada mais — Freda disse enquanto seus olhos brilhavam de felicidade. — Há muito o que esperar — acrescentou ela, esforçando-se para não pensar em Sandy sentado ao seu lado.

Elas ergueram os olhos da conversa quando George pisou no pequeno palco elevado em uma das extremidades do corredor.

— Senhoras e senhores, se puder pedir sua atenção, por favor — disse ele, levantando a voz para que os que estavam no fundo do salão pudessem ouvir. — Disseram-me que os noivos chegaram e que temos um presente especial para eles — ele se virou para o lado da sala e acenou com a cabeça para um grupo de homens idosos que estavam esperando pacientemente e observando George para a deixa. Eles se alinharam em três filas na frente do palco. — Sem nenhuma despesa poupada, e deste bar, gostaria de dar as

boas-vindas aos membros do coro de voz masculina da força policial de Erith, que saudará o feliz casal com uma ou duas canções.

Um murmúrio animado percorreu a sala quando as portas duplas se abriram para o bar e Mike introduziu seu pai e sua madrasta. Ruby ficou parada quando os homens começaram a cantar, mal percebendo que Mike a conduziu, e Bob, a dois assentos posicionados para que pudessem assistir ao coro. Bob estendeu a mão e pegou a dela enquanto o refrão de “*Night and Day*”, de Cole Porter, enchia o salão. Enquanto os convidados explodiam em aplausos espontâneos, o coro foi direto para sua segunda música, “*If You Were the Only Girl in the World*”, e todos se juntaram a ela.

— Sabia disso? — Ruby perguntou a Bob enquanto enxugava os olhos.
— Nunca ouvi nada tão maravilhoso na minha vida.

— Espere até ouvir isso — disse ele, levantando-se e juntando-se ao coro. — Se me permitem dizer algumas palavras. Prometo que não vai demorar muito, Ruby — disse ele, enquanto alguns membros do coro o criticavam por estar sob o controle de sua esposa. — Alguns anos atrás, uma jovem entrou na vida de nós que moramos em Alexandra Road. Ela não falava muito naquela época, pelo que me lembro — acrescentou enquanto vasculhava a sala em busca da nora e do filho. — Não poderíamos ter ficado mais felizes quando a mãe dela se casou com nosso Mike e eu tinha uma neta pronta. Esta canção é para nossa netinha galesa, Myfanwy, pois foram as primeiras palavras que cantei para ela quando nos conhecemos — Bob recuou para as fileiras de seus colegas coristas e a melodia cadenciada da conhecida canção galesa encheu o pub. Se os convidados já haviam se emocionado antes, agora estavam enxugando abertamente os olhos enquanto os ricos tons do coro subiam aos céus. Quando a música terminou, a jovem Myfanwy correu para os braços do avô para agradecer.

David, Douglas e Alan levaram bandejas de cerveja para o coro, que brindou com gratidão pelo casamento de seu companheiro.

— Bem, espero que não tenhamos mais surpresas esta noite, ou vou ficar um desastre completo — disse Ruby ao se juntar a Sarah e Maisie e, agradecida, aceitou um vinho do porto com limão que sua neta lhe deu.

— Estou desidratando de tanto chorar — disse Maisie, verificando seu rosto em um pequeno estojo de ouro e enfiando a mão na bolsa para pegar o batom. — Quem diria que um grupo de velhos rabugentos poderia cantar tão bem?

— Cuidado com o que fala — Ruby disse, tentando parecer severa, mas falhando. — Um desses velhos excêntricos é o meu. É tudo legal agora — ela sorriu, estendendo a mão para mostrar a aliança de ouro.

— Espero que não seja da Woolworths — Betty disse ao se juntar a elas.

— Aqui, faça um aperto e abra espaço para Betty. Você parece prestes a explodir — disse Ruby, mexendo com a mulher grávida. — Talvez fosse melhor se tivesse ficado em casa e levantado os pés?

— Estou bem — sorriu Betty. — Eu não teria perdido esta festa por nada no mundo. Que começo de noite maravilhoso!

— Está prestes a ficar ainda melhor — disse Sarah ao ver o pai ajudando Maureen a subir no palco. — Adoro quando Maureen canta. Ela tem uma voz tão adorável.

— A sua não está tão ruim assim — disse Maisie. — Ora, nós deveríamos ter nos estabelecido como um grupo de canto. Teríamos feito uma bomba entretendo as tropas. A resposta da Inglaterra às irmãs Andrews — ela riu.

— Não conte comigo — disse Freda quando ela e Sally se juntaram ao grupo, tendo deixado Sandy para trás em sua mesa. — Todo mundo já

conheceu minha cunhada, Sally? Ela se casou com nosso Lenny há pouco tempo e eles vão morar em Erith. Não é maravilhoso?

— Olá, amor — disse Maisie, levantando-se para dar um beijo em Sally. — Nós nos conhecemos quando todos fomos ver Freda, quando ela estava em Birmingham. Estou tão satisfeita por saber que o jovem Lenny está bem estabelecido. Ele era um pouco vigarista em sua juventude.

Freda ergueu as sobrancelhas em falso horror.

— Cuidado, Maisie, você pode assustar a pobre garota - e ela está no caminho da família também.

— Lenny me contou tudo sobre sua juventude, e vai ser preciso mais do que isso para me assustar — Sally sorriu, colocando a mão na barriga. — Eu não poderia estar mais feliz.

Todas as mulheres a parabenizaram e a conversa se voltou para ofertas de roupas de bebê e ajuda para encontrar um novo lar.

— Você não gostaria de trabalhar na Woolworths, gostaria? — Betty perguntou hesitante.

Sarah, Maisie e Freda começaram a rir.

— Você nunca perde uma oportunidade — disse Sarah, antes de explicar a Sally que Betty era a gerente da loja local onde as três garotas se conheceram.

— Vou precisar de algo para fazer assim que Lenny voltar para o mar, e não tenho certeza se o hospital local vai me contratar como enfermeira, já que estou esperando um filho.

— Oh, claro, você é a jovem enfermeira — disse Betty. — Deve me perdoar. Minha memória está terrível no momento. Mas se precisar de um emprego, mesmo que seja de meio período, venha me ver.

— Mas seja rápida, pois ela está prestes a partir e ter um bebê — observou Maisie. — Isso se ela largar os Woolworths.

No palco, Maureen conversou com a banda de três integrantes antes de começar um pot-pourri de canções de Glen Miller.

— Ah, é “*Moonlight Serenade*”, minha música favorita. Onde está Alan? Está na hora de dançarmos.

— Eles estavam do outro lado da sala conversando com Lenny da última vez que os vi — disse Sally.

— Eles parecem um bando de garotinhos quando se reúnem — disse Betty, fazendo as outras rirem. — Ali está o seu pai, se você preferir dançar com ele — acrescentou ela, apontando para uma porta lateral onde George conversava com dois homens de terno elegante.

— Vai ter que servir — Sarah sorriu, levantando-se e passando pelos dançarinos até onde George estava falando sério com os homens antes de acenar com a cabeça enquanto eles se afastavam. — Vamos pai. Dance com sua filha — disse ela, dando o braço a ele.

— Em um momento, amor, eu tenho alguns negócios para resolver primeiro. Você me faria um favor e ficaria de olho em Freda para mim? Ela pode ficar um pouco chateada.

Sara ficou intrigada.

— O que quer dizer, pai? Porque ela... — foi então que ela viu os dois homens conversando com Sandy, que se levantou e pegou o chapéu. Ele olhou para onde Freda estava assistindo. Era como se não houvesse mais ninguém na sala quando ele sorriu e ergueu a mão em uma saudação. Sarah observou enquanto Freda se levantava e corria por entre os casais dançando, alcançando Sandy enquanto os homens o conduziam pela porta.

— Sandy, espere...

George acenou com a cabeça para os dois homens, que soltaram os braços de Sandy para que ele pudesse se virar e falar com Freda.

— Para onde estão te levando? — ela perguntou, olhando freneticamente entre George e os homens, que permaneceram em silêncio.

— Não importa — disse Sandy. — É melhor que me esqueça — acrescentou gentilmente. — Você era boa demais para mim, mas acredite, eu sonhava em mudar minha vida e passar o resto dos meus anos ao seu lado.

Freda se jogou em seus braços e soluçou quando ele a empurrou e se virou para ir com os homens.

Sarah não percebeu que Alan se juntou a eles até que ele colocou os braços em volta de Freda e a segurou enquanto Sandy era colocado em um carro do lado de fora da porta e era levado.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo? — perguntou Sarah.

— Sshh; tudo ficará bem — Alan acalmou Freda enquanto ela soluçava. — George fará tudo o que puder por ele. Quer ficar aqui fora um pouco até se recompor?

Freda balançou a cabeça.

— Eu vou ficar bem. Quero entrar e ficar com meus amigos, e devo uma explicação a Sarah — ela enxugou os olhos na manga do cardigã e deu um sorriso hesitante. — Vamos lá, vamos celebrar este casamento, certo?

Eles não tinham dado dois passos dentro do corredor quando houve um grito horripilante vindo do bar público, seguido de gritos e quebra de móveis.

— Fiquem aí! — Alan gritou para as mulheres enquanto abria caminho entre os convidados do casamento e desaparecia na área do pub de onde veio o grito.



SARAH OLHOU horrorizada quando os homens que ela amava correram para o bar do Prince of Wales, liderados por David Carlisle. Um olhar para onde Maisie estava sentada e ela pôde ver que suas amigas estavam seguindo seus homens, exceto Ruby, que segurou o braço de Betty para detê-la. Se houvesse briga, não era lugar para uma mulher que daria à luz no mês seguinte.

— O que pode estar acontecendo? — perguntou Freda. — Devemos ...?

Sarah não precisou de uma segunda oferta, e as duas garotas correram para o bar para ver os bebedores regulares se encolhendo contra as paredes enquanto um grupo de soldados lutava corpo a corpo com cerca de uma dúzia de marinheiros.

— Inferno, parece que tudo começou aqui — disse Maisie ao se juntar às amigas. — Suponho que o bom humor está prestes a começar depois de um dia de comemoração, mas olhe para todo esse dano. Não tenho certeza do que o proprietário vai fazer com esse cassetete — acrescentou ela, enquanto o homem saía de trás do bar empunhando um cassetete da polícia. Atrás dele, sua esposa gritava ao telefone por cima dos gritos da multidão que assistia.

— David, não! — gritou Maisie ao avistar o marido, ao lado de Douglas, Alan, Lenny e Mike, entrando na confusão. Foi a vez de Freda e Sarah segurarem Maisie enquanto tentavam impedi-la de lutar por seu marido. — David, volte! — gritou ela.

David podia ouvir sua esposa, mas ele continuou. O proprietário do pub era um sujeito decente e não merecia ter seu negócio destruído por um

bando de bêbados. Ele não tinha pensado no irmão de Maisie até que puxou um marinheiro de onde estava esmurrando um soldado que foi forçado a cair no chão e ficou cara a cara com seu cunhado, com o rosto coberto de sangue. O coração de David despencou para suas botas quando ele viu a agressividade crua no rosto de Fred, embora seu primeiro pensamento não fosse de seus próprios problemas, mas de parar a luta. Nas proximidades, ele podia ver Alan caminhando ao lado de Lenny – que, felizmente, não estava de uniforme, ou as coisas poderiam ter sido muito piores para o jovem. Ele agarrou Fred pelas lapelas e o colocou de pé.

Fred limpou o sangue que escorria de seu nariz e deu um sorriso sardônico.

— Bem, bem, nos encontramos novamente. Espero que você tenha pensado no meu pedido — ele disse enquanto ambos eram empurrados por homens que lutavam por perto.

— Agora não é a hora nem o lugar — disse David — Mas vou lhe dizer uma coisa. Não vai tirar essas garotas de Maisie e de mim, pois elas merecem mais do que você e aquela vadia pode dar a elas. E não terá dinheiro de mim. Depois desta noite, mais do que provou seu valor como ser humano irresponsável.

Fred rosnou como um animal raivoso e enfiou a mão no bolso, tirando um canivete.

David sentiu como se o mundo tivesse girado em câmera lenta quando Fred investiu contra ele. Nas proximidades, ele ouviu um marinheiro gritar “Ele está com uma faca!” e as mulheres começaram a gritar. Alguns marinheiros se amontoaram em Fred, que gritou de dor antes de ficar em silêncio. Houve silêncio enquanto os marinheiros desciam de Fred, que jazia imóvel no chão, a faca agora projetando-se de seu peito.

— David, você está bem? — Douglas perguntou puxando-o para longe de onde Fred estava deitado no chão. — Ai, meu Deus — disse ele, olhando para o sangue que escorria do braço e do peito de David. — Alguém pode ajudar aqui, por favor?! — gritou quando David caiu sobre ele.

Imediatamente os homens começaram a correr do pub, um ou dois deles até escalando uma janela quebrada para escapar quando o som dos apitos da polícia podia ser ouvido se aproximando.

Enquanto os soldados e marinheiros se dispersavam, Maisie examinou a cena, procurando por David antes de vê-lo sendo colocado no chão de ladrilhos por Douglas e Alan. Lenny se ajoelhou sobre ele, verificando se havia ferimentos, antes de olhar para cima e ver sua irmã.

— Traga Sally e se apresse — ele retrucou antes de se inclinar para trás sobre o homem inconsciente.

Por perto, George e Bob ajoelharam-se ao lado de Fred verificando o pulso enquanto o proprietário segurava uma toalha de mesa que sua esposa havia passado sobre o bar. A essa altura, Maisie alcançou o marido e se jogou ao lado de seu corpo.

— Não, por favor, não! — soluçou ela, sacudindo David para tentar acordá-lo. — Não me deixe, David. Eu não suportaria se você me deixasse e as crianças. Façam alguma coisa... por favor, alguém, faça alguma coisa! — implorou ela aos homens, que a observavam com lágrimas nos olhos.

— Ele não está morto, Maisie — disse Lenny enquanto a puxava. — Dê espaço para minha Sally dar uma olhada. A polícia e uma ambulância estão a caminho. Todo mundo irá ajudar. Venha e sente-se aqui onde você pode ver o que está acontecendo — ele indicou um assento de madeira que parecia ser o único que não estava quebrado. Sarah interveio para ajudar a levar sua amiga aflita a se sentar.

— É o desgraçado que feriu meu marido? — perguntou Maisie, enquanto George ia cobrir o corpo de Fred. — Deixe-me dar uma boa olhada nele, para ver o rosto que espero estar apodrecendo no inferno — ela se levantou e empurrou a toalha da mão de George. Por um momento ela congelou antes de balançar a cabeça e gemer “ Não, não, não” , uma e outra vez.

Sarah abraçou a amiga.

— Venha e sente-se. Isso não vai adiantar nada, meu amor.

Maisie se afastou e se aproximou do corpo, dando-lhe um forte chute.

— Você não entende. Nenhum de vocês entende. Este é meu irmão bastardo, Fred, e eu quero saber o que diabos ele está fazendo aqui - e por que ele esfaqueou meu marido? Um de vocês deve saber sobre isso — ela olhou, enquanto os homens presentes desviavam os olhos.

Sally passou pelos amigos enquanto eles estavam ao redor de David.

— Afastem-se e deem um pouco de ar a ele, por favor — disse ela enquanto puxava o paletó dele para trás e rasgava sua camisa, que agora estava manchada de vermelho escuro. Ela parecia confusa enquanto examinava o corte em seu peito. — Esta é uma ferida superficial, deve haver outra...

Douglas agachou-se ao lado dela e entregou-lhe a faca que havia sido deixada ao lado de Fred.

— Aqui, use isso para cortar a manga dele para trás. Eu vi a faca ir em direção ao braço.

Sally se atrapalhou com o tecido grosso, então ele pegou a faca e habilmente cortou o tecido de volta para a área do cotovelo de David. Afrouxar a manga fez com que um novo jorro de sangue surgisse, espalhando-se por toda a vizinhança. Sally se apoiou na ferida perfurante, o que estancou o sangramento.

— Preciso fazer uma almofada com alguma coisa para que possamos manter a pressão sobre esta ferida — ela gritou com autoridade.

Alan tirou a toalha de mesa limpa do corpo de Fred e rasgou um pedaço largo do quadrado de linho, depois dobrou-o em um chumaço.

— Aqui, isso deve servir, mas deixe-me fazê-lo. Sou mais forte que você e posso exercer mais pressão — disse ele, sem esperar resposta. — Maisie, venha aqui e comece a conversar com seu marido. Ajudaria se ele estivesse consciente e conosco - Douglas se afastou um pouco e ajudou Maisie a se ajoelhar.

— David, sou eu. Que diabos você está fazendo aí no chão, e olhe o estado da sua camisa! Vou ter um trabalho e tanto para tirar essa mancha — disse ela, tentando manter a voz leve e brincalhona. David murmurou algumas palavras. Ela se aproxima para ouvir. — Vamos, fale. Você sabe que sou um pouco Mutt and Jeff — disse ela, apertando a mão dele. Ela ouviu novamente a resposta murmurada de David e olhou para Alan, que tinha suor escorrendo de sua testa enquanto mantinha a pressão no braço de David. — Ele disse que “precisamos impedir Fred de levar as crianças...” É disso que se trata? — ela perguntou, observando o bar destruído e o cadáver de seu irmão ali perto.

Ninguém respondeu.



Freda sentou-se com Ruby depois de dizer a Sally que ela era necessária no bar público. Ela estava com medo do que poderia ver se voltasse.

— Você disse que alguém morreu? — Ruby perguntou. Seu rosto estava pálido e suas mãos tremiam. — E pensar que isso aconteceria no meu casamento, e no dia em que estávamos comemorando o fim da guerra na Europa. Por favor, Deus, não permita que seja alguém que conhecemos —

murmurou, antes de perceber o que havia dito. — Oh, Freda, eu sou uma mulher egoísta, egoísta; ninguém deve morrer, não hoje de todos os dias.

Freda se agarrou à mulher mais velha e começou a chorar.

— É tudo tão horrível — ela soluçou.

Maureen veio do palco, onde o trio tocava uma valsa tranquila para acalmar os convidados, embora ninguém dançasse.

— Ruby, amor, você acha que devemos dizer a todos para irem para casa, dadas as circunstâncias? Eles podem usar a porta lateral.

Ruby assentiu, chocada demais para falar direito.

— Poderia fazer isso, por favor, e pedir desculpas por eu ter estragado a noite deles?

— Querida, nada disso é obra sua — disse Maureen com sinceridade.

— Alguns bêbados do bar brigaram e destruíram o lugar.

— Mas há um homem morto lá fora, e David foi ferido. Parece ruim. É por isso que vim buscar a ajuda de Sally, já que ela é enfermeira — Freda ergueu os olhos com o rosto coberto de lágrimas.

— O morto é o irmão de Maisie, Fred — disse Sarah, juntando-se à família e sentando-se do outro lado de Ruby, que passou o braço em volta dela e a abraçou. — Disseram-me que foi ele quem esfaqueou David. Há sangue por toda parte.

Um gemido baixo veio de perto, e elas se viraram ao mesmo tempo para ver uma mulher loira cair em um assento próximo e enterrar a cabeça nos braços.

— Eu disse a ele que nada de bom viria disso tudo — ela lamentou.

— Você acha que ela estava com Fred? — Sarah sussurrou.

— Há uma maneira de descobrir — disse Freda, levantando-se de seu assento e indo se juntar à mulher. — Olá, por acaso você é parente de Fred Dawson? — ela perguntou à mulher. — Sou amiga da irmã dele, Maisie.

A mulher assentiu, esfregando os olhos molhados com as mãos, espalhando rímel nas bochechas.

— Sou a esposa dele, Cynthia. Sabia que ele está lá, morto?

Freda assentiu.

— Espero que não se importe que eu pergunte, mas pensei que você tivesse deixado ele e as meninas e fugido com um americano.

— Não que tenha algo a ver com você, mas não deu certo, e aí eu esbarrei com Fred em um baile e começamos a conversar e... bem, sabe como é.

Freda não sabia como era, mas ela não iria dizer isso.

— Você sabia que suas filhas estão morando com Maisie desde que a Sra. Dawson faleceu?

— Foi o que Fred me contou. Não vou lamentar a velha saco - ela não significava nada para mim.

— Mas ela estava cuidando de suas filhas. Não estava nem um pouco preocupada com o bem-estar delas?

— Só uma delas é minha. Não sou do tipo maternal – ela olhou para Freda. — Eu não fui feita para cuidar de crianças.

— Então, por que vocês dois estavam aqui em Erith?

Cynthia roeu a unha distraidamente.

— Fred disse que receberíamos algum dinheiro se deixássemos a irmã dele ficar com as crianças. Deveríamos recolhê-lo esta noite, mas ele foi amarrado com alguns outros soldados, e então houve a luta. Eu lhe disse que não queria as crianças de volta e que elas deveriam ser deixadas onde estavam — felizes, mas ele estava atrás do dinheiro do marido rico dela.

Freda tinha visto as condições miseráveis em que Bessie e Claudette viviam quando estavam com Queenie Dawson em Bethnal Green. Ela duvidava que suas vidas seria muito melhores com Cynthia cuidando delas.

— Então agora vai ser só você e as duas meninas? — ela disse, enquanto uma ideia tomava forma em sua mente.

Cynthia parecia horrorizada.

— Como posso cuidar de duas crianças? Só fiquei por aqui porque ele disse que me veria bem quando recebesse o dinheiro — disse ela, pegando a bolsa.

— Mas e as meninas?

— Maisie pode ficar com elas. De qualquer forma, não irão se lembrar de mim — disse Cynthia, levantando-se para sair.

— Espere um minuto! — Freda estendeu a mão para detê-la. — Você escreveria alguma coisa dizendo para que Maisie e o marido dela, se ele sobreviver, adotem seus filhos?

Os olhos de Cynthia brilharam.

— Haveria dinheiro envolvido?

— Atrevo-me a dizer, mas você precisa escrever algo para fazer a bola rolar. Tem um pedaço de papel?

Cynthia cavou fundo em sua bolsa e tirou um pedaço de papel.

— Isso serve. O que devo escrever?

— Aqui, deixe-me fazer isso. Desde que assine seu nome, tudo bem — disse Freda, enquanto começava a escrever. — Você tem um endereço para onde o dinheiro pode ser enviado?

— Tenho um primo perto de Woolwich. Ela será meu melhor contato — disse Cynthia enquanto observava Freda escrever, todos os pensamentos sobre o marido morto haviam desaparecido de sua mente.

Maureen e Sarah começaram a arrumar a mesa do bufê, preparando pacotes de comida para os convidados levarem para casa, enquanto Ruby permanecia na porta lateral agradecendo por terem vindo celebrar o casamento e se desculpando pela noite estragada.

Quando restavam poucos convidados, as mulheres voltaram para a mesa para terminar os drinques e aguardar notícias do bar.

— Olá, o que está acontecendo aqui? Eu sei que estou um pouco atrasada. Perdi muita coisa? — disse Vera ao aparecer pela porta por onde os convidados haviam saído há pouco tempo.

— Não para que você perceba — disse Ruby sem sorrir.



— Mas, Nan, você e Bob deveriam partir para a lua de mel hoje! — disse Sarah, consternada, quando Ruby lhe disse que eles haviam adiado a viagem devido ao que havia acontecido no dia anterior.

— Não vou sair me divertindo enquanto essa família está em crise. É melhor eu ficar aqui e fazer tudo o que puder para ajudar Maisie, cuidando de seus filhos enquanto ela está no hospital com David. Parece que ela também será responsável pelo funeral do irmão.

O rosto de Sarah assumiu uma expressão determinada.

— Então eu não vou trabalhar para poder te ajudar. Cinco crianças é muito para cuidar sozinha — ela não acrescentou “na sua idade”, sabendo que Ruby iria matá-la. — Vou ficar e ajudá-la até levar os sanduíches de Alan para ele. Se você quiser, posso levar Bessie e Claudette comigo.

— Isso seria uma grande ajuda, amor, obrigada. Sadie vai voltar amanhã e as meninas vão voltar para a escola, então as coisas não vão ser tão ruins. Foi bom seu pai pagar nossa viagem para Whitstable. Ele disse que pode adiar por uma semana, e esperançosamente até então David estará recuperado. — Ela olhou para onde o telefone preto de baquelite estava silenciosamente no aparador. — Suponho que nenhuma notícia seja uma boa notícia. Eu não queria essa coisa aqui, mas tem sido uma dádiva de Deus nos últimos dias, embora, eu ainda pule no ar ele quando toca.

— Tenho certeza de que sim, Nan. Agora, aconteça o que acontecer, você e Bob devem viajar na próxima semana. Eu adorei ficar no hotel, e devem visitar o café e dizer que nos conhece. A dona trabalhava na Woolies anos atrás.

— Eu farei isso. Nossa, mas é um mundo pequeno, não é? — Ruby disse pensativa.

— Agora, o que posso fazer para ajudar?

Ruby olhou para onde as caixas e sacolas estavam empilhadas contra uma parede da sala.

— Você poderia ser uma querida e começar com esse lote? Achei que poderíamos empacotar alguns das sobras de comida que coloquei na despensa e dar aos vizinhos. É uma pena desperdiçar tudo depois que ninguém comeu ontem à noite.

— Deixe-me separar esta pilha primeiro, depois vou verificar a despensa — disse Sarah enquanto olhava para as caixas e pacotes. — Alguns deles têm seu nome no rótulo. Você acha que eles estão te presenteando?

Ruby franziu a testa.

— Por que alguém me daria um presente?

Sarah deu uma risadinha.

— Porque você e Bob se casaram ontem, e seus amigos e convidados gostariam de dar uma pequena lembrança para comemorar seu dia especial.

Ruby parecia envergonhada.

— Nunca pensei nisso. Que gentileza da parte deles — ela se juntou à alegria de Sarah. — Faz muito tempo desde que me casei. Tudo isto é novo para mim.

— Por que não coloco a chaleira no fogo, se senta à mesa e abre seus presentes? Posso cuidar das meninas enquanto você tem alguns minutos

para si mesma. A propósito, onde elas estão?

— No jardim com Bob - eles estão ensinando os filhotes a sentar e implorar. Acho que não terão muita sorte; nossa Nellie não presta atenção em mim, e suas irmãs são tão más quanto. As crianças estão se divertindo, e é isso que importa.

— Vou aparecer e dizer olá, e levar Georgie comigo. Devo perguntar a Bob se ele gostaria de ajudar a abrir os presentes?

Ruby, que estava prestes a abrir o barbante do primeiro pacote, pensou por um momento.

— Acho que ele deveria estar envolvido — ela sorriu. —, mas diga a ele para se apressar — ela colocou o resto dos pacotes sobre a grande mesa limpa e ficou maravilhada com a generosidade das pessoas, quando tudo o que ela queria fazer era compartilhar seu dia feliz com todos que ela conhecia. Em vez disso, o dia terminou em desastre. Quem diria que tal coisa poderia acontecer? Lá estavam eles, durante o pior da guerra, e isso tinha que acontecer. Maisie nunca falara muito sobre o irmão. Na verdade, antes de as duas meninas virem morar com a tia, dois anos antes, Fred nunca havia sido mencionado. O que diabos iria acontecer agora? Ruby se perguntou. Mergulhada em seus pensamentos, ela deu um pulo quando a porta da frente se abriu. Levando a mão ao coração palpitante, ela gritou:

— Quem está aí?

— Sou eu! — Freda gritou de volta.

— Meu Deus, você me deu um susto — disse Ruby quando Freda entrou, tirando o casaco e o chapéu. — Não a ouvi sair.

— Desculpe. Fui até a igreja batista para trocar algumas palavras.

Ruby assentiu com seriedade.

— Às vezes troco algumas palavras com ele lá em cima. Não sei se ajuda, mas como vejo as coisas não pode doer, pode?

Por mais miserável que Freda se sentisse, seu rosto se contorceu enquanto ela tentava não rir.

— Fui falar com os líderes da Boys' Brigade. Eles geralmente se encontram hoje, então pensei em ver se poderia pegar um deles e trocar algumas palavras sobre Sandy.

— Sandy? É engraçado você mencioná-lo. Com toda a comoção ontem à noite, não o vi ir para casa. Por que quer ter uma palavra sobre ele? Não diga que vocês dois brigaram? Com tudo que está acontecendo, não tenho tempo para jovens apaixonados.

Freda sentou-se em frente a Ruby e puxou um pedaço de barbante de um dos pacotes.

— Ele foi preso, Ruby. Mas por causa do que ele fez, eu não poderia, com toda a honestidade, continuar sendo sua namorada — ela disse com um sorriso fraco.

— Sandy foi preso? E ele, um jovem temente a Deus? — Ruby quase gritou.

— Meu Deus, que barulho é esse? — perguntou Sarah ao entrar pela porta dos fundos. — Bob disse para ir em frente e abrir os presentes você mesma, e ele vai cuidar das crianças. Então, o que aconteceu agora?

— O jovem de Freda foi preso — Ruby se irritou. — Como se não tivéssemos o suficiente em nossos pratos agora.

— Eu sei tudo sobre isso — disse Sarah. — Alan me explicou tudo ontem à noite, quando finalmente fomos para a cama. Provavelmente dói agora, Freda, mas você fez a melhor coisa — disse ela, dando um aperto suave na mão de sua companheira.

— Alguém vai me contar o que aconteceu ou tenho que ir até a delegacia e perguntar por mim mesma? — disse Ruby.

— Eles não saberão muito lá, a menos que Mike tenha dito alguma coisa — disse Freda. — Os contatos de George no ministério o levaram durante o casamento, pouco antes da briga começar.

— Então, George e Mike sabem... isso significa que eles contaram a Maureen e Gwyneth. Isso deixa apenas eu e Bob, que estamos no escuro, então?

Sarah olhou para Freda e tentou não sorrir.

— Papai disse a Bob, porque ele estava preocupado com algo acontecendo na festa, uma vez que ele passou a informação para o ministério.

Ruby teve a graça de sorrir, e logo as três estavam rindo.

— Isso deixa apenas eu e Vera — ela sorriu. — Isso é uma reviravolta nos livros, ela não saber de algo antes de todo mundo.

— Acho que todos nós poderíamos tomar uma xícara de chá - então você pode me ajudar a separar os pacotes de comida para os vizinhos — disse Sarah a Freda. Ela parou enquanto se dirigia para a cozinha. — Não comece a se preocupar em não ter um namorado. O amor virá quando você menos esperar. Como Nan sempre diz, há muitos peixes no mar.

— E olhe para mim; consegui ganhar um peixinho na minha idade — Ruby sorriu. — Veja bem, se eu soubesse que isso significaria receber três conjuntos de frascos idênticos em forma de galinhas e ovos, eu poderia ter adiado o casamento um pouco mais — acrescentou ela, olhando para a fileira de galhetas de porcelana alinhadas na mesa.



— Sente-se, Sra. Carlisle — disse o doutor quando Maisie entrou em seu consultório, seguida por Douglas. Ela implorou para que ele ficasse ao seu lado, com receio do que o médico lhe diria.

— Este é o Sr. Billington, um amigo da família. Espero que não se importe que ele fique para ouvir o que tem a dizer — perguntou. Maisie ainda usava o traje de casamento do dia anterior. Mesmo que Douglas e Betty tivessem lhe coletado roupas limpas, ela não deixou a cabeceira de seu marido no hospital nem um instante.

— Sim, conheço bem Douglas — disse o médico, antes de tossir e passar o dedo pelo colarinho como se estivesse começando a sufocá-lo.

Maisie olhou entre os dois homens e percebeu por que ambos pareciam desconfortáveis. Sem dúvida, Douglas iria buscar um falecido no hospital de tempos em tempos e seria conhecido da equipe. Se ela não estivesse tão cansada, teria rido alto. Sabia que David veria o lado engraçado. Ela devia se lembrar de dizer a ele...

— Você pode me dar alguma notícia sobre meu marido? — perguntou, fechando os olhos e rezando para que não fossem más notícias.

— Seu marido é um homem muito doente, Sra. Carlisle. O ferimento de faca na região do peito foi superficial, embora sempre haja uma cicatriz.

Maisie suspirou. Se o homem estava dizendo que David sempre teria uma cicatriz, isso significava que ele não estava prestes a morrer. Ela sorriu.

— Então ele vai ficar bem?

— Depende do que você quer dizer com bem. Foi uma facada muito profunda em seu braço e alguns danos foram causados. A operação, quando ele chegou ontem à noite, foi bem-sucedida até certo ponto, mas temo que ele perca o uso da maior parte do braço direito. Haverá mais operações e estamos preocupados com o surgimento de infecções. Isso exigirá tempo e paciência. Espero que seu marido seja um homem paciente, Sra. Carlisle.

Maisie não conseguia entender tudo o que o médico estava dizendo a ela. As palavras que, *“ele vai perder o uso da maior parte de seu braço direito”*, continuavam girando e girando em sua cabeça.

— A senhora tem alguma dúvida? — ele perguntou.

Maisie balançou a cabeça e se levantou para sair. Era como se ela estivesse andando em um borrão, não totalmente em contato com o que estava acontecendo ao seu redor. Ela parou e virou bruscamente.

— Posso ficar com ele? — ela perguntou.

— Preferimos que observe o horário normal de visita. Se houver alguma mudança, entraremos em contato por telefone — disse.

Douglas a conduziu para fora do consultório e eles se dirigiram para o carro dele em silêncio.

— Vou levá-la para casa para que possa dormir. Você está muito cansada.

— Não, não quero ir para casa. A casa parecerá vazia sem David lá. Não quero ficar sozinha com meus pensamentos. Pode me levar até a casa de Ruby, por favor?

— Como quiser — disse Douglas ao ligar o motor. — Maisie, espero que não se importe que eu mencione isso, mas na ausência de sua esposa você é o parente mais próximo de seu irmão. Há a questão delicada de seus restos mortais a ser considerada.

— Pelo que sei, ele pode apodrecer no inferno — respondeu Maisie.

Douglas estava tão preocupado com Fred quanto Maisie.

— Espero que ele já esteja lá, mas ainda temos o problema de seu corpo assim que a polícia o liberar. Você gostaria que eu fizesse algo discretamente? Não há necessidade de ninguém comparecer.

— Isso é muita bondade sua, Douglas. Podemos esperar um pouco até que eu possa pensar direito? Aconteça o que acontecer, não quero que você arque com isso.

— Vamos deixar para lá, então, certo? — disse ele quando o carro passou pelo pub Prince of Wales.

— Oh, não! — Maisie suspirou ao ver homens removendo todos os móveis danificados, enquanto vários outros colocavam novas vidraças nas molduras. — Temos que fazer algo sobre isso. Parte disso é culpa nossa, e o proprietário não deve ser responsável pelo custo.

— Tenho certeza de que podemos juntar todas as nossas cabeças e pensar em algo para ajudar — disse ele, pensando que Maisie poderia se beneficiar ao se concentrar em um projeto, em vez de em seu marido gravemente doente e seu irmão morto.

— Farei isso — ela sorriu.



George andou pela oficina, verificando as bancadas e batendo com uma caneta nos caixilhos de madeira das janelas. O bater constante da chuva no telhado de metal corrugado era o único som enquanto Alan observava seu sogro com a respiração suspensa.

— Eu estava pensando que serviria para começar — ele sugeriu, quando não pôde mais esperar que George falasse.

George assentiu pensativamente antes de sacudir as portas duplas de madeira e puxar um cadeado enferrujado.

— Essas portas vão precisar ser trocadas, e você precisa de um novo cadeado. Duas fechaduras separadas, seria melhor. Não quer que alguém entre e roube suas ferramentas e, pior ainda, as motocicletas de seus clientes.

O rosto de Alan caiu. Ele estava animado para mostrar suas novas instalações comerciais a George e esperava elogios, em vez de uma lista de coisas para mudar e tomar cuidado.

— Está dizendo que fiz uma má jogada ao alugar este lugar?

— Meu Deus, não! — disse George, sentando-se em um dos dois banquinhos de madeira colocados ao lado de uma bancada de trabalho. —

Com um pouco de remendo, você terá uma configuração decente para começar. O que o fez escolher este lugar?

— Para ser honesto, senhor, é perto de casa. Eu me sinto mal por Sarah ter que voltar a trabalhar na Woolworths enquanto eu coloco as coisas em funcionamento. Com este lugar em Crayford Road, estou a apenas alguns passos de casa. Posso estar lá em um instante para pegar as crianças ou em casa para as refeições.

— Bem pensado. Eu teria feito o mesmo na sua situação. Não se sinta tão mal com a nossa Sarah. Sei que ela esperava algo diferente depois que você deixou a RAF, mas ela sempre foi meio sonhadora.

Alan sorriu.

— Ouviu falar sobre o desejo dela de ter um chalé com rosas na porta, não é?

George riu.

— Então é isso que ela deseja, não é? Tenho certeza de que ela realizará seu desejo a tempo, mas até lá terá que esperar. Pensei em lhe dar o bangalô em Crayford. O proprietário quer vendê-lo e, como vendi nossa casa em Devon, estou pronto para comprá-lo imediatamente.

Alan sentiu seu coração pular.

— Faria isso por nós, senhor?

— Eu gostaria, Alan. Você e Sarah são minha única família, e quero investir em seu futuro enquanto ainda estou aqui para vê-lo obter o benefício. No entanto, ver sua pequena oficina aqui me deu outra ideia.

Alan lutou muito para não parecer desapontado. O bangalô em Crayford, perto da Igreja de Saint Paulinus, era o tipo de lar que ele desejava um dia prover para sua própria família. Havia até um jardim de rosas, que sua falecida sogra cuidava todos os dias.

— Acho que é difícil deixar uma casa quando você tem lembranças felizes de Irene morando lá — disse ele.

George tirou o cachimbo do bolso do paletó de tweed e bateu com ele na cabeça.

— Minhas memórias estão aqui em cima. Não preciso de lugares para pensar em Irene e na vida que tivemos juntos. Eu posso vê-la em Sarah e nas crianças, embora só Deus saiba o que ela teria dito ao chamar o bebê de Buster. Ela teria tido um ataque — ele sorriu.

— É apenas um apelido — Alan sorriu. — Para Irene, ele teria sido Alan Júnior. Então, o que quer fazer?

— Vou voltar para Erith, onde cresci e onde minha família mora. Um pouco de dois para cima, dois para baixo me convém. Não preciso de bangalôs e grandes jardins. Sou um homem de meios simples. Em vez disso, vou investir no seu negócio.

Alan estava confuso.

— Mas, senhor, eu não espero...

— Sei que não, Alan, e é por isso que quero ajudá-lo. Você é como um filho para mim, e qualquer pai ajudaria seu filho tanto quanto fosse humanamente possível. Eu irei ajudá-lo nos fins de semana para que possamos ter esta oficina em perfeitas condições e pagarei seu aluguel pelos primeiros seis meses, bem como comprarei ferramentas e materiais. Também posso pedir trabalho. Eu tenho contatos, e com tantas empresas usando motocicletas em suas frotas de veículos, você poderia se dar muito bem.

Alan ficou chocado e não sabia o que dizer.

— Estou quase sem palavras — ele engoliu em seco. — Obrigado, senhor, obrigado do fundo do meu coração.



Douglas ajudou Maisie a subir até o número treze e bateu na porta de madeira.

— Não vou entrar, Maisie, porque quero chegar em casa, ver Betty e como ela está. Estou preocupado que o choque de ontem a tenha afetado. Ela diz que está bem, mas conhece Betty.

Maisie pôs a mão sobre a de Douglas e apertou-a.

— Dê meu amor a ela. Vou dar uma passada no Woolworths amanhã e reorganizar meus turnos enquanto David... - a voz dela falhou com a emoção. — Sou uma idiota — disse ela, tentando sorrir. — Ele está vivo e é isso que importa, hein?

— Ele não vai a lugar nenhum — Douglas assegurou a ela —, e estamos todos aqui para nos meter e fazer o que pudermos, pelo tempo que for preciso.

— Tenho muita sorte em ter bons amigos — disse ela, beijando-lhe o rosto. — Dizem que você pode escolher seus amigos, mas não sua família, e fui abençoada com as pessoas que escolheram ser meus amigos. Quanto à família... — Ela encolheu os ombros. — Não vou perder meu fôlego com a minha... morta ou viva.

Maisie sentiu a tensão em seus ombros desaparecer enquanto se sentava para beber o chá escaldante que Ruby tinha colocado à sua frente poucos minutos depois de se sentar.

— Não há nada como uma boa xícara de chá — ela suspirou. — As enfermeiras eram muito boas, mas o chá delas era como água de lavar louça.

— Meu Pat deixou alguns ovos outro dia, então vou fazer alguns em uma torrada. Isso vai te animar — disse Ruby, lhe lançando um olhar compreensivo. — Você precisa manter sua força com todas as visitas ao hospital pela frente. Agora, conte-nos o que os médicos disseram.

Os ombros de Maisie caíram enquanto ela explicava aos amigos sobre sua visita ao consultório do médico.

— Eu choraria, mas acho que não tenho outra lágrima para derramar — disse ela com tristeza.

Sarah sentiu que poderia ter chorado por Maisie também, mas achou melhor manter o ânimo possível.

— Ele vai superar isso, não se preocupe — disse ela, — e estamos todos aqui para ajudar enquanto David está no hospital. Os gêmeos foram alimentados e estão dormindo, e Bob colocou as meninas no jardim treinando os cachorros. Por que não come alguma coisa e depois vai se deitar lá em cima por algumas horas?

— Sim, acho que vou fazer isso. Vocês todos foram tão gentis considerando que o casamento foi estragado por meu irmão. Jamais poderei compensá-los por isso — acrescentou com tristeza.

— Não tem nada pelo que se desculpar — Ruby a repreendeu. — Não mesmo.

— Douglas explicou como Fred ameaçou pegar o dinheiro de David, caso contrário ele tiraria as meninas de nós. Ele se levantou para Fred, e veja como ele pagou por isso. Seu braço nunca mais será o mesmo e, sem dúvida, ainda perderemos as meninas, pois aquela esposa dele as tem — apesar de Maisie ter dito minutos antes que não tinha mais uma lágrima, seus ombros tremiam com soluços pesados. — É uma bagunça sangrenta — ela soluçou.

Sarah e Ruby deixaram seus assentos para abraçar Maisie enquanto Freda, que ouvia em silêncio, saiu da sala para reaparecer logo depois com sua bolsa. Ela puxou um pedaço de papel dobrado e o estendeu para Maisie.

— Espero que isso possa ajudar um pouco. Com tudo o que estava acontecendo, não tive chance de dá-lo a você antes.

Maisie enxugou as lágrimas com o lenço que Sarah pressionou em sua mão.

— O que é isso? — perguntou, olhando para Freda em busca de uma resposta.

— É algo que pedi para Cynthia, a esposa de Fred, escrever ontem à noite, depois que ela disse que não queria ficar com as crianças. Ela estava pronta para fugir porque não queria se envolver com a polícia, mas eu a segurei por tempo suficiente para fazê-la ver sentido sobre as meninas precisarem ficar em seu lar amoroso. Fiz bem? — perguntou, preocupada que Maisie não concordasse.

— Bem? Você foi maravilhosa! — exclamou ela, estendendo a mão para Freda e abraçando-a com força. — Se os tiras a quiserem, você até tem um endereço para que eles a encontrem. Com o pai morto e essa prova de que Cynthia não está interessada nelas, acho que ninguém vai nos impedir de ficar com Bessie e Claudette agora. Isso vai animar David infinitamente.



BETTY PAROU de falar com outro cliente que perguntou sobre sua saúde. Ela não ficou surpresa quando a maioria dessas conversas curtas se voltaram para os eventos da festa de casamento de Ruby no pub Prince of Wales. De novo ela fez os comentários certos e se desculpou, dizendo que tinha trabalho a fazer. Ela sabia que a maioria das pessoas estava genuinamente preocupada, mas não podia deixar de pensar que algumas das mulheres estavam simplesmente sendo intrometidas e se divertindo com o infortúnio dos outros.

Decidindo manter a cabeça baixa e correr o mais rápido que sua circunferência permitia, ela voltou para seu escritório, ignorando alguém chamando seu nome até que ela foi tocada no braço.

— Você está ficando surda? — perguntou uma voz conhecida.

— Oh, meu Deus, Maisie, você é a última pessoa que eu esperava ver hoje. Me desculpe, o que eu quis dizer foi...

Maisie riu.

— Não há necessidade de se desculpar comigo - eu vim pedir desculpas a você.

Elas chegaram à porta que dava para a área dos funcionários da loja. Maisie abriu a porta para Betty entrar primeiro.

— Por que você precisa se desculpar comigo, Maisie?

— Porque é altamente improvável que eu consiga trabalhar por um tempo, com David precisando de mim enquanto está no hospital e as crianças a considerar.

— Vamos subir e conversar sobre isso no meu escritório, longe de olhares indiscretos — disse Betty ao ver vários compradores olhando em sua direção. — Sarah está trabalhando nos livros e tenho certeza de que ela gostaria de parar para conversar.

Maisie esperava que Betty dissesse exatamente isso.

— Não estou lhe tirando do seu trabalho, estou?

— Estou mais do que pronta para fazer uma pausa — disse Betty, parando no meio do caminho para respirar.

Maisie achou que a amiga estava com o rosto um tanto vermelho.

— Precisa levar as coisas com calma, Betty; você tem menos de um mês para ir agora e realmente deveria estar colocando os pés para cima. Estou surpresa que a sede esteja permitindo que permaneça aqui.

Betty parou de novo e respirou fundo.

— Ufa, estou um pouco cansada — ela arfou. — Estou andando pela loja há uma hora, inspecionando os balcões. Cecil deveria ter feito isso, mas me disseram que ele desceu e desapareceu pela porta da frente. Pronto, estou no topo da escada. Prometo não descer de novo até a hora de ir para casa — ela sorriu.

— Ainda bem que é metade do dia — murmurou Maisie enquanto seguia Betty até seu escritório. — Agora vá e sente-se, e eu vou até a cantina dos funcionários para ver Maureen e pedir uma xícara de chá para todas nós, bem como algo para comer. Eu estarei de volta em breve.

— Deveria ser eu cuidando de você, e não o contrário — advertiu Betty a Maisie —, mas não vou dizer não.

— Foi a voz de Maisie que eu ouvi? — Sarah perguntou enquanto se movia da única cadeira confortável no escritório de Betty para uma cadeira de madeira dura reservada para visitantes. — Aqui, sente-se e descanse os pés.

— Obrigada. Ficarei feliz quando tiver este bebê e as pessoas pararem de me dizer para descansar — Betty disse com um suspiro enquanto se sentava.

— Acredite em mim, as pessoas vão te ignorar depois do parto. Eles só terão olhos para o seu filho.

— Não vai me incomodar nem um pouco — Betty sorriu. — Agora, como você está indo? Espero que os livros não estejam em um estado muito ruim depois que permiti que Cecil os pegasse. A papelada está atrasada para a sede, e haverá uma reclamação poderosa se perdermos o prazo. Nunca aconteceu durante todo o tempo em que assumi o comando e odiaria que acontecesse quando estou saindo.

Sarah achava que era um pesadelo equilibrar os livros contábeis, mas não queria preocupar Betty excessivamente, embora houvesse algo que ela não podia deixar escapar.

— Podemos cumprir o prazo para a sede, mas descobri algo bastante preocupante. Provavelmente é algo que não coloquei nas listas de ações, e você vai descobrir e me dizer onde errei, tenho certeza.

— Vamos tomar nosso chá com Maisie, depois vou dar uma olhada. Fez muita diferença desde que voltou para Woolworths, Sarah. Ora, meu escritório nunca esteve tão arrumado.

— Não tem tempo para fazer tudo, Betty. Está perseguindo Cecil há algum tempo - na verdade, eu diria que o está carregando. Não há nada que a sede possa fazer a respeito desse homem?

— Acredite em mim quando digo que tentei. Com o tio protegendo-o, não consegui fazer uma reclamação com nenhum superior da empresa. Eu vivo na esperança de que ele mude para outro emprego, e então todos nós poderemos respirar aliviados.

— Não é o tempo todo que ele recebe um belo pacote de pagamento todas as semanas — disse Sarah. Ela não gostava de mencionar que o homem ganhava mais do que Betty, o que não era nada justo.

— Abra a porta — gritou Maisie do corredor do lado de fora, e Sarah se levantou de um salto e ajudou a amiga a trazer a bandeja com chá e sanduíches. — Sanduíches de carne enlatada com um pouco dos pickles caseiros de Maureen. Já estou com água na boca.

As amigas conversaram com Maisie enquanto ela as atualizava sobre como David estava progredindo. Já fazia dois dias desde que ele havia sido esfaqueado por Fred Dawson, e com outra operação naquela manhã, Maisie estava ansiosa para vê-lo no horário de visitas.

— Gostaria de usar meu telefone para ligar para o hospital? — Betty perguntou enquanto limpava as migalhas de seu lindo vestido de grávida em algodão, que havia pegado emprestado de Maisie.

— É muita gentileza da sua parte. Pode ser um pouco cedo para notícias, mas nunca se sabe — disse Maisie, procurando na bolsa o número de telefone do Hospital Erith Cottage.

— Vamos dar uma olhada no problema que você notou nos livros contábeis — disse Betty a Sarah, virando-se para dar a Maisie um pouco de privacidade enquanto ela falava com a enfermeira-chefe.

Sarah puxou suas anotações sobre a mesa e apontou para uma discrepância entre as planilhas de estoque e as vendas registradas no contador elétrico.

— Não consigo entender como encomendamos tanto estoque para aquele departamento, mas as vendas estão as mesmas de sempre. Tudo o que eu conseguia pensar era que tínhamos encomendado demais e as mercadorias ainda estão no depósito, mas o estoque da semana passada mostra o contrário.

Betty ficou em silêncio enquanto passava os dedos pelas colunas, depois pegava as planilhas de ações.

— Muito bem observado, Sarah. Só posso pensar que, quando a contagem do estoque foi realizada, algo foi perdido.

— Podemos fazer uma recontagem desses itens? — perguntou Sarah. — Temos os números das vendas da semana passada, então poderei dizer se perdemos alguma coisa.

— Sim, isso faria muito sentido — Betty olhou para o relógio na parede. — Só temos meia hora antes de a loja fechar. Você poderia ficar um pouco mais, e nós poderíamos fazer isso então?

— Isso não é um problema para mim. Nan está com Buster e Georgina está na escola. Ela sabe que não deve me esperar, pois eu disse que faria algumas compras a caminho de casa. Freda está lá embaixo na loja. Devemos perguntar se ela pode ficar um pouco e ajudar?

— Essa é uma boa ideia. Você pode perguntar a ela agora, e falar com Cecil e mandá-lo trancar? Talvez não mencione que estamos verificando o estoque — ela acrescentou como uma reflexão tardia.

Sarah concordou com a cabeça. Ambas entenderam que quanto menos Cecil soubesse, melhor.

— Vou colocar esses livros de volta na prateleira por enquanto — disse ela.

— Vou guardar suas anotações na gaveta da minha escrivaninha — acrescentou Betty enquanto Sarah saía da sala, pegando os copos e pratos vazios ao sair. Ela rapidamente enxaguou as peças na cozinha da cantina, pois Maureen tinha ido para casa passar o dia, e então desceu as escadas para a loja. Ela ficou fazendo um balanço dos balcões enquanto os clientes faziam suas compras finais. Uma supervisora já estava perto das quatro grandes portas, segurando um molho de chaves. Ela acenou com a cabeça

para Sarah e sorriu enquanto mudava de pé para pé, indicando como seu trabalho poderia ser cansativo e que ela ficaria grata em ir para casa.

— Parece que vai chover em pouco tempo — disse ela enquanto as duas olhavam para o céu. — Espero poder chegar em casa e lavar minhas roupas antes que o céu se abra.

Sara sorriu. Era um problema comum com as mulheres que tinham famílias para cuidar, e uma das razões pelas quais ela não quis trabalhar depois que Alan saiu da RAF. Ela se orgulhava de cuidar de sua família, embora morasse com Maureen e pudesse dividir as tarefas domésticas. Ainda sonhava em ter sua própria casa um dia quando viu Cecil perto do balcão elétrico. Ele parecia ser atraído por aquela seção como um ímã, *mas pelo menos desta vez ele estava servindo a alguém*, ela pensou consigo mesma, correndo para pegá-lo antes que ele fizesse um de seus atos de desaparecimento. Ele não era do tipo que ficava esperando na hora de fechar. Como ele poderia pegar seu pacote de salário todas as semanas sem ter isso na consciência, ela não sabia.

— Ah, Sr. Porter — ela disse ao chegar onde ele estava, acrescentando — Com licença — falou ao homem que estava com ele. — Sr. Porter, a Sra. Billington me pediu para informá-lo de que o senhor deve fechar esta tarde, por favor. Ela irá embora assim que terminar sua reunião.

Cecil assentiu e lhe virou as costas. Sara encolheu os ombros. Ela havia passado a mensagem e agora pretendia voltar para o andar de cima e verificar a discrepância que havia detectado. Com sorte haveria uma resposta simples para o problema, já que ela não queria pensar no que mais poderia ser a causa.

— Aqui está ela — disse Betty, quando Sarah alcançou o topo da escada dos funcionários. — Maisie vai nos ajudar por um tempo. Três cabeças pensam melhor do que duas.

— Que tal quatro cabeças? — perguntou Freda, subindo as escadas atrás de Sarah e seguindo-as até o depósito. — Não me ouviu chamando você? — ela perguntou, cutucando o braço de Sarah.

— Sinto muito, eu estava a quilômetros de distância. Tem certeza de que quer nos ajudar a verificar o estoque?

— Se isso significa que posso passar algum tempo com minhas amigas sem estarmos cercadas por crianças, então adoraria fazer um balanço. Por mais que eu ame todas elas, sinto falta dos dias em que éramos só nós — disse Freda com um sorriso. — Sabiam que já se passaram mais de seis anos desde que nos conhecemos aqui? Eu estava pensando nisso outro dia, quando estava relembrando os velhos tempos e pensando na diversão que tivemos - e nos momentos tristes em que nos apoiamos. Isso me fez pensar mais sobre o futuro agora que Sandy se foi e meu irmão e Sally se mudaram para Erith. Em breve também serei tia.

— Você já é uma tia para nossos filhos — Sarah disse gentilmente.

— Eu sei, e amo todos eles como se fossem de minha própria carne e sangue, mas você sabe o que quero dizer — disse Freda. — Então perdemos todas as nossas mães com um intervalo de um ano ou mais.

Maisie fungou.

— Estou tão feliz por ter conhecido todas vocês. Deus sabe o que teria acontecido comigo se eu não tivesse decidido fazer aquela entrevista para conseguir um emprego.

Sarah deu uma pequena risada.

— Meu Deus, olhe para nós quatro. Sugiro que façamos esse trabalho e depois irmos para a sala dos funcionários e conversemos. Maisie terá que sair em breve para ver David. Teve alguma notícia? — ela perguntou.

— Ele desceu para a operação tarde, então disseram para não ir lá até por volta das três. Portanto, tenho tempo para ajudá-las.

— Quer que eu vá com você? — perguntou Freda. — Seria bom se tiver que ficar sentada um pouco.

Maisie deu um abraço rápido em Freda.

— Eu gostaria muito disso. Agora, o que você quer que verifiquemos? Imagino que Cecil esteja por trás de tudo isso?

Betty gemeu.

— Quem mais? Certo, se vocês duas puderem contar as lâmpadas, Freda pode me ajudar a contar as caixas aqui. Vou anotar o que temos e podemos levar para o meu escritório e verificar lá.

As mulheres trabalhavam o mais rápido que podiam, verificando o estoque elétrico e contando números para Betty. Enquanto trabalhavam, podiam ouvir os funcionários subindo as escadas para pegar seus casacos e se despedir.

— Acho que temos tudo. Vamos voltar para o meu escritório e comparar com os números dos livros contábeis — disse Betty enquanto pegava suas anotações e saía do depósito.

— Por que não coloco a chaleira no fogo? — sugeriu Maisie. — Eu não sei sobre todas vocês, mas estou sedenta depois de trabalhar naquela sala empoeirada.

Sarah foi com Betty recolher os livros contábeis e as notas trancadas na mesa de Betty, e se acomodaram na cantina dos funcionários para trabalharem enquanto Maisie vasculhava o pequeno estoque de comida de Maureen. A loja e a cidade silenciavam após o horário de fechamento.

— Eu encontrei! — Sarah gritou de alegria, fazendo-as pular em seus assentos. — Olhem aqui! — Ela apontou para os números de quando Cecil havia feito uma contagem de estoque. — Agora aqui. Podem ver como ele mudou os números?

Maisie semicerrou os olhos para as fileiras de números.

— Não sou muito boa com números. Você está dizendo que ele roubou nosso estoque e tentou encobrir?

— Eu diria que acertou em cheio, mas precisamos de mais provas — disse Betty com um sorriso. — Eu não deveria desejar mal a ninguém, mas, no que diz respeito a Cecil Porter, estou bastante satisfeita por ele ter sido descoberto. Devemos concordar em guardar isso para nós mesmas até que possamos pegá-lo em flagrante?

— Quanto mais provas, melhor — disse Freda. — Você não quer que ele saia dessa e continue trabalhando aqui. Seria um inferno, e ele nos faria sofrer. Eu estaria interessada em saber o que ele está roubando — ela disse, olhando por cima do ombro de Sarah para as notas rabiscadas.

— Principalmente lâmpadas; mas há um número menor de outros itens que vêm de um departamento — disse Sarah, apontando para suas descobertas nas listas de estoque.

— O cara horrível está vendendo tudo no mercado negro. Você apenas não odeia pessoas como ele? Veja bem, ele está de olho no mercado, com a escassez de lâmpadas.

Apesar da seriedade do que haviam descoberto, Betty não pôde deixar de sorrir. Durante a guerra, Maisie tinha sido a única pessoa em seu grupo de conhecidos que podia colocar as mãos em coisas que estavam em falta. Ela sempre conhecia um homem que poderia encontrar exatamente o que ela queria, como um batom ou um par de meias. De onde ela achava que essas coisas vinham? Foram roubadas de algum lugar.

— Você acha que devemos contar à polícia? — perguntou Sarah. — Seria errado não fazer alguma coisa.

— Mas se Betty informar à polícia, eles falarão com o escritório central da Woolworths, e então o tio de Cecil pode avisá-lo. Talvez devêssemos dar

uma palavrinha com Mike Jackson, uma conversa amigável em vez de um relatório oficial — Freda sugeriu.

— Concordo. Talvez possamos também pensar em uma maneira de pegá-lo — Betty disse enquanto se espreguiçava e esfregava as costas. — Ai, acho que fiquei parada por muito tempo — ela começou a se levantar antes de se dobrar de dor, agarrando o encosto da cadeira para se apoiar. — Oh, meu Deus! — exclamou. — Não pode ser o bebê, certo? — Ela arfou quando um espasmo a percorreu.

Maisie e Sarah correram para o lado de Betty para apoiá-la.

— Você já sentiu alguma dor assim antes? — perguntou Sarah.

— Desde esta manhã sinto uma dor incômoda nas costas, mas atribuí isso a esfregar os armários da cozinha ontem à noite, quando não consegui dormir, e depois caminhar pela loja por algumas horas esta manhã.

Maisie ergueu as sobrancelhas para Sarah.

— Pode muito bem ser isso. Freda, você seria um amor e usaria o telefone de Betty para ligar para Douglas? Diga a ele que Betty precisa subir no Hainaut rapidamente.

— Os números de telefone estão no meu diário sobre a mesa — disse Betty, estremecendo e prendendo a respiração. — Isso é muito cedo. Eu não deveria ter esse filho por pelo menos mais algumas semanas. Deve haver algo errado. Por favor, se apresse, Freda.

— Vou demorar apenas alguns segundos — disse Freda enquanto corria para a porta que dava para a cantina e empurrou com força. — Isso é estranho. a porta não abre — deu um forte empurrão, mas a porta se recusou a abrir. Pegando a maçaneta, empurrou e puxou, então sacudiu o mais forte que pôde. Houve um leve ruído metálico, mas a porta ainda não se abriu. — Alguém a trancou pelo lado de fora — ela relatou às outras três mulheres.

— Deve ter sido Cecil — disse Sarah. — Porque o idiota não verificou dentro das salas antes de trancá-las, eu não sei.

— Sem dúvida, o inferno está decidido a escapar da loja na hora de fechar. Isso definitivamente vai cair no registro de sua equipe — Betty disse entre suspiros. — Isso se algum dia sairmos daqui.

— Nós vamos — disse Sarah enquanto emitia sons tranquilizadores e esfregava as costas de Betty, embora ela parecesse muito preocupada.

— Se não pudermos, será o primeiro bebê nascido nesta loja; embora, Maisie, eu me lembre, a jovem Ruby foi quase a primeira. Graças a Deus tenho duas amigas experientes para me apoiar — disse Betty.

— Três — disse Freda, embora parecesse mais do que um pouco preocupada. — Eu estava presente quando Sarah deu à luz Georgina, e o Corpo de Bombeiros nos deu um folheto sobre o que fazer se nos deparássemos com esse tipo de situação novamente.

— Foi muito útil? — perguntou Betty, parecendo um pouco mais esperançosa do que alguns segundos antes.

— Para ser sincera, nunca cheguei a lê-lo direito. Tive que trocar a roda da minha moto e manchou tudo de óleo.

Maisie riu alto.

— Já nos metemos em algumas situações no passado, mas esta leva a melhor. Vamos pensar em quem sabe que estamos aqui. Betty, por acaso Douglas vem buscá-la?

Betty tentou pensar enquanto andava pela sala, usando as bordas das mesas como apoio.

— Não, ele vai a um funeral importante em Belvedere. E me disse para não pegar o ônibus, mas telefonar para pedir um táxi. Eu pretendia fazer isso antes, mas esqueci.

Maisie voltou-se para Sarah.

— E você?

— Nan tem Buster, e Georgina não tem que ser apanhada na escola por um tempo. Gwyneth se ofereceu para pegar todas as crianças. Eu disse a Nan que tinha umas compras para fazer e que depois iria visitar Alan em sua oficina.

Os olhos de Maisie brilharam.

— Então Alan estaria te esperando?

Sarah balançou a cabeça em desapontamento.

— Não, eu ia fazer uma surpresa para ele.

Antes que Maisie pudesse perguntar, Freda falou:

— Desculpe, ninguém está me esperando também.

— Então subimos o riacho sem remar — declarou Maisie, preocupada, antes de tentar sorrir para manter Betty de bom humor.

— E você? — perguntou Freda.

— Bem, não sou esperada no hospital até o final da tarde e duvido que alguém fique preocupado se eu não aparecer. David ficará grogue demais para perceber que não estou lá. Mas gostaria de saber como ele está — acrescentou ela, parecendo triste.

— Eu gostaria de outra xícara de chá — disse Betty. — Vamos agradecer que Maureen mantém tudo bem-organizado e a sala está limpa. Pode haver lugares piores para dar à luz.

— Isso conta como hora extra? — perguntou Freda, fazendo todas rirem alto.

— Vou colocar a chaleira no fogo e ver se há alguma coisa que possamos usar — disse Sarah.

— Eu poderia comer alguma coisa — disse Maisie enquanto batia nas portas de alguns armários de metal que se alinhavam em uma parede. — Olha, um desses está aberto — ela gritou de alegria, mas logo pareceu triste

novamente quando tirou os confortáveis sapatos de trabalho de Maureen, um cardigã e dois aventais cruzados que ela usava quando trabalhava na cozinha. — Oh, bem, valeu a pena procurar — disse, fechando a porta de metal.

— Podemos precisar dos aventais e do cardigã se Betty precisar se deitar no chão — sugeriu Freda. — Você pode ficar com o meu macacão também, se for necessário. É limpo e estou usando uma anágua por baixo — acrescentou ela em resposta ao olhar arregalado de Maisie.

— Você também pode ficar com o meu — disse Sarah enquanto despejava água fervente em um bule grande. Ela não tinha certeza se dar à luz em um piso de linóleo duro seria muito confortável, embora pelo menos fosse limpo, já que Maureen era especial sobre sua área de trabalho. — Encontrei pudim de pão numa lata. Tenho certeza de que Maureen não vai se importar se comermos uma fatia ou duas nessas circunstâncias.

— Não era para ser assim — Betty disse enquanto Freda lhe enxugava a testa brilhante com um pano de prato embebido em água fria.

— Sshh. Economize sua energia — disse Maisie enquanto verificava a hora em seu relógio de pulso antes de se certificar de que a cama improvisada não havia desmanchado enquanto Betty se contorcia no chão. — Nunca fiquei tão feliz em ver tantos panos de prato e toalhas de mesa limpos embaixo do balcão da Maureen.

— Eles estão lá desde a última festa de Natal — disse Sarah. — Ninguém sabia o que fazer com eles, com Maureen ainda doente.

Betty soltou um gemido baixo e gutural.

— Não era para ser assim — ela repetiu, rolando a cabeça de um lado para o outro. — Eu deveria estar na maternidade com Douglas esperando do lado de fora. Ele nem terminou de pintar o quarto do bebê.

— Seu filho está vindo, quer Douglas tenha terminado a decoração ou não — disse Maisie, tentando parecer alegre. Ela checou o relógio novamente. — Aqui, Freda, sente-se com Betty enquanto eu pego uma bebida. Assistir a alguém dar à luz é um trabalho que dá sede — ela riu, acenando para Sarah acompanhá-la até a área da cozinha.

— Ela não parece bem, não é? — Sarah disse, olhando para onde Freda estava novamente enxugando o rosto de Betty.

— É o primeiro bebê e ela está um pouco velha. Ela deveria ter um médico ou pelo menos uma parteira que pudesse ajudá-la — disse Maisie, seu rosto mostrando sua preocupação agora que Betty não podia vê-la.

Sarah tentou apagar a memória do mau momento que teve com Buster. Ela não desejaria isso para seu inimigo mais mortal, muito menos para Betty, que era a mulher mais doce e gentil de todo o mundo.

— Precisamos de ajuda, não é? Isso não é algo que possamos fazer sozinhas.

— Só vou pegar um pouco de água fresca. Demorarei apenas alguns minutos — ouviram Freda tranquilizar Betty, que acenou com a mão inerte para reconhecer as palavras da jovem.

Freda correu para as duas mulheres.

— Tive uma ideia — disse Freda. — Acho que se eu for para o telhado como costumávamos fazer no serviço de bombeiros, eu poderia pedir ajuda a alguém.

O estômago de Sarah revirou. Ela nunca gostou de trabalhar com bombeiros na melhor das hipóteses, mas sabia que o telhado não tinha sido consertado adequadamente. Parte da balaustrada estava faltando e havia ladrilhos soltos. Betty pressionou a sede para consertá-lo no ano passado, mas sem sucesso. Ou era uma desculpa sobre orçamentos ou simplesmente falta de pessoal no departamento de manutenção, devido à necessidade do

departamento de obras para reconstruir as lojas danificadas no bombardeio. A Erith Woolworths estava bem abaixo na lista de lojas que precisavam de reparos.

— Não sei, Freda. Pode ser perigoso. Não queremos que você se machuque.

— Ou seria o caso de um nascer e o outro morrer — disse Maisie severamente.

— Olhe para ela — sibilou Freda. — Se não fizermos alguma coisa, Betty pode morrer. Não podemos esperar aqui até que o pessoal chegue para trabalhar amanhã de manhã.

Sara balançou a cabeça.

— Não, não teremos que esperar tanto. Nan e Alan vão me procurar em algumas horas.

— Freda está certa. Além disso, eles verão a loja trancada e não farão ideia de que estamos aqui. Por mais sombria que seja, a ideia de Freda é a melhor que temos.

— Então vou tomar minha xícara de chá e subir no telhado.

— Tenho uma pergunta — disse Sarah. — Como essas pessoas, cuja atenção você está tentando atrair, entrarão na loja?

— Isso acabou com sua ideia — disse Maisie.

— Precisa jogar as chaves para eles — Betty disse de onde ela rastejou atrás delas.

— Caramba, me fez pular. Não deveria estar deitada e descansando?

— Estou farta de descansar, Maisie. Estranhamente, me sinto melhor quando estou de pé e me movimentando — disse Betty, antes de se dobrar e usar uma palavra que nenhuma das garotas jamais a ouvira dizer antes. Depois de um ou dois minutos, ela expirou lentamente e sorriu para elas. — Veja, é muito melhor ficar de pé.

— Fico feliz que pense assim, já que passei por tudo isso com você — disse Maisie, pegando o chá. — É uma pena que não temos uma pedra de açúcar para colocar em nossos copos.

— Freda, pegue as chaves da loja da minha bolsa e pendure nelas. Parece ser nossa única chance de sair daqui antes do amanhecer. Faça o que fizer, por favor, vá devagar e tome cuidado — disse Betty, dando-lhe um sorriso. — Se não aguentar subir no telhado, então eu vou entender.

Freda percebeu que Betty realmente precisava de ajuda, embora estivesse fazendo cara de brava. Havia um brilho de medo em seus olhos, e seu rosto através do brilho do suor era branco fantasmagórico. Freda pegou seu chá e esvaziou a xícara o mais rápido que pôde.

— Certo, estou pronta para fazer isso agora.

— É melhor vestir o macacão ou vai assustar os nativos, saindo por aí de anágua — observou Maisie, e todas as meninas começaram a rir ao pensar em Freda escalando o telhado de Woolworths enquanto inapropriadamente vestida. Até Betty riu alto antes de segurar sua barriga enquanto outra contração rasgava seu corpo. Freda deu-lhe um olhar e correu para a alta janela de guilhotina que dava para os telhados da Pier Road. Ainda abotoando o uniforme marrom dos Woolies, ela balançou as pernas para o telhado de ardósia em ruínas antes de se virar para acenar para as amigas.

— Aqui — Sarah gritou, correndo. —, você precisa das chaves — ela sorriu, passando-as para a jovem.

Freda não havia progredido mais do que meia dúzia de passos quando encontrou um problema. A chuva anterior estava fazendo com que seus pés escorregassem nas lajes. Ela recuou até o parapeito da janela e se empoleirou na beirada enquanto tirava os sapatos e as meias, jogando-os para Maisie. “Assim é melhor”, ela declarou antes de subir uma ladeira até

o caminho estreito que margeava a frente do prédio. Segurando-se em uma chaminé próxima, ela olhou ao seu redor. Agora estava garoando, fazendo com que qualquer um que estivesse em Erith quando as lojas fechassem corresse para casa para se manter seco. Quanto tempo ela teria que ficar aqui em cima até que alguém passasse?

Rastejando mais perto da borda, ela agarrou a parede baixa e engoliu em seco quando grandes pedaços de tijolos saíram em suas mãos. E pensar que ela passou longas horas ali observando o fogo enquanto os aviões inimigos sobrevoavam. Estremeceu quando as memórias a inundaram. Fechando os olhos, ela voltou em sua mente para aquelas noites de medo passadas no telhado com seus companheiros enquanto eles apagavam incêndios e olhavam para os telhados de Erith. Graças a Deus, esta maldição havia acabado e eles podiam dormir seguros em suas camas. Se isso significasse que pessoas como Sandy seriam presas para manter seu país livre, que assim fosse. Ela preferia morrer solteirona a se casar com alguém que trabalhava para o inimigo. Estava tão absorta em suas memórias que quase perdeu o som de alegres assobios na rua. Rezando para que a borda do telhado não cedesse, ela se inclinou para frente para ver de onde vinha o som e sorriu ao ver quem era.

— Norman! — ela gritou ao ver Norman Missons, o dono da ferraria do outro lado da rua, trazendo uma coleção de baldes galvanizados que estavam na frente da loja. A esposa de Norman, Charlotte, era Brown Owl do bando de brownies onde Freda ajudava, e sua filha Molly, que estava trabalhando no Land Army, era sua boa amiga. — Norman, aqui em cima! — gritou ela de novo, dessa vez com mais urgência.

Norman olhou em volta. Ele reconheceu aquela voz. Olhando para cima, ele avistou Freda.

— O que está fazendo aí em cima?! Você sabe que os telhados precisam de reparos nesta estrada. Pode cair e se matar!

— Precisamos da sua ajuda — gritou ela. — Estamos trancadas e a Sra. Billington está grávida.

Norman não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Ainda segurando os baldes de metal, ele atravessou a rua e gritou de volta:

— O que foi mesmo que você disse?

— Fomos acidentalmente trancadas na cantina no andar de cima, e Betty Billington está grávida. Aqui — ela chamou, jogando as chaves da loja. — Você pode entrar e subir a escada dos funcionários até o primeiro andar e destrancar a porta da cantina, por favor? Estamos lá. Por favor, se apresse — ela gritou, sabendo que Betty não poderia durar muito mais e precisava de ajuda médica.

— Estarei com vocês em dois minutos — Norman gritou de volta enquanto corria para sua loja para chamar sua esposa para ajudar.

Freda voltou a subir pelo telhado e desceu até a janela da cantina dos funcionários, onde bateu na vidraça para que alguém a deixasse entrar.

— Você viu alguém? — Sarah perguntou enquanto ajudava Freda a voltar para a sala e passava os sapatos para ela.

— Felizmente, Norman Missons ainda estava em sua loja e me ouviu. Eu joguei as chaves da loja e ele deve abrir muito em breve. Ainda bem que conseguimos ajuda antes que o bebê chegue!

Ela mal havia parado de falar quando ouviu um gemido fraco que foi ficando cada vez mais alto.

— Bebê Billington estava com pressa de entrar no mundo — Maisie sorriu de onde ela estava de joelhos ajudando Betty. Ela ergueu a criança chorosa, que estava enrolada em um dos melhores panos de prato de

Maureen. — Conheça o mais recente membro da equipe. Nossa Woolworths Girl mais jovem de todos os tempos.



JULHO DE 1945

— **BOM DIA**, Alan, posso interrompê-lo? — David Carlisle disse enquanto enfiava a cabeça pela porta da oficina de motocicletas onde Alan Gilbert estava varrendo o chão.

— Entre. É bom vê-lo — disse Alan, jogando a vassoura no chão e estendendo a mão para apertar a de David depois de limpá-la rapidamente em seu macacão.

David olhou para a mão estendida e deu um sorriso irônico antes de apertar a mão de Alan com a mão esquerda.

— Esta maldita coisa não serve nem para apertar a mão de alguém — ele sorriu.

Alan arrastou uma cadeira de madeira e acenou com a cabeça para que David se sentasse depois de passar um pano sobre ela para tirar a poeira.

— Aqui, sente-se — disse ele, empoleirando-se na beirada de sua bancada. — Como vão as coisas? — Fazia dois meses que David havia sido esfaqueado pelo cunhado e, após inúmeras operações, enfrentava um futuro com o braço direito que mal funcionava.

— Finalmente estou livre da RAF — ele deu de ombros, como se não se importasse. — Maisie me mandou embora de casa, pois diz que eu fico sob seus pés quando ela está tentando costurar. O barulho daquela máquina zumbindo me deixa distraído, então eu saí como um raio assim que ela sugeriu. Já tinha saído pela porta e percorrido metade da Alexandra Road antes de pensar para onde estava indo. Era você ou o pub — acrescentou sem sorrir.

— Estou feliz que tenha me escolhido, companheiro; é uma ladeira longa e escorregadia se você começar a beber tão cedo. A hora do almoço é para sanduíches, não para cervejas.

David deu de ombros.

— É algo que eu posso fazer com uma mão. Não sou de muita ajuda com os gêmeos, a menos que Maisie coloque um no meu braço. Olhe para isto — disse ele, estendendo a mão boa para mostrar onde sua esposa havia costurado um pedaço de elástico na parte interna do punho de sua manga. — Não consigo nem fechar um maldito botão sozinho — disse ele, cuspindo as palavras.

Alan olhou mais de perto.

— Essa é uma ideia muito boa. Posso pedir a ela para fazer isso com as duas mangas das minhas camisas. Sarah está sempre me dizendo para parar de arregaçar as mangas e usar minhas camisas corretamente. Eu não posso fazê-lo com os botões complicados. Aliás, também não sou fã de abotoaduras.

— Hmm, eu ainda não experimentei abotoaduras — David disse pensativo.

Alan olhou para os pés de David e viu cadarços bem amarrados em seus sapatos marrons.

— Como você consegue ... — ele assentiu.

— Bessie e Claudette fizeram um acordo em que eu pago um centavo para elas amarrarem meus cadarços — disse ele. — Aconteceu alguma coisa quando tive que pedir a duas garotas para amarrarem meus sapatos. Ainda bem que Maisie não costurou elástico neles.

— Sinto muito, companheiro. Não consigo entender como deve ser, não poder usar os dois braços.

— Nem eu, até que isso aconteceu — David disse melancolicamente. — Não é provável que eu encontre um emprego agora.

— Eu te convidaria para se juntar a mim aqui, mas não há trabalho suficiente para me manter, muito menos outra pessoa em paz.

— Eu não lhe seria útil. Ainda nem aprendi a fazer um bule de chá sem derramar. Obrigado por pensar em mim, no entanto. Não sabia que as coisas estavam tão ruins.

— Se não fosse pela minha Sarah trabalhando duro na Woolworths, afundaríamos sem deixar vestígios. George tem sido uma dádiva de Deus pagando o aluguel da oficina e comprando algumas ferramentas extras. Ele está mantendo os olhos abertos para o trabalho, mas nada de mais aconteceu ainda. Os anúncios no Erith Observer e alguns cartões nas vitrines trouxeram reparos, mas não é o que eu imaginava quando pensei em montar por conta própria. Talvez eu devesse ter voltado para a Woolworths e terminado meu treinamento para gerência.

— Você nunca aguentaria, não agora que conhece o mundo. Não pensou em fazer da RAF sua carreira?

— Não, isso foi o suficiente para mim. Eu seria um entre milhares atrás de um emprego. Não tenho certeza se Sarah me perdoaria se eu tivesse continuado na Força Aérea. Foi bastante difícil convencê-la de que eu queria abrir esta oficina. No ritmo em que estou falhando, estarei com o boné na mão na porta dos funcionários da Woolworths no Natal.

— Você e eu, companheiro. Não que eu possa fazer muito com apenas um braço ativo. Acho que posso empurrar uma vassoura pelo chão — disse David, parecendo miserável, antes de bater na perna e se levantar. — Sentados aqui sentindo pena de nós não está nos levando a lugar nenhum. Afinal, vamos afogar nossas mágoas com uma rápida bebida no pub.

— Tudo bem; você me convenceu. Deixe-me apenas levar este pedaço de motor velho para o pátio para o sucateiro recolher, e eu terminei o dia.

David agarrou um lado do motor enferrujado.

— Ei, não há necessidade de carregar isso, eu consigo.

— Está tudo bem, eu posso dar uma mão. Mas não duas — David sorriu.

— Contanto que possa rir disso — disse Alan, sua voz tingida de respeito enquanto eles cambaleavam para o pátio ao lado da oficina.

David olhou em volta depois que eles deixaram cair o motor ao lado de uma pilha de pedaços de sucata.

— Parece que devemos entrar no comércio de sucata — disse ele. — Você poderia fazer uma motocicleta com toda essa sucata velha.

Alan riu.

— Isso mostra o quanto sabe sobre motos. Agora, dê-me uma pilha de sucata de um modelo de bicicleta e talvez eu consiga fazer exatamente isso — disse ele, tirando o macacão. — Venha, vamos pegar aquela bebida antes que o pub feche.

David estava quieto enquanto caminhavam pela Crayford Road até o pub. Ele se sentou do outro lado do bar de onde esteve quase sangrando até a morte, tentando não se concentrar na lembrança.

— Você está bem, vindo aqui? — disse Alan. — Isso não te abala nem um pouco?

— Estou bem — disse David enquanto pegava seu copo de cerveja e rapidamente bebia alguns goles. — Eu estive pensando sobre o seu negócio. Deve haver um monte de bicicletas quebradas na posse dos serviços que precisariam de um conserto rápido para que voltassem a funcionar.

Alan tomou um gole de cerveja enquanto as ideias zumbiam em seu cérebro.

— Poderia ter algo aí. Eu me pergunto como descobrir com quem falar?

— Deixe isso comigo. Se há uma única coisa útil que posso fazer com um braço, é dar telefonemas.

— Parabéns por isso – Alan sorriu. — Mais uma cerveja?

— Por que não? E já que estamos aqui, realmente precisamos conversar com Sid sobre levantar algum dinheiro para substituir os móveis quebrados do bar.

A dupla cumpriu a palavra e, duas cervejas depois, deixaram o pub Prince of Wales muito satisfeitos consigo mesmos por organizarem um torneio de dardos e por fazerem planos para o futuro dos negócios de Alan.

Sarah passou as mãos pelos cabelos em desespero. Ela teria gritado e batido os pés se isso não tivesse assustado os clientes. A vida de trabalho na Woolworths tornou-se um pesadelo desde que Betty deixou o trabalho e Cecil Porter assumiu o cargo de gerente. Embora ela tivesse voltado ao trabalho para cuidar da papelada no escritório, ela se encontrava mais uma vez no chão de fábrica na maioria dos dias, trabalhando como supervisora sênior.

— Sra. Gilbert? — uma jovem vendedora aproximou-se dela. — Ficamos sem sacolas de papel pardo de novo — disse ela, desculpando-se.

— Faça-me um favor e verifique os dois depósitos, sim, Jenny? Se você não conseguir encontrar nenhuma, vá até os outros balcões e pegue um pouco de cada um. Vou ao escritório ver se o Sr. Porter fez o pedido. Há mais alguma coisa? — Sarah perguntou, enquanto a jovem parecia desconfortável.

— É a escala dos funcionários, sra. Gilbert. Há algo de errado com isso esta semana, já que não costumo trabalhar às sextas-feiras e parece que trabalho o dia inteiro.

Sara suspirou. Esta foi a terceira consulta sobre a escala da semana. Ela teria que encontrar uma hora para checar e ver o que tinha dado errado. Dirigindo-se para a escada que a levava ao escritório, pensou na primeira consulta que havia feito no caderno que agora carregava consigo devido às contínuas perguntas dos funcionários; a falta de lâmpadas para o contador elétrico. Desde o dia em que Betty entrou em trabalho de parto, dois meses atrás, ela não tinha encontrado tempo para fazer nada sobre os erros nos livros de ações. Com a falta de pessoal desde que Betty saiu, ela relutantemente ficara para trás com essa tarefa específica. A loja sempre parecia ter poucas coisas, e ela tinha um bom pressentimento de que Cecil Porter estava por trás da situação. Chegando ao escritório do gerente, ela bateu e entrou na sala sem esperar ser convidada a entrar. Encontrou Cecil ao telefone conversando com um amigo. Ele havia tirado a gravata e estava com os pés em cima da mesa. Um jornal aberto sobre a escrivaninha indicava que ele não estivera trabalhando.

— Sr. Porter, preciso falar com o senhor com urgência. Temos um problema com a escala de pessoal — disse ela, ignorando o fato de que ele estava conversando ao telefone.

Cecil colocou a mão sobre o bocal e gritou para ela:

— Pelo amor de Deus, mulher, não consegue resolver o problema? É seu trabalho fazer a papelada. Não posso fazer tudo por você — Ele voltou à conversa, rindo de sua equipe sem esperança para quem estava do outro lado da linha.

Sarah ficou parada por um momento, vendo tudo vermelho. Ela estava determinada a fazer com que todo o bom trabalho que Betty Billington fizera para manter a loja funcionando não fosse estragado por aquele homem horrível. Ela alcançou uma prateleira acima da cabeça dele e puxou para baixo os arquivos da caixa que continham as escalas de trabalho dos

funcionários, certificando-se de bater na cabeça dele ao se virar para sair da sala, antes de parar ao se lembrar das sacolas de papel.

— A propósito, nossas sacolas de papel acabaram lá embaixo. Quando eles disseram que o pedido chegaria aqui?

Cecil colocou a mão no fone novamente e sibilou para ela:

— Do que você está falando, mulher? Não sei nada sobre sacolas de papel.

— Recebeu o pedido na semana passada para fazer o suprimento.

Ele balançou a cabeça em falso desespero.

— Tenho que fazer tudo por aqui? Resolva isso, mulher.

— Farei isso, quando o senhor não estiver monopolizando o telefone para suas conversas pessoais — retrucou ela. Saiu furiosa da sala e levou seu trabalho para a cantina dos funcionários, onde Maureen a ajudou a limpar uma mesa e a acomodá-la com uma xícara de chá enquanto ela começava a trabalhar na rotina daquela semana.

Maureen se aproximou para pegar o copo vazio e olhou para as páginas dispostas sobre a mesa onde Sarah havia riscado erros e rabiscado notas. Ela agora estava escrevendo um novo gráfico.

— Ele estragou tudo de novo? — ela perguntou.

Sarah soltou um grande suspiro.

— Oh, Maureen, é uma bagunça. Estou correndo de um problema para outro. Eles ficaram sem sacolas de papel lá embaixo e acho que ele não fez nenhum pedido. É melhor eu ligar para Suprimentos e ver se eles podem nos enviar algumas com urgência até que eu resolva este e outros pedidos.

Maureen franziu a testa.

— Eu estava no depósito menor tentando procurar os vegetais que deveriam estar aqui para os almoços de hoje, e vi uma caixa no canto. Você acha que podem ser as sacolas?

— Ah, espero que sim. Isso evitaria muitos problemas, embora eu tivesse de me desculpar com o homem por estar tão aborrecida com ele.

— Não se preocupe com ele. Eu bati mais do que algumas vezes ultimamente. É uma pena que a sede não tenha uma de suas inspeções. Nós poderíamos fazer com que eles se aproximassem e o pegassem. Eu irei com você para verificar o caixote. Preciso de um saco de batatas e o novo empregado do armazém não tem ideia de onde colocar as coisas.

— Obrigada. Talvez nós possamos encontrar essas sacolas.

— E minhas batatas — disse Maureen enquanto seguia Sarah pelo corredor até o menor dos dois depósitos, onde encontraram um rapaz com um casaco marrom sentado em uma caixa de madeira fumando um cigarro. Ele deu um pulo e apagou o cigarro no chão, dando-lhes um olhar insolente.

— Estou procurando uma caixa de sacolas de papel pardo. Você viu alguma? — Sarah perguntou.

O rapaz deu de ombros e balançou a cabeça.

— Não senhora.

— Acha que poderia ir até o outro depósito e dar uma olhada para mim, por favor?

O rapaz assentiu e lentamente começou a sair da sala.

— E leve este saco de batatas para a cozinha no caminho; fique animado, ou os almoços vão atrasar — Maureen insistiu com ele.

— Antes de ir, pode me dizer o que há neste caixote? — Sarah perguntou, olhando em volta do caixote de madeira em que o rapaz estava empoleirado.

— Não sei, mas o chefe me disse para ficar de olho, pois alguém virá buscá-lo depois que a loja fechar esta noite.

Sarah olhou para Maureen quando o rapaz saiu.

— Isso não parece certo. Não vi nenhum documento que comprove que o estoque está sendo devolvido ao depósito de suprimentos.

— O que acha que pode ter na caixa?

— Não sei, mas vou descobrir logo — disse Sarah, pegando um pé-de-cabra de uma prateleira e abrindo a tampa. Limpando uma camada de palha de embalagem, ela arfou de surpresa. — Lâmpadas; centenas de lâmpadas! Mas por que elas seriam devolvidas, quando sempre faltam no balcão? Não faz sentido.

— E se o desprezível as estiver subtraindo — disse Maureen, parecendo sombria. — Eu sempre achei que ele era um pouco astuto. O que você vai fazer?

Sarah tentou pensar enquanto colocava a tampa de volta no caixote, certificando-se de que nenhum pedaço de palha fosse deixado no chão. Ela sabia que isso poderia ser a chave para que Cecil fosse demitido de seu emprego, mas ela precisava pensar na melhor maneira de fazer isso.

— Deixe comigo, Maureen — ela sorriu para a sogra. — Vamos voltar para a cantina dos funcionários. Eu poderia tomar outra xícara.

Voltando para a cantina, ela viu Maisie e Gwyneth indo para uma mesa vazia carregando suas xícaras de chá no meio da manhã. Talvez elas pudessem ajudá-la.

— Venha e junte-se a nós — Gwyneth gritou quando Sarah fez uma pausa para recolher sua papelada de uma mesa perto da delas. — Não é frequente que tenhamos as mesmas pausas para o chá hoje em dia, desde que sua senhoria assumiu a preparação das escalas dos funcionários.

Sarah pegou o chá que Maureen acabara de servir para ela e sentou-se com as amigas.

— Passei um tempo resolvendo a bagunça com a escala desta semana. Vou prendê-la na parede em breve. Talvez você possa avisar à equipe que

reorganizei a lista e pretendo fazê-la eu mesma no futuro — disse ela, olhando para Maisie, que parecia estar a quilômetros de distância.

Maisie voltou a si com um sobressalto.

— Desculpe, amor, o que foi mesmo que você estava dizendo?

As duas mulheres olharam preocupadas para a normalmente saltitante Maisie. Ela tinha sombras escuras ao redor dos olhos, e sua maquiagem e cabelo não eram tão perfeitos como normalmente eram.

— Algo está acontecendo, amor? — Gwyneth perguntou, parecendo preocupada.

Maisie encolheu os ombros.

— Estou preocupada comigo e David. Ele precisa de algo para fazer ao invés de ficar deprimido. Ele não disse isso, mas eu sei que o dano em seu braço está derrubando-o. Brigou comigo no outro dia depois que eu costurei um elástico nos punhos de suas camisas para que pudesse puxá-las e tirá-las sem pedir ajuda com os botões. É difícil entender como precisamos de duas mãos para fazer as coisas até perdermos o uso de uma. Eu estou explodindo e não sei como fazê-lo passar por isso. Eu disse a ele para ir ver Alan em sua oficina; espero que ele não tenha atrapalhado o trabalho — disse ela, desculpando-se, olhando para Sarah.

Sarah deu um grande suspiro.

— David está acostumado a ser o provedor e o chefe de sua família. Isso deve ter atingido o orgulho dele - especialmente vendo você sair para trabalhar enquanto ele está preso em casa. Se visitar Alan o anima, isso só pode ser uma coisa boa. Pode animar Alan também.

Maisie parecia compreensiva enquanto pegava seus cigarros.

— Caramba, o que há de errado com seu marido?

— Não acho que ele tenha muito trabalho chegando. Ele não disse nada e eu não perguntei; mas quando apareço em sua oficina com um sanduíche

ou para dizer olá, parece que nunca há muitas motos para consertar. E está sempre com uma vassoura na mão, varrendo.

Gwyneth, que estava observando os rostos tristes de suas duas amigas, estendeu a mão e apertou suas mãos em solidariedade.

— Que difícil! — disse ela. — Alan tem Woolworths para se apoiar. Pelo menos ambos têm esposas que os apoiarão e os ajudarão tanto quanto puderem.

Maisie deu uma risada cínica.

— Só podemos apoiar, mas para ser honesta, estou cansada de sair para trabalhar. Eu amo Woolworths, mas não sinto que seja o que eu quero fazer pelo resto da minha vida. Guardem isso, meninas; não quero que David descubra, pois isso pode aumentar suas preocupações. Pelo menos o seu Mike tem um bom trabalho que adora. A cidade sempre vai precisar de tiras, e parece que temos bastante gente má nas ruas para eles se manterem ocupados — ela riu.

— Pensei que, com o fim da guerra, exceto aquelas pobres almas que ainda lutavam contra os japoneses, nossas vidas seriam felizes e despreocupadas — não tingidas com tanta tristeza quanto antes, ou preocupações com nosso futuro. Acho que Alan nunca mais voltará a Woolworths. Ele tem seus próprios sonhos, e eles incluem ser seu próprio patrão. Não ousa imaginar sua decepção se a oficina falhar.

Gwyneth assentiu.

— Sou muito grata por Mike amar seu trabalho; não como o nosso novo gerente. — Ela sorriu.

Sarah ficou pensativa enquanto as mulheres bebiam o chá.

— Seu Mike está no trabalho hoje?

— Só até a hora do almoço. Ele vem me encontrar, já que hoje fico meio período, vamos dar um passeio e tomar um chá da tarde. Por que

pergunta?

— Eu me perguntei se ele poderia me aconselhar sobre algo, mas eu não quero que ele seja visto de uniforme — Sarah disse pensativa.

— Isso parece intrigante — Gwyneth riu. — Espero que esteja sem uniforme, pois às vezes recebo olhares tão estranhos quando saio com um policial.

— Você precisa nos contar do que se trata, ou nunca vou me concentrar quando voltar ao meu balcão — disse Maisie.

Sarah olhou em volta para verificar se ninguém estava escutando antes de explicar o que ela e Maureen haviam descoberto no depósito.

— Como vai provar que o caixote estava em nosso depósito se for transferido para outro lugar? — perguntou Maisie.

— Puxa, eu não tinha pensado nisso. Talvez Mike possa me aconselhar sobre isso.

— O caixote pode ter sumido quando Mike chegar. Só precisa que ele seja detido na delegacia, e esse caixote pode estar em qualquer lugar — disse Gwyneth.

— Precisa marcá-la de alguma forma — disse Maisie enquanto pegava sua bolsa e começava a remexer dentro dela. — Ah, sabia que estava aqui. — Ela pegou um batom e tirou a tampa. — Venha, vamos dar uma olhada nesta sua caixa antes que o sinal para o fim da nossa pausa para o chá comece a tocar.

Sarah e Gwyneth seguiram Maisie para fora da cantina.

Sarah parou na porta do escritório do gerente.

— Vou me livrar desses arquivos e verificar se sua senhoria está ocupada em sua mesa para não nos pegar — ela sussurrou. No entanto, não precisava se preocupar: Cecil estava caído em sua cadeira quase dormindo quando ela se esgueirou e deixou a papelada na ponta da mesa. Ela ficou

muito tentada a tossir alto para acordá-lo, mas achou que não era do interesse delas fazê-lo. Talvez mais tarde, ela sorriu para si mesma enquanto saía da sala na ponta dos pés.

No depósito, Maisie verificou o caixote antes de pegar o pé de cabra e reabrir a tampa. Ela remexeu lá dentro, tirou uma nota de entrega e rabiscou no verso da folha de papel antes de enterrá-la de volta dentro da caixa e colocar cuidadosamente a tampa no lugar. Pegando o bloco de notas que estava preso ao cinto do macacão, escreveu algumas palavras antes de tirar o batom do bolso. Usando o lápis, ela tirou o resto do batom vermelho brilhante e marcou os quatro lados da caixa com uma pequena cruz.

— Isso vai servir — ela sorriu para si mesma enquanto suas duas amigas olhavam confusas. — Vamos, é hora de voltar para baixo.

Sem tempo para conversar, Sarah voltou ao escritório, batendo a porta para que Cecil acordasse sobressaltado, enxugando a baba do canto da boca.

— Ah, aí está você, Sra. Gilbert. Houve uma ligação da sede. Uma mulher está visitando a loja... — Ele consultou o relógio — em breve. Não posso me incomodar em falar com ela, pois estarei fora por um tempo. A senhora lida com isso.

Sarah assentiu sem dizer uma palavra. Qual era o sentido, quando ele ridicularizava seu trabalho e a tratava como uma escrava? Indo para os arquivos que ela havia deixado antes, ela pegou a lista de funcionários revisada e a colocou na frente dele antes de sair do escritório e ir até a loja. Se alguém estivesse visitando da matriz, ela se certificaria de que a equipe soubesse e estivesse alerta, mesmo que Cecil não se incomodasse. Enquanto caminhava pela loja parando para conversar com as funcionárias e apontando onde os balcões poderiam ser arrumados e os uniformes endireitados, sentia-se orgulhosa de fazer parte de uma rede tão conhecida. Eles até têm lojas na América, ela pensou enquanto verificava o chão para

ver se precisava ser varrido. Talvez um dia pudesse viajar para a América e ver onde Woolworths começou...

— Graças a Deus eu a encontrei — Freda disse enquanto corria até Sarah, parando para recuperar o fôlego.

— Qual é o problema? Cecil está causando problemas de novo?

— Não, ele saiu há pouco. Tem uma senhora aqui da sede. Eu a coloquei no escritório com uma xícara de chá e vim procurá-la.

— Como ela é? — perguntou Sarah enquanto corriam em direção à porta dos funcionários.

— Muito boa, considerando que ela é alguém importante — disse Freda. — Gostaria que eu ficasse com você?

Sarah parou e pensou por um momento.

— Não, obrigada, não é tão importante assim, ou Cecil não teria saído, não é? Você poderia ver se Jenny teve alguma sorte procurando sacolas de papel. Vou perguntar a esta mulher se ela pode nos enviar algumas de Suprimentos.

— Há muitas sob o balcão de retrosaria. Vou compartilhá-las. Algo mais?

— Encontre Maisie e peça a ela para atualizá-la sobre o caixote no depósito.

— O quê? — perguntou Freda, enquanto Sarah se afastava apressada.



— Olá, sou Sarah Gilbert, supervisora sênior — disse Sarah, estendendo a mão para a mulher de cabelos escuros sentada na cadeira do visitante. — Lamento que tenha perdido o Sr. Porter.

A mulher apertou sua mão e deu-lhe um sorriso caloroso.

— Gina Jones. Vim dar uma olhada nos registros que você mantém aqui e, se houver tempo, talvez possa me mostrar o local? Devo dizer que sua

cozinheira tem uma mão muito leve com sua massa, e também faz uma boa xícara de chá — acrescentou, olhando para onde uma xícara e um prato vazios estavam sobre a mesa.

Sarah sorriu. Ela parecia muito boa.

— É minha sogra, Maureen Gilbert, que dirige a cantina dos funcionários. Estaríamos perdidos sem ela. Ela consegue preparar uma refeição completa todos os dias para a equipe, mesmo quando os ingredientes são difíceis de encontrar.

Gina Jones pegou um caderno e rabiscou algumas palavras.

— Como tem passado desde que a Sra. Billington deixou a empresa?

— Sentimos falta de Betty... quero dizer, da Sra. Billington. Até os clientes perguntam quando ela volta.

Gina deu um sorriso compreensivo.

— Ela deve ser difícil de seguir.

— Eu não estou no comando, Sra. Jones, o Sr. Porter é o gerente.

— Mas tenho a impressão de que seja a âncora desta loja no momento.

— Mas como ...?

— Conversei com alguns membros de sua equipe e a Sra. Billington fez um relatório abrangente sobre o nascimento repentino de sua filha. Ouvi dizer que foi um momento emocionante - e você, a Sra. Carlisle e a Srta. Smith estavam por perto para ajudar?

Sara assentiu.

— Betty se tornou uma boa amiga desde que comecei a trabalhar aqui. Nós quatro nos tornamos muito próximas.

Gina Jones sorriu.

— Muitas amizades são formadas em Woolworths. Ainda tenho amigos dos meus primeiros dias. Agora, por que você não me mostra a papelada, e então podemos dar uma olhada na loja e eu posso conhecer a equipe?

Sarah ficou intrigada ao pegar os livros e sentar-se com Gina Jones enquanto ela verificava os números e fazia perguntas. Na hora de repassar as escalas do pessoal, ficou constrangida ao ver que havia se esquecido de retirar as páginas mal escritas de Cecil. No entanto, Gina simplesmente sorriu ao compará-los com os gráficos bem escritos de Sarah antes de fazer mais anotações no livro que mantinha ao lado dela na mesa.

— Acho que já vi tudo o que precisava ver — disse ela depois de fechar o último livro. — Vamos fazer uma visita lá embaixo, certo?

Sarah assentiu e mostrou o caminho. Por dentro ela estava fervendo de fúria. Por que Cecil não estava aqui para mostrar o lugar à inspetora e por que Gina Jones não parecia chateada por ele não estar presente quando, afinal, era o gerente da filial de Erith? Cecil escapava de tudo e parecia ter uma vida encantada. Ora, se ela tivesse feito um trabalho errado quando se juntou a Woolworths, Betty teria tido coragem para a encarar. Mesmo quando elas começaram a se tornar amigas, Betty Billington sempre traçou a linha entre trabalho e amizade. Ela conhecia os limites e os amigos que trabalhavam ao seu lado também. Olhando para o relógio quando chegaram ao pé da escada, Sarah percebeu que era hora de Gwyneth terminar seu turno. Mike já estava aqui e a caixa contendo as lâmpadas seria levada embora como eles esperavam enquanto a inspetora ainda estivesse na loja?

— Você parece estar indo muito bem, considerando que a Sra. Billington nos deixou de repente. Os balcões estão cheios e sua equipe está bem-vestida e borbulhando de entusiasmo. Eu diria sem sombra de dúvida, esta deve ser uma das nossas lojas estrela. Deveria estar orgulhosa de si mesma — disse Gina Jones ao terminar de verificar o balcão de produtos frescos, depois de conversar com a equipe deste.

Sarah piscou, sem ter certeza de ter ouvido direito.

— Mas eu não sou a gerente — eu nem sou uma gerente assistente. Betty... quero dizer, a Sra. Billington me nomeou supervisora sênior porque queria que eu cuidasse da papelada lá em cima, para aliviar a pressão sobre ela em suas últimas semanas. Eu esperava continuar, mas o Sr. Porter pensou o contrário, então estou me adaptando onde posso e ajudando a manter a loja funcionando.

Gina acenou com a cabeça como se entendesse.

— Como mencionei antes, a Sra. Billington nos enviou um relatório extremamente detalhado. Recebi a tarefa de verificar tudo e, para ser honesta, algumas coisas não batem. Daí a minha visita secreta aqui hoje.

— Mas não era um segredo; Cecil Porter me disse que você viria pouco antes de ele sair — respondeu Sarah, confusa.

— Hum. Alguém deve tê-lo informado — disse Gina, pensativa.

— Deve ter sido o tio de Cecil. Betty foi vê-lo para perguntar se ela poderia voltar ao trabalho e ele deixou bem claro que seus serviços não eram necessários. Desde cedo, Betty me disse que ele era bastante rude com as mães que trabalham na Woolworths.

— Isso faz algum sentido — disse Gina, pensativa. — Alguém poderia pensar que a equipe sênior estava acima de qualquer reprovação.

Sarah sentiu que esta bela mulher poderia ser um pouco ingênua, mas decidiu manter seus pensamentos para si mesma. Talvez fosse a hora de mostrar a ela o caixote e as folhas de estoque antigas que ela guardou depois que Betty deixou a empresa?

— A senhora se importaria de me ceder alguns minutos? Tenho algo em que pode estar interessada.

Gina Jones olhou para o relógio.

— Tenho meia hora antes de meu trem partir. Talvez possamos tomar uma xícara de chá ao mesmo tempo?

Sarah conduziu a inspetora de volta à cantina dos funcionários e acomodou-a com uma xícara de chá e uma fatia da torta cigana de Maureen antes de ir até um armário de metal e destrancar a porta.

— Estas são as folhas de estoque e a lista em que estávamos trabalhando no dia em que Betty Billington teve sua filha, nesta mesma sala. Foi Cecil Porter quem nos trancou - o que poderia ter tido sérias repercussões para Betty e sua filha, se Freda Smith não tivesse subido no telhado para pedir ajuda.

Gina Jones lambeu algumas migalhas de seus lábios e acenou para Sarah continuar falando enquanto espetava outro pedaço da torta com o garfo.

— O problema é que descobrimos que havia discrepâncias entre o que deveria estar em nosso depósito e o que havia sido vendido no departamento elétrico. Principalmente o estoque de lâmpadas que parecia estar errado, mas havia outros itens em menor quantidade — ela deslizou a pasta sobre a mesa e Gina folheou os papéis enquanto tomava um gole de chá. — Tentei anotar desde então, mas agora que Cecil Porter assumiu o escritório do gerente, tem sido difícil. Ele não gosta que eu trabalhe lá, nem mesmo quando há notas financeiras para preencher. Fiz o meu melhor em condições extremamente difíceis.

Gina fechou a pasta.

— Vou levar isso comigo e ver o que pode ser feito para aliviar o problema.

Sarah não tinha certeza do que isso significava, então ela decidiu que, de uma forma ou de outra, mencionaria o caixote no depósito que eles descobriram antes. Enquanto ela contava a Gina o que elas haviam feito, mencionando até mesmo Maisie marcando a caixa com seu batom e

pedindo a Mike que entrasse para aconselhá-los, a mulher ouviu com atenção e depois sorriu.

— Gostaria de ver este caixote, se me permite?

— Siga-me — disse Sarah e se levantou para deixar a cantina no instante em que Gwyneth entrou correndo na sala, com as bochechas coradas e os olhos arregalados de entusiasmo.

— Você precisa fazer alguma coisa — gritou ela para Sarah. — Há um problema no depósito.

Sarah e Gina correram atrás de Gwyneth para onde podiam ouvir gritos abafados e xingamentos. Entrando no depósito, eles viram Mike Jackson algemando um jovem tagarela enquanto um segundo jovem estava sentado no chão, já algemado à estrutura das prateleiras de metal, parecendo nada feliz.

— Parece que tudo começou aqui — disse Gina Jones. — Presumo que isso tenha algo a ver com o estoque roubado.

— Pelo amor de Deus, me deixe levantar — um irado Cecil gritou de onde estava esparramado no chão duro com Freda e Maisie sentadas nele. — Cabeças vão rolar por isso.

— Desculpe, querido, você vai ficar aí embaixo até a polícia te levar embora — rosnou Maisie. — Ninguém rouba da Woolworths sob nosso comando.

Freda parecia um pouco preocupada, mas segurou-se nos pés de Cecil para impedi-lo de chutar sua amiga.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Gina Jones.

Mike terminou de segurar o homem e se virou para Gina.

— Sou o sargento Jackson, madame, e minha esposa é uma de suas funcionárias. Encontramos esses homens removendo o estoque desta loja - estoque que não foi pago. Fui avisado de que algo estava errado e, junto

com um colega oficial, desci imediatamente. Meu colega está detendo o motorista de uma van do lado de fora do prédio. Eles já haviam carregado um caixote de mercadorias quando chegamos.

Sarah franziu a testa. O que aconteceu para mudar seus planos? Gwyneth apenas disse que pediria a Mike para dar uma palavrinha quando ele viesse buscá-la no trabalho.

Maisie percebeu que Sarah parecia confusa e gritou para ela:

— Você estava ocupada com sua visitante e vimos Cecil antes de instruir esses homens na frente da loja. Freda usou o telefone do escritório para ligar para a delegacia de polícia, e Mike apareceu rapidamente assim que ela explicou. Não tivemos tempo de avisá-la e não queríamos alarmar os clientes. Não teria parecido bom para Woolworths.

— Houve um grande erro aqui — disse Cecil enquanto Mike o ajudava a se levantar, auxiliado pela rude Maisie. — Eu estava no processo de descarregar esse estoque. Eram as lâmpadas que estávamos esperando. Consegui um suprimento — acrescentou, estufando o peito. — Também tenho alguns para a loja de Bexleyheath.

— Uma história improvável — disse Maisie, cutucando-o no peito com um dedo. — Você estava roubando, assim como já roubou outras coisas desta loja.

— Como ousa dizer essas coisas? Você pode coletar seus cartões logo pela manhã. Sra. Gilbert, remova esta pessoa do local. Você também pode ir — acrescentou Cecil, apontando o queixo para Freda.

— Espere um momento — disse Gina Jones. — Sr. Porter, pode me explicar por que está transferindo o estoque de uma loja para outra sem preencher a papelada necessária?

Sarah não entendeu; ela pensou que Gina estava do seu lado.

— Mas...?

Gina deu-lhe um olhar de advertência.

— Responda-me, Sr. Porter. Onde estão os documentos que comprovam sua história?

Ele ergueu a mão e apontou para Sarah.

— Ela cuida de toda a papelada dessa loja. Pergunte-lhe. Ela foi treinada por aquela mulher de Billington; não é de admirar que tudo esteja uma bagunça. As mulheres não deveriam estar na gestão, isso é óbvio.

Sarah estava paralisada de medo. Ele a estava culpando pela falta de estoque e tudo que deu errado?

— Não comece com toda essa besteira — zombou Maisie. — Aquela caixa de madeira em seu veículo já esteve aqui. Você a tirou antes que os tiras chegassem.

— Mentirosa — Cecil zombou. — Vocês são todos mentirosos e tramam alguma coisa. Está me culpando para se proteger.

— Posso provar que o caixote estava nesta loja. E que ele foi furtado — disse Maisie com um sorriso malicioso.

— Por favor — Gina sorriu, enquanto Mike concordava com a cabeça.

Maisie enfiou a mão no bolso do macacão e tirou um batom, passando-o para Gina Jones.

— Reconheceria esta cor se a visse novamente?

Gina pegou o batom e examinou o invólucro antes de abrir e conferir o interior.

— Sim, Max Factor. Você tem bom gosto - e excelentes contatos, já que tem sido difícil conseguir. Eu mesma uso essa cor.

— Então me siga — disse Maisie, e levou Gina e as meninas para a rua onde vários outros policiais haviam se juntado ao colega de Mike. Eles retiraram o caixote do veículo e o colocaram na calçada. — Antes que a senhora se aproxime demais, é melhor explicar que marquei o caixote em

todos os lados com uma cruz usando meu batom. Também escrevi algumas palavras na nota de embarque dentro do caixote — ela sussurrou algumas palavras no ouvido de Gina, fazendo a mulher rir alto antes de tirar um caderno do bolso e anotar as palavras.

— Sargento, talvez queira verificar a embalagem para nós?

Mike fez uma verificação completa do lado de fora da caixa.

— Parece haver algumas cruces vermelhas em cada um dos quatro lados.

— Essa cor? — perguntou Gina, estendendo o batom.

— É exatamente a mesma cor. Acho que agora a senhora quer que eu abra o caixote?

— Por favor — disse Gina Jones —, pegue a nota de embarque que encontrará dentro e leia as palavras manuscritas que encontrar nela.

Mike forçou a tampa de madeira do caixote e remexeu na embalagem de palha em busca do pedaço de papel.

— Cecil Porter é um ladrão sujo e podre — leu ele, provocando uma onda de risos surpresos.

— Acho que temos a prova de que precisávamos. Por favor, leve-o embora, sargento — Gina disse com um sorriso enquanto acenava com seu próprio caderno para que todos vissem as palavras que havia escrito.

Enquanto Mike levava Cecil para longe, Gina Jones virou-se para as quatro amigas.

— Não sei como agradecer, senhoras.

— A senhora poderia fazer de Sarah nossa nova gerente — disse Maisie enquanto Sarah corava de vergonha.

Gina assentiu com a cabeça.

— Essa é uma excelente ideia. Será ouvida da sede muito em breve. Posso confiar em você para continuar no cargo até que seja formalizado,

junto com o aumento de salário?

Sarah sentiu o estômago revirar.

— Acho que sim — sussurrou ela.



— **MEU DEUS**, o que vem a seguir? — Ruby disse a Gwyneth, que apareceu com um bolo que ela havia feito, enquanto enxugava os olhos. — As coisas que vocês, garotas, fazem, e agora nossa Sarah é gerente; estou sem palavras. Aqui, George, você ouviu o que aconteceu na Woolworths quando Sarah foi nomeada gerente? — ela gritou da porta dos fundos para onde George estava conversando com Bob e Alan.

— Sim, mamãe, as pessoas não falam de outra coisa. Eu gostaria de ter visto Mike levando aquele sujeito embora — ele respondeu antes de retornar à sua própria conversa. — Então, como está indo a oficina?

Alan balançou a cabeça.

— É para cima e para baixo. Na outra semana, pensei que tinha quebrado quando chegou uma entrega de motos quebradas, mas depois de passar por tudo fiz uma moto com a carga e até agora não houve um comprador. O sucateiro se saiu melhor com o negócio.

— Ainda é cedo, no entanto — disse Bob. — Você tem uma boa cabeça em seus ombros, e a notícia se espalhará em breve; então você será levado às pressas. Pelo menos sua Sarah está bem, pelo que ouvi. Suponho que haja um aumento de salário por ser uma gerente.

Alan estava achando difícil manter um sorriso agradável no rosto. Numa época em que ele estava lutando para ganhar alguns xelins, sua esposa conseguiu um emprego que poderia ter sido seu por direito se ele não fosse tão teimoso. Agora, se ele desistisse de seu sonho de administrar seu próprio negócio e fosse para a Woolworth em busca de um emprego, sua própria esposa poderia ser sua chefe.

— Ela está indo bem, obrigado Bob. Estou orgulhoso dela — disse ele - e na verdade estava, mesmo que se sentisse desconfortável ao sentir-se obrigado a uma mulher mantê-lo alimentado e com um teto sobre sua cabeça. Não era natural para uma mulher ser o ganha-pão.

— Tenho um pouco de cerveja marrom fresca na despensa. Vocês gostariam de uma? — Bob perguntou aos dois homens.

— Parece bom — disse George. — Trouxe uma garrafa de xerez para as senhoras. Iremos comemorar o sucesso de nossa Sarah em grande estilo. A propósito, onde está minha filha esperta?

— Ela foi encontrar Betty na cidade e volta com ela. Douglas estava olhando para as instalações, pois pretende expandir seus negócios agora que a guerra está quase acabada, exceto para resgatarmos aqueles rapazes das garras dos japoneses.

— É bom saber que um negócio está indo bem — disse Alan, esforçando-se para não parecer taciturno. — Suponho que sempre haverá necessidade de um agente funerário, mesmo que as pessoas não precisem consertar uma motocicleta.

George observou seu genro lutar para manter a compostura e pôde ver um jovem diante de um futuro sombrio enquanto a estrela de sua esposa estava em ascensão. Algo precisava ser feito, e rápido.



— Você parece muito elegante, minha querida — Betty disse, recuando para olhar Sarah de cima a baixo depois de beijar sua bochecha. — Ser uma gerente de F.W. Woolworth realmente combina com você.

— Maisie me disse que eu tinha que “vestir o papel”, agora que não estou usando um macacão marrom o dia todo. Papai me presenteou com isso de Hedley Mitchell, e Maisie subiu um par de saias para mim. Devo

admitir que me senti um pouco estranha ao entrar no trabalho e saber que a responsabilidade por toda a loja era minha.

— Mas, Sarah, seus deveres não são diferentes dos que você já estava cumprindo. A única diferença é que não tem Cecil Porter sob seus pés ou eu decidindo como você deve organizar seu tempo. Está no comando agora e tem um futuro brilhante — disse Betty, empurrando o carrinho que continha sua filha ao lado do carrinho de Sarah, onde o jovem Buster dormia pacificamente. Betty prendeu a respiração por um momento para parar a oscilação em sua voz. Ela não queria que Sarah visse que ela queria seu velho mundo de volta, e podia vê-lo escorregando cada vez mais longe de seu alcance.

— Suponho que esteja certa — disse Sarah, olhando para frente, sabendo que seu sonho de ficar em casa para cuidar de sua família estava flutuando para longe dela. Talvez seus sonhos não fossem para acontecer. — O que você achou das instalações que Douglas queria ver? — ela perguntou, passando para uma área mais segura de conversa.

— Eles são muito boas, mas tão espaçosas. São três lojas. Duas foram colocadas em um grande local, e há uma menor ao lado que alguém sublocava até recentemente. Ela precisa ser pintada e arrumada, então Douglas pode pensar em abrir.

— Então ele vai assinar o contrato?

— Eu acredito que ele vai. Ele é tão cheio de planos. Até quer que eu cuide da frente da casa — ela riu.

— Será bem diferente de administrar uma filial da Woolworths. Pode levar a jovem Charlotte para trabalhar com você? — Sarah perguntou, repreendendo-se por mencionar a loja novamente.

Betty franziu o rosto.

— Eu prefiro que não. Ela tem sua rotina e eu não gostaria de incomodá-la. Temos uma governanta muito boa, e Douglas é totalmente a favor de contratar uma babá, então não tenho desculpa para não o ajudar.

— Sorte a sua — Sarah disse, pensando em suas próprias preocupações sobre deixar Buster com alguém e providenciar para que Georgina fosse apanhada na escola. Maisie foi a primeira a sugerir que Buster poderia se juntar a seus filhos, e eles poderiam pagar a Sadie um pouco mais para cuidar de uma criança extra. Sadie ficou muito feliz com a sugestão; portanto, não havia motivo para Sarah acrescentar os filhos à lista de razões pelas quais ela não deveria aceitar o cargo de gerente da loja.

— Sim, sei que sou muito afortunada, mas... de certa forma, gostaria que minha vida não tivesse mudado tanto — disse Betty, percebendo que precisava desabafar, afinal; quem melhor do que sua amiga, Sarah?

Sarah parou de empurrar o carrinho e virou-se para Betty.

— Somos um par certo, não somos? Aqui estamos com os bebês mais adoráveis, bem como famílias adoráveis em casa, e ainda não estamos felizes?

Betty riu.

— Devemos ser gratas pelo que temos. Muitas mulheres não têm a mesma sorte que nós. Sobrevivemos à guerra e temos muito o que esperar. Devemos tentar ser mais positivas e colocar um sorriso em nossos rostos.

— Farei o possível — disse Sarah, sabendo que teria de cavar fundo para cumprir a promessa que fizera a Betty. — Não é Freda sentada no degrau da Woolworths? — ela acrescentou enquanto atravessavam a rua da Cross Street.

— Eu acredito que sim, e ela parece tão triste. Vamos, vamos levar esses carrinhos pela rua e ver qual é o problema — disse Betty, jogando seu carrinho para fora do meio-fio tão de repente que a pequena Charlotte

acordou e começou a chorar. — Droga! Nunca vou conseguir cuidar de um bebê — Betty murmurou, enquanto Sarah se inclinava no carrinho e acalmava a criança.

— Leva tempo para aprender — disse Sarah enquanto corriam para Woolies.

— Você faz parecer tão fácil — Betty suspirou. — Sou muito melhor com os adultos; e parece que minhas habilidades serão necessárias com nossa Freda. A pobre garota parece estar se acabando de tanto chorar.

Ambas estacionaram seus carrinhos de bebê em frente à loja. Betty apressou-se a sentar-se ao lado da mulher mais jovem, enquanto Sarah verificava se Betty havia puxado o freio corretamente para o caso de o carro de bebê começar a rolar pela leve inclinação da calçada.

— Meu Deus, Freda, você parece aflita. O que aconteceu? São notícias sobre Sandy?

Freda tapou os olhos e assoou o nariz no lenço limpo que Betty lhe passou.

— Sempre podemos contar com você para ter um lenço — disse com um soluço, referindo-se à quando Betty mantinha um estoque deles na gaveta de sua escrivaninha na Woolworths quando sua equipe ficava aflita com alguma coisa. — Precisa se lembrar disso, Sarah — acrescentou ela, tentando esboçar um sorriso, mas não conseguiu.

Sarah sentou-se do outro lado de Freda e colocou o braço em volta do ombro dela.

— O que a deixou tão chateada que não pode voltar para casa e compartilhar seu problema? — ela perguntou.

— Eu não queria estragar a festa do chá de Ruby com más notícias. Achei que, se sentasse aqui por um tempo, poderia me recompor e depois voltar para Alexandra Road e participar das comemorações de sua

promoção. Então passei pela loja deles e as lembranças vieram à tona dos momentos felizes que passei com Molly e sua família — disse Freda, enquanto as lágrimas voltavam.

As duas mulheres olharam para a loja de ferragens da família Missons do outro lado da rua e notaram algumas pessoas paradas na frente da loja com as cabeças baixas.

— Oh, não, não me diga que algo aconteceu com sua amiga Molly? — Sarah disse. Freda adquiriu seu amor por ajudar com os Brownies and Girls Guides de sua amiga Molly Missons e de sua mãe, enquanto Norman Missons era bem conhecido na cidade pela loja movimentada em que passaram a confiar ao longo dos anos.

— Não, Molly está bem - são os pais dela. Ambos morreram em um acidente de carro em Canterbury hoje cedo. Eu esbarrei em uma das mães Brownie e ela me contou. Eu apareci na loja e a equipe confirmou a terrível notícia. Molly está voltando para casa da fazenda em que trabalha como Land Girl. O Sr. e a Sra. Missons têm sido tão bons para mim, e Molly é minha única amiga além de vocês duas e Maisie — soluçou ela. — Não consigo entender como ela deve estar se sentindo. Ela vai ficar sozinha naquele casarão lá na avenida e acho que não tem família.

— Coitada — disse Betty, esforçando-se para conter as próprias lágrimas. Norman Missons e sua esposa foram as pessoas que vieram em seu socorro quando Cecil Porter as trancou na loja no dia em que ela deu à luz Charlotte. Na verdade, Douglas sugeriu que eles chamassem sua filha de Charlotte em homenagem à Sra. Missons, que foi tão prestativa naquele dia, e Charlie, que foi o primeiro amor de Betty e o melhor amigo de Douglas nas trincheiras da Grande Guerra. — Nenhum de nós sabe o que há na próxima esquina, não é? — ela disse, olhando para Sarah, que assentiu e deu um sorriso fraco.

— Não sei o que fazer — disse Freda.

Sarah apertou os ombros de Freda.

— Você vai ser a amiga que já é para Molly, e vai manter os pacotes Brownie e Guide funcionando exatamente como Charlotte Missons teria desejado.

Freda acenou com a cabeça vigorosamente.

— Você tem razão. Eu estava sendo egoísta entrando em pânico.

— Qualquer um o faria nessas circunstâncias. Você também está de luto pelos amigos que perdeu. Quando Molly estará em casa? — Sarah perguntou.

— Mais tarde esta noite. Estaria tudo bem eu subir lá, você acha? Eu realmente não tenho muita ideia do que fazer nessas circunstâncias.

— Puxa, sim, e leve uma sacola com algumas coisas para você ficar com a pobrezinha. Nan também pode lhe dar um pouco de comida, tenho certeza — sugeriu ela. — Apenas esteja lá quando ela quiser conversar e seja um ombro amigo para chorar. Você é uma boa amiga, Freda; saberá o que fazer e nem pensará em vir trabalhar amanhã. Molly é sua prioridade por enquanto.

Freda abraçou as duas e enxugou os olhos.

— Obrigada. Acho que posso fazer isso, sabendo que tenho a quem recorrer. Os próximos meses serão bastante estranhos e muito diferentes do que estamos acostumados.

Sarah e Betty concordaram enquanto seus pensamentos mais uma vez se voltavam para suas próprias preocupações e desejos.



— Vamos, David, devíamos descer no número treze há mais de uma hora. Se você não se apressar, as crianças vão ficar sujas de novo e impróprias para serem vistas em público, além disso, os gêmeos precisarão

ser alimentados e trocados de novo — disse Maisie enquanto olhava pela janela da cozinha para onde Bessie e Claudette estavam jogando uma bola para uma animada jovem Ruby, que gritava de emoção quando a bola caía de suas mãos.

David sentou-se à mesa da cozinha, com a camisa desabotoada e a barba por fazer de dois dias no queixo. — Pode ir, eu fico aqui cuidando dos gêmeos. Não consigo encarar todos os tapinhas nas costas e os aplausos que vão acontecer porque Sarah foi promovida.

Maisie respirou fundo.

— Não sei o que deu em você, David Carlisle, mas não é o mesmo maldito homem com quem me casei. Levante-se e pelo menos faça a barba, mesmo que não pretenda dar os parabéns a nossa amiga. Além disso, se eu deixar os gêmeos com você, eles estarão gritando por comida e fedendo aos céus quando eu voltar. Você é tão útil quanto um bule de chocolate hoje em dia.

David se levantou tão rapidamente que sua cadeira raspou para trás no linóleo e caiu no chão.

— Pelo amor de Deus, mulher, não vê que eu não quero sair? Não é apenas ouvir toda a conversa feliz deles, mas não suporto a simpatia quando eles veem meu braço.

— Mas, David, todos eles têm boas intenções. Ninguém está zombando de você. Esses são nossos amigos e tão bons quanto nossa família em qualquer dia - melhor, no meu caso — disse ela, tentando sorrir. As mudanças de humor de David pioraram progressivamente nos últimos dias, e ela estava achando difícil prever como ele estaria quando ela voltasse do trabalho. Mesmo sua empolgação com a prisão de Cecil Porter foi recebida com um olhar vazio. Era como se ele estivesse desistindo da vida por causa

do ferimento. — Aposto que não tentou nenhum desses exercícios que o médico disse para você fazer?

— O que eles vão fazer de bom?

— Disseram a você que isso manteria o braço flexível e poderia até trazer um pouco de uso enquanto eles procuravam outros canais de tratamento.

David a ignorou enquanto observava as meninas no jardim.

— Não consigo nem jogar bola com as crianças nem trocar fralda direito, muito menos arrumar um emprego e ser um marido adequado para você.

Maisie desviou o olhar. Ela havia se esquecido da última vez que eles dividiram a cama, já que nesses dias David frequentemente adormecia bêbado no sofá da sala da frente.

— Você precisa se recompor e parar de sentir tanta pena de si mesmo — rebateu ela.

— Ou o quê? — ele disse desoladamente, virando-se para encará-la.

— Ou pode acordar um dia desses e eu ter saído e levado as crianças comigo. Eu não me inscrevi para nada disso. Você começou a me tratar como se fosse minha culpa que Fred o esfaqueou.

— Bem, ele o fez, e não há como negar isso — David gritou de volta.

— Mas ele pagou com a própria vida, e agora está morto como um prego em uma cova sem identificação no cemitério de Brook Street. Considerando que você poderia muito bem, estar morto, por toda a utilidade que tem para si mesmo e para esta família! — Maisie gritou de volta.

— Nosso pai está morto? — uma vozinha veio da porta dos fundos, onde Bessie estava com o braço em volta de sua meia-irmã, Claudette.

— Ah, David, o que fizemos? — sussurrou Maisie, enquanto ela e David corriam para as meninas e as puxavam para um abraço.

— Não queríamos que descobrissem assim — ela disse enquanto sufocava seus rostos pálidos com beijos, afastando as lágrimas quentes e escaldantes que caíam em suas bochechas. — Sim, seu pai morreu e foi para o céu.

— Isso significa que podemos continuar morando com vocês para sempre? — perguntou Bessie, olhando entre David e Maisie.

— Nós duas? — Claudette acrescentou.

— Sim, queremos que fiquem conosco para sempre. Queremos ser sua nova mamãe e papai — disse David com a voz embargada.

— Então estou feliz por ele estar morto — disse Bessie, projetando o queixo.

— Caramba, você é uma Dawson de verdade — sorriu Maisie —, mas nunca deve ficar satisfeita com a morte de alguém.

— Nem mesmo Hitler? — Claudette perguntou, lançando um olhar malicioso para Maisie.

— Bem, talvez possamos abrir uma exceção para Hitler — ela respondeu, sem ousar olhar para David, caso ela risse. — David vai ver um homem que pode tornar isso legal para que possam ser nossas filhas. O que vocês acham disso?

— Você vai, David? — Bessie perguntou, ficando excitada.

David parecia um pouco envergonhado.

— Pode demorar um pouco, mas sim, um dia seremos sua mamãe e papai.

— Mesmo que um dia você caia fora e nos leve com você? — Bessie perguntou a Maisie.

Oh, Deus, quanto tempo elas ficaram ali ouvindo? Maisie pensou consigo mesma.

— Agora, vocês não estão mais nos ouvindo. Estávamos apenas tendo um pouco de discussão. Não era para as orelhas das meninas.

— E ninguém vai a lugar nenhum — disse David, passando o braço pelos ombros de Maisie e apertando-a de leve. — Eu te amo demais para deixá-la me largar. Eu tenho estado um pouco mal ultimamente e isso me deixou infeliz. Prometo que vou me esforçar mais no futuro.

— É por causa daquele maldito braço? — Claudette perguntou inocentemente.

O rosto de David se contorceu enquanto ele tentava não sorrir.

— Sim, poderia dizer isso, mas devo me sentir um pouco melhor se eu fizer meus exercícios. Na verdade, vocês duas podem me ajudar jogando bola no jardim. O que me dizem sobre isso?

— Eu diria que é muito bom — exclamou Bessie, imitando a voz de Maisie. — Podemos começar agora?

— Não vejo por que não. O que você diz, mamãe?

— Bem, devíamos ir à casa de Ruby para o nosso chá; mas acho que nesta ocasião podemos nos desculpar, não é? Poderíamos até comer peixe com batatas fritas mais tarde.

As meninas comemoraram e correram para o jardim enquanto David puxava Maisie para perto com seu braço bom e a beijava delicadamente.

— Amigos?

— Amigos — disse ela, aconchegando-se em seu peito. — Mas você precisa se barbear.



— Essa é uma parte da minha vida que acabou — disse George enquanto se sentava à mesa de jantar. — Estou ansioso por isso o dia todo — ele pegou a faca e o garfo enquanto Ruby trazia um prato de bife e

pudim de rim para a mesa junto com uma pilha fumegante de batatas cozidas, cenouras e ervilhas.

— Fique preso nisso. Tem mais verdura do que carne no pudim, mas pelo menos você vai sentir o sabor da carne — disse a mãe com satisfação.

— Não vai comer comigo? — George perguntou, estendendo a mão para o saleiro.

— Já comi antes. Agora me conte como foi em Devon. Havia muito para mudar? — Ruby perguntou enquanto se sentava em frente ao filho e o observava comer.

— Conheci as pessoas que compraram nossa casa em Devon e elas pareciam muito boas. Consegui retirar toda a mobília e ensacar as roupas que havíamos deixado lá quando viemos para Crayford.

— O que você fez com os pertences de Irene? — Ruby perguntou, imaginando se George teria achado difícil mexer nos pertences pessoais de sua falecida esposa.

Sabendo o que sua mãe estava insinuando, ele deu a ela um sorriso irônico.

— Sabe, não foi nada mal. Se Irene tivesse gostado daquelas roupas e bijuterias, ela as teria trazido com ela quando alugamos a casa dos Crayford, então não me incomodou muito em desistir. Carreguei o máximo possível com o WVS para que outros possam usar as roupas. As joias podem ir para Sarah, e ela pode decidir o que quer manter ou compartilhar com suas amigas. Eu guardei algumas de suas roupas mais elegantes, pois pensei que Maisie poderia encontrar um uso para o tecido. Sei como ela gosta de desfazer as coisas e fazer outras para as crianças.

— Isso é bom para você, George, e estou feliz por não ter sido muito doloroso.

— Não vou dizer que não entristeci algumas vezes quando estava olhando fotos e algumas cartas que encontrei quando estávamos namorando; mas com o tempo poderei sorrir, e Irene não era de querer que ficássemos chateados. Sarah pode ter tudo quando tiver sua própria casa.

— É assim que deve ser; ela pode passar o que ela quiser para Georgina e Buster quando eles forem mais velhos — Ruby sorriu para si mesma. — Apesar de todos os seus modos, eu sinto falta dela. Só espero que a guerra e nossas perdas façam diferença, ou vou perguntar a ele lá em cima para que serve tudo isso.

— Estou com a senhora aí, mãe - então para Winston Churchill perder a eleição. A que ponto o mundo está chegando? Tenho pensado em entrar na política... de uma maneira local — disse ele, vendo os olhos de Ruby brilharem. — Não há necessidade de começar a pensar em mim como o próximo primeiro-ministro.

— Talvez uma vez que esteja instalado em sua nova casa, possa pensar mais sobre isso. Precisamos de algumas pessoas decentes no conselho para falar em nome do povo de Erith, ou eles vão derrubá-lo ou fazer outras bobagens. Agora, Irene estaria por trás do seu plano de ser vereador.

George riu enquanto colocava a faca e o garfo na mesa.

— Ela estaria em seu elemento. Teria me custado uma fortuna em chapéus novos.

— Então, o que vem a seguir? — Ruby perguntou enquanto levava o prato vazio para a cozinha.

George a seguiu e se apoiou no batente da porta enquanto ela colocava o prato em uma tigela e despejava água quente da chaleira por cima.

— Vou começar a procurar um lugar para comprar. Não posso continuar alugando a casa dos Crayford indefinidamente. Era para ser de curto prazo,

enquanto eu estava indo entre a fábrica de Devon e Vickers. Agora que estou aqui em tempo integral, quero um lugar só meu.

— Em Crayford?

— Eu gostaria de voltar para Erith. Afinal, é minha cidade natal e eu estaria perto da minha velha mãe.

— Não tão velha — disse Ruby, agitando um pano de prato para George, embora estivesse extasiada com a perspectiva de ter o filho tão perto.

— Vou precisar dar uma olhada nas coisas de Irene na casa dos Crayford. Não fiz nada desde... desde aquele dia. Tenho dormido no quarto de hóspedes em vez de enfrentar isso.

— Não pode continuar fazendo isso. Está pronto para resolver as coisas dela agora? Eu irei com você e ajudarei.

George pôs o braço em volta dos ombros de Ruby.

— Agora não, mãe. Buscarei depois de voltar de Devon. Eu estava pensando em procurar uma nova casa, pois será meu lar permanente.

— Nesse caso, deixe-me ir com Bob enquanto você está no trabalho e colocar todas as coisas de Irene no quarto de hóspedes para que possa pelo menos ter um quarto de tamanho decente. Esse quarto que você está usando no momento não é mais do que uma caixa. Pode fechar a porta para tudo até que esteja pronto para enfrentá-lo de uma vez por todas.

George assentiu e enfiou a mão no bolso para pegar uma chave.

— Pegue esta, eu tenho outra. Mas, por favor, não se engane fazendo demais. Eu sei como você é. Vai se preocupar comigo e voltar para casa para cozinhar para Freda e Bob.

— Freda foi morar com sua amiga Molly por algumas semanas, enquanto Molly lida com a perda de seus pais. Bob pode comer peixe com

batatas fritas comigo quando voltar da sua casa, então não se preocupe comigo.

— Coitado do garoto — disse George, balançando a cabeça. — Mais um motivo para você seguir firme e não se cansar; não queremos estar diante de seu túmulo tão cedo.

— Eu cuido — disse Ruby, afastando-se dele para colocar a chaleira no fogo para uma xícara enquanto começava a fazer uma lista em sua cabeça de tudo o que precisava ser feito.



OUTUBRO DE 1945

— **TUDO PARECE** impecável. Você tem algum problema ou pergunta? — perguntou Gina Jones ao fechar o caderno e olhar para Sarah do outro lado da mesa.

Sarah sorriu educadamente e resistiu à vontade de verificar se o cabelo ainda estava bem preso, não parecia certo, assim como a verificação constante de seu batom no pequeno espelho pendurado na parede do escritório. Ela começou a mudar sua aparência seguindo o conselho de Maisie, que sugeriu que isso a faria parecer um pouco mais velha e mais no comando da loja Erith. Ela ansiava pelos dias em que uma lavagem com água e sabão e um macacão limpo eram tudo o que ela precisava para fazer seu trabalho.

— Estou confortável com meu trabalho, mas gostaria de fazer algumas mudanças — disse ela, tirando uma folha de papel de sua mesa. — Descobri de tempos em tempos, com funcionários fora do trabalho, que não temos ninguém com experiência em determinados balcões. Em primeiro lugar, gostaria que todos os supervisores tivessem alguma experiência prática em todas as seções. Em segundo lugar, o pessoal do balcão pode cobrir outras seções da loja se estivermos com poucos funcionários, e isso inclui a cantina. — Ela observou hesitante enquanto a inspetora da loja examinava suas anotações e rabiscava em seu próprio caderno.

— Sim, posso ver que isso funcionaria. Você começaria implementando um esquema de treinamento para seus supervisores para desenvolver o conhecimento de cada departamento da loja? Eles poderão ajudá-la a treinar

sua equipe de balcão. Vou observar isso com interesse, pois é algo que podemos copiar para nossas outras lojas. Agora, devo seguir meu caminho. Eu tenho que visitar a loja Bexleyheath antes de retornar ao escritório central e preencher meu relatório. Talvez da próxima vez possamos almoçar juntas. Você tem a melhor cozinheira de todas as lojas que visito — Gina sorriu.

— Vou dizer a Maureen. Ela ficará encantada. Eu tenho que concordar com a senhora - como sabe, ela é minha sogra, e no momento vivemos com ela enquanto meu marido está construindo seu negócio — Sarah disse educadamente enquanto seguia Gina escada abaixo.

— Ah, sim, Alan, não é? O ganho do comércio de motocicletas é a perda de Woolworths. Por favor, dê a ele meus melhores votos.

— Eu vou, obrigada — disse Sarah enquanto apertava a mão de Gina e a observava entrar no carro e ir embora. *Se ao menos eu pudesse dar a mensagem a Alan sem que ele ficasse todo mal-humorado comigo*, ela pensou consigo mesma. Achava melhor chegar em casa do trabalho e tirar as roupas do escritório, lavar a maquiagem e voltar a ser esposa e mãe antes que ele voltasse da oficina. Tentava não fazer menção de seu trabalho na esperança de que ele não achasse que ela estava se saindo melhor e ganhando mais dinheiro do que ele. Era um problema piorando a cada dia. Não querendo voltar para o escritório para meditar, decidiu andar pela loja, parando para conversar com os clientes e parabenizando os funcionários que estavam preocupados com a visita da inspetora.

— Senhora Gilbert, poderia me dar um minuto? — perguntou Maisie. — Temos um visitante que pode querer saber — ela indicou com um aceno de cabeça para onde Freda estava falando seriamente, em um canto tranquilo da loja, com um jovem.

— Meu Deus, não é Sandy? Eu pensei que ele estava preso em algum lugar? — Sarah disse, tentando em vão lembrar qual era a situação desde que ele foi levado na noite do casamento de Ruby e Bob.

Maisie ficou atrás de um dos pilares centrais para poder espiar o jovem casal.

— A última vez que ouvi, ele ainda estava sob custódia e provavelmente não seria libertado logo. Talvez tenha sido solto, mas por que ele viria ver Freda? A criança mal superou o tempo que foi decepcionada por sua vida amorosa. Isso apenas trará tudo de volta.

— Freda estava mais do que apaixonada por Sandy, mas pelo menos ela começou a sair com homens novamente. Ela foi ao cinema na semana passada com um novo gerente estagiário no Mitchell's. Não ouvi dizer que eles estão saindo de novo, mas é cedo; e ela está passando muito tempo com Molly no momento. Oh, isso é um problema! — Sarah suspirou.

— Algo parece estranho para mim — disse Maisie, ficando na ponta dos pés para poder olhar por cima das cabeças dos compradores que passavam. — Ele parece estar com algum tipo de uniforme - mesmo que seja um macacão e um pulôver.

— Você tem razão. Oh, Deus, acha que ele escapou de onde estava preso?

— Se ele conseguiu, pode estar desesperado para fugir, e é por isso que ele procurou Freda.

Sarah não pôde deixar de sentir que seus pensamentos estavam beirando o ridículo, mas mesmo assim...

— Acho que devemos falar com alguém. Papai deve saber o que aconteceu com Sandy.

— Podemos falar com Mike Jackson se ele estiver de plantão. Sempre achei útil conhecer um policial.

Apesar de suas preocupações, Sarah deu um sorriso.

— Gwyneth não está no trabalho por alguns dias; ela disse algo sobre fazer uma viagem para visitar seus pais nos vales galeses. Mike poderia muito bem ter ido com ela. Vou subir as escadas e dar um telefonema para o papai. Ele deve estar no trabalho hoje. Você ficaria de olho nas coisas para mim? Mas, por favor, seja discreta e não se coloque em perigo. Se Sandy escapou da detenção, pode estar desesperado.

— E se ele sair da loja?

— Siga-o. Pelo menos assim podemos dizer a alguém com autoridade para que lado ele está indo.

Sarah correu para o escritório e ligou para o pai. Enquanto ela esperava, houve uma batida na porta. Ela colocou a mão sobre o bocal para gritar “Entre” e ficou surpresa quando Sandy entrou no escritório, seguido por Freda e depois por Maisie. Sem palavras, ela acenou com a cabeça para Sandy se sentar na cadeira oposta à sua mesa enquanto Maisie ficava de guarda na porta. Colocando o fone na mesa, ela respirou fundo.

— Bem, devo dizer que isso é uma surpresa.



David Carlisle olhou pela janela de seu escritório e mastigou seu lápis pensativamente. Era um dia miserável e úmido, e o rio parecia sombrio com seus navios cinzentos e margens lamacentas. *Isso resumia seu trabalho*, pensou, já que era tão cinza e miserável. Maisie ficou surpresa quando ele aceitou o emprego depois de examinar as colunas de vagas do Erith Observer. Era perto de casa, ele sabia somar e podia usar um lápis com a mão boa, embora com alguma dificuldade. Ainda podia vê-la franzindo a testa quando pegou o telefone e perguntou sobre o cargo. Duas semanas depois lá estava ele, desejando ter ouvido sua esposa quando lhe disse que o

trabalho iria entediá-lo até as lágrimas. Ele levou uma hora inteira para perceber que havia cometido um erro terrível.

— Sr. Carlisle, gostaria de saber se já terminou aqueles conhecimentos de embarque que lhe dei antes? — disse uma voz por trás de seu ombro esquerdo.

David deu um pulo e percebeu um sorriso de satisfação da velha secretária ao deixar cair o lápis. Ela era a pessoa sênior no escritório e parecia ser a chefe autoproclamada. Ele se curvou para pegar o lápis antes de perceber que estendeu a mão com o braço que ainda falhava. A mulher não parecia o tipo de olhar com simpatia para a falha de uma pessoa, e ele seria amaldiçoado se a fizesse olhá-lo com seu nariz adunco. Concentrando-se com todas as suas forças, pensou nas vezes em que suas meninas o ajudaram em seus exercícios jogando suas bolas para ele pegar e fazendo-o estender a mão para pegar algo de suas mãos. Se ele podia fazer isso por elas, poderia fazer isso para mostrar a esta mulher que ele não era inútil. Ciente de que ela o esperava, inclinou-se o mais que pôde para a frente até sentir o lápis na ponta dos dedos. Concentrando-se até pensar que sua cabeça iria explodir, ele o pegou entre dois dedos e os fechou. Será que o lápis ficaria ali enquanto ele se inclinasse para trás, erguendo lentamente o braço? Em segundos, que pareceram horas, ele o agarrou com a mão boa antes que pudesse escapar. Tentando não soltar um grande suspiro de alívio, casualmente o colocou sobre a mesa antes de deslizar os documentos sobre os quais a mulher havia perguntado.

— Se não houver mais nada, Srta. Harrison, vou almoçar — disse ele, sem esperar resposta, enquanto pegava o chapéu e o casaco e saía do escritório. Ele ouviu um trecho de uma conversa em que ela usou a palavra “aleijado”, mas isso não o incomodou, pois ele não tinha intenção de voltar ao prédio.

Sentindo-se muito animado, ele se dirigiu para a rua principal, assobiando uma melodia ligeiramente desafinada. O sol havia saído e o cinza parecia ter se dissipado tanto do rio quanto de seu coração. Afinal, foi um bom dia.

— Alguém parece feliz consigo mesmo! — gritou uma voz do outro lado da rua.

David deu um sorriso.

— Olá, Douglas, como você está nesta linda manhã? — perguntou enquanto atravessava a rua para onde seu amigo estava com uma caixa de materiais de decoração. — Quer se juntar a mim para uma caneca do melhor amargo? Estou comemorando!

— Eu gostaria de poder, mas tenho um trabalho a fazer esta tarde. Presumo que esteja gostando de sua nova posição?

David deu um tapa nas costas de Douglas.

— Estou gostando muito, acabei de sair do local e nunca mais voltarei. A decisão é minha, não deles — acrescentou, caso Douglas pensasse que havia sido demitido.

— Então você é a pessoa perfeita para me ajudar esta tarde. Venha para dentro e eu lhe mostrarei e explicarei meu problema.

David seguiu Douglas em suas novas instalações, apontando como duas das lojas foram transformadas em uma, tornando-a grande e arejada.

— Conhece a planta de minhas outras instalações em Bexleyheath, não conhece?

— Intimamente — David sorriu, lembrando-se da ocasião em que ajudou a deter os ladrões das instalações do agente funerário e resgatou Douglas de dentro de um caixão.

— Meu problema aqui é que, a frente do escritório é muito grande. Não tenho o tipo de negócio em que posso exibir o estoque nas vitrines ou

precisar de uma sala de espera à vista, já que a maioria dos meus clientes marcam horários particulares para me ver.

David andou para cima e para baixo na área da loja e teve que concordar que era bastante grande.

— Como é lá atrás? — perguntou ele, dirigindo-se a uma porta.

— Dê uma olhada. Comecei a transferir algumas ações de outras instalações para cá. Foi o grande almoxarifado e o estacionamento para nossos veículos que me atraíram para o prédio, para começar.

David vagou, olhando para fora e voltando para a parte comercial do prédio.

— Você tem papel e caneta? — perguntou ele, antes de se sentar em uma velha escrivaninha que já vira dias melhores e começar a esboçar. — Olha, eu pensei que se você dividisse essa parte da frente da loja ela poderia ser usada para algum tipo de serviço complementar, como uma floricultura. Há uma porta lateral para que eles não precisem interromper seus clientes e se beneficiaria de ter outro negócio por perto. O que acha?

Douglas pensou um pouco e verificou a porta e onde poderia mandar construir uma divisória.

— Eu tenho um problema. O que eu faço com isso? — perguntou, levando David para a calçada e indo até o final do prédio, onde havia outra loja menor. — Isso também faz parte de minha propriedade; e sim, eu pensei em ter um negócio complementar para usá-lo. Foi sublocado até recentemente, quando a mulher que o administrava se aposentou.

David olhou pensativo para a grande janela.

— Você tem as chaves?

Douglas as entregou e seguiu seu amigo para dentro.

— Era uma loja de roupas femininas. Mas a proprietária sentiu que sua clientela, sendo do lado idoso, pode não se sentir confortável em fazer

compras ao lado de uma agência funerária. Acho que posso ter um problema semelhante para quem quer que eu subloque esta loja, e foi por isso que pensei que uma florista poderia trabalhar aqui - mas posso ver que sua ideia em incorporá-la à loja principal, é muito melhor.

David foi até os fundos da loja, onde encontrou uma pequena oficina e outra porta.

— Isso leva para fora, onde todos nós compartilhamos as instalações. Novamente, isso pode ser um problema para quem quer alugar a loja — disse Douglas.

David agora estava parado olhando pensativo pela grande janela enquanto observava os pedestres ocupados passando.

— Eu conheço o negócio perfeito para esta loja. Você pode me dar um tempo para convencer a pessoa que ela realmente precisa para se estabelecer sozinha? Posso lhe pagar algum dinheiro do aluguel para mantê-lo?

Douglas levantou a mão.

— Não há necessidade disso. E se eu estiver certo, acredito que sua Maisie também daria certo.



— O que está fazendo aqui, Sandy? — perguntou Sarah.

— Não pretendo lhe causar nenhum problema Sra. Gilbert. Só queria ver Freda para me despedir. Eu já estava indo quando ela me parou — disse ele, olhando para onde Maisie estava parada com os braços cruzados na porta.

— Ele fez Freda chorar, então eu o peguei pela nuca e o arrastei até aqui antes que ele saísse da loja.

— Não estou chateada, Maisie, só estou triste com o que aconteceu — explicou Freda. — Eu sei que não teríamos dado certo, então não estou

chorando pelo meu amor perdido. Sandy é água debaixo da ponte agora.

— Mas é *água alemã*, é isso que eu quero saber? — rosnou Maisie. — Você se aproveitou de George, e ele é um homem decente; e se insinuou nas afeições de Freda para ficar bem aos olhos de George. Não sei de onde você vem, mas por aqui fazemos as coisas de acordo com as regras. O que seus pais devem pensar de tudo isso?

Ele olhou para seu colo.

— Era mentira.

— Quer dizer que não tem família na Escócia?

— Não. Fui criado em um orfanato.

Freda se virou para encará-lo.

— Eu sei que já o superei, porém na época pensei que me amava... mas você estava mentindo — sua voz falhou com a emoção. — E você deu informações aos alemães sobre as coisas que estavam sendo construídas em Vickers? Como pôde nos vender ao inimigo? Queria que eles ganhassem a guerra e, sem dúvida, matassem todos nós em nossas camas?

— Não! — gritou Sandy, fazendo todas pularem. — Eu queria que a guerra acabasse. Na verdade, eu não queria que houvesse uma guerra. Sou um pacifista.

— Bem, você tem uma maneira muito engraçada de mostrar isso. E agora escapou de onde quer que estivesse preso — disse Maisie, cutucando-o nas costas algumas vezes para provar seu ponto. — Foi ferido em Dunquerque?

— Nunca estive no exército. Minha perna está assim desde que nasci, e é provavelmente por isso que fui abandonado.

— Perdi meu primeiro marido em Dunquerque — disse Maisie baixinho. — Tem alguma ideia de como isso é doloroso? Antes você estava contando mentira após mentira e ferindo as pessoas, e nem sequer tem

coragem de enfrentar o que merece. Se Woolworths vendesse armas, eu não pensaria duas vezes antes de segurar uma na sua cabeça e atirar à queimadura. Fico feliz que não tenha pais - ninguém deveria viver com a vergonha de ter uma criança como você.

A sala ficou em silêncio enquanto todos digeriam as palavras de Maisie. Sarah olhou para o telefone, imaginando se seu pai estava ouvindo.

— Como você escapou e para onde planejava ir, Sandy?

— Eles não estavam me observando muito bem, e surgiu a oportunidade para eu fugir. Meus amigos estavam providenciando para que eu embarcasse em um navio com destino à Irlanda. Antes de partir, queria falar com Freda e pedir desculpas.

— Você já disse, então vá embora — Maisie reclamou com ele.

— Não — disse Freda, colocando uma mão em seu joelho enquanto ele ia se levantar. — Eu quero que se entregue, Sandy. Faria isso, por favor?

Sandy pegou a mão dela.

— Não tenho certeza se posso, Freda. Você não tem ideia de como é ser um prisioneiro e saber que outros presidiários me matariam se soubessem por que estou preso.

— Não voltaria para me buscar? — ela perguntou, dando-lhe um olhar suplicante.

— Sinto muito — disse ele, levantando-se e voltando-se para a porta. — Foi um erro vir aqui. Eu só queria te ver mais uma vez, Freda. Você é a única coisa boa que aconteceu na minha vida, mas agora é melhor eu ir embora antes que alguém avise as autoridades.

— É tarde demais, filho — disse Mike Jackson enquanto abria a porta e entrava no escritório, seguido por três policiais.

— Como inferno ...?

Sarah pegou o telefone e falou baixinho com George.

— Obrigada, pai, te vejo mais tarde — disse ela, antes de recolocar o fone no gancho e se virar para Mike. — Parece que nós dois teremos papelada extra para fazer esta tarde.

Mike observou Sandy ser levado embora.

— Nesta ocasião, estou feliz em fazê-lo, se isso significar que pessoas como ele estão de volta à prisão. As senhoras estão bem? — ele perguntou, olhando para onde Freda estava sentada olhando para o nada. — Freda?

— Acho que ele realmente me amava — disse ela, com os olhos brilhando.

— Diga-me, Maisie, se a Woolworths vendesse armas, você teria usado uma? — perguntou Sarah.

— É certo que eu o faria.



— Está tudo aqui, meninas — disse George, levando Sarah e Maisie ao depósito onde estavam guardados os pertences de sua falecida esposa. — Sarah, eu tenho a caixa de joias de sua mãe trancada. Vou buscá-la para você. É sua para fazer o que quiser. Também quero que fique com sua estola de vison, mas quanto ao resto, pode resolver com Maisie o que deseja manter ou doar.

— Desde que tenha certeza, pai — disse Sarah, olhando-o de perto. — As coisas da mamãe não estão fazendo mal aqui, estão?

George parecia desconfortável e deu uma tosse envergonhada.

— O problema é que eu avisei sobre esta casa. Agora que a propriedade em Devon foi vendida, quero sair daqui dentro de um mês e morar em Erith.

— Papai! — Sarah gritou, e jogou os braços em volta do pescoço dele. — Estou muito feliz por querer ficar mais perto do resto da família. Onde vai morar?

— Acabei de assinar uma casa geminada perto da Avenue Road, atrás da Christ Church. Eu me perguntei se era um pouco grande para mim, mas Maureen disse que eu teria espaço para quando Georgina e Buster vierem me visitar.

— Maureen? — Sarah perguntou com uma careta. — Por que Maureen está lhe aconselhando?

— Eu apareci para ver Alan um dia e Maureen estava na oficina. Quando eu saí para ver a casa depois, ela me acompanhou. Fiquei feliz com sua companhia. Perambular por uma casa estranha sozinho não é minha ideia de diversão.

— Eu teria ajudado se tivesse me pedido — Sarah fez beicinho.

— Não posso incomodar minha garota agora que ela tem uma loja movimentada, posso? — disse ele, beijando-lhe o rosto. — Agora, faça sua seleção e eu vou colocar a chaleira no fogo. Eu até fiz um bolo — ele sorriu. — É uma das receitas de Maureen. Ela me disse que era fácil de fazer, mas vou esperar para ver o que vocês duas acham.

— Tem certeza de que não quer entrar e nos ajudar, George? — disse Maisie, olhando de esguelha para Sarah. Sua amiga parecia bastante infeliz.

— Não, vou deixar vocês com isso. Tenho um livro que quero terminar e a moda feminina não me interessa — disse ele.

— O que foi aquilo? — perguntou Maisie enquanto as duas amigas entravam no depósito.

— Sobre o quê? — Sarah franziu a testa enquanto pegava o primeiro dos casacos sobre uma cama de solteiro, segurando-o contra si. — Acha que isso combina comigo?

— Quero dizer a cara que fez quando seu pai mencionou Maureen. E não, não combina com você. É muito envelhecido até mesmo para uma empresária dos Woolies.

— Ah, isso — disse Sarah, dobrando o casaco e colocando-o de lado. — Papai e Maureen parecem ser um casal ultimamente. Até Nan tinha seus nomes ligados em sua lista de convidados do casamento.

— Você está sendo idiota. Por que Ruby não colocaria seus nomes juntos? Afinal, é seu pai e a mãe de Alan. Não significa nada. Além disso, isso foi há meses - por que se preocupar com algo tão trivial que aconteceu há séculos?

Sara encolheu os ombros.

— Sinto que Maureen está começando a entrar em cena, quando mamãe não se foi há um ano.

— Ela ficou grata a seu pai por sua ajuda quando sua perna ainda estava ruim, e ele estava muito na casa dela naquela época; mas era porque você morava lá, sua vaca maluca — disse Maisie enquanto pegava um vestido longo e parecia pensativa. — Eu poderia fazer lindos vestidos de festa para crianças com isso.

— Talvez tenha razão — disse Sarah, olhando para o vestido.

— O quê, sobre Maureen?

— Não, este vestido. Acho que mamãe nunca o usou. Sabe, você poderia fazer coisas adoráveis com todos esses vestidos. Por que não pega o lote e vê o que pode fazer com eles? Não há nada que eu queira. Tenho a estola de vison de mamãe e as joias. Ela costumava ficar tão impressionada com suas habilidades como costureira, que parece certo, que tenha tudo isso.

Maisie estava pensativa enquanto examinava as roupas.

— Você acha que seu pai vai nos dar uma carona para irmos com ele? Deus sabe o que David vai dizer quando chegar do trabalho e ver tudo isso.



— Olhe para o seu estado, Douglas — Betty repreendeu quando seu marido entrou pela porta da frente e se dirigiu para a sala de jantar enquanto a família estava sentada para jantar. — Você tem poeira em todo o seu terno — e o que é isso preso no seu cabelo? Vá se lavar e, pelo amor de Deus, tire o terno. Vou ter que ver como limpá-lo amanhã. Quem pensaria que um agente funerário poderia ficar em tal estado?

Clementine e Dorothy riram quando seu pai saiu da sala parecendo devidamente castigado.

— Devemos esperar pelo papai, você acha? — perguntou a filha mais velha.

— Seria a coisa certa a fazer. Ajude-me a levar os pratos para a cozinha, e eu os coloco no forno para mantê-los aquecidos.

As duas meninas seguiram obedientemente a madrastra até a cozinha e observaram enquanto ela colocava a comida no forno ainda quente.

— Podemos ler um pouco? — perguntou a menina mais nova.

— Que boa ideia, Dorothy; se for buscar minha bolsa, tenho um novo livro para você ler. Também tem algo para você, Clemmie — acrescentou, vendo o sorriso da garota desaparecer. — Eu sei que não gosta tanto de ler quanto sua irmã.

Clemmie sorriu para ela.

— Você me conhece muito bem, Betty. Eu gosto de ler, mas prefiro muito mais estar ao ar livre jogando hóquei, ou talvez indo ao cinema...?

Betty riu. Ela adorava suas duas enteadas e, após um começo difícil, sentiu que estavam pensando mais em sua nova mãe do que em alguém que havia se casado com seu pai.

— Achei que poderíamos ir ao cinema em família no fim de semana. Está passando um filme da Velha Mãe Riley no Odeon. Sei que gosta de Arthur Lucan.

— Oh, eu sei, mas você sabe se há um filme de Clive Danvers com ele? Freda nos contou que viu o último dele com a amiga Molly — disse Clemmie com olhos suplicantes.

Betty riu.

— Precisamos verificar no jornal local ou perguntar a Freda — as duas meninas agora eram amigas firmes de Freda, que às vezes ficava com a família Billington para cuidar das meninas e da bebê Charlotte quando Betty e Douglas tinham um compromisso.

Dorothy voltou para a sala carregando dois pacotes embrulhados em papel pardo. Ela passou um para a irmã e guardou aquele com o nome dela escrito em um canto.

— Ah, obrigada, Betty — ela disse enquanto desembulhava um livro. — Eu queria tanto ler Stuart Little — ela passou a mão sobre a capa com um suspiro antes de se acomodar em uma poltrona.

— Nossa! — declarou Clemmie, tirando um maço de fitas de cabelo coloridas e um pequeno recibo. — Um taco de hóquei — ela gritou de alegria antes de colocar a mão sobre a boca, sabendo que sua irmãzinha estava dormindo em seu berço no andar de cima.

— Não pude pegar o taco de hóquei hoje, então pensei que algumas fitas seriam aceitáveis — Betty sorriu quando sua enteada mais velha a abraçou.

— Espero que haja um desses para mim — disse Douglas enquanto descia as escadas, esfregando o cabelo úmido com uma toalha.

— É um abraço que você quer ou minhas fitas de cabelo? — Clemmie riu, afastando-se de Betty para que Douglas pudesse exigir seu próprio abraço.

— O que é tudo isso; andou mimando as garotas de novo? — ele perguntou, olhando por cima do ombro de Dorothy enquanto ela lia o livro.

Betty encolheu os ombros.

— Vale a pena estragá-las, e o tempo pesa sobre meus ombros ultimamente.

Douglas notou que sob seus sorrisos sua esposa estava infeliz. Ele percebeu quando ela pensava que ele não estava olhando, o quanto ela estava cansada. Ele pensou que tinha a resposta para o problema dela. — Vamos jantar, e depois tenho uma surpresa para você — disse ele, dando um beijo gentil em sua cabeça.

Depois de arrancar Dorothy de seu novo livro, eles desfrutaram de uma refeição descontraída, com Douglas regalando-as com histórias de suas tentativas de decorar as novas instalações.

— Deveria contratar um profissional para fazer o trabalho — Betty o repreendeu. — Você não apenas está muito ocupado para fazer essas coisas, mas um decorador poderia fazer muito melhor.

— Estou gostando — ele sorriu. — Além disso, David vai para me ajudar. Ele teve algumas ideias muito boas para o negócio. Espero que encontre uma posição adequada em breve. Parece ter ficado meio perdido desde o... acidente — disse ele, verificando as palavras enquanto as filhas o escutavam.

— Hmm... — Betty disse pensativa enquanto limpava a mesa.

Levando o café para a sala, depois de se despedir das meninas, pegou o jornal de Douglas e dobrou-o.

— Estive pensando nas novas instalações, Douglas.

— Eu também, querida, e tive uma ideia maravilhosa. Agora, sente-se e ouça.

— Mas, Douglas, eu também tive uma ideia...

— Por favor, ouça a minha primeiro, meu amor — disse ele, estendendo a mão e pegando as mãos dela. — Eu sei que você está infeliz desde que

deu à luz Charlotte e...

— Não, eu nunca poderia ser infeliz. Sou a mulher mais realizada que pode existir — ela o interrompeu.

— Sshh, quero dizer, em não ser mais uma trabalhadora. Você é uma mãe admirável para nossos filhos. Não — disse ele, erguendo a mão quando ela começou a falar. — É alguém que trabalhou toda a sua vida e atingiu um nível de gestão que muitos homens não poderiam alcançar. Foi preciso essa pessoa desajeitada para se apaixonar por você e arrancar o tapete de seus pés, e posso ver que está perdendo sua vida profissional.

— Oh, Douglas — disse Betty enquanto seus olhos começavam a brilhar de excitação. Ele estava dizendo que ela poderia tentar novamente se candidatar ao emprego na Woolworths? Seria uma batalha árdua mostrar à matriz que ela era capaz de administrar uma casa e uma loja movimentada, mas ela sabia que estava pronta para o desafio e, com o apoio do marido, isso poderia ser feito.

— Sim, eu deveria ter pensado nisso antes. Você seria a pessoa ideal para administrar nossas novas instalações em Erith.

Betty sentiu seu rosto desmoronar ao ouvir seus planos. Que tola ela foi por construir suas esperanças, apenas para vê-las despedaçadas.

— Douglas, por favor, desculpe, mas não posso fazer isso. Seria injusto da minha parte concordar com seus planos quando trabalhar em sua empresa me deixaria tão infeliz.

O rosto de Douglas caiu ao ouvi-la explicar como ela estava preparada para sustentar seu negócio, mas era dele, e ela não se encaixaria em trabalhar para o homem com quem vivia.

— Minha vida profissional sempre foi Woolworths e, de certa forma, estou de luto pela perda dessa vida — explicou ela. — Por favor, perdoe-me, meu querido.

— Não posso dizer que não estou desapontado — disse ele. —, mas respeito sua decisão. Achei que seria divertido trabalharmos juntos, mas posso ver como você ficaria infeliz trabalhando no meu mundo. Sinto-me um tanto responsável por tirá-la de Woolworths.

— Nunca pense que você me tirou do meu trabalho quando agora tenho tudo o que sempre quis — disse ela apaixonadamente. — Vou encontrar outra coisa para preencher meus dias. Eu poderia entrar para o WVS ou algo assim — disse com um falso brilho em sua voz.

Douglas assentiu com a cabeça, não sendo levado por sua sugestão por um momento.

— Qualquer que seja sua decisão, você sabe que tem meu apoio. Agora, o que queria me dizer?

— Douglas, eu acredito que você tem a pessoa ideal para administrar o lado Erith do negócio bem na frente do seu nariz. David Carlisle seria um parceiro de negócios ideal, não acha?

Douglas pensou por um momento.

— Céus, você está certa! Que idiota eu fui por nem pensar em David. Mas ele consideraria a proposta?

Betty riu.

— Oh, Douglas, vocês dois se dão muito bem, e para mim ele parece interessado no negócio. Isso seria tão bom para ele quanto para você e seus planos de expansão. Por que não liga para ele agora mesmo e lhe faz a proposta?

Douglas deu um breve beijo em sua esposa e saiu correndo da sala para fazer uma ligação para a casa de Carlisle.

Betty suspirou para si mesma enquanto servia o café, percebendo que agora estava morno. Se ao menos seu próprio problema pudesse ser resolvido tão facilmente quanto o de Douglas.



— **BEM, EU** nunca! — David exclamou, voltando para a sala da frente e abrindo caminho através de uma pilha de vestidos femininos amontoados no sofá para recuperar seu assento.

— Bem, você nunca o quê? — perguntou Maisie enquanto cortava cuidadosamente uma costura, desfazendo a saia de um vestido de lã verde-floresta. — Isso vai ser uma saia muito bonita para Sarah quando eu a reformar. Ela tem sido muito boa em me deixar ficar com todas essas coisas da mãe dela. Estou pensando em fazer um casaco infantil de verão com o que sobrou. Você acha que eu poderia conseguir uma barraca no mercado de Dartford para me alugar?

David ainda estava surpreso em como sua esposa podia estar pensando em três coisas ao mesmo tempo. Ignorando a costura dela, que parecia ter tomado conta da casa nos últimos dias, ele se concentrou em suas novidades.

— Me ofereceram uma parceria em um negócio, você acredita?

Maisie largou a tesoura e deu toda a atenção ao marido.

— Quem faria uma coisa dessas? Não que eu não ache que você seria um bom... seja lá o que for. — Ela sorriu.

— Foi o Douglas. De alguma forma, ele chegou à conclusão de que isso serviria para nós dois e queria me sondar. Ele tem grandes planos para o negócio, Maisie, e eu adoraria fazer parte disso. Mas isso significaria fazer um investimento, pois duvido que ele me contratasse apenas por minhas habilidades como decorador.

Maisie estava secretamente emocionada. Ela esperava muito que surgisse algo que interessasse a David o suficiente para uma nova carreira. Ajudar Douglas na última semana ou algo assim havia dado um salto em seu passo e tirado sua mente de seu braço machucado, o que significava que ele tinha mais um sorriso no rosto do que a carranca a que todos estavam acostumados.

— Podemos pagar? — ela perguntou, tentando ser sensível.

— Eu preciso discutir as coisas com ele adequadamente e descobrir o que está envolvido. Mas meus pais já haviam dito que me apoiariam se eu quisesse montar algo por conta própria, então poderíamos sempre recorrer a eles se fosse necessário.

Maisie viu o brilho de entusiasmo em seus olhos.

— Quer realmente fazer isso, não é?

— Eu realmente quero — disse ele. — Há outra coisa em que estive pensando.

Maisie franziu a testa. O que ele quis dizer?

— Quero que largue tudo e venha comigo agora — disse ele, levantando-se de um salto e pegando a mão dela.

— E as crianças? — Ela riu, arrebatada pelo entusiasmo dele.

— Podemos pedir a Ruby ou Freda para ficarem com as crianças por meia hora.

— Não sirvo para ser vista em público — gritou ela, olhando para o velho avental e a saia que usava para costurar.

— Ninguém vai te ver. Vamos, seja um demônio — Ele riu.

Há muito tempo Maisie não o via tão feliz.

— Tudo bem, mas eu preciso me maquiar ou não vou a lugar nenhum. Vou demorar cinco minutos.

Quando Freda chegou, Maisie já estava de casaco e pronta para sair de casa. Ela ficou intrigada ao saber o que seu marido estava fazendo e se apressou para acompanhá-lo enquanto ele marchava pela Alexandra Road e virava na Manor Road, que levava à High Street.

— Esta não é a nova funerária de Douglas? — ela perguntou, espiando pela janela com as mãos em concha.

— Não, essa parte fica ao lado. Isso, meu amor, vai ser “Modas de Maisie”, se aceitar o desafio — ele perguntou, tirando uma chave do bolso.

— Nossa! — disse Maisie ofegante ao entrar na loja e David acender a luz elétrica. — Manteve tudo isso em segredo.

— Se eu contasse, você teria explodido e dito que não queria ter sua própria loja de roupas. Veja, há uma sala de trabalho nos fundos, e esta porta leva a uma pequena cozinha e banheiro que terá que dividir com a porta ao lado. O que acha? — perguntou timidamente.

— Eu acho que você é um pedinte astuto, mas eu amo a loja, e eu te amo ainda mais, David Carlisle — disse, abraçando-o e dando-lhe um beijo sem se importar que pudessem ser vistos do lado de fora. — Ei, o que é isso? — perguntou, enquanto David a envolvia com os dois braços.

— Estava esperando o momento certo para mostrar a vocês que os exercícios que as crianças estão me ajudando, têm funcionado.

— Nossa, que noite. Suas perspectivas parecem boas; eu tenho um novo negócio e meu marido está funcionando plenamente mais uma vez.

— Ainda não — disse David, puxando-a de volta para seus braços enquanto estendia a mão para desligar a luz. — Mas temos a noite toda para garantir.



— É uma casa linda, pai — disse Sarah ao voltar do jardim e estremecer. — Embora esteja mais do que um pouco frio lá fora; acho que

não deveria estar cuidando do jardim enquanto está com essa tosse forte. A umidade não vai adiantar nada.

— Estou bem, não se preocupe comigo — George disse enquanto parava e se inclinava sobre a mesa onde estava cortando uma pilha de sanduíches, e outro acesso de tosse atormentava seu corpo. — Não está tão ruim quanto no outro dia.

Sarah fez uma careta para George.

— Mamãe não o deixaria ficar tão doente e continuar trabalhando. Deve descansar um pouco. Estou pensando em vir aqui todos os dias para ter certeza de que não está exagerando.

George riu.

— Você parece a Maureen. Ela estava me importunando ontem. Vou te contar o que eu disse a ela: as mulheres da minha vida não precisam se preocupar comigo. Eu posso cuidar de mim.

— Pai, posso te perguntar uma coisa? — disse Sarah, não gostando mais uma vez que Maureen parecia estar se intrometendo na vida de seu pai.

— Diga — disse ele, colocando os sanduíches em um dos melhores pratos de Irene.

— Em primeiro lugar, esses são os melhores pratos da mamãe, então tome cuidado com eles. Mas sério... não acha que está deixando a Maureen entrar demais na sua vida? Mamãe ainda não se foi há um ano e as pessoas podem falar — disse ela, um pouco temerosa, sem saber como George reagiria.

George pegou um dos pratos de chá e o virou nas mãos.

— Eu não tinha ideia. Talvez seja melhor eu empacotá-los e entregá-los a você. Sabe o quão desajeitado eu posso ser. Só achei que ficaram lindos naquela cômoda. Quanto a Maureen, não me preocupo com o que as pessoas têm a dizer. Nós dois sabemos que ela é uma velha amiga da

família e sua sogra, não é? — disse ele, olhando-a calmamente. — Você confia no seu velho pai, não é?

Sarah se sentiu péssima por expressar seus medos. Talvez devesse tê-los guardado para si mesma.

— Claro que confio em no senhor, papai, e não esperava que fizesse nada para fazer as pessoas falarem, mas talvez não devesse ser visto tanto com ela para que não tivessem motivos para fofocar.

George bateu no prato antes de lembrar que era um dos melhores de Irene e verificou se havia rachaduras.

— Ignore as fofocas, Sarah. Você não se incomoda com nenhuma conversa, não é?

— Bem, não por outras pessoas, mas tem que admitir que é bastante estranho quando ainda estamos de luto.

George deu um pequeno sorriso.

— Considerando que minha própria mãe se casou seis meses após a morte de sua mãe, acho que não precisamos nos preocupar. Você está preocupada, Sarah? — perguntou, olhando-a nos olhos.

Sarah se contorceu em seu assento.

— Um pouco, mas estou mais preocupada com o senhor — ela disse baixinho.

— Então não fique — disse ele, piscando para ela. — Agora coma ou vai se atrasar para o trabalho, e não podemos permitir isso. Ouvi dizer que o novo gerente da Woolworths é um verdadeiro tirano — ele riu, antes de começar outro acesso de tosse.

Sarah rapidamente terminou sua comida e se despediu de seu pai. Ela adoraria ficar com ele e garantir que ele não exagerasse, mas novamente Woolworths estava exigindo sua atenção.

De volta à loja, houve uma reclamação de um cliente de que um dos novos funcionários havia sido indelicado e imprudente em resposta a uma pergunta. Demorou quase uma hora para acalmar a senhora com xícaras de chá e promessas de que o incidente seria investigado, enquanto Maisie levava a chorosa funcionária à cantina e escrevia um relatório. Então mandou a jovem passar o dia em casa, dizendo que ela não seria demitida, mas para lembrar-se de que a cliente sempre tinha razão - independentemente de quão rude ela pudesse ser.

— Caramba, foi um trabalho e uma ajuda — suspirou Maisie quando se encontraram depois, no escritório de Sarah. — Aquela pobre garota tinha certeza de que iria embora com seus papéis. Eu disse a ela para não ser boba e expliquei que nem todos os clientes são agradáveis. O que você acha?

Sarah bocejou e esticou os braços acima da cabeça.

— Eu acho que você está certa. Ela estava causando problemas por causa disso e escolheu uma das assistentes mais jovens de propósito. Ela era boa, admito - mas começou a me contar como a mesma coisa aconteceu na loja de Bexleyheath e como ela recebeu uma compensação por meio de alguns produtos gratuitos. Eu disse a ela para voltar amanhã e eu teria algo para lhe dar. Enquanto isso, ligarei para eles em Bexleyheath e descobrirei o que aconteceu. Se necessário, darei uma palavra na delegacia. Uma palavra de um oficial pode acabar com seus joguinhos.

Maisie riu.

— Já vimos de tudo antes, não é?

— Você pode dizer isso de novo; mas obrigada por toda a sua ajuda. Eu não poderia ter lidado com isso sozinha. Formamos uma boa equipe, não é?

O rosto de Maisie perdeu o sorriso largo.

— Para ser honesta, eu queria trocar uma palavra com você sobre meu aviso. Não vai demorar cerca de um mês, mas queria ser justa e contar o mais rápido possível. Também porque é por causa de sua mãe que posso até pensar no que vou fazer.

Maisie passou a explicar a Sarah sobre a loja ao lado das novas instalações de Douglas e a oferta de negócios de David.

— Estou tão animada. Eu quero vender roupas femininas e infantis, bem como coisas quase novas, e fazer algumas coisas com o que seu pai me deu será um bom começo. Você está feliz por mim?

Sarah levantou-se e deu a volta na mesa para abraçar a amiga.

— Como eu poderia não estar feliz por você? É a ideia de negócio perfeita e pretendo ser uma das suas primeiras clientes. Mesmo assim, vou sentir sua falta como uma louca. Não será o mesmo aqui sem você. Eu a invejo.

— Só estarei na rua ao lado, para que possamos nos ver com frequência. E estarei aqui comprando a maior parte do balcão de retrosaria — sorriu Maisie.

— Estará aqui para a festa de Natal dos velhos soldados? Eu estava contando com você para ajudar com o entretenimento.

— Eu não perderia isso por nada no mundo — disse Maisie, notando que a amiga estava um pouco pálida.

— Ah, que bom! Implorei a Betty que voltasse para poder tocar piano na cantoria e ver todo mundo de novo. Vai ser quase como nos velhos tempos — disse Sarah, colocando uma cara corajosa na situação, embora parecesse que todas as suas amigas de Woolworths a estavam abandonando. Com Freda cortando suas horas para ficar com Molly após o trágico acidente de seus pais, parecia que Sarah logo seria a mosqueteira restante na filial de Erith.



— Olá, George, não está trabalhando esta tarde? — Alan perguntou enquanto levantava os olhos de varrer o chão da oficina. Ele vinha fazendo muito isso ultimamente, com quase nenhum trabalho de reparo para mantê-lo ocupado.

— Tirei alguns dias de folga para me instalar na nova casa — respondeu o sogro, sentando-se pesadamente no único assento antigo e batendo no peito antes de outro ataque de tosse sacudir seu corpo.

— Caramba, isso está soando mal. O senhor já foi ao médico? — Alan perguntou, correndo até uma pia de pedra lascada no canto da sala para encher um copo com água fria. — Aqui, beba isso — ele observou enquanto George tomava um gole da água e a tosse diminuía.

— Obrigado, foi apenas uma caminhada rápida até aqui... e o ar frio que fez isso... estarei bem em alguns minutos — disse ele, respirando pesadamente e segurando o peito com uma das mãos.

Alan não tinha ideia do que fazer, além de tentar manter George calmo. Se ele tivesse um telefone, teria ligado para alguém pedindo ajuda, mas por enquanto só podia encorajar George a pegar leve nas coisas.

— O que o fez vir aqui hoje? O tempo não está muito bom lá fora, e está ficando mais sombrio a cada minuto — ele sorriu, pegando sua vassoura para continuar limpando. — Eu estava pensando em parar e chegar em casa mais cedo, já que não há muito o que fazer.

— Foi por isso que vim vê-lo — George respondeu, limpando a garganta. — Sarah veio me ver na hora do almoço e me surpreendeu, ela tinha acabado de sair quando recebi um telefonema. Sei que já faz um tempo desde que prometi ajudar com o seu trabalho, mas um de meus pedidos finalmente chegou — ele enfiou a mão no bolso da jaqueta para pegar um pedaço de papel. — Sei que as coisas têm sido difíceis e lamento ter

demorado um pouco para encontrar algum trabalho para você — acrescentou, estendendo o papel, que escorregou de seus dedos para o chão.

Antes que Alan pudesse alcançar George para pegar a nota, George estava se curvando para onde a nota havia caído, e a ação o fez começar a tossir mais uma vez. Seu corpo tremeu tanto que ele caiu no chão de pedra antes que Alan pudesse alcançá-lo, batendo a cabeça ao cair.

— George! Caramba, George, você está bem?! — Alan gritou enquanto se inclinava sobre o sogro. Rolando o homem mais velho de onde ele caiu de cara para baixo, ficou chocado ao ver que ele estava inconsciente e o sangue escorria de um corte em sua testa. — Vou conseguir uma ajuda para você, George — sussurrou perto do ouvido do homem. — Se pode me ouvir, só vou demorar alguns minutos, então fique quieto e não se mexa — olhou em volta e pegou um dos panos que usava para cobrir as motos. Tinha riu quando sua mãe insistiu em lavá-los, mas agora silenciosamente a abençoou enquanto dobrava um para colocar sob a cabeça de George e colocava outros dois em volta dele para mantê-lo aquecido.

Saindo correndo da oficina, ele desceu a Crayford Road até o pub Prince of Wales e pediu que chamassem uma ambulância, explicando o problema. Sem parar, atravessou a rua correndo até a casa de sua mãe e bateu na porta da frente.



— Onde está sua chave? — Maureen perguntou antes de ver o pânico nos olhos de seu filho enquanto ele explicava por que estava lá.

— Volte para perto de George e estarei com você assim que conseguir alguém para ficar com as crianças — disse ela, assumindo o comando. — Sente-se e converse com ele, amor, mesmo que ele ainda esteja inconsciente — acrescentou enquanto o enxotava pelo caminho, antes de se inclinar sobre a cerca baixa de madeira para bater na porta da frente de seu vizinho.



— Estão todos no hospital, querida — gritou a vizinha de Maureen enquanto Sarah enfiava a chave na fechadura. — Seus filhos estão na casa da sua avó — ela começou a explicar. Sarah levou apenas alguns segundos para digerir o que a mulher havia dito antes de correr o mais rápido que pôde para a casa de Ruby, parando apenas no caminho para tirar os sapatos para que ela pudesse correr um pouco mais rápido.

— Nan! — ela ofegou enquanto batia na porta do número treze. — Nan, o que está acontecendo?

Ruby abriu a porta com Buster em seus braços.

— Oh, amor, entre e se acalme. Parece pronta para desmaiar.

— Mas o que aconteceu? Quem está no hospital, é Alan ou Maureen?

Ruby a conduziu até a sala de estar, onde Myfi estava montando um quebra-cabeça com Georgina.

— Sejam boas meninas e brinquem com Buster um pouco, sim? Quero dar uma palavrinha com Sarah na sala da frente.

As meninas sentaram-se em um tapete de trapos em frente ao fogo e Ruby apoiou Buster entre algumas almofadas, onde ele sorriu para elas enquanto acenavam um bonequinho na frente dele, para seu deleite.

— Elas são boas meninas — Ruby sorriu enquanto fechava a porta atrás de si. Elas foram para a sala da frente e se sentaram. — Eu tive que contar a elas o que aconteceu, pois pensei que poderiam se preocupar.

— Pode me dizer o que está acontecendo? — Sarah perguntou exasperada.

— É o seu pai. Ele estava na oficina de Alan e teve um ataque de tosse, caiu e cortou a cabeça. Alan e Maureen estão com ele, e Alan usou o telefone para me contar o que estava acontecendo. É a primeira vez que fico

feliz por ter essa coisa — acrescentou ela, olhando para o aparelho no aparador.

— Mas por que não foi para o hospital com Alan? Afinal, papai é seu filho. Maureen só é parente por casamento — Sarah disse com um olhar mal-humorado em seu rosto. A hora do almoço parecia ter passado anos, e ela já havia esquecido as palavras dele sobre não ser emocionalmente ligada a Maureen.

Ruby deu um tapinha na mão da neta.

— Prefiro ficar aqui esperando notícias e de olho nas crianças. Pelo que pude perceber, Maureen correu para a oficina para ficar com Alan e sua vizinha cuidou das crianças até que eu as pegasse. Alan ficou um pouco abalado, mas está bem agora — disse ela. — Acho que você quer ir lá.

— Eu gostaria, mas deveria vir comigo. Acha que Gwyneth cuidaria das crianças?

— Já está combinado. Assim que você tomar uma xícara de chá, podemos deixá-los na estrada e subir para o hospital rural. David Carlisle disse que vai nos levar até lá.

— Todo mundo está sendo tão gentil — disse Sarah. — Mas ainda não entendo por que Maureen está lá.

— Ela pensa muito em George. Você sabe que eles eram muito próximos antes de sua mãe entrar em cena, não é?

— Eu sabia que mamãe era amiga de Maureen quando ela conheceu papai... — Sarah disse com um olhar questionador.

— Deixe-me servir uma xícara de chá para você, depois conto mais. Talvez queira lavar os pés também — disse ela, olhando para os pés sujos de lama de Sarah. Sarah a seguiu até a cozinha e pegou uma tigela de água, adicionando um pouco de água quente da chaleira. Tirou as meias

estragadas e esfregou rapidamente os pés até ficarem limpos. Teria que ficar sem meias se quisesse ver o pai o mais rápido possível.

— Agora, como eu estava dizendo, seu pai tinha um grupo de amigos dos tempos de escola e eles saíam juntos para caminhadas, danças e coisas assim. Eles eram jovens e foi pouco antes do início da última guerra. Maureen era doce para nosso George. Eu podia ver isso pelo jeito que ela o seguia. Mas então os rapazes partiram para a guerra e as coisas começaram a mudar. Seu pai teve sorte e voltou para casa de licença, e lá com nossa Maureen estava sua amiga Irene. Maureen não deu uma olhada, e com seu pai voltando para a França, ele e sua mãe tiveram um namoro rápido. Antes de deixar estas costas, ele se casou com Irene, e você chegou antes do fim da guerra.

— E Maureen?

— No primeiro dia em que George conheceu Irene, ela sabia que tudo estava acabado, e logo depois disso ela se casou com um dos outros rapazes e continuou morando em Erith. Não vou falar mal dos mortos, mas acho que Irene ter levado seu pai para Devon teve algo a ver com Maureen. Irene queria alguma distância entre todos eles, caso seu pai percebesse que ele era doce com Maureen quando eram crianças.

— E Maureen nunca esqueceu seu primeiro amor?

— Acredito que sim, e por isso quero que você seja generosa e deixe que isso siga seu curso. Nada de ruim vai acontecer. Os dois amavam Irene e não fariam nada para manchar sua memória.

Sarah enxugou os olhos quando percebeu que as lágrimas começaram a cair.

— Oh, Nan, é tudo muito triste, não é? A guerra fez coisas horríveis para casais que esperavam ficar juntos para sempre. Betty e seu Charlie; Maisie e seu Joe...

— Então eles começaram a amar novamente, e com novos parceiros que conheceram seus primeiros amores.

— Assim como papai e Maureen...?

— Sim, assim como George e Maureen — *e assim como eu e meu Bob*, Ruby pensou consigo mesma. — Então você vai dar uma chance a eles, hein?

— Eu quero, Nan, eu quero.

Nem uma hora se passou desde que Sarah chegou ao número treze quando eles entraram no carro de David e partiram para o hospital do outro lado de Erith.

— Não vou entrar, porque devo ficar cuidando das crianças enquanto Maisie costura. Ela tem muito estoque para fazer antes que a loja abra em dezembro — disse ele.

— Desceremos todos para ajudá-la. Estou tão orgulhosa da menina. Vocês dois chegaram a isso. Olhe como seu braço está se recuperando - bom o suficiente para dirigir seu carro — Ruby disse, olhando atentamente para as mãos dele de onde ela estava sentada no banco do passageiro da frente. — Você pode dirigir com as duas mãos, não pode?

David sorriu ironicamente.

— Como se eu estivesse carregando uma carga preciosa se não pudesse dirigir com segurança. Agora, liguem para nós quando estiverem prontas para voltar para casa e eu virei buscá-las.

Sarah correu na frente de Ruby, que estava se despedindo de David. Ela foi levada a uma enfermaria onde Alan estava sentado em um banco do lado de fora.

— Ah, Alan! — exclamou ela, abraçando-o com força. — Agora, conte-me tudo antes de eu ir ver o papai. Se eu achasse que ele estava tão doente assim, não o teria deixado na hora do almoço. Este maldito trabalho na

Woolworths está me afastando daqueles que amo — disse ela com amargura.

Alan explicou tudo o que aconteceu na oficina e como Maureen tinha sido uma completa fortaleza cuidando de George antes da chegada da ambulância, enquanto ele estava fora de si de preocupação.

— Você sabia que mamãe não parava de chorar quando levou George para dar pontos na cabeça? Acho que foi o choque.

— Não; eu acredito que ela está um pouco apaixonada pelo meu pai — não que ele saiba disso — disse Sarah.

— Droga, eu não tinha notado — Alan sorriu. — Como se sente sobre isso? — ele disse, pegando a mão dela gentilmente.

Sarah pensou no que Ruby havia dito a ela.

— Estou bem com isso. Sim, estou bem. Agora, diga-me o que papai estava lhe dando quando caiu?

— Eu tinha esquecido disso — disse ele, enfiando a mão no bolso do macacão e tirando o pedaço de papel. — Eu não acredito nisso! Olhe! Não é à toa que George veio correndo me ver — disse ele com uma risada abafada quando ela o pegou de sua mão.

— Aqui diz que você tem um compromisso amanhã para ver o gerente de frota no prédio da GPO em Crayford sobre o conserto de suas motocicletas. Ah, Alan, que notícia maravilhosa! — disse ela, atirando-se nos braços dele.

— Agora, o que é tudo isso? Aconteceu alguma coisa com o nosso George? — Ruby disse ansiosa enquanto se aproximava.

— Não, Nan. É que papai conseguiu que Alan se candidatasse a um emprego de mecânico de motocicletas no GPO. Não é maravilhoso?

— Com isso em meu currículo, você não terá que trabalhar tantas horas na Woolworths — disse Alan. — Sei que prefere ficar em casa cuidando de

todos nós.

Os olhos de Sara brilharam.

— Isso seria maravilhoso.

— Tenham calma! — disse Ruby. — Você tem responsabilidades, mocinha. Os gerentes da Woolworths não podem sair correndo quando querem, então pense bem. Agora, vamos entrar e ver como está o George, certo?

Sarah sentiu como se tivesse tido um breve vislumbre de felicidade, apenas para tê-la roubada. Será que seu sonho se tornaria realidade?



DEZEMBRO DE 1945

— **ACHO QUE** podemos começar a cantoria, não acha, Betty? — disse Maisie com um sorriso.

Betty assentiu e pegou sua bolsa, onde guardara suas partituras. Ela escolheu uma seleção de canções natalinas e começou a tocar. Logo a equipe e os convidados estavam cantando “*O Come, All Ye Faithful*” com entusiasmo, seguido de “*O Little Town of Bethlehem*”.

— Vai ser uma festa linda — disse Freda ao se juntar a Maisie. — Temos um presente para cada um dos velhos soldados, e um adorável chá graças a Maureen colocando coisas de lado e dispensando nossos fornecedores. Espero que no ano que vem as coisas não estejam tão apertadas e possamos dar a eles um desempenho ainda melhor.

— Sim, isso seria bom, e não se esqueça que vou voltar para ajudar. Não vai se livrar de mim tão facilmente.

Freda passou o braço pelo de Maisie.

— Vai ser estranho não tê-la aqui todos os dias — disse ela com a voz trêmula.

— Caramba, Freda, eu moro do outro lado da rua e minha loja fica logo ali na esquina. Você provavelmente me verá mais. Não fique tão miserável quanto Betty; olha a cara triste dela. Era de se pensar que, com o marido expandindo seus negócios e ela tendo aquele lindo bebê, estaria nas nuvens. Nunca vi um rosto tão infeliz em alguém na época do Natal.

— Sarah está tão triste quanto. Alan tem aquele grande contrato com o GPO, e George está fora do hospital e se recuperando depois daquela

terrível infecção no peito, mas ela está agindo como um fim de semana chuvoso em Brighton — disse Freda, olhando do outro lado da sala para onde Sarah estava em pé, em um mundo só dela.

— Você já esteve em Brighton? — perguntou Maisie.

— Não, mas você sabe o que quero dizer — Freda riu. — Gostaria que pudéssemos fazer algo para animar as duas. Não gosto de ver minhas melhores amigas tão infelizes. Ao menos Vera e Ruby estão se divertindo. Nunca vi alguém se ajoelhar ao som de uma canção de Natal antes. Eles podem apenas ter compartilhado um copo de xerez com Maureen na cozinha.

Maisie ficou pensativa.

— Talvez eu tenha uma ideia para animar nossa Sarah. Ela disse que Gina Jones, da matriz, viria para a festa, não disse?

— Sim, e com a loja fechando, é melhor ela ficar atenta ou não haverá ninguém para deixá-la entrar — disse Freda, olhando para o grande relógio na parede da cantina dos funcionários.

— Vou dar uma passada e ficar de olho. Quero ter uma palavra com ela antes que se junte à festa. Cubra-me, Freda, e não diga a Sarah onde estou.

Freda balançou a cabeça, sem ter ideia do que Maisie estava fazendo, enquanto sua amiga se esgueirava para fora da sala.

No andar de baixo, a loja tinha o mínimo de luzes acesas enquanto alguns faxineiros cuidavam de seu trabalho e uma supervisora estava de pé ao lado de uma porta lateral segurando um molho de chaves, pronta para trancar. De olho na porta, Maisie correu para os faxineiros para lembrá-los de subir e se juntar à festa. Ela não gostou da ideia de alguém trabalhar enquanto o resto se divertia lá em cima na cantina dos funcionários.

Ela estava indo até a porta lateral para conversar com a supervisora quando viu Gina Jones saindo do carro. Pensando que um dia gostaria de

aprender a dirigir sozinha, para poder carregar as crianças e transferir o estoque da loja para cima e para baixo, Maisie ergueu a mão para cumprimentar a inspetora. Depois de um cumprimento educado enquanto subiam, ela impediu Gina de entrar na cantina para se juntar à festa.

— Poderíamos ter uma conversa rápida no escritório, por favor?

Gina parecia perplexa. Ela já sabia que Maisie deixaria a empresa no dia seguinte e estava curiosa para saber o que a simpática senhora tinha a dizer. Ao fundo, ela podia ouvir a equipe e os convidados cantando um Pot-pourri de canções de Vera Lynn, enquanto Maisie fechava a porta atrás delas.



— Superou todos os obstáculos, Maureen — disse Ruby enquanto a ajudava a passar manteiga no pão e Vera estava do outro lado espalhando pasta de peixe. — Eu não deveria ter feito aquela dancinha agora; estou bastante exausta e a noite mal começou.

— Eu sei exatamente como se sente. Estive de um lado para o outro na casa de George, verificando se ele está bem. Graças a Deus minha perna ruim está quase curada. Sarah sugeriu que eu fosse morar com ele por mais ou menos uma semana, mas sabe como as pessoas falam — disse Maureen, cutucando Ruby nas costelas e acenando para Vera.

— Não deveria se preocupar com o que as pessoas pensam — disse Vera enquanto lambia os dedos. — Há fofocas demais para o meu gosto. Viva e deixe viver é o que eu digo — acrescentou ela, enquanto as outras duas mulheres caíam na gargalhada.

Maisie saiu do escritório.

— Maureen, você poderia me fazer um favor e assumir o piano enquanto eu pego Betty emprestada? — ela perguntou.

— Claro que sim, meu amor. É só a desculpa de que precisava para me sentar um pouco — disse Maureen, seguindo Maisie até o instrumento.

Betty estava terminando de acompanhar Sarah enquanto ela cantava “The White Cliffs of Dover”, para aplausos dos velhos soldados.

— Betty, Sarah, vocês são chamadas no escritório para trocar algumas palavras com a Sra. Jones — disse Maisie. — Se apressem; melhor não a deixar esperando.

Sarah e Betty se entreolharam com expressões confusas e a seguiram para fora da sala enquanto Maureen começava a tocar “*Run Rabbit Run*”, com os convidados participando.

— Entrem e sentem-se — Gina sorriu de dentro do escritório. — Espero que não se importe que eu use seu escritório? — ela perguntou a Sarah, que apenas balançou a cabeça. *O que será que a inspetora queria?* Sua mente estava vagando pela papelada que ela havia feito recentemente.

— Não fique tão preocupada, Sarah. Não há nada de errado. Estou aqui porque quero dar uma palavrinha com as duas, e espero que possamos chegar a algum tipo de acordo que as deixem mais felizes do que têm estado ultimamente. Um passarinho me disse que nenhuma de vocês está inteiramente feliz com Woolworths no momento.

Betty franziu a testa.

— Não trabalho mais para a Woolworths, sra. Jones, então não tenho certeza do que quer dizer.

— Sente falta disso?

— Ah, sim — Betty concordou com um sorriso triste.

— E quanto a você, Sarah, prefere ficar com sua jovem família e apoiar o novo negócio de seu marido? — Gina continuou.

— É o meu sonho — disse Sarah com sinceridade. — Mas eu não gostaria de decepcionar Woolworths, pois a empresa tem sido muito boa para mim e para meu marido.

— Então é um prazer convidá-la, sra. Billington, a voltar como gerente da loja... e a você para passar as rédeas, sra. Gilbert — disse Gina com um sorriso radiante. — É claro que não vou deixá-la escapar tão facilmente, Sarah, pois Betty precisará de uma supervisora de equipe que possa implementar os planos de treinamento de pessoal que você elaborou. Mas em tempo parcial, para que ainda tenha tempo para sua família.

Sarah e Betty se entreolharam e começaram a rir.

— A senhora me fez uma mulher muito feliz — disse Betty, pela primeira vez pegando um lenço branco para enxugar os próprios olhos.

— E não sei como lhe agradecer — disse Sarah, levantando-se de seu assento para beijar o rosto da inspetora.

— Vamos apenas dizer que este é um presente da Woolworths por todo o trabalho duro que as duas fizeram, carregando a loja durante os dias mais sombrios da guerra. Agora, vamos entrar na festa. Sei que gostaria de uma bebida, e não me refiro a uma xícara de chá.



NATAL DE 1945

— **ONDE QUER** que você esteja, servindo em nossa ampla e livre Comunidade de Nações, sempre se sentirá em casa. Embora separado pelas longas milhas marítimas de distância, ainda estará no círculo familiar.

— Ao Rei — disse George, e eles se levantaram e ergueram seus copos como um só, no final do hino nacional após o discurso do Rei.

— Realmente parece Natal agora que ouvimos o Rei George. Ele nos acompanhou em tempos difíceis e é apropriado ouvi-lo novamente, agora que não estamos mais em guerra — disse Bob enquanto desligava o rádio.

George levantou-se novamente.

— Antes de esvaziar seus copos, gostaria de dizer mais algumas palavras. Vimos algumas mudanças desde que nos reunimos aqui para o Natal de 1938, quando nossa Sarah veio morar com a avó. Recebemos novos amigos e jovens membros da família e nos despedimos de outros. Vimos nascimentos, alguns casamentos também — ele ergueu o copo para Ruby e Bob — E tivemos doenças e ferimentos, e fomos abençoados por termos pessoas cuidando de nós — sorriu para Maureen, que corou ligeiramente enquanto todos os olhos ao redor da mesa se voltavam para ela. — O rei George mencionou o círculo familiar, e certamente temos uma família extensa aqui hoje. Estive pensando sobre essa família e como tudo aconteceu. A meu ver, devemos agradecer aos Woolworths por fazermos amigos e vermos nossas famílias prosperarem. Então, por favor, ergam seus copos novamente e vamos todos brindar a Woolworths.

— Woolworths! — todos aplaudiram.

— Caramba, estou cheia! — comentou Maisie enquanto trocava as fraldas das gêmeas na cama de Ruby, ajudada por Freda.

— Eu me senti bastante chorosa com o esplêndido discurso de George — Betty disse de onde ela estava sentada do outro lado, cuidando de Charlotte.

— Papai sempre faz um bom discurso — Sarah concordou abotoando o macacão de Buster enquanto ele cochilava em seus braços.

— Percorremos um longo caminho desde que nos conhecemos, não é? — Freda disse. — Apenas pense: se Betty não tivesse aceitado todas nós quando nos conhecemos naquela entrevista em novembro de 1938, provavelmente não estaríamos aqui hoje.

— Posso dizer com certeza que vocês mudaram minha vida, e para melhor. — Betty sorriu para suas amigas.

— Eu me pergunto o que o futuro nos reserva agora que esta guerra acabou? — Sarah disse enquanto seu filho se agitava em seus braços.

— Teremos que esperar para ver — Betty sorriu. — Estamos entrando em um novo futuro brilhante e sei que estou mais do que um pouco animada com o que isso trará. Como diz o ditado, quando uma porta se fecha, outra se abre — então teremos que esperar para ver o que está por trás dessa porta. Aconteça o que acontecer, estaremos juntas, e isso é o que importa.



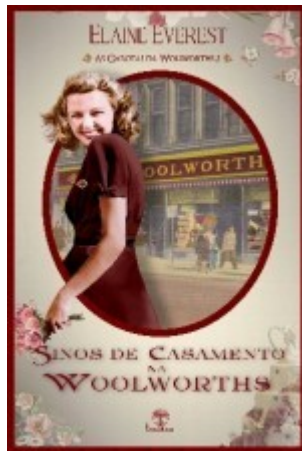
Uma Carta de Elaine

Caro leitor,

Aqui estamos no final do quarto livro de Woolworths. Quando comecei a escrever aquele primeiro livro, mal sabia eu que seria tão bem recebida e que você levaria meus livros e minhas filhas a sério. Como você acabou de ler, a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim e, de muitas maneiras, a história de The Woolworths Girls seguiu seu curso. Sempre foi meu sonho ver como meu grupo de familiares e amigos sobreviveria durante os anos de guerra, e tive a sorte de fazer exatamente isso. Devo confessar que me arrastei enquanto escrevia os capítulos finais de A Gift from Woolworths, pois sabia que estava me despedindo dos amigos que criei nos últimos anos. Eu estava me despedindo e já de luto pelos meus companheiros. No entanto, nas últimas semanas, comecei a me perguntar o que aconteceria com as meninas depois da guerra. Será que Freda algum dia encontraria o amor verdadeiro? E Maisie e seus filhos? Seria lindo vê-los crescer. Sarah conseguiria a casa dos seus sonhos com rosas na porta? Comecei a fazer anotações enquanto penso nas garotas de Woolworths se mudando para um futuro pacífico, um futuro onde elas teriam um serviço do NHS, uma Olimpíada em Londres e uma jovem rainha no trono inglês.

Como você vê a vida futura das Woolworths Girls? Visite minha página de autor no Facebook e deixe-me saber.

Muito amor, Elaine, beijos



Julho de 1947. A Grã-Bretanha ainda é dominada pelo racionamento, mesmo quando a emoção do noivado da princesa Elizabeth varre a nação. Na cantina da Woolworths, Freda ainda sonha em conhecer seu próprio príncipe encantado. Até agora, ela tem tido azar no amor.

Quando sofre um acidente na moto, derrubando um ciclista, parece que o azar ainda a segue por aí. Anthony não é apenas um colega de Woolworths, mas uma esperança olímpica. Será que sua perna ferida cicatrizará a tempo de ele competir? Será que ele conseguirá perdoar Freda?

A idílica vida familiar de Sarah está ameaçada pelas preocupações com seu marido, Alan. Será que ele ainda a ama?

Os amigos devem se reunir para enfrentar juntos alguns dos desafios mais difíceis de suas vidas. E apesar de experimentarem perdas, dificuldades e choques ao longo do caminho, o amor está no horizonte para as meninas Woolworths...

Sinos de Casamento para Woolworths é o quinto livro da série muito amada, As garotas da Woolworths de Elaine Everest.

As Garotas da Woolworths

WOOLWORTHS LIVRO 1



9786588382417

[Adquira aqui](#)

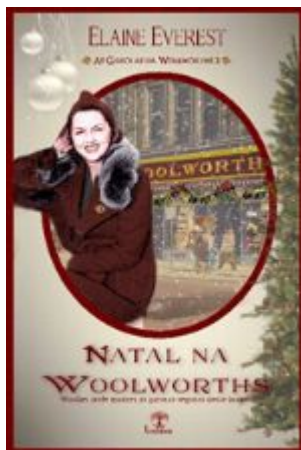
Pode o romance florescer em tempos difíceis?

Estamos em 1938 e, como a ameaça de guerra paira sobre o país, Sarah Caselton está se preparando para seu novo emprego nas lojas Woolworths. Em pouco tempo, ela forma um vínculo estreito com duas de suas colegas: a glamourosa Maisie e a tímida Freda. O trio não poderia ser mais diferente, mas elas imediatamente formam uma estreita amizade, compartilhando suas esperanças e sonhos para o futuro.

Sarah logo entra no ritmo de sua nova posição, aproveitando os eventos sociais organizados por Woolies e seu romance florescente com o jovem assistente do gerente, Alan. Mas com a ameaça de guerra nublando o horizonte, os rapazes e moças de Woolworths percebem que há batalhas

maiores pela frente. É um momento perigoso para a nação e um momento ainda mais perigoso para se apaixonar...

WOOLWORTHS LIVRO 2



9786580754175

[Adquira aqui](#)

Pode o romance florescer em tempos difíceis?

Estamos em 1938 e, como a ameaça de guerra paira sobre o país, Sarah Caselton está se preparando para seu novo emprego nas lojas Woolworths. Em pouco tempo, ela forma um vínculo estreito com duas de suas colegas: a glamourosa Maisie e a tímida Freda. O trio não poderia ser mais diferente, mas elas imediatamente formam uma estreita amizade, compartilhando suas esperanças e sonhos para o futuro.

Sarah logo entra no ritmo de sua nova posição, aproveitando os eventos sociais organizados por Woolies e seu romance florescente com o jovem assistente do gerente, Alan. Mas com a ameaça de guerra nublando o horizonte, os rapazes e moças de Woolworths percebem que há batalhas maiores pela frente. É um momento perigoso para a nação e um momento ainda mais perigoso para se apaixonar...

WOOLWORTHS LIVRO 3



9786554440240

[Adquira aqui](#)

As meninas Woolworths percorreram um longo caminho juntas ...

Estamos em março de 1943 e a vida das funcionárias da Woolworths e de suas famílias continua.

A divertida e amorosa Maisie, é dedicada à sua jovem família e ao seu trabalho em Woolworths. Mas sua vida feliz com seu marido oficial da RAF e sua filha bebê, a leva a pensar na família que deixou para trás... Com a guerra agora em seu quarto ano, o que encontrará quando começar a procurá-los?

Sarah e seu marido, Alan, são felizes e desejam um irmão para sua filha. Mas dias sombrios se aproximam para esta família tão unida.

Freda também se pergunta sobre sua família, e alguns eventos significam que ela terá que enfrentar o passado voltando para Birmingham e a vida da qual fugiu, para procurar sua família - longe da segurança de Woolworths e de seus novos amigos.

Com a separação que as famílias fizeram com a guerra, será que as meninas Woolworths serão capazes de voltar a unir-se?

Tempo de guerra na Woolworths é o terceiro volume da tão amada série As Garotas da Woolworths, da escritora best-seller Elaine Everest. Mais da série



Agradecimentos

A jornada para publicar meus livros Woolworths foi uma grande aventura. Embora eu tenha trabalhado como escritora por mais de 21 anos, o salto para ser uma romancista principalmente, foi importante. Foi preciso conhecer minha adorável agente, Caroline Sheldon, para ver que a ideia de meia página tinha “pernas” e ela me inscreveu em sua agência com as palavras “vá embora e escreva o livro, e eu o venderei”. Mal sabia ela que, quando esta escritora um tanto chocada deixou seu escritório, ela passou dez minutos na esquina gritando de alegria para seus amigos - graças a Deus pelos telefones celulares! O próximo passo foi escrever o livro e mergulhar na história de Woolworths e Erith, para que minhas memórias fossem verdadeiras e não tivessem sido “aprimoradas” com o passar do tempo. Foi aqui que descobri o maravilhoso Woolworths Museum on-line junto com o curador, Sr. Paul Seaton, ele próprio um fiel dos Woolworths e uma mina de informações. Para a história local que havia passado por mim, descobri que os arquivos locais do bairro londrino de Bexley eram incomparáveis. Sim, o Erith das minhas histórias da Segunda Guerra Mundial agora faz parte da Grande Londres, e graças a Deus pelos arquivistas que mantiveram todos os documentos históricos. Eu poderia ter passado semanas apenas lendo sobre a cidade onde nasci, que agora é apenas uma lembrança para os habitantes locais devido ao Erith que todos nos lembramos de ter sido demolido em 1966. Falando em Erith, você sabe como pronunciar a palavra? É “ear” seguido de “rith” - ou “riff” como alguns locais ainda dizem.

Então, comecei a escrever meu livro e depois de três capítulos minha nova agente cumpriu sua palavra e uma oferta foi feita por Pan Macmillan – a ligação veio durante um funeral, mas isso é outra história e típico do que acontece na minha vida. Um contrato para *The Woolworths Girls* mais um outro livro significava que me juntei a um fabuloso grupo de autores que escrevem sagas para o ilustre Pan Mac. Olhar para todos esses nomes e para a importância da minha editora no mundo editorial ainda me dá calafrios até hoje. Eu sou uma escritora muito sortuda, de fato. Foi Natasha Harding, uma editora tão generosa que fez grandes coisas no mundo editorial, quem ofereceu o contrato e me colocou sob sua proteção. Depois de Natasha, tive a sorte de ser editada por Victoria Hughes-Williams, Caroline Hogg e agora Louise Davies, com quem estou trabalhando no próximo livro que será lançado em maio de 2019: pessoas tão talentosas e trabalhadoras que realmente se preocupam com os livros desta autora. No entanto, o talento não para por aí, pois uma equipe de copidesques e revisores trabalha em minhas palavras assim que são enviadas, polindo um livro até que ele brilhe. Ligando essas equipes e sempre lá para responder às minhas perguntas está a editora assistente Jayne Osborne. Obrigada, Jayne.

Minha jornada Woolies não estaria completa sem uma menção à fabulosa equipe de vendas que faz o possível para garantir que meus livros cheguem aos leitores nas livrarias e supermercados. Você sabia que colocar um livro nas prateleiras dos supermercados é uma arte? Nem sempre é possível que todos os livros estejam em exibição e parece ser semelhante a uma formação de rúgbi, já que autores e editores disputam a atenção da Tesco e afins. Se não estivermos à vista dos compradores, nossos livros serão vendidos na Amazon, – mas como podemos fazer com que esses livros sejam vistos? É aqui que o Facebook e o Twitter se destacam e você encontrará seus autores favoritos escrevendo sobre seus livros e

compartilhando notícias sobre contratações e palestras. Também é aqui que convocamos os serviços de blogueiros de livros que divulgam as notícias dos livros aos leitores. Fiz muitos amigos na comunidade de blogs que leem, um grande número de livros, e espalham a palavra - o que faríamos sem eles? Tenho uma equipe de relações públicas maravilhosa – ED Public Relations que, com sua agenda de contatos, pode colocar notícias do meu último livro em editores de revistas, apresentadores de rádio e na maioria dos lugares onde os livros são discutidos. Obrigado a Bethan James e a equipe. Vocês são realmente fabulosos!

E os amigos? Passei tantos anos trabalhando no mundo da escrita como jornalista, escrevendo contos, livros de não ficção e depois meus romances que acumulei muitos, muitos bons amigos que estão aqui para me apoiar assim como eu os apoio. Podemos discutir qualquer problema e também beber Prosecco para comemorar notícias ou lamentar quando os tempos estão ruins. The Romantic Novelists — Association, The Society of Women Writers and Journalists - onde convivo com colegas e amigos - grupos de leitores online e bibliotecas onde encontro leitores e ouço o que eles querem ler nos livros: tudo isso compõe o meu mundo, então nunca estou sozinha quando me sento em frente ao computador para escrever meu último livro.

A todos um grande obrigada! Eu não poderia ter feito isso sem vocês, beijos

Sobre a Autora



ELAINE EVEREST nasceu e foi criada na região noroeste de Kent, onde se passa *As Garotas da Woolworths*, tendo sido ela mesma uma garota *da Woolworths* um dia.

Elaine escreveu muito para revistas femininas, redigindo contos e matérias antes de passar para os romances. Quando não está escrevendo, Elaine administra a escola de escrita criativa 'The Write Place' em Dartford, Kent, e o blog da Romantic Novelists' Association.

Hoje vive com o marido, Michael, e com Henry, o pastor-polonês-da-planície deles, em Swanley, Kent.



NOS ACOMPANHE E FIQUE POR DENTRO DAS NOVIDADES



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)